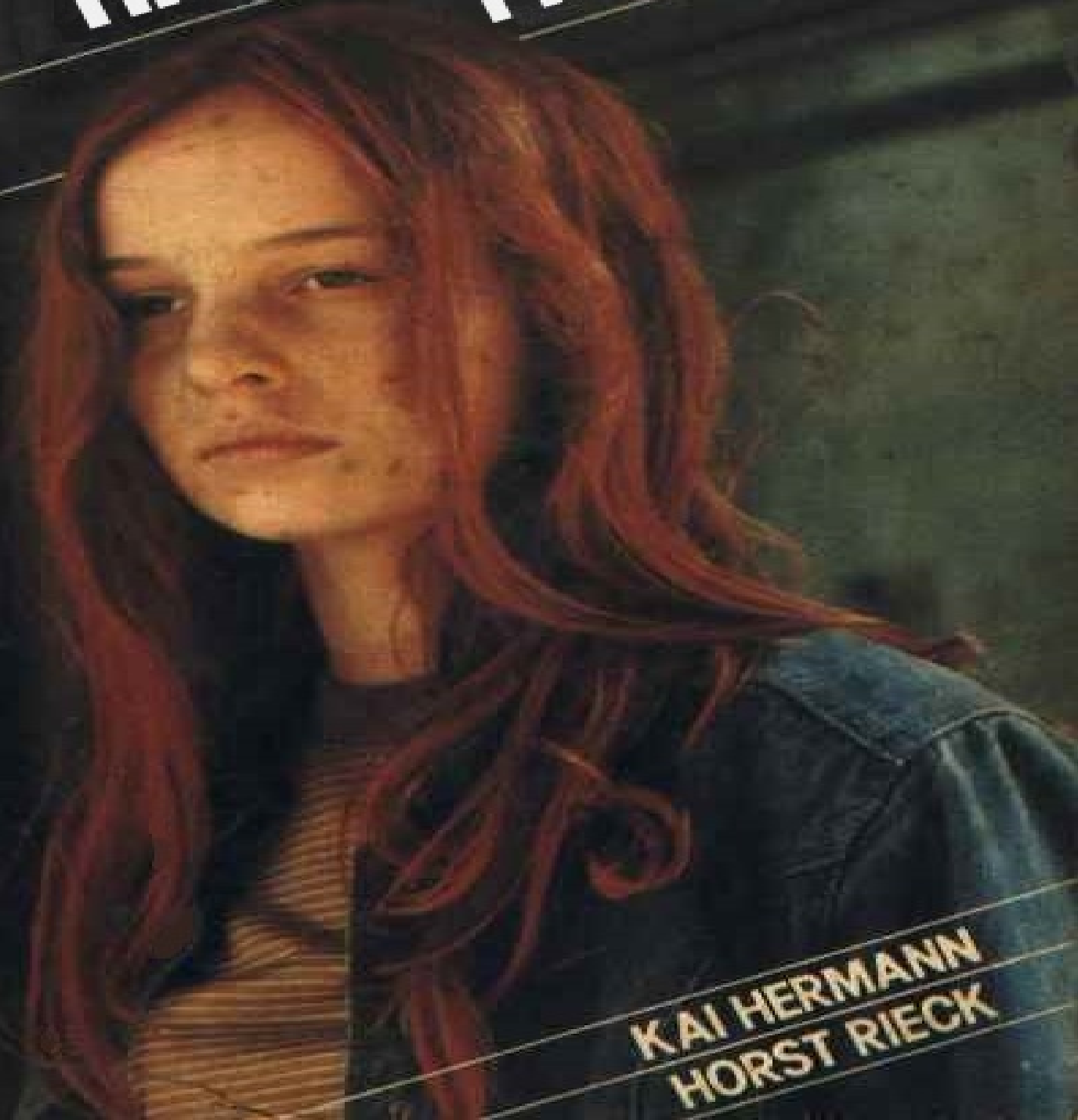


EU, CHRISTIANEE., TREZE ANOS, DROGADA, PROSTITUÍDA...



KAI HERMANN
HORST RIECK

Kai Hermann e Horst Rieck

**EU,
CHRISTIANE F., TREZE ANOS,
DROGADA, PROSTITUÍDA...**

Formatação/Conversão ePub: Reliquia

Tradução: Maria Celeste Marcondes

Digitalização/Revisão: SusanaCap

Título: Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada, Prostituída...

Autores: Kai Hermann e Horst Rieck

Título original: Wir Kinder vom Bahnhof Zoo

Tradução: Maria Celeste Marcondes

Editora: Círculo do Livro

ISBN: 8528604705

Ano: 1989

Sumário

[Prefácio](#)

[A acusação](#)

[O julgamento](#)

[Jürgen Quandt, pastor responsável pelo centro sócio-cultural Centro de Jovens](#)

[Gerhard Ulber, chefe do Departamento Antitóxicos da Polícia de Berlim](#)

[Renate Schipke, trinta e cinco anos, investigadora do Departamento de Tóxicos](#)

[O AUTOR E SUA OBRA](#)

[Adendo](#)

Prefácio

Este livro nos fala de uma desgraça que nossa sociedade recalca em sua consciência. Pelo que revela, ele me parece mais importante que numerosas análises sociológicas ou trabalhos de especialistas. Este documento *sui generis* mostrará, enfim, ao grande público — pelo menos é isso que esperamos — que a toxicomania e o alcoolismo juvenil, em constante expansão, e a atração dos jovens por seitas não são fenômenos importados, mas gerados por nossa própria sociedade. É em nossas famílias, em nossas escolas, nas discotecas — onde qualquer um pode entrar — que nasce esse flagelo, geralmente considerado uma doença exótica. O documento que a jovem Christiane nos fornece (com a ajuda de Kai Hermann e Horst Rieck) nos ensina ainda outra coisa: o caminho que leva à droga não é traçado pelas excentricidades de uma categoria particular de crianças e adolescentes essencialmente marginais, mas por todo um conjunto de problemas estreitamente relacionados — condições de habitação subumanas, impossibilidade de expandir-se por meio de jogos, crises entre os pais, um sentimento generalizado de alienação e de isolamento no seio da família, na escola, etc. Ao término da leitura deste livro muitos leitores se perguntarão, e com razão, quem é o mais "humano": a infeliz Christiane, drogada e delinqüente, ou as pessoas do seu meio que representam a sociedade dita "normal" — as "pessoas respeitáveis".

Desde que a revolta dos jovens contra a autoridade perdeu sua intensidade, há uma tendência em acreditar que tudo entrou novamente em seu lugar e que, com exceção dos terroristas e seus seguidores, a juventude de hoje vive uma integração social sem conflitos. Essa idéia é fruto de um trabalho obstinado de recalçamento. Como nos anos 70 assistimos à quase extinção da contestação ativista e de suas penosas provocações quase cotidianas, tendemos a minimizar, a negligenciar — porque são menos ruidosas e menos espetaculares — as novas formas de contestação. Estas são as novas formas de protesto de uma parcela considerável da nova geração.

Felizes por ver cessar o conflito permanente nas famílias, nas escolas, nas universidades e ver as ruas desimpedidas das eternas manifestações,

preferimos não tomar conhecimento de que, sob a fachada de adaptação, aparecem sintomas inquietantes em um número crescente de jovens: uma estranha apatia, uma tendência a se fechar em si mesmos. A grande massa dos adultos, pessoas bem integradas na sociedade, adotou uma atitude resignada, essencialmente defensiva: "Fiquem aí com as suas 'contraculturas', suas maneiras excêntricas de viver, desde que não perturbem a 'nossa vidinha'. Vocês acabarão compreendendo que, para sobreviver na nossa sociedade hiperorganizada e impiedosa, somos forçados a com ela cerrar fileiras!" A indiferença, as manifestações de rejeição de tantas crianças e adolescentes, nós as interpretamos como "deixe-me em paz", "deixe-me com meus companheiros". Na verdade, essa interpretação é apenas uma projeção dos desejos dos adultos, uma cegueira voluntária. Na realidade, Christiane e centenas de milhares de crianças e adolescentes afastaram-se do nosso mundo somente por decepção, porque os adultos não souberam dar-lhes a imagem de uma comunidade humana onde eles tivessem seu lugar, à qual gostariam de se integrar, onde encontrassem compreensão, segurança e calor. Christiane, como todos os seus amigos da turma dos drogados e de prostitutas, tem pais que passam por grandes dificuldades e que, inconscientemente, transmitiram aos filhos seu desespero, sua solidão — física e moral —, seu amargor e seu ressentimento.

Na maioria das vezes são crianças como Christiane, particularmente sensíveis, vulneráveis e cheias de dignidade, que, em consequência do fracasso da geração dos seus pais, refugiam-se na marginalidade. Isso para escapar às pressões da adaptação, da "normalidade", para se proteger da despersonalização em que vivem seus pais. É triste ver esses seres pequenos e frágeis se reunirem em bandos para tentar criar, clandestinamente, um mundo irreal que responda às suas necessidades mais profundas. E essas tentativas estão, irremediavelmente, destinadas ao fracasso. O que busca Christiane no interior do bando? Um pouco de verdadeira solidariedade, de paz, longe da agitação do seu meio. Ela procura ser aceita, sem se submeter a opressões de todos os gêneros. "Eu não acho que entre jovens que não se drogam possa existir uma amizade como essa que nos une, a nós do bando." Para ela, o bando é um refúgio contra essas próprias instituições que, teoricamente, deveriam responder às suas aspirações — e isso ela exprime, com intenso desespero, na sua crítica amarga à escola: "O que quer dizer essa de 'proteção do meio ambiente'? Pra começar, é ensinar as pessoas a

viverem juntas. É isso aí que a gente devia aprender nesta escola fodida, a se interessarem uns pelos outros, em vez de cada um querer ser mais que o outro, ser mais forte que o cara ao lado e passar o tempo a fazer malandragens para ter uma nota melhor".

No caso de o leitor tentar convencer-se de que as revelações contidas neste livro se referem somente às grandes cidades e que, além disso, trata-se de um fenômeno marginal, nós lhe asseguramos: o vício precoce da heroína, o alcoolismo juvenil e seus efeitos secundários — prostituição infantil, delinqüência ligada à droga — são amplamente disseminados. Mas por que são tão pouco conhecidos? A confissão de Christiane nos fornece algumas explicações: raros, dentre aqueles que sabem — instituições oficiais tais como a polícia, escolas, entidades médicas e sociais, clínicas —, são os que vão até o fundo do problema ou que dão o grito de alerta. As coisas acontecem como se houvesse uma conspiração de silêncio, como se tivesse sido decidido resolver o problema somente com medidas de rotina. Contentam-se em observar, registrar e eventualmente isolar em algum estabelecimento. O sofrimento, o desespero, o universo dessas crianças, nada transpira para o exterior. Tenta-se apresentar o problema da droga unicamente como consequência da atividade criminosa de traficantes e revendedores. De certa forma, a luta acaba sendo uma espécie de "operação limpeza".

As instituições responsáveis desenvolveriam certamente mais terapia e prevenção se fossem encorajadas por um maior apoio político, mas este continua a não existir. E a ação política, por sua vez, é pressionada pela opinião pública, que se caracteriza por uma tendência generalizada a recalcar, a não querer pensar. Essa tendência é cuidadosamente estimulada por certas forças políticas que, preocupadas em não deixar nenhuma sombra, por menor que seja, sobre a ordem estabelecida, imputam, sistematicamente, o fracasso ou a inadaptação ao próprio inadaptado ou ao corruptor anônimo.

Não se trata pura e simplesmente de aumentar a informação sobre o problema da droga, mas de uma mudança de atitude da grande maioria dos adultos: nós precisamos ter a coragem de tomar consciência de uma situação deplorável e da nossa responsabilidade em relação a ela. De certa forma, o problema da droga é apenas um sintoma chocante da incapacidade dos adultos — falo de maneira geral — de convencer a geração jovem de

que ela tem oportunidade de encontrar, na sociedade da qual nós somos a imagem, um verdadeiro desenvolvimento humano. Na realidade, se as crianças se entregam à droga ou aos braços de seitas duvidosas, não é por puro capricho, surgido do nada; é porque os pais, involuntária e inconscientemente, lhes recusam ajuda, possibilidade de crescer na sua relação com os outros. É isso que eles vão buscar nessas subculturas. Escutar os filhos, ter consciência de seus problemas, eis uma coisa que não se faz mais. Ao contrário, são os pais que transferem para os filhos seus próprios problemas, encarregando-os, muitas vezes, de resolvê-los. O problema de Christiane ilustra perfeitamente este mecanismo psicológico: pode-se analisar a maneira como esta criança assume inconscientemente os ressentimentos e as insatisfações de seus pais. Ela fracassa nessa difícil tarefa. Um fracasso que se expressa de forma diferente do de seus pais.

De qualquer forma, é um erro fundamental pensar que o início do isolamento irremediável dos jovens foi seu mergulho na marginalidade. Esse isolamento era anterior. Não podemos, portanto, atribuí-lo à má vontade ou à recusa das crianças em se comunicarem. O motivo é a privação de uma relação sólida e confiante com aqueles que têm por missão dar a eles amor e apoio. Seria muito simplista acusar este pai ou aquela mãe. Outros fatores inter-relacionados exercem uma influência nociva. Christiane descreve, com rara perspicácia, os dados de um urbanismo que contribui para a deterioração da comunicação entre as pessoas. Os desertos de concreto de muitas das "zonas de saneamento" modernas encerram as pessoas em um ambiente totalmente artificial, frio, mecânico, que agrava em proporções catastróficas todos os conflitos que as famílias já tinham antes de nele se instalarem. O conjunto residencial Gropius é apenas um exemplo: há muitos desses grandes conjuntos residenciais construídos unicamente dentro de uma perspectiva funcional, técnica, esquecidas as necessidades afetivas dos seres humanos. Transformam-se em um excelente meio para o desenvolvimento de problemas psicológicos. Não é por acaso que os casos mais graves de alcoolismo e toxicomania juvenil aí estão implantados. Além disso, as escolas são semelhantes a grandes fábricas, onde reina o anonimato, a solidão moral e uma concorrência desenfreada e brutal. Nessas condições, crianças cheias de vida, incapazes de se submeter, de se curvar ao nivelamento de rigor, refugiam-se secretamente em um mundo paralelo, adornado pelos seus sonhos. E só participam exteriormente dos rituais familiares e escolares, e disso dificilmente nos damos conta. A

maneira pela qual Christiane pôde levar durante tanto tempo uma vida dupla, sem que sua família percebesse, e através de uma aparente adaptação enganar aqueles que poderiam, talvez, dando-lhe um firme apoio, impedir sua queda e degradação total, é bem característica.

Esta é a primeira lição deste documento impressionante: a decadência é quase sempre longa e lenta. Ela pode ser constatada por certos indícios que permitem aos pais e professores intervirem e darem assistência aos jovens em perigo. Em todo caso, é preciso tomar consciência e atentar se uma criança parece não estar "presente", quando participa superficial e automaticamente da vida familiar. É preciso tentar compreender o que acontece com a criança quando, pouco a pouco, ela se torna um corpo estranho às pessoas que a cercam. E depois? Tudo depende, certamente, daquilo que desejam os pais, professores e educadores: ou reconhecer como sinal de perigo essa maneira de a criança se fechar em si mesma ou ver nisso, sobretudo, a vantagem de não se ser incomodado por suas exigências.

Segunda lição: seria preciso poder dispor de possibilidades de intervenções terapêuticas precoces — o mais precoce possível —, rápidas e profundas. Quando se pode conseguir um trabalho de equipe, uma boa colaboração dos pais, se possível também de professores, com o terapeuta, um tratamento do tipo terapia familiar pode ter boa chance de sucesso se iniciada a tempo, antes que a dependência física se consolide.

Naturalmente, a terapia é ainda mais necessária quando o jovem já está consumindo drogas pesadas, mas neste caso ela é muito mais difícil. É realmente uma irresponsabilidade negligenciar o apoio aos meios terapêuticos já existentes e a não criação de novos centros. Contentar-se em encarcerar os drogados, método preconizado por certos segmentos políticos e atualmente amplamente utilizado, é simplesmente abandonar de vez, com cinismo, os jovens à sua própria sorte.

Uma sociedade que quer ser humana tem como única escolha a mobilização de todas as formas possíveis de ajuda, por menos que elas pareçam eficazes, para o tratamento da toxicomania. Nós temos conhecimentos suficientes no que diz respeito à maneira de reforçar a motivação dos interessados e, uma vez motivados, ajudá-los a sair do fundo do abismo graças a essas terapias de longa duração, desenvolvidas em alguns centros ou comunidades terapêuticas. Trata-se, muitas vezes, de

apoiar e acompanhar um jovem na longa caminhada que vai de uma total desagregação interior a uma verdadeira reconstrução do seu ser. Um empreendimento extremamente custoso e uma tarefa difícil de realizar num mundo onde reina o egoísmo e a indiferença. Um mundo que, por exemplo, procura vítimas muito jovens para colocar no mercado institucionalizado da prostituição infantil.

É lógico que a solução do problema não está só na multiplicação do número de terapeutas e no aumento de subvenções aos centros de tratamento. Enquanto coisas como o *Baby-Tapin* se beneficiarem, como Christiane mostra claramente, da tolerância geral, a terapia estará em oposição aos interesses aberta ou secretamente reconhecidos àqueles que reclamam, em nome de sua liberdade, o direito de "consumir sexualmente" jovens drogados. No caso de crianças como Christiane, são os próprios cidadãos, os do "outro lado", os "bem-adaptados" da sociedade, que querem medicá-las na qualidade de *seres humanos*, de utilizá-las e considerá-las *mercadoria*. Essa contradição é uma característica geral de nossa situação sócio-cultural. A jovem Christiane nos impõe a imagem das profundezas de sua desgraça. Ela nos permite avaliar melhor a decadência dessa sociedade que "os outros" exaltam, sem cessar, a pleno vigor. O testemunho de Christiane é bem mais eficaz que o silêncio dos reputados institutos de pesquisas. É a razão profunda pela qual este livro extraordinário é, e deveria ser, quase insuportável.

Horst-Eberhard Richter

A acusação

Resumo da peça de acusação do procurador no Tribunal de Instância Superior de Berlim, em 27 de julho de 1977.

Christiane Vera F., colegial, menor não-responsável, acusada de ter comprado em Berlim, a partir do dia 20 de maio de 1976 e de maneira contínua, substâncias e misturas proibidas pela lei sobre estupefacientes, sem autorização do Ministério da Saúde.

A acusada é consumidora de heroína desde o mês de fevereiro de 1976. Ela tem tomado injeções — no início de maneira esporádica e, em seguida, diariamente — de aproximadamente um quarto de grama por dia. Ela é penalmente responsável desde 20 de maio de 1976. A acusada foi interrogada e passou por um controle de identidade em duas oportunidades, nos dias 1º e 13 de março de 1977, no *hall* da Estação do Zoo e na estação de metrô Kurfürstendamm. Na primeira vez ela estava com 18 mg e na segunda, com 140,7 mg de uma substância contendo heroína.

No dia 12 de maio de 1977, foi encontrado, nos bens pessoais da acusada, um saco de folha de estanho com 62,4 mg de uma substância contendo heroína. Foram encontrados com ela instrumentos que servem para injetar a droga. Exames de laboratório mostraram que esses instrumentos apresentavam vestígios de heroína.

A análise da urina revelou a presença de morfina. No dia 12 de maio de 1977, a mãe da acusada, a Sra. F., encontrou nas coisas pessoais de sua filha 62,4 mg de uma substância contendo heroína. Ela a entregou à polícia judiciária.

Ao ser ouvida, a acusada declarou consumir heroína desde o mês de fevereiro de 1976. Por outro lado, durante o inverno de 1976 ela se entregou à prostituição para juntar o dinheiro necessário para comprar heroína. Concluimos que a acusada não parou de consumir droga.

O julgamento

Resumo do julgamento feito pelo Tribunal de Instância de Neumünster, em 14 de junho de 1978, em nome do povo.

No caso Christiane Vera F., colegial, inculpada por infração à lei sobre estupefacientes.

A acusada é culpada pela aquisição contínua de estupefacientes e cumplicidade de dissimulação fiscal. A Corte adia a decisão de pronunciar uma condenação penal para menores.

Motivos: O desenvolvimento da acusada foi normal até os treze anos. Sua inteligência é superior à média e estava plenamente consciente de que a compra de heroína constituía um ato passível de sanção. Entretanto, temos indícios suficientes para pensar que a acusada se encontrava antes de 20 de maio de 1976 (data de sua maioridade penal) em estado de dependência para com a droga. Isso, entretanto, não excluía nem sua responsabilidade penal nem sua capacidade de ter consciência de sua culpabilidade. Nesse meio tempo, a acusada deu-se conta de sua situação e se esforçou, por sua própria conta, para se desintoxicar. Ela estava, portanto, em perfeitas condições de compreender o caráter repreensível de seu comportamento e agir corretamente.

Para o futuro, o prognóstico é, ao menos atualmente, favorável, apesar de não podermos excluir a eventualidade de uma recaída. A evolução da acusada deverá ser seguida com atenção ao menos durante o próximo período.

* * *

Era uma excitação louca. Minha mãe passava os seus dias a empacotar, a encher caixotes e malas. Eu percebia que íamos começar uma vida nova.

Acabava de completar seis anos, e depois da mudança entraria para a escola primária. Enquanto minha mãe, cada vez mais nervosa, se dava ao trabalho de empacotar tudo, eu ficava quase o dia inteiro na casa de Völkel, o fazendeiro. Esperava as vacas voltarem para o estábulo para serem ordenhadas, dava comida aos porcos e às galinhas, rolava no feno com meus amigos e passeava com os gatinhos no colo. Um verão maravilhoso, o

primeiro do qual tive plena consciência.

Sabia que logo iríamos partir para muito longe, para viver em uma grande cidade chamada Berlim. Minha mãe partiu antes de nós para arrumar o apartamento. Algumas semanas depois, minha irmãzinha, meu pai e eu fomos de avião ao seu encontro. Para nós, as crianças, foi o primeiro vôo. Tudo era apaixonante.

Meus pais nos tinham contado histórias maravilhosas. Nós iríamos morar em um imenso apartamento de seis cômodos. Eles ganhariam muito dinheiro. Minha mãe disse que teríamos um quarto só para nós. Iríamos comprar móveis sensacionais. Ela descrevera com detalhes a decoração de nosso quarto. Eu me lembro porque, durante toda a minha infância, nunca deixei de pensar neles. E, mais os anos passavam, mais minha imaginação os embelezava.

E também não me esqueci de como era o apartamento, quando lá chegamos. Deve ser porque, de cara, me provocou um verdadeiro sentimento de horror.

Era tão grande e tão vazio que eu tinha medo de me perder. Quando se falava um pouco mais alto, as vozes ressoavam de maneira inquietante.

Apenas três cômodos estavam mobiliados. No quarto das crianças, duas camas e um velho armário de cozinha onde minha mãe guardava nossos brinquedos. No outro quarto, a cama de meus pais. No terceiro cômodo, o maior, um velho divã e algumas cadeiras. Assim era nosso apartamento no bairro de Kreuzberg, na marginal Paul Lincke.

Alguns dias depois, peguei minha bicicleta e me aventurei sozinha pela rua. Já tinha visto brincando ali crianças um pouco mais velhas do que eu, e lá no nosso vilarejo as mais velhas brincavam com as menores e até tomavam conta delas. As crianças de Berlim gritaram: "Qual é a dela?", e se apoderaram da minha bicicleta. Quando a recuperei, estava com um pneu furado e um pára-lama amassado. Meu pai me deu um tapa, porque minha bicicleta estava arreada. Daí em diante eu só a usava nos seis cômodos.

Três desses cômodos estavam reservados para servir de escritório. Meus pais queriam abrir uma agência matrimonial, mas as escrivaninhas e as poltronas anunciadas por eles nunca chegaram. E o velho armário de cozinha ficou no quarto das crianças.

Um dia, o divã, as camas, o armário foram colocados em um caminhão que os transportou até um prédio do conjunto residencial Gropius. Ali nos instalamos em um apartamento de dois cômodos e meio, no décimo primeiro andar. O meio cômodo era o quarto das crianças. Todas as coisas bonitas de que minha mãe nos falara jamais caberiam ali.

O conjunto Gropius abriga, em suas torres, quarenta e cinco mil pessoas. Entre os prédios, gramados e centros comerciais. De longe, tudo isso tem um ar de novo, tudo parece muito bem-cuidado, mas, quando se está dentro, entre os prédios, fede a xixi e a cocô. É por causa de todos os cachorros e crianças que vivem nesse conjunto. E no vão da escada, fede ainda mais.

Meus pais ficavam furiosos, diziam que era culpa dos filhos dos proletários, que eram eles que sujavam as escadas. Mas não era culpa dos filhos dos proletários. Aprendi isso na primeira vez quando, brincando lá fora, tive, de repente, vontade de ir ao banheiro. O tempo de esperar o elevador e de chegar ao décimo primeiro andar já me tinha feito mijar nas calças. Meu pai me bateu. Depois de três ou quatro experiências do mesmo gênero — não subir a tempo e receber uma bofetada —, fiz como os outros: procurei um cantinho discreto para me agachar. Mas, como dos prédios se enxerga praticamente tudo, o lugar mais seguro ainda era a escada.

As crianças do conjunto me consideravam uma pequena retardada: não tinha os mesmos brinquedos que elas, nem a mesma pistola de água. Eu me vestia e falava de outra forma e não conhecia as suas brincadeiras. Eu também não gostava delas.

No meu vilarejo íamos sempre de bicicleta ao bosque, até um riacho que passava sob uma pequena ponte. Aí se construía castelos e barragens de água. . . Todos juntos ou cada um por si. E quando demolíamos nossas obras, era com acordo geral. Era bem divertido. Além disso, ninguém era dono da lei. Cada um podia sugerir brincar disso ou daquilo. Depois, conversávamos. Algumas vezes os mais velhos concordavam com os mais jovens, e ninguém reclamava. Era uma verdadeira democracia infantil.

No conjunto Gropius tínhamos um chefe. Era o menino mais forte e o que tinha a pistola de água mais bonita. Brincávamos sempre de bandido. O chefe dos bandidos, naturalmente, era ele. E a principal regra do jogo consistia em obedecer-lhe cegamente.

Na maior parte do tempo não se brincava junto, mas uns contra os outros. Na verdade, tratava-se, sobretudo, de um maltratar o outro. Por exemplo, pegar seu brinquedo novo e quebrá-lo. A brincadeira toda consistia em humilhar o outro e obter alguma vantagem para si mesmo. A de conquistar o poder e exibi-lo.

Os mais fracos apanhavam mais. Minha irmãzinha não era muito forte, era um pouco medrosa. Eles faziam o diabo com ela, e eu não podia socorrê-la.

Chegou o início das aulas. Eu estava me sentindo felicíssima por ir à escola. Meus pais tinham dito que era preciso ser sempre comportada e obediente ao professor. Eu achava isso muito natural. No vilarejo as crianças respeitavam os adultos. E eu, creio, pensava que os outros também seriam obrigados a obedecer ao professor.

Mas não foi assim. Passados alguns dias, os alunos zanzavam e brigavam dentro da sala de aula. A professora, totalmente desarvorada, não parava de gritar: "Sentem-se!" Com isso só conseguia fazer uns rirem e outros bagunçarem ainda mais.

Desde pequenina eu já gostava muito de animais. Na nossa família, todo mundo gostava. Uma verdadeira paixão. Eu me orgulhava disso: nenhuma outra família, que eu saiba, gostava tanto de animais. Eu sentia pena das crianças cujos pais não queriam animais em casa.

Nosso apartamento de dois cômodos tornou-se, pouco a pouco, um verdadeiro zoológico. Tinha quatro ratinhos, dois gatos, dois coelhos, um canário, além de Ajax, nosso cachorro pardo, que trouxemos da roça.

Ajax ficava sempre ao lado de minha cama. Quando eu dormia, deixava um braço para fora das cobertas para me assegurar de sua presença.

Conheci crianças que também tinham cachorros. Com essas eu me dava muito bem. Descobri que em Rudow, não muito longe da cidade, ainda restava um pouco de natureza pura. Desde então, era para lá que íamos com nossos cães. Brincávamos em antigos depósitos de lixo, agora recobertos com terra. Nossos cães brincavam sempre com a gente. Nossa brincadeira preferida era a de "caçador": um se escondia enquanto os outros seguravam seu cachorro. Aí o animal devia encontrar seu dono. Era o meu Ajax que tinha o melhor faro.

Meus outros bichinhos, eu os levava ao monte de areia ou mesmo à escola. A professora usava-os como material de observação para o curso de biologia. Às vezes eles me deixavam até ficar com o Ajax na sala de aula. Ele ficava deitado aos meus pés, imóvel, sem perturbar, até que a campainha anunciasse o recreio.

Graças aos meus bichos, eu seria bastante feliz se as coisas não andassem de mal a pior com meu pai. Minha mãe trabalhava. Ele ficava em casa. O projeto da agência de matrimônios foi por água abaixo. Meu pai esperava que alguém lhe propusesse um trabalho à sua altura. E suas explosões de raiva eram cada vez mais freqüentes.

À noite, quando voltava do seu trabalho, minha mãe me ajudava a fazer os deveres da escola. Durante certo tempo, tive dificuldades em distinguir a letra H da letra K. Minha mãe me explicava com uma santa paciência, mas eu mal conseguia ouvi-la, pois sentia que a raiva de meu pai aumentava. Já sabia o que iria acontecer: ele iria até a cozinha, pegaria uma vassoura e me bateria. Depois era preciso que eu lhe dissesse a diferença entre H e K. É claro que eu ficava confusa, misturava tudo, conquistava o direito a uma bofetada suplementar e, em seguida, me mandavam para a cama.

Essa era a sua maneira de me ajudar a fazer os deveres escolares. Ele queria que eu fosse boa aluna, que fosse "alguma coisa na vida". Afinal de contas, seu pai tinha muito dinheiro e, entre outras coisas, era proprietário de uma gráfica e de um jornal. Após a guerra fora expropriado pela RDA (República Democrática Alemã). Por tudo isso, meu pai ficava furioso quando percebia que na escola as coisas não estavam indo bem.

Até hoje eu me lembro de certas noites nos seus mínimos detalhes. Certa vez, a lição era desenhar umas casinhas no caderno de cálculo: seis quadrinhos de largura e quatro de altura. Eu já tinha feito uma e sabia muito bem como me virar. De repente, meu pai sentou-se ao meu lado. Aí ele me perguntou o tamanho da próxima casinha. Tinha tanto medo que nem contei os quadrinhos e respondi sem pensar. Errei e recebi uma bofetada. Em seguida, chorando, era incapaz de responder a uma pergunta. Ele se levantou para buscar o chicote de borracha. Sabia o que isso significava. Ele segurou o cabo de madeira e pimba na minha bunda, até que fiquei em carne viva.

Começava a tremer quando ele se sentava à mesa: se eu fazia qualquer sujeira, era um drama; se derrubava qualquer coisa, cuidado com a bunda. Eu mal conseguia engolir um copo de leite. Em quase todas as refeições tinha muito medo de que me acontecesse alguma desgraça...

Todas as noites perguntava, com muito jeito, ao meu pai se ele iria sair. Ele saía sempre, e nós, as três mulheres, respirávamos aliviadas. Essas noites eram maravilhosamente tranqüilas. É verdade que, quando ele voltava, aconteciam coisas que estragavam tudo. Na maioria das vezes, ele voltava bêbado. Qualquer pretexto, brinquedos ou roupa fora do lugar, motivava uma explosão. Uma das expressões favoritas de meu pai era que o importante na vida é ter ordem. E se, voltando bem no meio da noite, ele pusesse na cabeça que as minhas coisas estavam em desordem, tirava-me da cama e me dava uma surra. E depois era a vez de minha irmãzinha. Em seguida, jogava tudo no chão e nos dava cinco minutos para arrumar tudo de forma impecável. Em geral não conseguíamos fazê-lo a tempo, e chovia nova pancadaria.

Na maior parte das vezes minha mãe assistia à cena de pé, na entrada do quarto, chorando. Era raro ela tomar nossa defesa, pois ele batia nela também. Só Ajax, meu cão, intervinha, às vezes. Começava a gemer, com um olhar cheio de tristeza. Era ele que melhor sabia colocar meu pai na linha porque, como todos nós, gostava muito de cachorro. Podia acontecer de ele dar uma bronca em Ajax, mas nunca bateu nele.

Apesar de tudo isso, amo e respeito meu pai. Eu o acho muito superior aos outros. Tenho medo dele, mas, somando tudo, seu comportamento parece normal. As outras crianças do conjunto Gropius não tinham melhor sorte... Elas tinham cada pai e mãe canalhas! Encontrávamos alguns pais caídos bêbados no meio da rua ou no terreno em que brincávamos. Meu pai nunca bebia até este ponto. Às vezes assistíamos ao espetáculo de móveis voando pela janela e espatifando-se na rua, as mulheres gritando por socorro e alguém chamando a polícia. No nosso bairro, isso não era assim tão grave.

Meu pai estava sempre dando broncas em minha mãe por ela gastar muito, quando, na verdade, era ela que nos sustentava. Às vezes ela respondia; dizia-lhe que nas bebedeiras, nas farras com as mulheres e nos gastos que ele tinha com o carro é que ia a maior parte do dinheiro. E vinha

nova pancadaria.

O carro, um Porsche, era a coisa que meu pai mais amava no mundo. Ele lhe dava brilho todos os dias. Acho que era o único Porsche do conjunto Gropius. Em todo caso, eu não via nenhum desempregado passeando em um Porsche.

Naquela época, naturalmente, eu não compreendia nada do que acontecia com meu pai, a razão de suas repetidas crises. Somente mais tarde, quando comecei a conversar mais com minha mãe, comecei a sacar um pouco do que se passava. Simplesmente ele não tinha uma vida que correspondesse ao seu nível! A ambição o devorava, e ele sempre fracassava. Seu pai o desprezava por causa disso. Vovô, antes do casamento, havia feito uma advertência a mamãe por causa disso. Para ele, seu filho não passava de um malandro. Na verdade, meu avô depositava em meu pai grandes esperanças: meu pai deveria restaurar o antigo esplendor familiar de antes da expropriação.

Se ele não tivesse encontrado minha mãe, talvez fosse hoje um fazendeiro (quando se conheceram ele estava se preparando para isso) e teria tido uma verdadeira criação de dogue alemão. Mas minha mãe ficou grávida, e ele, então, parou de estudar e casou-se com ela. Depois disso pôs na cabeça que minha mãe e eu, que estava no ventre de mamãe quando se casaram, éramos as responsáveis pelo seu fracasso. Dos seus sonhos, tudo o que restou foi o Porsche e alguns amigos muito faroleiros.

Não somente odiava a família como ainda, pura e simplesmente, a rejeitava. Isso chegava a tal ponto que nenhum dos seus amigos deveria saber que ele era casado e pai de família. Quando os encontrávamos ou quando algum deles vinha buscá-lo em casa, devíamos chamá-lo de "Tio Richard". Eu, de tanto apanhar, aprendi muito bem e nunca errava: na presença de estranhos, ele era meu tio.

Com minha mãe era a mesma coisa. Ela era proibida de dizer aos amigos de seu marido que era sua mulher e, sobretudo, comportar-se como tal. Eu creio que ele dizia que era sua irmã.

Os amigos de meu pai eram mais jovens que ele. Tinham ainda um futuro pela frente ou, pelo menos, acreditavam ter. Meu pai queria ser como eles, e não um homem com responsabilidade de família e incapaz de suprir

suas necessidades materiais.

Naturalmente, nessa época, tendo entre seis e oito anos, eu não entendia nada de tudo isso. O comportamento de meu pai era a simples confirmação da regra de vida que aprendera na rua e na escola: bater ou apanhar. Minha mãe, que, em sua existência, já havia recebido sua dose de pancada, chegara à mesma conclusão. Ela não cansava de me dizer: "Não comece nunca, mas devolva golpe por golpe e bata o mais e tão forte quanto possa". Mas ela já não podia mais devolver os golpes que recebia.

Pouco a pouco eu aprendia a lição. Na escola, comecei agredindo os professores mais frágeis. Sistemáticamente, eu bancava a palhaça nas aulas, e os outros riam. Quando comecei a perturbar as aulas dos professores mais temidos, fui objeto de admiração por parte dos meus colegas.

Esses meus primeiros sucessos me encorajaram a tentar utilizar também a força física. Na realidade, eu sou do tipo frágil, mas a raiva redobra minhas forças. Em pouco tempo não temia me envolver com os mais fortes, ficava quase contente quando alguém se aventurava a me provocar e eu o encontrava na saída da escola. Na maioria das vezes, não precisava nem mesmo brigar, tal o respeito que impunha.

Tinha então oito anos. Meu maior desejo era crescer logo, ser adulta, adulta como meu pai. Exercer poder sobre as pessoas. Enquanto isso, ficava avaliando o que tinha.

Meu pai conseguiu um trabalho. Não encontrava nenhum prazer, mas ganhava dinheiro para manter o Porsche e seus hábitos de jovem. Após as aulas, eu ficava sozinha em casa com minha irmã menor, que tem um ano menos que eu. Sentia-me também orgulhosa por ter arranjado uma amiga dois anos mais velha. Em sua companhia me sentia mais forte.

Quase todos os dias brincávamos com minha irmãzinha as brincadeiras que aprendêramos. No caminho de volta da escola para nossas casas remexíamos em todos os cinzeiros e latas de lixo para catar as guimbas de cigarro. Dávamos um jeito nelas e fumávamos. Quando minha irmã pedia uma tragada, nós lhe dávamos um tapa nas mãos. Nós lhe dávamos ordens: lavar a louça, tirar o pó, enfim, fazer todo o serviço doméstico de que nossos pais nos haviam encarregado. Depois disso, pegávamos nossas bonecas, trancávamos minha irmãzinha no apartamento e

íamos passear. Nós só a deixávamos livre quando ela terminava todo o trabalho.

Foi nessa época (eu tinha então oito ou nove anos) que se instalou em Rudow um *poney club*. A princípio ficamos furiosos ao ver o último pedacinho reservado de natureza das redondezas, o lugar onde nos refugiávamos com nossos cachorros, cercado por barreiras. Mas logo simpatizei com os empregados, fazia pequenos serviços para eles, ajudava-os a escovar os cavalos e a limpar as cocheiras. Em troca, tinha direito a montar por uns bons quartos de hora sem pagar. Achava isso fantástico.

Adorava os cavalos e sentia uma imensa ternura por um burrico que também pertencia ao clube. Mas uma outra coisa me fascinava: montar, para mim, era uma demonstração de força e de poder. Meu cavalo era mais forte que eu, mas ele se curvava à minha vontade. Quando caía, remontava imediatamente, até que o cavalo me obedecesse.

Um dia me "despediram". Dali em diante, se eu quisesse montar, era preciso que pagasse. E nem sempre recebia algum dinheiro para gastar. Então cometia pequenos atos desonestos: às escondidas embolsava os cupons da cooperativa ou os depósitos das garrafas de cerveja.

Antes mesmo de completar dez anos comecei também a roubar. Eu roubava pequenas coisas em supermercados. Coisas que não tínhamos em casa, sobretudo docinhos, chocolates. Todas as outras crianças podiam comer essas coisas, e nós não. Meu pai dizia que eram ruins para os dentes.

No conjunto Gropius aprendia-se, por assim dizer, automaticamente, a desobedecer às proibições. Aliás, tudo ou quase tudo era proibido, principalmente brincar com aquilo que era divertido. O conjunto era pontilhado de placas. Os pretensos parques que separavam os prédios eram verdadeiras florestas de placas e quase todas essas placas proibiam qualquer coisa às crianças (alguns anos mais tarde eu copieei todos os "proibidos" em meu diário).

Na porta de entrada do nosso prédio se erguia a primeira placa. Lendo-a, tinha-se a impressão de que as crianças deviam andar somente nas pontas dos pés, tanto nas escadas como nos corredores dos prédios. Era proibido brincar, correr, andar de bicicleta ou de patins. Em qualquer lugar onde houvesse um pouco de grama havia também placas: É PROIBIDO PISAR

NA GRAMA. Não tínhamos nem mesmo o direito de ali nos sentarmos com nossas bonecas. Em um simples montinho de rosas, a inscrição: ESPAÇO VERDE PROTEGIDO, seguida de uma lista de ameaças a quem tentasse se aproximar das flores.

Éramos relegados ao espaço reservado aos jogos. Havia um para cada grupo de edifícios. O espaço para jogos se resumia a um tanque de areia cheirando a mijó, algumas barras de ginástica, escorregadores e outros brinquedos quebrados e, evidentemente, uma gigantesca placa. Uma placa protegida por sólidas grades de ferro para que nós não pudéssemos demolir: REGULAMENTO PARA O ESPAÇO RESERVADO AOS JOGOS. Lá podíamos ler: ESPAÇO RESERVADO PARA AS CRIANÇAS, PARA SUA ALEGRIA E DIVERTIMENTO. Só que era impossível se divertir quando a gente queria porque "o acesso está autorizado das oito às treze horas e das quinze às dezenove horas". Em outras palavras, impossível ir brincar na hora da saída da escola, às treze horas.

Na verdade, minha irmã e eu nunca deveríamos ir brincar ali, pois, sempre de acordo com a placa, "pode-se utilizar o espaço de jogos somente com o consentimento e vigiados por uma pessoa encarregada da educação daquele que brinca". E ainda mais com a condição de não fazer barulho, pois "deve-se respeitar o repouso dos locatários". Tinha-se apenas o direito de jogar uma bola bem direitinho. Mas os "jogos de bola organizados como esporte são proibidos". Nada de queimada, nada de futebol. Para os meninos era muito difícil, pois, não tendo outra saída, descarregavam sua energia nas instalações e, é claro, nas placas. Devia custar uma grana trocar tudo com tanta frequência.

Os zeladores dos prédios eram encarregados de fazer respeitar o regulamento. O nosso há muito tempo não ia com a nossa cara. Desde que chegamos, achei chatíssimo o espaço para os jogos, seu chão cimentado, seu tanque de areia e seu minúsculo escorregador. Havia coisas muito mais interessantes: as bocas-de-lobo instaladas no calçamento para fazer escoar as águas das chuvas. Nessa época elas eram recobertas por uma grade removível. A gente se divertia levantando a grade e jogando no buraco tudo o que fosse possível. Certa vez, o zelador viu e nos levou à força ao escritório do gerente, onde fomos obrigadas a dar nossos nomes e endereços. Isso, da maneira como éramos capazes de fazê-lo aos cinco ou seis anos. Eles avisaram meus pais, e aí meu pai teve uma boa razão para

nos dar uma surra. Não compreendi muito bem por que fora tão grave ter entupido aquele bueiro. Na nossa cidadezinha, quando a gente brincava à beira do riacho, fazíamos muito mais do que isso e nunca ninguém nos disse nada. O que eu mais ou menos aprendi é que no conjunto Gropius as únicas brincadeiras autorizadas eram aquelas previstas pelos adultos. Quer dizer, brincar na areia e escorregar no tobogã. Ter idéias próprias era perigoso.

Meu novo encontro com o zelador foi pior ainda. Olha só o meu azar. Estava passeando com Ajax e tive a idéia de colher algumas flores para minha mãe. Na cidadezinha do interior eu lhe trazia flores de quase todos os meus passeios. Entre os prédios só cresciam umas rosinhas. Recolhi umas três ou quatro, machucando meus dedos com os espinhos. Eu ainda não sabia ler o que dizia a placa que proibia aquilo ou então não tinha entendido bem o que estava escrito.

Compreendi tudo imediatamente quando vi o zelador correr em minha direção, gritando, balançando os braços e atravessando o gramado. Apavorada, gritei: "Atenção, Ajax!"

Ajax levantou as orelhas, ficou atento, os pêlos de sua nuca se eriçaram e observou o zelador com um ar perverso. Ele saiu correndo, apavorado, pisando uma vez mais na famosa grama. Ficou mudo até chegar à entrada do prédio, onde recomeçou a gritar. Ficara contente com tudo isso, mas escondi as flores, pois percebi que, mais uma vez, fizera algo proibido.

Quando cheguei a casa, o gerente já havia telefonado: segundo ele, eu havia atizado meu cachorro contra o zelador.

Pelas flores não recebi o beijo maternal, mas uma boa surra de meu pai.

No conjunto Gropius o calor de verão era às vezes insuportável; não havia sombras, pois só tínhamos árvores raquíticas. Os edifícios, muito altos, cortavam o vento. Não havia piscina, nem um laguinho onde as criancinhas pudessem brincar. Apenas um chafariz no centro da praça. Às vezes brincávamos nele, de jogar água uns nos outros. É lógico que isso era proibido, e fomos obrigados a nos mandar.

Certa época, tínhamos uma verdadeira paixão pelas bolas de gude. Onde jogar no conjunto Gropius? No cimento, no asfalto ou na grama

proibida? Impossível. No tanque de areia também não dava. Era preciso um chão mais ou menos duro onde se pudessem fazer uns buraquinhos.

Encontramos um terreno quase ideal: embaixo dos aceráceos. Para que eles respirassem, deixavam em volta de seus troncos uma abertura circular no asfalto. Uma rodela magnífica de terra, limpa, sem folhas. Um sonho para quem gosta de jogar bolinhas de gude.

Mas, mal a gente começou, o zelador e o jardineiro já estavam em cima de nós para nos expulsar, fazendo terríveis ameaças. Um belo dia eles tiveram uma idéia: em vez de passarem o ancinho, revolviam a terra com uma pá. Adeus aos jogos de bolinhas de gude.

Quando chovia, o *hall* de entrada dos prédios se transformava em fantástica pista de patins. Se ao menos fosse. . . Como no andar térreo não havia apartamentos, não incomodaríamos ninguém se fizéssemos barulho. E foi assim das primeiras vezes. Ninguém reclamou. Um belo dia a zeladora decretou que arranhávamos o chão. Adeus patins. E eu ganhei uma surra magistral.

Quando chovia era uma loucura, e a gente ficava de saco cheio no conjunto Gropius. Ninguém tinha direito de levar amigos para casa. Aliás, os quartos das crianças eram pequenos demais, e a maioria das crianças dormia em meio cômodo, como eu. Eu ficava sentada à janela me lembrando de tudo o que a gente fazia quando morava no interior. Brincávamos com madeira. Éramos bem-organizados: nos dias de sol trazíamos da mata um grande pedaço de casca de carvalho, e nos dias de chuva nela talhávamos barquinhos. Se a chuva continuava, vestíamos nossos impermeáveis e íamos ao riacho testar os barquinhos. Construíamos portos e fazíamos verdadeiras competições com nossos brinquedos de casca.

Ficar andando pra lá e pra cá entre os prédios enquanto chovia não tinha graça nenhuma. Era preciso ter uma idéia: alguma coisa absolutamente proibida, por exemplo, brincar com os elevadores.

A primeira coisa a fazer, evidentemente, era amolar uma outra criança. Pegávamos uma delas, metíamos-a à força dentro do elevador e apertávamos todos os botões, enquanto impedíamos o outro elevador de funcionar. Parando em cada andar, o prisioneiro era obrigado a ir até o

último. Comigo faziam muito isso. Era sempre assim quando eu ia levar meu cachorro para fazer xixi e voltava apressada para não me atrasar para o jantar. Isto durava um tempão e, com isso, Ajax ficava supernervoso.

Essa brincadeira ficava nojenta quando alguém aplicava o "golpe do elevador" a uma criança que estivesse com vontade de ir ao banheiro. Geralmente ela não conseguia segurar. O pior mesmo era tirar das criancinhas a pazinha de brincar na areia. A pazinha era para elas um acessório indispensável, pois com seu cabo comprido elas alcançavam os botões do elevador. Sem ela, ficavam na pior, pois tinham que subir oito, nove ou onze andares a pé.

Muitas vezes os elevadores quebravam, e nem sempre nós éramos inocentes: fazíamos corridas de elevadores. Eles tinham sempre a mesma velocidade, mas havia uns truques com que se ganhavam alguns segundos, por exemplo: fechar a porta exterior depressa, mas com delicadeza, pois se a fechássemos com um gesto brusco, ela se abria novamente; a porta interior fechava-se automaticamente, mas a gente podia apressar o movimento empurrando-a (às vezes isso quebrava o elevador). Eu era muito boa nas corridas de elevadores.

Como o zelador estava sempre no nosso pé, a gente logo tinha que deixar de brincar nos treze andares do nosso prédio. Nos outros prédios a entrada de crianças era absolutamente proibida. Nos edifícios havia sempre uma outra porta especial para a passagem de móveis e outras coisas grandes. Ela era fechada por uma grade. Eu achei um jeito de passar pelas grades: primeiro a cabeça, virando com jeitinho, depois o corpo, me espremendo bem. Não se podia ser gordo, é claro. Assim, tivemos acesso a um verdadeiro paraíso para o jogo dos elevadores: um prédio de trinta e dois andares com elevadores extremamente sofisticados. A gente ainda não tinha imaginado tudo o que se podia fazer com um elevador. Um dos nossos jogos favoritos era o "salto": quando estava em movimento, todo mundo começava a pular ao mesmo tempo. O elevador parava e a porta de segurança se abria. Era genial. Um outro negócio genial: quando se vira o puxador de freio de segurança para o lado em vez de abaixá-lo, sabe o que acontece? A porta de segurança fica aberta mesmo quando o elevador está andando. Com isso a gente podia ver a velocidade louca deste troço! A gente via passar, numa movimentação louca, as lajes de cimento e as portas.

O cúmulo da temeridade, a grande demonstração de coragem, era tocar o botão que fazia soar o alarme. Aquele barulhão estridente, e depois a voz do zelador que falava ao microfone. Depois disso, o negócio era se mandar. Um prédio de trinta e dois andares nos permitia um monte de alternativas: fugir, se esconder, etc. O zelador nos procurava por toda parte, mas raramente conseguia pegar alguém.

A brincadeira mais legal, quando chovia, era a da "cave". Claro que era absolutamente proibida. A gente encontrou um jeito de entrar no subsolo do prédio. Cada locatário tinha um boxe fechado por uma grade que não chegava até o teto. Dava para passar por cima dela. Podíamos brincar de esconde-esconde. Era uma delícia o pavor de se encontrar escondido no escuro no meio de todas aquelas coisas ali guardadas. Além disso, tínhamos medo de ser surpreendidos por algum locatário. Sabíamos muito bem que essa brincadeira era, pelo menos, duplamente proibida. Aí a gente se divertia remexendo nos boxes à procura de coisas engraçadas: brinquedos, roupas velhas para nos fantasiarmos. Depois, como não sabíamos mais de onde havíamos tirado as coisas, jogávamos por cima da primeira grade que estivesse na frente. Quando encontrávamos algo muito interessante, não devolvíamos. Logo começavam a circular rumores de que o subsolo fora visitado por ladrões. Nunca pegaram ninguém.

Assim, no conjunto Gropius aprendia-se, automaticamente, que tudo o que era permitido era incrivelmente chato e tudo o que era proibido, divertido.

O centro comercial ao lado do nosso prédio era o quarteirão mais ou menos proibido. O zelador, uma espécie de fera, nos expulsava sem a menor delicadeza. O que o deixava completamente pirado era quando eu aparecia com o meu cachorro. Ele dizia que o centro comercial ficava sujo por causa da gente. As lojas eram cada uma mais moderna, esnobe, elegante do que a outra. Nos corredores, as lixeiras estavam sempre cheias e cheirando mal. Nas calçadas a gente andava pisando em restos de sorvete derretido, merda de cachorro e tropeçando em caixas de cerveja ou de Coca-Cola.

O zelador devia limpar tudo isso à noite. Não era de se espantar que ele passasse o dia a vigiar os que sujavam. Acontece que ele não podia dizer nada aos comerciantes que jogavam o lixo fora das latas. Ele não ousava também enfrentar os bêbados que jogavam as garrafas para todos os cantos.

Quanto às velhinhas que levavam seus cachorros para passear, elas simplesmente o mandavam pro inferno. Para passar sua raiva, ele só tinha que descarregar em nós.

Os comerciantes também não gostavam de crianças. Quando um de nós arranjava de uma maneira ou de outra um pouco de dinheiro, ia à "Loja do Café" para comprar docinhos. Como se tratava de um verdadeiro acontecimento, os outros o acompanhavam. Quando os vendedores viam meia dúzia de moleques que discutiam durante quinze minutos antes de comprar algumas balinhas, ficavam furiosos. Pouco a pouco nós também começamos a ter raiva dos comerciantes. E achávamos legal enganá-los.

No centro comercial havia também uma agência de viagens. Encostávamos o nariz na vitrina até que eles nos expulsassem. Havia na agência cartazes maravilhosos, além da maquete de um avião, praias, palmeiras, negros, animais selvagens — quanto esplendor! Nós nos imaginávamos a bordo do avião a caminho daquela praia para depois subir naquelas palmeiras de onde olharíamos os leões e rinocerontes.

Ao lado da agência de viagens estava o Banco Comércio e Indústria. Nessa época eu ainda me perguntava o que fazia um banco para comércio e indústria no conjunto Gropius, onde viviam pessoas que não tinham outra relação com o comércio e a indústria que a de serem eventualmente assalariados! Nós gostávamos desse banco. Os senhores que andavam bem na estica eram sempre delicados com a gente. Era porque as vendedoras trabalhavam mais que eles. . . Eu ia ao banco e trocava uma moeda que afanara da latinha de minha mãe por dez *Pfennige*. Na "Loja do Café" davam bronca quando não pagávamos com trocados. Além do mais, quando a gente pedia delicadamente, esses senhores nos davam cofrinhos. Eles deviam pensar que a gente fazia muita economia, de tanto que pedíamos. Na verdade, usávamos esses porquinhos e elefantinhos para brincar de jardim zoológico no tanque de areia.

Quando viram que fazíamos cada vez mais besteiras, resolveram construir um parque infantil, para as nossas aventuras. Eu não sei o que significa "aventura" para essa gente que constrói esses negócios. Acho que eles dão esse nome para que os adultos pensem que seus filhos poderão ter experiências extraordinárias e não para que as crianças possam fazer coisas divertidas. Isso deve ter custado um dinheirão. Pelo menos eles levaram um

tempão para construí-lo. Autorizados a freqüentá-lo, fomos recebidos por amáveis educadores: "Do que vocês querem brincar?"

A aventura ali consistia em se estar sob constante vigilância. Havia ferramentas de verdade, pedaços de madeira e pregos. Tinha-se, portanto, direito a fazer construções. Um educador vigiava para que ninguém martelasse o dedo. Depois que se pregava um prego, impossível mudar! E se você pensava em mudar de idéia no meio da brincadeira...

Um dia eu contei ao educador como lá no interior as crianças construíam verdadeiras cabanas sem martelos e pregos. Somente com galhos e pedaços de madeira que se catava pelo chão. E cada vez que se voltava à "construção", desfazia-se e mudava-se tudo. E isso é que era divertido. O educador compreendeu. Mas ele tinha compromissos e regulamentos a cumprir, não é?

No início, tínhamos algumas idéias próprias. Por exemplo, propusemos brincar de "crianças da idade da pedra" e cozinhar uma sopa de verdade no fogo. O educador achou a idéia genial. Infelizmente, disse ele, não tínhamos o direito de acender uma fogueira e fazer a sopa! Por que, em vez disso, não construíamos uma cabana? Com martelo e pregos! A idade da pedra! . . .

Pouco tempo depois, nosso parque novinho foi fechado. Disseram que construiriam um outro para brincarmos quando chovesse. Vimos, então, chegar um carregamento de estruturas metálicas, caminhões de concreto e um grupo de pedreiros. Construíram um abrigo de concreto! Não era uma caixa ou uma casinha de madeira ou coisa parecida, era um fortim mesmo. Os vidros logo estavam quebrados. Não sei se os meninos quebraram as janelas porque esse treco de cimento os deixou agressivos. .. Ou talvez porque o abrigo fora construído para o conjunto Gropius, onde tudo o que não fosse de ferro ou cimento era destruído em dois minutos. A sala de jogos ocupava uma grande parte do parque de aventuras. Em seguida, construíram, ao lado, uma escola com seu próprio espaço para jogos, equipado de escorrega-dor, balanços e umas tábuas de madeira boas para mijar em cima. Esse escondido parque de jogos ocupava um outro pedaço do nosso "parque de aventuras" e era cercado por uma grade. O jeito era a gente tirar um lençinho do bolso e enxugar as lágrimas!

O pedaço do "parque de aventuras" que nos deixaram pouco a pouco

foi-se tornando um ponto de encontro de um bando de "grandes" que chamávamos de *rockers*. Eles chegavam depois do almoço, já bêbados, aterrorizando as crianças e quebrando tudo. Sua única ocupação era o vandalismo. Os educadores não tinham nenhum contato com eles. Enfim, o "parque de aventuras" estava fechado a maior parte do tempo. Ainda bem que nós, as crianças, tivemos direito a um verdadeiro presente. Uma pista de trenó foi montada no conjunto Gropius. O primeiro inverno foi sensacional. Podíamos escolher livremente as pistas: a pista simples ou o "anel da morte". Os *rockers* eram perigosos: faziam corrente com seus trenós e tentavam o tempo todo nos atropelar, mas aprendemos depressa a nos defender. Esses dias de neve foram a melhor lembrança do conjunto Gropius.

Durante a primavera continuamos a nos divertir nas pistas de trenó. Ali saltávamos com os nossos cachorros, rolávamos nas descidas. Melhor ainda: descíamos de bicicleta! Uma loucura! Mas é menos perigoso do que parece: a grama amortiza a queda.

A proibição não demorou. Disseram que as pistas de trenó não eram lugar para cambalhotas, nem velódromo. E que era preciso deixar crescer a grama, etc., etc. Agora já tínhamos idade para não nos impressionar com os "proibidos" e não dávamos a menor bola. . .

Um belo dia apareceu uma equipe do Serviço de Jardinagem: eles simplesmente cercaram o barranco que servia de pista com uma cerca de arame farpado. Nós nos demos por vencidos. . . por alguns dias.

Depois alguém arranhou uma tesoura dessas grandes e fizemos uma brecha. . . Era o suficiente para a passagem de cachorros e bicicletas. Todas as vezes que consertavam, voltávamos a cortar o arame farpado.

Algumas semanas mais tarde, lá estavam outra vez os pedreiros. Eles começaram a erguer um muro, a cimentar e a asfaltar. O nosso "anel da morte" se transformou em uma escada. A plataforma de saída foi recoberta com placas de cimento. Ainda bem que deixaram um pedacinho de grama.

No verão, o lugar não tinha nada de interessante. No inverno, era muito perigoso. O pior era chegar lá em cima: era preciso subir escadas que passavam por patamares de concreto. Quando havia uma camada de gelo fino, e isso acontecia sempre, não dava para contar os ferimentos e os galos

na cabeça. Algumas crianças caíam feio e tinham até comoção cerebral.

O conjunto Gropius pouco a pouco chegava à perfeição. Na maneira de pensar dos urbanistas, ele devia ser o conjunto residencial modelo, uma magnífica realização. Quando ali chegamos, não estava terminado. Os arredores dos prédios não estavam terminados, ainda não estava como eles queriam. . . Andando alguns minutos (até mesmo as crianças pequenas podiam ir sozinhas), chegava-se a verdadeiros pedacinhos do paraíso. O nosso pedaço preferido estava ao lado do Muro (*O Muro de Berlim. (N. da T.)*) (o conjunto Gropius fica perto); nós o chamávamos de *No Man's Land* ou Pequeno Bosque. Era um pedaço de terra de apenas vinte metros de largura, mas pelo menos cem metros de comprimento. Um emaranhado de mato alto (do tamanho da gente), de árvores, de arbustos, permeado de poças d'água e de velhas madeiras.

Subíamos nas árvores, brincávamos de esconde-esconde, éramos exploradores descobrindo, a cada dia, um novo pedaço até então desconhecido de uma misteriosa floresta virgem. Podiam-se fazer fogueiras, enviar sinais de fumaça e assar batatas nas cinzas. Até o dia em que perceberam que as crianças do conjunto Gropius tinham descoberto esse lugar e aí estavam se divertindo. Era preciso reinstalar a ordem. As placas pareciam espinhos no nosso pedaço. Não se tinha direito a mais nada. Proibição de andar de bicicleta, de subir nas árvores, de deixar os cachorros livres. A polícia que, por causa do Muro, andava sempre por esses lados, vigiava nossa boa conduta. Oficialmente, nosso *No Man's Land* tornou-se "zona de proteção dos passarinhos". Algum tempo depois o lugar era um depósito de lixo. Sobrava o antigo depósito recoberto de terra e de areia, onde íamos brincar com nossos cachorros, mas logo foi proibida a entrada, primeiro com um arame farpado, depois com uma paliçada. Ali eles construíram um restaurante panorâmico. . .

Gostávamos também de ir ao campo. Havia alguns perto dali, sem cultivo. . . mas o Estado comprou os terrenos para "instalar" neles o lazer. Nesses terrenos nascia ainda trigo e também escovinhas, urtigas e um mato tão alto que a gente desaparecia dentro dele. Eles o fecharam, pedaço por pedaço, um após outro. Foi aí que instalaram um picadeiro de *poney* e depois, no pedaço que sobrou, quadras de tênis. Já não tínhamos mais nenhum lugar aonde ir, aonde nos evadir do conjunto Gropius.

Minha irmã e eu éramos privilegiadas: pelo menos íamos trabalhar no clube e andávamos a cavalo. A princípio podia-se passear por toda parte. Depois construíram uma pista de cavalos. Todo o resto, ruas e caminhos, foi proibido. Uma linda pista de cavalos, com areia e tudo, como manda o figurino.

Deve ter custado uma nota! Acontece que era paralela à estrada de ferro, a dois passos dos trilhos. Que eu saiba, nenhum cavalo suporta a passagem de um trem e seu ruído de trovão, a alguns metros, sem reagir. Eles se descontrolavam e tudo o que nós podíamos fazer era rezar para que eles não se jogassem contra o trem.

Eu tinha mais sorte que as outras crianças: tinha meus bichos. Às vezes levava meus três ratinhos *hamster* ao tanque de areia. Pelo menos os regulamentos não diziam: "Proibido ratinhos". Nós construímos túneis para eles correrem dentro. Uma tarde um dos ratinhos fugiu pela grama. Não o encontrei mais. Fiquei um pouco triste, mas me consolei ao pensar que ele estava mais feliz que na gaiola.

Bem, justo nessa noite meu pai veio até nosso quarto, olhou a gaiola dos ratinhos e gritou: "Mas como! Só dois? Não eram três?" Eu não consegui pensar, a pergunta me parecia engraçada. Ele nunca gostou dos ratinhos e sempre estava dizendo para a gente dar um fim neles. Expliquei que o ratinho fugira lá na grama. Meu pai me olhava com um ar de louco. Compreendi em trinta segundos que ele não iria se controlar mais. Ele começou a gritar e a bater. Estava na cama. Sem saída. Impossível fugir. E ele bateu. Nunca batera tão forte, pensei que ia me matar. Quando ele se virou para ir contra minha irmã, eu saltei em direção à janela. Acho que teria pulado do décimo primeiro andar... Mas meu pai me agarrou e me jogou na cama. Minha mãe, como sempre, de pé, em lágrimas, na soleira da porta. Eu mal a vi quando ela se jogou entre meu pai e mim. Ela começou a dar uns socos nele. Meu pai perdeu as estribeiras. Arrastou minha mãe para o corredor sem parar de dar porrada. De repente, tive mais medo por ela do que por mim. Ela tentou escapar e se fechar no banheiro. Mas ele a puxou pelos cabelos. Como todas as noites, a roupa suja estava de molho na banheira, não tínhamos ainda dinheiro para comprar uma máquina. Meu pai mergulhou a cabeça de minha mãe na banheira cheia d'água. Não sei como ela conseguiu sair, se foi meu pai que a soltou ou se foi ela mesma que se libertou.

Meu pai, pálido, foi para a sala. Minha mãe abriu o armário, pegou seu casaco e foi embora. Sem dizer uma palavra sequer.

Um dos momentos mais terríveis da minha existência é ainda este minuto, quando vi minha mãe sair, sem uma palavra, e nos deixar sozinhas. Durante algum tempo a única coisa em que eu pensava era: ele vai começar outra vez, ele vai recomeçar a bater. . . Mas nem um ruído na sala. O único som era o da TV.

Chamei minha irmã para minha cama. A gente se apertou uma contra a outra. Minha irmã tinha vontade de fazer xixi. Ela não tinha coragem de ir ao banheiro, mas tinha também medo de molhar a cama porque receberia uma outra surra. Ela tremia. Finalmente, de mãos dadas, fomos juntas ao banheiro. Da sala, a voz de meu pai: "Boa noite".

No dia seguinte, pela manhã, ninguém veio nos acordar. Não fomos à escola. Lá pelas onze horas minha mãe voltou. Sem dizer quase nada, ela empacotou algumas coisas, pôs o gato numa sacola e me pediu para pôr a coleira em Ajax. E saímos para tomar o metrô. Passamos uns dias na casa de uma colega de trabalho dela. Mamãe nos disse que queria se divorciar.

O apartamento de sua colega era pequeno. Muito pequeno para acolher minha mãe, minha irmã, o gato, o cachorro e eu. Em todo caso. . . No fim de alguns dias, sua colega estava razoavelmente nervosa. Minha mãe arrumou as bagagens, nós pegamos nossos bichos e voltamos ao conjunto Gropius.

Meu pai entrou justamente no momento em que minha irmã e eu estávamos tomando banho. Ele se aproximou, e, com uma voz normal, como se nada tivesse acontecido, disse: "Então.. . por que vocês partiram assim? Vocês não têm motivo para ir dormir na casa de desconhecidos. A gente poderia levar uma vida gostosa, nós três..." Minha irmã e eu nos entreolhamos de queixo caído. Nessa noite meu pai se comportou como se minha mãe não existisse. Depois ele fez o mesmo conosco. Não nos falava nem nos via. Isso era pior que as pancadas.

Meu pai nunca mais levantou a mão contra mim, mas o seu jeito de se comportar, como se ele não tivesse nada mais a ver com a gente, teve para mim um efeito horrível. Foi somente então que senti que ele era mesmo meu pai. No fundo eu nunca o odiei, tinha apenas medo. E eu

sempre tive orgulho dele porque ele gostava dos meus bichinhos, porque tinha um carro possante, seu Porsche 1962. E, de repente, eis que, de certa forma, ele não era mais nosso pai, mesmo morando sob o mesmo teto no minúsculo apartamento.

Ainda por cima me aconteceu uma pior: Ajax teve uma perfuração abdominal e morreu. Não havia ninguém para me consolar. Minha mãe só pensava nos seus próprios problemas e em seu divórcio. Chorava sempre e nunca mais riu. Eu me sentia muito só.

Uma noite, bateram à porta. Fui abrir. Era Klaus, um amigo de meu pai, que viera buscá-lo para ir ao boteco, mas meu pai já havia saído.

Minha mãe convidou-o a entrar. Ele era bem mais moço que meu pai. Devia ter vinte e dois ou vinte e três anos. De repente ele perguntou a minha mãe se ela queria jantar com ele. Ela logo respondeu: "Sim, por que não?" Foi depressa mudar de roupa, saiu com o cara e nos deixou sozinhas.

Outras crianças talvez sentissem certa tristeza. Eu também, por uns momentos. Mas logo, logo, comecei a pensar que estava contente por ela, de verdade. Ela tinha um ar feliz ao sair, mesmo que não demonstrasse muito. Minha irmã tinha a mesma opinião. "Mamãe está bem contente", ela dizia. Desse dia em diante, Klaus vinha sempre quando meu pai estava ausente. Um domingo — eu me lembro com detalhes —, minha mãe me mandou levar o lixo lá fora. Ao voltar, eu não fiz nenhum barulho. Talvez de propósito. Quando entrei na sala, vi Klaus beijando minha mãe.

Foi uma sensação estranha. Fui direto para meu quarto. Eles não me viram, e não contei a ninguém o que havia visto. Nem mesmo a minha irmã, para quem nunca tive segredos.

Agora o homem estava metido todo o tempo em nossa casa. Eu o achava antipático, mas era delicado com a gente. E com minha mãe, mais ainda. Ela não chorava mais e se escutava seu riso. Recomeçou também a sonhar. Falava do quarto que teríamos, minha irmã e eu, no novo apartamento, quando fôssemos morar com Klaus. E meu pai ainda não mudara. E nem mudou quando, enfim, o divórcio foi homologado. Meus pais se odiavam, mas dormiam na cama de casal. E nós continuávamos a não ter dinheiro.

Enfim nos instalamos em um outro apartamento em Rudow, uma

estação além do conjunto Gropius, mas nem por isso tudo ficou um mar de rosas. Klaus sempre metido em casa, e isso me amolava. Ele continuava delicado, mas era um obstáculo entre minha mãe e mim. No meu íntimo, eu não o aceitava. Não queria obedecer a esse jovem senhor! Passei a ficar cada vez mais agressiva com ele.

Acabamos por discutir. Por coisinhas. Às vezes era eu quem o provocava. A maioria das vezes, por causa dos discos. Minha mãe me deu um toca-discos quando fiz onze anos.

À noite eu punha discos numa altura de estourar os tímpanos. Uma noite, Klaus apareceu no meu quarto e me disse para abaixar o som. Eu não fiz nada. Ele voltou e tirou o disco. Eu voltei a colocá-lo e fiquei plantada diante do toca-discos. Klaus me empurrou. Eu não suportava que esse homem me tocasse e comecei a berrar.

Minha mãe, de modo geral, ficava sempre, prudentemente, do meu lado. Era ruim isso: a história sempre terminava numa discussão entre Klaus e ela. E eu aí me sentia culpada. Tinha alguém sobrando naquele apartamento.

Na verdade, havia coisas piores que essas briguinhas ocasionais. Eram as noites tranqüilas em casa: todos reunidos na sala, Klaus folheando uma revista ou mexendo nos botões da TV, minha mãe tentando estimular a conversa, ora com a gente, ora com seu amigo. Mas ninguém falava, e todos os seus esforços caíam por terra.

Dava pena, realmente. Minha irmã e eu nos sentíamos demais na sala. Quando dizíamos que íamos dar uma volta, ninguém protestava. Klaus, pelo menos, parecia contente de nos ver sair. Por isso saíamos cada vez mais freqüentemente e ficávamos lá fora, tanto tempo quanto fosse possível.

Atualmente penso que Klaus não merecia nenhuma crítica. Ele só tinha vinte anos. Não sabia o que era uma família. Não tinha consciência do quanto minha mãe gostava da gente e nós dela. Que nós tínhamos necessidade de a ter todinha para nós durante o pouco tempo que passávamos com ela, à noite e nos fins de semana. Talvez ele tivesse ciúmes de nós. E tínhamos, certamente, ciúmes dele. Minha mãe queria estar disponível para nós e ao mesmo tempo para seu amigo. Mais uma vez eu

reagia a essa situação me mostrando cada vez mais barulhenta e agressiva. Minha irmã ficando cada vez mais silenciosa. Ela sofria, mas sem saber exata mente por quê. Falava em ir morar com meu pai. Do meu ponto de vista era uma loucura, depois de tudo o que ele nos havia feito. E eis que ele nos propôs voltar a viver com ele. Já não era o mesmo homem. Tinha uma amiga jovem, e cada vez que o encontrávamos, ele estava de bom humor. Mostrava-se muito gentil. Deu-me uma cadelinha.

Eu já tinha doze anos, os primeiros sinais de seios e comecei a me interessar pelos garotos e pelos homens. Eles me pareciam extravagantes. Todos uns brutos. Tanto os garotos da rua como meu pai e mesmo Klaus, a seu modo. Tinha medo deles, mas também me fascinavam. Eram fortes, detinham o poder. Tinha inveja deles. Em todo caso, sua força e sua potência me atraíam.

Às vezes usava o secador de cabelos de minha mãe. Cortei uma franja e me penteava bem. Cuidava bem do meu cabelo porque me diziam que era muito bonito assim comprido. Não queria mais usar calças xadrez como as de criança. Parecia fraco. Queria *jeans*. Compraram-me uns *jeans*. Fiz questão absoluta de um sapato de salto alto. Minha mãe deu-me um dos dela.

Com meus *jeans* e de salto, andava pela rua todas as noites, até as dez horas. Tinha a impressão de que não me queriam em casa, mas, por outro lado, achava legal ter tanta liberdade.

Encontrava certo sabor nas minhas brigas com Klaus. Discutir com um adulto dava-me uma espécie de sentimento de poder.

Minha irmã não suportava esse tipo de coisa. Ela cometeu um ato para mim incompreensível: foi para a casa de meu pai. Deixou minha mãe e, o pior, me deixou. Eis-me ainda mais só. Mas para minha mãe o golpe foi terrível. Ela recomeçou a chorar. Dividida entre seu amigo e suas filhas, mais uma vez ela estava cheia de problemas. . .

Acreditava que minha irmã não tardaria a voltar, mas ela ficou muito bem na casa de meu pai. Ele lhe dava mesada, pagava aulas de equitação e lhe ofereceu um verdadeiro culote. Era difícil para mim engolir tudo isso. Tinha recomeçado a trabalhar no *poney-club*, onde, em troca, me deixavam montar a cavalo. Mas não era regular. Logo, logo, minha irmã, com aquele

culote legal, tornou-se melhor amazona que eu.

Mas finalmente tive uma compensação. Meu pai me ofereceu uma viagem à Espanha. Eu consegui um excelente boletim escolar e estava apta a seguir o segundo ciclo. Inscreveram-me na Escola Polivalente Integrada, do conjunto Gropius. E assim, no limiar de uma nova etapa de minha vida — uma etapa que logicamente deveria me conduzir até o bacharelado —, voei para Torremolinos em companhia de meu pai e sua amiga. Férias geniais. Meu pai mostrou-se formidável e constatei que, à sua maneira, ele me amava. Tratava-me como adulta. E às vezes até me levava junto com ele quando saía com sua amiga.

Tornara-se um homem razoável. Tinha amigos de sua idade e não lhes escondia que tinha sido casado. Não o chamava mais de tio Richard. Era sua filha. Ele parecia orgulhar-se de mim. No quadro, uma sombra: ele — e isso era bem próprio dele — escolhera a data das férias em função do que era melhor para ele e seus amigos; ao final de minhas férias. De maneira que cheguei a minha nova escola com duas semanas de atraso.

Fiquei desorientada. Na minha classe, os colegas já tinham suas amizades, os grupos já estavam formados, mas o pior foi que, durante essas duas semanas em que eu estivera na Espanha, explicaram como funcionava a escola. Era um sistema muito complicado para quem vinha da escola primária. Era preciso que a gente mesmo escolhesse as orientações e se inscrevesse em alguns cursos. Os outros alunos foram aconselhados, eles foram orientados em sua escolha. Eu tive que me virar sozinha. Fiquei perdida nessa escola. Não havia mais, como na escola primária, um professor que se encarregasse dos alunos individualmente. Cada professor dava aula para várias centenas de alunos. Se quiséssemos alcançar o bacharelado, era preciso que cada um se responsabilizasse por si mesmo. Decidir que queria mesmo estudar. Fazer o necessário para ser admitido no grupo de nível mais elevado. Ou ter pais que dissessem "faça isso, faça aquilo" e que nos estimulassem. Quanto a mim, estava perdida.

Não me sentia "alguém" dentro dessa escola. Os outros tinham duas semanas a mais. Era muito numa escola nova. Comecei a testar minha receita do curso primário: falava baixo, interrompia e contestava os professores. Às vezes porque em minha opinião eles erravam, às vezes por princípio. Parti para a guerra. Contra os professores e contra a escola.

Queria ser alguém. Existir. O chefe do bando, em nossa classe, era uma menina. Chamava-se Kessi, já tinha seios de verdade. Parecia ter dois anos mais que os outros. Era também mais madura. Todo mundo a respeitava. Eu a admirava. Meu maior desejo era tornar-me sua amiga.

Kessi também tinha um namorado, que era um cara "gênio". Ele estudava numa classe paralela à nossa, mas já era bem mais velho. Chamava-se Milan. Tinha, pelo menos, um metro e setenta de altura, cabelos compridos e encara-colados que lhe caíam até os ombros. Calçava sempre botas chiquérrimas e usava *jeans* apertadíssimos. Todas as garotas ficavam na paquera de Milan. O prestígio de Kessi não se devia somente ao tamanho de seus seios e ao seu jeito de adulta, mas sobretudo ao fato de ser amiga íntima de Milan.

Naquela época, nós, garotas, tínhamos uma imagem precisa do cara que nos agradava. Não devia nunca andar com calças de boca larga, mas sim vestir *jeans* apertadíssimos. Rapazes que usassem tênis, achávamos simplesmente super caretas. Deveriam ter sempre sapatos na última moda e, se usassem botas desenhadas, então, era o máximo. Desprezávamos os garotos que atiravam bolinhas de papel ou sobras de maçã na sala de aulas. Eram os mesmos que, nos intervalos, bebiam leite e corriam atrás de uma bola de futebol. Considerávamos bacanas aqueles que, nos intervalos, desapareciam num canto para fumar escondido. Tinham, também, que saber beber cerveja. Ainda me lembro de como fiquei impressionada no dia em que Kessi me contou que Milan havia tomado um pileque daqueles.

Eu me perguntava o que devia fazer para que um cara como Milan se interessasse por mim ou então (e no fundo era a mesma coisa) para que Kessi me considerasse sua amiga. Só seu apelido, Kessi, já era "classe". Eu sonhava ter também um apelido bacana.

Dizia a mim mesma: você não tem nada que fazer com professores que só vê uma hora de vez em quando. Qual é essa de se cansar para lhes agradar? O importante é ser aceita por gente com quem você passa o dia inteiro. E passei a modificar todo o meu comportamento na sala de aula. Não tinha nenhuma relação pessoal com os professores. Aliás, a maioria deles estava pouco ligando, não tinham mesmo autoridade e a única coisa que faziam era berrar. Aprontei mil e uma. Em pouco tempo, fui capaz de, sozinha, acabar com uma aula. Naturalmente, por isso, passei a ser bem

considerada por todos os meus colegas.

Catava moedas no fundo das gavetas para poder comprar cigarros e ir para o canto dos fumantes. Kessi ia sempre em todos os recreios. Quando comecei a ir com mais freqüência, senti que ela se interessou por mim.

Nós nos encontrávamos à saída da escola. Afinal, um dia, ela me convidou para ir a sua casa. Bebemos cerveja: senti uma coisa gozada na cabeça e falamos de nossas famílias. Ela teve as mesmas merdas de problemas que eu. Até pior. . .

Kessi era filha natural. Sua mãe mudava constantemente de amigo, e esses homens, naturalmente, não gostavam muito dela. Ela acabava de passar por um período bem difícil. O último cara também distribuía pancada. Um dia quebrou toda a mobília e para terminar jogou a televisão pela janela. Mas a mãe de Kessi não era como a minha. Era mais severa: a não ser excepcionalmente, Kessi devia estar em casa todas as noites às oito horas.

As coisas melhoraram também na escola. Quero dizer, consegui ser respeitada pelos meus colegas. Foi um combate difícil, permanente, que não me deixava tempo para estudar. Meu dia de glória foi aquele em que Kessi me autorizou, finalmente, a sentar-me ao seu lado. Ela me ensinou a cabular aula. Quando não sentia vontade de ir à aula ela simplesmente se mandava e ia encontrar-se com Milan ou fazer outra coisa que lhe desse na cabeça. Nas primeiras vezes tive um medo daqueles. Mas logo reparei que se podiam cabular uma ou duas aulas por dia, com segurança absoluta, que ninguém notava. A chamada era feita só na primeira aula. Depois os professores não tinham mais condições, por causa do grande número de alunos, de ver quem estava lá ou não. Aliás, muitos deles estavam pouco ligando.

Kessi, já naquela época, deixava que os rapazes a acariciassem e a beijassem. E também já freqüentava o Centro de Jovens. Era um lugar em que os jovens se reuniam sob a orientação da Igreja protestante. No subsolo havia uma espécie de discoteca, "o clube". A entrada só era permitida aos maiores de catorze anos, mas ninguém notava que Kessi acabara de completar treze anos.

Supliquei por tanto tempo à minha mãe, que ela acabou por me comprar um sutiã. Na verdade, naquela época eu não precisava dele ainda,

mas eles aumentavam os meus seios. Também comecei a me maquilar. Consegui, assim, que Kessi me levasse com ela ao clube, que abria sempre às cinco da tarde.

A primeira pessoa que vi foi um menino da nossa escola. Estava na oitava série e, para mim, era o cara mais genial de todos. Melhor ainda que Milan. E mais bonito. Além do mais, ele tinha um jeito de estar sempre super seguro. . . Andava pelo Centro de Jovens com a naturalidade de um artista. Via-se que era superior aos demais. Chamava-se Piet. Ele e seus amigos ficavam sempre à parte. Tinha-se a impressão de que eles não faziam parte do mesmo universo que os outros jovens que a gente encontrava no clube. Toda a turma tinha um ar de superioridade. Todos tinham aquela "classe": usavam *jeans* bem justos, botas de salto alto, coletes, *jeans* bordados ou então camisas estampadas, de um tecido que parecia tapete.

Kessi conhecia esses caras e me apresentou a eles. Isso me emocionou e achei genial poder me aproximar deles, graças a Kessi. No Centro de Jovens todo mundo os respeitava. E nós tínhamos até mesmo o direito de nos sentar perto deles.

Na tarde seguinte, a turma trouxe um enorme cachimbo. Eu não sabia mesmo para quê. . . Kessi me explicou que eles fumavam maconha. Eu não sabia muito bem o que era aquilo. Somente que era uma droga, e absolutamente proibida.

Eles acenderam a coisa e a fizeram circular.

Cada um deu uma tragada. Até Kessi. Quando chegou a minha vez, recusei. Eu não tinha intenção de recusar. Tinha tanta vontade de fazer parte da turma! Mas era uma droga! Eu não podia ainda! Isso me causava realmente muito medo.

Não me sentia muito à vontade. Queria desaparecer em algum buraco. Mas não podia sair daquela mesa: daria a impressão de estar me separando da turma porque eles fumavam maconha. Declarei: "Tenho vontade de tomar uma cerveja". Recolhi as garrafas vazias esparramadas pelos quatro cantos. Trocavam quatro garrafas vazias por uma cheia. Eu me embebedei, pela primeira vez na vida, enquanto os outros continuavam a chupar longa e delicadamente o cachimbo. Conversavam sobre música. Eu

não conhecia quase nada e não podia participar da conversa. Gostei de estar bebum, isso me tirou um terrível sentimento de inferioridade. Logo compreendi o gênero de música de que eles gostavam e comecei a imitá-los: David Bowie, etc. Esses caras para mim também eram ídolos! Pelas costas todos se pareciam com David Bowie, embora só tivessem dezesseis anos.

O pessoal da turma era superior e sua maneira me desconcertava. Eles não gritavam, não brigavam, não aterrorizavam ninguém. Eram bastante silenciosos. Sua superioridade parecia emanar deles próprios.

Entre eles também eram tranqüilos. Nunca havia brigas. Ao chegar, todo mundo se beijava: um beijinho na boca. Eram os meninos que mandavam, mas as meninas eram bem aceitas. Pelo menos entre meninos e meninas nunca havia brigas idiotas.

Kessi e eu mais uma vez cabulamos aula. As duas últimas aulas. Kessi tinha um encontro com Milan no metrô Wutzkyallee. Como ele ainda não chegara, andamos à toa em volta da estação, sempre com medo de encontrar algum professor. Àquela hora, era realmente arriscado.

Kessi acendia um cigarro quando vi Piet com seu amigo Charly. Eis chegado o momento que eu tanto esperava. Há tempos que tinha vontade de encontrar, durante o dia, Piet ou um outro, para convidá-los a ir a minha casa. Não queria nada dos rapazes. Ainda não me interessava pelo sexo oposto. Só tinha doze anos e não havia tido sequer uma menstruação; o que eu queria era poder contar a todos que Piet estivera em minha casa. Assim os outros pensariam que nós havíamos saído juntos ou, pelo menos, que eu fazia parte da turma.

Não havia ninguém na minha casa. Minha mãe e o seu companheiro haviam saído para trabalhar. Disse a Kessi: "Vamos lá falar com os meninos". Meu coração batia forte. Apesar disso, foi com uma voz bem segura que alguns minutos depois eu perguntei a Piet: "Que tal irmos até minha casa? Não há ninguém lá, e o companheiro de minha mãe tem alguns discos legais, como Led Zeppelin, David Bowie, Ten Years After, Deep Purple e o álbum do festival de Woodstock".

Eu já havia evoluído muito. Familiarizara-me não somente com a música de que eles gostavam, mas também com o seu linguajar diferente e

tudo o mais. Tratei de aprender aquele vocabulário tão novo para mim. E isto me parecia mais importante que a matemática e os verbos ingleses.

Piet e Charly aceitaram na hora. Fiquei louca de alegria, cheia de orgulho. Em casa, grito: "Merda, não há nada para beber". Fizemos uma vaquinha e fui com Charly ao supermercado. A cerveja era muito cara, e era preciso beber muito para ficar um pouco de fogo. Compramos por dois marcos um litro de vinho tinto, daqueles que mancham. Esvaziamos a garrafa enquanto transávamos um papo.

A conversa girou em torno dos *tiras*. Piet disse que devíamos desconfiar muito deles por causa do *dope* (é uma palavra que vem do inglês e que eles utilizavam para designar maconha). Falaram muito mal dos *tiras* e afirmaram que vivíamos em um Estado policial.

Tudo aquilo era novidade para mim. Até então, os únicos representantes da autoridade que eu conhecera e que mereciam ser odiados eram os zeladores: pessoas que caem em cima de nós quando estamos nos divertindo. Os policiais encarnavam um mundo ainda fora do meu alcance. No entanto, aprendi que no conjunto Gropius vivíamos num universo de policiais, que os *tiras* eram muito mais perigosos que os zeladores. E se Piet e Charly diziam, não podia ser nada mais que a estrita verdade.

Uma vez terminada a garrafa, Piet disse que tinha ainda um pouco de *dope* em sua casa. Os dois outros estavam maravilhados. Piet saiu pela varanda (era o que eu fazia geralmente — vivíamos no andar térreo e isso era genial depois de ter vivido no décimo primeiro andar) e voltou com uma placa do tamanho de uma mão, dividida em pedaços de um grama cada um, uma dezena de marcos. Ele trouxe também um *shilom* (*Pipa especial para fumar maconha. (N. da T.)*), que é uma espécie de cano de madeira com uns vinte centímetros de comprimento. Primeiro colocou fumo para que não fumássemos até a madeira e depois encheu com uma mistura de fumo e maconha. Fumamos colocando a cabeça para trás e segurando o cano tão vertical quanto possível, para não deixar cair as cinzas.

Olhei atentamente como eles faziam. Sabia que não podia mais recusar, agora que Piet e Charly tinham vindo à minha casa. Falei com um ar muito tranqüilo: "Fumarei um pouco de *dope* hoje", como se já tivesse fumado aos montes.

Baixamos as cortinas. A luz que atravessava pelos vãos revelava espessas nuvens de fumaça. Coloquei um disco de David Bowie. Eu aspirei e conservei o fumo nos meus pulmões até ter um acesso de tosse. Ninguém falava nada. Ouvimos música, olhando para o vazio.

Esperei que se passasse algo de extraordinário comigo. Pensei: agora que estou drogada, algo diferente deve acontecer. Mas nada. Senti somente um pouco de sono, que devia ser mais efeito do vinho. Não sabia ainda que na maioria dos casos a maconha não provoca nada — ao menos conscientemente — na primeira vez. É preciso tentar algumas vezes para sentir o seu efeito. O álcool vai muito mais rápido.

Piet e Kessi, sentados no sofá, se aproximaram um do outro. Piet fazia carícias no braço de minha amiga. Pouco depois os dois se levantaram e foram se trancar no meu quarto.

Fiquei sozinha com Charly. Ele se sentou no braço do meu sofá e pôs seu braço nos meus ombros. Acho que ele era melhor que Piet. Sentia-me feliz por ele se interessar por mim. Sempre tive medo de que os meninos percebessem que tinha doze anos e me rejeitassem, me considerando um bebê.

Charly começou a me bolinar. Não sei mais se continuava contente. Senti um calor terrível. De medo, creio. Estava petrificada. Tentei murmurar alguma coisa a respeito do disco que estava tocando. Quando Charly começou a me amassar os seios, ou seja, o que no futuro seriam meus seios, dei um salto e fui até a vitrola para fazer de conta que estava arrumando não sei o quê.

Piet e Kessi saíram de meu quarto. Eles tinham um ar estranho, perturbado, um pouco triste. Não trocavam olhares. Estavam em silêncio. Kessi tinha a cara avermelhada. Dava a impressão de que vivera uma má experiência. De qualquer maneira, isso não lhe acrescentou nada. Deve ter sido horrível para os dois.

Finalmente, Piet me perguntou se iria ao Centro de Jovens. Isto me devolveu a confiança. Ganhei. Tudo se passou como tinha pensado: convidei pessoas do bando para ir à minha casa e agora fazia parte do bando para sempre.

Piet e Kessi partiram pela varanda. Charly demorou. O pânico me

invadiu. Não podia ficar só com ele. Falei claramente que devia arrumar o apartamento e estudar. De repente, eu não ligava mais ao que ele iria pensar. Ele foi embora. Joguei-me na minha cama e, olhando para o teto, tentei pensar sobre o que se passara.

Charly tinha bastante charme, mas não sei bem por que ele não me agradava mais. Uma hora, uma hora e meia depois, tocou a campainha. Olhei pelo olho mágico. Era Charly. Não abri e voltei para meu quarto na ponta dos pés. Tinha medo de ficar a sós com ele. Agora ele me repugnava. Além disso, sentia um pouco de vergonha. Por causa da droga ou de Charly, não sabia muito bem.

Sentia-me triste. Finalmente fora admitida no bando, mas no fundo aquele não era meu lugar. Era muito jovem para essas histórias de rapazes, e agora eu me dava conta disso. Quanto ao que eles me disseram a respeito da polícia, do Estado, etc., isso não me interessava.

Apesar de tudo, cheguei ao Centro de Jovens no momento em que ele abria. Não fomos ao clube, mas sim ao cinema. Tentei sentar entre Kessi e um rapaz que não conhecia, mas Charly ficou ao meu lado. Durante o filme ele recomeçou a passar a mão em mim. Ele pôs sua mão entre minhas coxas. Eu não me defendi. Estava paralisada. Tinha um medo terrível. Tive vontade de sair correndo, mas pensei: "Christiane, é o preço da tua admissão no bando". Não me mexi nem disse nada. Além disso, aquele tipo me impressionava terrivelmente. Quando ele me pediu que eu o acariciasse e tentou guiar minha mão, não deixei. Cruzei minhas mãos sobre meus joelhos.

Fiquei felicíssima quando o filme acabou. Afastei-me o mais rápido que pude de Charly e me dirigi a Kessi. Contei-lhe tudo o que havia se passado e disse-lhe que nunca mais queria rever Charly. Kessi deve ter contado tudo a ele, pois, pouco tempo depois, todo mundo já sabia que ela estava vidrada em Charly. Então, no clube, ela sempre ficava pelos cantos chorando, pois Charly já não mais a tratava como fazia com as outras meninas. Mais tarde, ela mesma me confessou que estava realmente apaixonada por Charly e que não conseguia controlar o choro quando ele estava por perto.

Apesar do ocorrido com Charly, eu fazia parte do bando. É claro que me apelidaram de "a pequena". Mas o que era importante é que fora aceita.

Nenhum rapaz tentou me tocar. Sabiam e admitiam que eu era muito jovem para essas coisas. Também nesse ponto nosso bando se diferenciava dos bêbados. Estes eram os jovens que se dedicavam à cerveja, à cachaça. Eles eram muito rigorosos com as meninas que são "cheias das coisas". Riam delas, insultavam-nas e cometiam violências contra elas. Entre nós, tudo isso não existia, e nunca houve violência. Nos aceitávamos mutuamente tal qual éramos. Aliás, de certa forma éramos todos parecidos ou ao menos estávamos no mesmo barco. Não havia necessidade de grandes discursos para nos entendermos. Entre nós ninguém gritava, ninguém falava coisas obscenas. As lamúrias dos outros não nos diziam respeito. Estávamos por cima de tudo isso.

Afora Piet, Kessi e eu, todos tinham um emprego. Para todos era a mesma coisa: fedia em casa e fedia no trabalho.

Enquanto os bêbados carregavam seu *stress* ao Centro e descarregavam sua agressividade, os caras de nosso grupo eram capazes de se desligar. Terminada a jornada de trabalho, eles faziam coisas que lhes agradavam: se drogavam, escutavam música agradável... Era a paz. Esquecíamos todas as merdas da jornada.

Não me sentia ainda perfeitamente bem com os outros. Creio que por ser muito jovem, mas eles eram o meu modelo. Queria ser como eles e aprendi com eles a viver tranqüila, não dando bola aos idiotas e a esta merda toda. De qualquer forma, nem pais nem professores tinham nenhuma influência sobre mim. A única coisa que contava, além dos meus animais, era o bando.

Se as coisas chegaram àquele ponto, foi porque a vida lá em casa estava insuportável. O pior era que Klaus, o companheiro de minha mãe, detestava animais. Pelo menos essa era a minha opinião na época.

De início, ele se contentava apenas em reclamar sem parar, dizendo que o apartamento era muito pequeno para tudo isso. Depois ele proibiu a entrada, na sala, do cachorro que eu havia ganho de meu pai.

Tive uma explosão. Nossos cães sempre fizeram parte da família. E eis que aquele cara pretendia expulsar a minha cadela da sala de estar! Mas isso não era tudo: ele me proibiu de deixá-la dormir ao lado da minha cama. Ele queria, sem gozação, que eu construísse uma casinha de cachorro em

meu quarto, que já era minúsculo. Naturalmente, não fiz nada.

Depois disso, Klaus me acenou com o golpe fatal. "É preciso se desfazer dos animais", disse ele. Minha mãe se colocou do seu lado, dizendo que eu não cuidava mais deles. Era o cúmulo! É verdade que, voltando muitas vezes tarde da noite, eles eram obrigados a levar o cão para passear, mas, apesar disso, sempre dediquei todo o meu tempo livre aos meus animais.

Mesmo tendo chorado e feito um escândalo, o cachorro foi embora. Deram-no a uma senhora, muito simpática e de quem eu gostava muito. Mas ela ficou doente, um câncer, e não pôde mais ficar com ele. Ouvi dizer que ele acabou em um boteco. Era um animal extremamente sensível, que não suportava ouvir gritos. Em um lugar como esse, ele não sobreviveria, sabia disso. Responsabilizo Klaus e minha mãe pela minha saída de casa. Não queria mais saber de gente que não gostava de animais.

Tudo isso se passou quando comecei a freqüentar o Centro de Jovens e a fumar maconha. Restavam-me apenas os dois gatos. À noite eles dormiam na minha cama. Durante o dia não tinham necessidade de mim. Sem meu cachorro, não havia mais nenhum motivo para eu permanecer em casa. Não sentia vontade de passear sozinha. Esperava, impacientemente, pelas cinco horas, a hora em que abria o Centro de Jovens. Às vezes encontrava-me com Kessi e com alguns amigos do bando no início da tarde.

Fumava todas as tardes. Na turma, os que tinham dinheiro emprestavam para os que não tinham. Eu não me preocupava mais em esconder que fumava maconha. No Centro de Jovens isso não era mais segredo. Periodicamente, os assistentes sociais nos faziam sermões. Mas a maioria deles reconhecia que também já fumara. Eles vinham das universidades, do movimento estudantil, e aí era perfeitamente normal que se fumasse maconha. A única coisa que nos diziam era para não exagerar, não usá-la como um meio de fugir da realidade, etc. Principalmente, não passar às drogas pesadas.

Seus conselhos entravam por um ouvido e saíam por outro. O que esses caras tinham a ver com isso? Eles mesmos fumavam, não é mesmo? Um dos nossos disse claramente a um assistente social: — Para vocês, quando um estudante se droga, tudo bem. Ele sabe o que faz. Mas se é um aprendiz ou um operário é perigoso, não pode. Qual é? Suas histórias não

colam. — O cara não soube o que responder. Isto lhe deu um peso na consciência.

Fumar somente já não bastava. Quando não tinha droga, bebia vinho, cerveja. Começava desde que saía da escola ou mesmo pela manhã, nos dias em que cabulava as aulas. Tinha necessidade de estar um pouco embalada, um pouco voando. Eu tinha essa vontade para escapar de toda aquela merda, merda na escola e merda em casa. Da escola, de todas as maneiras, eu me desliguei completamente. Minhas notas decaíam a olhos vistos.

Até fisicamente eu mudei bastante. Emagreci muito, pois quase não comia. Já dançava dentro das calças. Meu rosto afinou. Ficava horas diante do espelho, admirando minha nova aparência. Eu me assemelhava cada vez mais ao resto da turma. Finalmente perdi meu ar inocente, meu ar de criança.

Fiquei obcecada pelo meu físico. Obrigava minha mãe a comprar calças colantes como uma segunda pele e sapatos de salto alto. Penteava meus cabelos repartidos ao meio.

Eles cobriam minha cara. Desejava ter um ar misterioso, ninguém devia me desvendar, ninguém devia duvidar de que eu estava numa boa, como tentava demonstrar.

Uma noite Piet me perguntou se já havia viajado. — Claro, meu velho — respondi. Ouvira falar do LSD, que eles chamam de "uma viagem". Piet sorriu. Percebi que ele não acreditou. Como ouvira muitas vezes pessoas me contarem suas últimas viagens, tentei, com trechos que lembrava, fabricar minha própria história. Piet ainda não acreditava. Não era tão fácil enganá-lo. Tive vergonha.

— Se você quiser provar, terei LSD, dos bons, no sábado. Eu te darei um pouco.

Impacientemente esperei pelo fim de semana. Quando já tivesse tomado LSD, seria igualzinha aos outros. Quando cheguei ao Centro de Jovens, Kessi já havia começado a sua viagem. Piet me disse: — Se você está decidida, eu te dou metade. É o suficiente para a primeira vez. — Ele me deu então um papel de cigarro enroladinho. Lá dentro havia um comprimido. Não podia tomar assim, diante de todos. Estava excitadíssima.

Além disso, tinha medo de ser apanhada em flagrante delito. Eu gostaria, além do mais, de dar ao acontecimento certo ar solene. Finalmente, fui me trancar no banheiro e tomei o dito cujo.

Quando voltei, Piet afirmou que eu havia jogado o comprimido no banheiro. Esperei impacientemente que aquilo fizesse efeito para que os outros vissem que o havia tomado de fato.

Até as dez horas, hora em que o Centro fechava, eu ainda não sentia nenhum efeito. Acompanhei Piet até o metrô. Lá encontramos Frank e Pauli, dois amigos de Piet. Eles tinham um ar tranqüilo, uma calma extraordinária. Gostava deles. — Eles se dedicam à heroína — falou Piet. Não prestei, naquele momento, nenhuma atenção. Tinha que pensar em mim mesma. O comprimido começava a fazer efeito.

Tomamos o metrô e, aí sim, a coisa começou a funcionar. Uma verdadeira loucura! Tive a sensação exata de estar dentro de uma lata de conserva e que alguém remexia lá dentro com uma colher gigante. O barulho do metrô, quando no túnel, era de enlouquecer. Insuportável mesmo. Pensei que não fosse agüentar. As pessoas, no metrô, tinham umas caras pavorosas. Aliás, para dizer a verdade, esses burgueses têm sempre a mesma cara. Só que naquele momento pude ver seus rostos melhor e constatei como eram nojentos. Comecei a imaginar que aqueles gordos burgueses deviam estar saindo de uma merda de um botequim qualquer ou de uma merda de trabalho. Agora deveriam, esses porcos, ir para suas casas dormir e, na manhã seguinte, retornar ao trabalho, e então começaram a se distanciar da minha vista. Pensei: "Você deve se sentir muito feliz por ser diferente. Você tem uma turma bacana. Você está agora sob o efeito da droga e pode constatar que merda de burgueses andam no metrô". Foi isso, mais ou menos, que pensei naquele momento e também nas "viagens" futuras. De repente, senti medo daquelas caretas. Olhei para Piet. Ele tinha uma aparência bem pior do que de costume. Seu rosto ficara muito pequeno, exatamente ao contrário dos outros. Mas ainda possuía algo de normal.

Chegamos finalmente a Rudow. Estava feliz por pular fora do vagão. Agora sim a coisa era completa. Todas as luzes tinham uma incrível intensidade. Nunca o sol me pareceu tão brilhante quanto aquela lâmpada acima de nossas cabeças. No metrô eu tinha frio, agora sentia um calor

fortíssimo. Eu me imaginava na Espanha e não mais em Berlim. As ruas se transformaram em praia, as árvores eram palmeiras como nos belos cartazes da agência de viagem do conjunto Gropius. A luz era deslumbrante. Não disse a Piet que voava. Minha viagem fantástica, queria aproveitá-la sozinha.

Piet, que também voava, propôs que a gente fosse à casa de sua amiga. Uma menina que ele curtia. Talvez seus pais não estivessem em casa. Fomos primeiro ao estacionamento, no subsolo do edifício, ver se o carro deles estava lá. Tive uma crise de angústia. O teto da garagem era baixo e descia cada vez mais. O teto era uma abóbada. Os pilares oscilavam.

O carro dos pais da menina estava lá.

Piet gritou: — Meu Deus, como fede esta garagem! — Depois, pensando que era só ele que viajava, perguntou-me: — Onde você jogou o comprimido aquela hora? — Ele me olhou e depois exclamou: — Merda, minha filhinha, eu não disse nada. Você tem as pupilas dilatadas pra burro.

Fora, o mundo era novamente belo. Sentei na grama. Uma casa da vizinhança tinha um muro cor de laranja, berrante. Dir-se-ia que o sol nascente ali se refletia. As sombras dançavam como se elas quisessem se apagar diante da luz. O muro se quebrava e parecia que de repente ardia em chamas.

Fomos até a casa de Piet. Ele possuía um surpreendente talento de pintor. Um de seus quadros, pendurado em seu quarto, representava um esqueleto armado de uma foice sobre um cavalo enorme. Olhei para o quadro. Não era a primeira vez que o via, e sempre pensava que ele representava a morte. Agora ele não me dava medo de maneira nenhuma. Ocorriam-me pensamentos inocentes. Pensava que esse esqueleto era incapaz de dominar um cavalo tão vigoroso. Falamos do quadro, longamente. Ao ir embora, Piet me emprestou alguns discos e me disse: — Eles são formidáveis para aterrissar. — Fui embora.

Minha mãe me esperava, a bronca habitual. No estado em que estava. . . "Isso não pode continuar assim", etc., etc. Achava-a ridícula, gorda, cheia de banha em sua camisola branca, cara totalmente torta de raiva. Como as pessoas do metrô.

Não abri a boca. Já não falava mesmo mais com ela. Somente o indispensável e algumas pequenas frases sem importância. Não queria que ela me tocasse mais. Não queria seus beijos. Acreditava, ao menos algumas vezes, que não tinha mais necessidade de mãe ou de uma família.

Vivíamos agora em dois mundos totalmente diferentes. Minha mãe e seu companheiro de um lado e eu de outro. Eles não tinham a menor idéia do que eu fazia. Pensavam que era uma menina perfeitamente normal em período de puberdade. O que poderia eu contar-lhes?

De todas as maneiras, eles não compreenderiam mesmo. A única coisa que faziam era me bombardear com proibições. Pelo menos, era o que eu pensava. O único sentimento que sentia por minha mãe era piedade. Tinha pena quando a via voltar do trabalho, cansada, nervosa, liquidada e fazer os trabalhos domésticos. . . Dizia a mim mesma: "Que culpa têm os velhos se levam esta vida de idiotas?"

A Mãe de Christiane

Como pude não perceber o que estava acontecendo com Christiane? Por diversas vezes fiz esta pergunta a mim mesma. A resposta é simples, mas tive que conversar com vários pais para suportá-la: eu não queria reconhecer que minha filha tinha se tornado uma viciada. É simples. Enquanto pude, fechei os olhos para não enxergar.

Meu companheiro — o homem com quem vivo desde o meu divórcio — suspeitava há muito tempo. Eu vivia lhe dizendo: "Você está inventando coisas, ela não passa de uma criança". O erro mais grave é imaginar que nossos filhos "ainda não chegaram a tal ponto". Eu deveria ter começado a pensar nessas coisas desde o momento em que Christiane se isolou, desde que senti que ela evitava, cada vez mais, o contato com a gente e saía todos os fins de semana com os amigos em vez de fazer alguma coisa com a família. Eu deveria ao menos me interrogar por que ela agia assim. Não procurei saber nada disso.

Não há dúvida de que quando trabalhamos não podemos dar a atenção necessária ao que fazem nossos filhos. Temos vontade de viver em paz e nos contentamos em vê-los seguir seu próprio caminho. É claro que Christiane voltava algumas vezes tarde para casa. Mas ela tinha sempre

uma boa desculpa, e eu estava pronta para acreditar. Sua rebeldia constante me parecia problema de sua idade e pensava: isso vai passar.

Eu não queria pressionar Christiane. Eu mesma tinha sofrido muito com isso. Tive um pai extremamente severo. No vilarejo de Hesse, onde cresci, ele era um cidadão respeitável, proprietário de uma pedreira. Sua maneira de educar consistia em estabelecer proibições. Se fizesse a besteira de falar de meninos — só falar —, recebia umas boas palmadas.

Nunca esqueci um certo domingo à tarde. Passeava com uma amiga. Dois jovens nos seguiam a uma distância aproximada de cem metros. Eis que, por acaso, meu pai nos vê. Ele pára, me dá uma bofetada ali mesmo, no meio da rua, me empurra para dentro do carro e me leva para casa. Tudo isso porque dois meninos estavam andando atrás da gente. Isso me revoltou. Eu tinha dezesseis anos na época e nunca mais parei de pensar: como fugir?

Minha mãe tinha um coração de ouro, mas ela não era ouvida para nada. Não me deixaram nem mesmo escolher minha profissão. Eu sonhava ser parteira, mas meu pai me forçou a ingressar em uma escola técnica de comércio. Depois deveria cuidar da sua contabilidade. Foi nessa época que encontrei Richard, que seria meu futuro marido. Ele tinha um ano mais do que eu e cursava uma escola especializada em economia agrícola. Obedecendo a seus pais, também deveria administrar as propriedades da família. No início éramos somente amigos. É claro que meu pai quis me impedir de vê-lo. E quanto mais ele insistia, mais eu teimava. Por fim encontrei a solução para conquistar a minha liberdade: ficar grávida e ser obrigada a casar.

Eu tinha dezoito anos quando isso aconteceu. Richard imediatamente parou de estudar, e em seguida fomos morar no norte, no vilarejo onde moravam meus pais. Nosso casamento foi um fracasso total. Desde o início. Eu nunca pude contar com meu marido para nada, nem mesmo durante minha gravidez ele me fazia companhia à noite. Ele só pensava no seu Porsche e em seus grandes projetos. Nenhum trabalho era digno dele. Ele queria, a todo preço, ser alguém importante. Repetia o tempo todo que sua família, antes da guerra, era rica e poderosa: seus avós eram proprietários de um jornal, de uma joalheria, de um açougue e donos de muitas terras.

Ele queria, única e exclusivamente, ter a sua própria empresa. Queria montar um negócio de transportes, vender carros ou, em associação com um

amigo, estabelecer uma casa de sementes de horticultura. Na realidade, ele nunca passou dos contatos preliminares. Em casa ele descontava nas crianças. Ainda que eu interferisse, as bofetadas choviam.

Eu ganhava a maior parte do dinheiro necessário para vivermos. Christiane tinha mais ou menos quatro anos quando encontrei um bom trabalho numa agência matrimonial. Eu era obrigada, às vezes, a trabalhar nos fins de semana para fazer os contratos, e aí Richard me ajudava. Durante dois anos as coisas andaram relativamente bem. Quando Richard brigou com meu patrão, perdi o meu emprego. Richard decidiu abrir sua própria agência matrimonial, um projeto grandioso. Com sede social em Berlim.

Mudamo-nos em 1968. Eu esperava que essa mudança de ares desse um novo alento ao casal. Mas, em vez do belo apartamento com suntuosos escritórios, caímos num apartamento com duas peças e meia do conjunto Gropius, quase no subúrbio. Richard não conseguiu fundos necessários para iniciarmos o negócio. Voltávamos ao que éramos antes. Ele descarregou sua raiva sobre mim e sobre as crianças. Uma vez, em um dos seus bons períodos, trabalhou durante certo tempo no comércio. No fundo ele era incapaz de se resignar a ser como todos os outros habitantes do conjunto Gropius, a fazer parte daquela gatinha.

Diversas vezes pensei em me divorciar, mas não tinha coragem de ir até o fim. O pouco de confiança em mim mesma, que meu pai me havia conseguido infundir, foi totalmente destruído por meu marido.

Felizmente encontrei rapidamente um trabalho em Berlim: esteno-datilógrafa num escritório, mil marcos por mês, líquido. O sentimento de ser considerada, de fazer algo, novamente me deu certa força. Parei de aceitar tudo o que meu marido queria. Comecei a achar a sua megalomania bastante ridícula. Nossas brigas se tornaram cada vez mais frequentes, cada vez mais violentas. Tínhamos feito várias tentativas de separação... Eu estava ainda muito ligada a ele — talvez pelo fato de ele ter sido o primeiro. E também por causa das crianças. Eu não tinha encontrado um lugar no jardim de infância para as crianças, e mesmo que tivesse encontrado não poderia pagar. Dessa forma, me tranqüilizava saber que Richard estava às vezes em casa. E assim sempre adiei minha decisão. Em 1973, finalmente, me senti bastante forte para reparar o meu erro. Fui consultar um advogado

e pedi o divórcio.

Eu queria preservar Christiane de tudo aquilo que eu tinha vivido. Tinha feito um juramento, no momento do seu nascimento: "É preciso que ela não se case com o primeiro que aparecer, somente para fugir de casa. Ela deve se expandir livremente, sem repressões". Gostaria de ser uma mãe moderna. Foi por isso que mais tarde me revelei muito permissiva.

Uma vez realizado o divórcio, tive que procurar um apartamento para morar, pois Richard se recusava a mudar. Encontrei um por seiscentos marcos por mês (a garagem estava incluída no preço, apesar de eu não ter necessidade, pois não tinha carro). Era muito caro para mim, mas eu não tinha escolha. Queria finalmente deixar meu marido e queria, a todo preço, que começasse uma vida nova para mim e minhas filhas.

Richard não tinha como pagar pensão alimentar. Eu disse a mim mesma: "Há uma só coisa a fazer: confiar nas próprias forças, fazer horas extras se for necessário, mas é preciso que as crianças tenham uma vida decente". Elas tinham então dez e onze anos, e durante toda a sua infância tinham vivido em um apartamento mobiliado com o estritamente necessário e mais nada. Não tínhamos sequer um sofá

decente. Meu coração sofria pelo fato de não poder dar às crianças um lar confortável.

Agora que estava divorciada, eu gostaria que isso mudasse. Finalmente, gostaria de ter um apartamento bonitinho onde nós três nos sentíssemos bem. Eu trabalhava para realizar esse sonho, para poder comprar um presente para as crianças, comprar roupas bonitas e sair alguns fins de semana sem me preocupar com as despesas.

Esse objetivo, eu o persegui com entusiasmo e muita garra. Ganhamos um belo quarto com o papel de parede escolhido por elas e móveis ao gosto delas. Em 1975 pude dar um aparelho de som a Christiane. Tudo isso me enchia de alegria; estava tão alegre de poder, finalmente, dar-lhes um pouco de bem-estar!

À tarde, ao voltar do trabalho, eu lhes trazia presentinhos. Pequenas coisas. Comprava umas coisas em algumas dessas grandes lojas... Geralmente era algo em liquidação, como um apontador de lápis engraçado, um brinde qualquer, alguma coisa para comer, etc. Elas pulavam no meu

pescoço. Sentia a sensação de que todos os dias era Natal.

Hoje, é claro, sei que era um meio de aliviar minha consciência, uma compensação pelo fato de eu não cuidar suficientemente delas. Eu não deveria ter-me preocupado tanto com o dinheiro, mas sim com cuidar mais de minhas filhas, em vez de trabalhar tanto. Hoje não entendo muito bem o porquê da minha atitude: por que as deixei tão sós? Os presentes não substituem o resto. Como as meninas tinham necessidade de mim, teria sido melhor que eu tivesse vivido do auxílio-família. Mas isso, para mim, seria uma derrota: meus pais me ensinaram que isso não se faz, não se deve ser um parasita do Estado. Talvez eu devesse ter exigido do meu ex-marido uma pensão alimentar. Não sei. De tanto me esforçar para ter um lar arrumadinho, perdi completamente de vista as verdadeiras prioridades das coisas. Por mais que eu pense e repense sobre o assunto, no final das contas sempre chego à conclusão de que deixei as crianças por conta delas mesmas. Christiane tinha necessidade de ser orientada, receber um sólido apoio. Era mais instável, mais sensível que sua irmãzinha. Nunca me ocorreu a idéia de que ela pudesse cair no mau caminho, apesar de saber o que se passava no conjunto Gropius. Havia brigas todos os dias. Bebia-se tanto que era freqüente ver um homem ou uma mulher ou até um adolescente bêbado de cair pelos cantos. Pensava que, se déssemos um bom exemplo, se não nos perdêssemos, as crianças nos tomariam por modelo e tudo iria bem.

Eu acreditava, verdadeiramente, que estávamos no bom caminho. De manhã as meninas iam à escola, ao voltar preparavam o almoço, e à tarde iam freqüentemente ao *poney-club*. As duas têm uma verdadeira paixão pelos animais.

Durante certo tempo tudo caminhava bem apesar de algumas cenas de ciúme entre as crianças e Klaus, meu amigo, que morava conosco. Eu queria estar um pouco disponível para ele, além do meu trabalho, da casa e das crianças. De certa maneira ele era meu porto de tranqüilidade. Neste caso, também, cometi um erro grave: para me dedicar melhor a ele, permiti à irmã de Christiane retornar à casa de seu pai. Richard, que se sentia só, a atraía, prometendo-lhe um monte de coisas.

Christiane voltava sozinha da escola. Começou a andar em más companhias. Eu não percebia nada. Ela passava freqüentemente as tardes

com sua amiga Kessi, que me parecia bastante razoável para a sua idade. A mãe de Kessi de vez em quando dava uma olhadinha nas duas. Éramos vizinhas, e às vezes Christiane ia à casa da amiga e em outros dias era ela que vinha para nossa casa.

Ela tinha doze ou treze anos, idade em que começamos a querer descobrir tudo, queremos fazer experiências. Não encontrei motivo para censurá-la quando passaram a frequentar à noite o Centro de Jovens organizado pela Igreja protestante. Eu estava convencida de que, estando lá, Christiane estava em boas mãos. Mesmo nos meus piores pesadelos eu não poderia imaginar que lá se fumava maconha.

Tranqüilizava-me ver Christiane, tão triste depois da partida da irmã, tornar-se uma alegre adolescente. Desde que se tornou amiga de Kessi, ela recomeçou a rir. Às vezes ela dizia besteiras com tanto entusiasmo que eu não podia deixar de rir. Como poderia adivinhar que sua alegria, seus sorrisos loucos eram efeitos de haxixe ou de outra droga qualquer?

* * *

Minha família era a turma. Nela eu encontrava amizade, ternura e algo parecido com amor. Só o beijinho na chegada já me parecia uma coisa fantástica. Todos davam e todos recebiam um pouco de ternura e amizade. Meu pai nunca me beijou assim. Na turma não havia problemas, não falávamos nunca de problemas, ninguém amolava os outros com suas merdas pessoais. Quando estávamos juntos, essa porcaria de mundo exterior não existia mais. Falávamos de música e drogas, algumas vezes de roupas e outras também de gente que, de um jeito ou de outro, deu um pontapé na bunda dessa sociedade policialesca. Achávamos legal quando alguém roubava um carro, assaltava um banco ou um apartamento.

Depois da minha viagem sentia-me igualzinha aos outros. Foi uma viagem maravilhosa, e tive sorte, pois para a maioria das pessoas a primeira viagem é ruim, é aquele pânico. Eu fiquei numa boa. Tive a impressão de ter passado num exame com sucesso. A partir daí, quando me ofereciam um comprimido de LSD, eu aceitava. Passei a ver as coisas e as pessoas de uma maneira totalmente diferente. Reencontrei a natureza. Antes eu tinha contato com a natureza graças ao meu cachorro, quando eu ia passear com ele. Agora era uma nova experiência. Quando não tinha ácido, fumava um

baseado antes do passeio. E fui descobrindo uma natureza desconhecida. Tudo se dissolvia em cores, formas e sons, refletindo o meu humor do momento. Achava realmente bacana a vida que levava. Durante vários meses senti-me quase contente comigo mesma.

Algum tempo depois as coisas começaram a se modificar com a nossa turma. Todos se sentiam agitados. O fumo e as viagens não nos estimulavam mais. Acostumamo-nos com isso. Estar baratinado era mais ou menos nosso estado normal. Não havia mais nada de extraordinário. . .

Uma tarde, um cara da turma chegou ao Centro anunciando: — Olha, gente, tenho um negócio novo, é Efedrina. Um negócio terrível. — Tomei dois comprimidos de Efedrina (é um estimulante), sem saber ao certo o que engolira. Tomei com cerveja, porque os outros faziam assim também... Sempre tive horror a cerveja, talvez porque tivesse horror das pessoas que se embriagam com cerveja.

De repente, o Centro foi invadido por pílulas de todos os tipos. Naquela mesma tarde tomei um Mandrix, que é um sonífero fortíssimo. Nessa tarde o mundo me pareceu realmente maravilhoso e o pessoal da turma, terrivelmente simpático.

Nas semanas que se seguiram arrasamos com os estoques das farmácias.

Na escola as coisas iam de mal a pior. Deixei, de uma vez por todas, de fazer meus deveres. Pela manhã nunca estava desperta. Apesar disso, passei de ano. Estudava algumas matérias como letras ou instrução cívica, quando encontrava um tema de interesse.

Mas foi precisamente nas matérias que não abandonei que encontrei cada vez maiores dificuldades. Com os professores e com os alunos. A maneira como nos tratavam e o relacionamento entre eles me pareciam abomináveis. Lembro-me de como discuti com um professor que nos queria falar de proteção ao meio ambiente. A classe toda estava completamente apática, ninguém se interessava. Porque não era preciso anotar nada, nem estudar. O blá-blá-blá do professor me exasperava. Estava certa de que ele deixava de lado tudo o que era verdadeiramente importante. Então explodi e gritei: — O que significa mesmo proteção ao ambiente? Primeiro é ensinar as pessoas a viverem com os outros, a se interessarem uns pelos outros. Em

vez disso, cada um tenta gritar mais alto, ser mais forte que o vizinho e passar o tempo todo a fazer sujeira para ter melhor nota que o outro. E os professores deveriam aprender a ver o que acontece e a julgar com equidade os alunos. — E assim prossegui. Era um professor de quem eu gostava muito; aliás, foi por isso que fiquei com raiva, eu sabia que valia a pena discutir com ele.

Estava realmente de saco cheio dessa escola. Não tínhamos nenhum contato, nenhuma relação pessoal com os professores. E os laços entre os alunos eram cada vez mais fracos, porque assistíamos a diferentes aulas. O objetivo era o de superar o vizinho. Ninguém dava uma mãozinha, cada um queria ser o melhor. Os professores massacravam os alunos; eles tinham o poder, eram eles que davam as notas. E se, ao contrário, fosse encontrado um bom professor que não soubesse se impor, eram os alunos que, em grupo, testavam o seu poder sobre o dos professores.

Eu percebia tudo, mas isso não me impedia de continuar a perturbar o curso cada vez que sentia vontade. A maior parte dos meus colegas só me compreendia nos momentos em que interrompia o professor soltando uma bobagem qualquer. Mas eles não sacavam quando eu falava seriamente, quando tentava dizer que a escola era uma merda.

No fundo não me importava muito; porque o importante para mim, dali para a frente, era ser reconhecida pelos caras da minha turma. E nela, toda essa merda, competição, *stress*, etc., não existia mais. Mas, mesmo assim, eu acabava ficando cada vez mais isolada, participando cada vez menos das discussões.

O papo era sempre o mesmo: a maconha, a música, a última "viagem", o preço da maconha, do LSD e dos diversos comprimidos, que iam ficando sempre mais caros. Sentia-me tão deprimida que não tinha mais vontade de falar e só queria ficar sozinha no meu canto.

Entretanto, passei a ter um novo objetivo: o Sound era uma discoteca. A cidade inteira estava coberta de cartazes que diziam: SOUND, A DISCOTECA MAIS MODERNA DA EUROPA. O pessoal da turma ia sempre lá, mas só era permitida a entrada a partir dos dezesseis anos. E eu acabara de fazer treze. Falsifiquei a data de nascimento na minha carteira de estudante, mas mesmo assim tive medo de que não me deixassem entrar.

Eu sabia que no Sound havia uma "cena" (*Lugar de encontro dos viciados e passadores. (N. do E.)*). Ali se vendia de tudo, desde a maconha até a heroína, incluído o Mandrix e o Valium. Pensei que devia estar lotado de caras realmente descontraídos. Era um lugar fabuloso para a menina que eu era, que de Berlim só conhecia o trajeto entre Rudow e o conjunto Gropius. O Sound, eu imaginava como um verdadeiro palácio, brilhando por todos os lados, um louco efeito de iluminação e uma música genial. E sobretudo os caras, o que de mais descontraído podia haver!

Já tentara ir lá com amigos várias vezes, mas não dera certo. Aí, eu e Kessi preparamos um golpe, como um verdadeiro plano de guerra. Um sábado, disse a minha mãe que iria dormir na casa de Kessi, que contou à sua que iria dormir na minha. As duas "engoliram" nossa história. Uma amiga de Kessi, chamada Peggy, era um pouco mais velha que eu e devia vir com a gente. Nós nos encontramos em sua casa e aí esperamos por seu namorado, Micha. Kessi, com um ar muito importante, contou-me que Micha se picava, quer dizer, injetava heroína. Fiquei fascinada, louca para conhecê-lo. Porque seria a primeira vez que ia encontrar alguém que usava droga pesada.

Micha chegou. Fiquei impressionada. Eu o achei ainda mais descontraído que os caras do meu bando. Mas, logo depois, meu complexo de inferioridade começou a agir, Micha nos tratava com muita condescendência. Pensei mais uma vez que tinha apenas treze anos e que este *junk (Indivíduo que utiliza drogas pesadas. (N. do E.)*) estava muito longe de mim, já era adulto. Senti-me diminuída.

Aliás, Micha morreria alguns meses mais tarde.

Pegamos o metrô e fomos até a Kurfürstenstrasse. Naquela época, achei o trajeto bastante longo. Sentia-me muito longe da minha casa. A Kurfürstenstrasse, no cruzamento com a Potsdamerstrasse, pareceu-me um lugar deplorável. As meninas andavam pelas ruas à toa. Eu não sabia ainda, naquela ocasião, que o que elas faziam era *trottoir*. Observamos, também, que alguns caras passavam pra lá e pra cá. Peggy então me contou que eram os passadores. Se naquela época alguém me tivesse dito que eu também iria andar por ali, quase todos os dias, certamente o chamaria de maluco.

Chegamos ao Sound. Quando lá dentro, por pouco não caio de costas. Não tinha nenhuma relação com o que eu imaginava. "A discoteca

mais moderna da Europa" era um porão, com o teto bem baixo, sujo e barulhento. As pessoas, cada uma por si, pulavam na pista de dança. Uma multidão sem nenhum contato entre si. Cheirava mal. O ventilador de vez em quando misturava os cheiros...

Sentei-me em um banco e não ousei sair do lugar. Tinha a impressão de que me olhavam, que todo mundo via que não tinha nada para fazer ali. Kessi imediatamente entrou na onda. Corria de um lado para outro à procura de caras. Ela disse que nunca vira tantos caras assim de uma só vez. Eu estava petrificada. Os outros já se haviam abastecido com comprimidos de não sei o quê e bebiam cerveja. Não quis tomar nada. Passei a noite toda diante de dois copos de suco de frutas. Se eu me desse ouvidos, voltaria para casa, mas eu não podia! Minha mãe acreditava que eu dormia na casa de Kessi. Esperei até as cinco horas, até a hora de fechar. Houve um momento em que desejei que minha mãe tivesse descoberto tudo e que viesse me buscar. Se eu pudesse tê-la de repente ao meu lado. . . E adormeci.

Os outros me acordaram às cinco horas. Kessi disse que ia embora com Peggy. Sentia dor de barriga. Ninguém me ajudou. Sozinha, às cinco horas da manhã, eu subia a Kurfürstenstrasse até a estação do metrô. O metrô estava cheio de bêbados. Tive vontade de vomitar.

Fazia muito tempo que eu não ficava tão feliz, ao abrir a porta do apartamento e ver minha mãe sair do seu quarto.

Eu lhe disse que Kessi se levantara muito cedo e que eu viera para casa para dormir até tarde, para dormir numa boa. Levei meus dois gatos para minha cama e me enfiei debaixo das cobertas. Um pouco antes de dormir disse a mim mesma: "Christiane, estas coisas não são para você. Você está no mau caminho".

Acordei ao meio-dia ainda me sentindo mal. Sentia necessidade de falar com alguém sobre o que acontecera comigo. Sabia que ninguém da turma iria me compreender. Achei que só podia falar sobre isso com minha mãe.

Mas não sabia como começar. Disse-lhe: — Escute, mamãe, ontem à noite fomos ao Sound. — Minha mãe fez uma expressão de horror. Eu continuei: — Afinal, não é tão ruim. Essa discoteca é enorme. Tem até um

cinema.

Minha mãe recomeçou com suas broncas de sempre. Eu esperei que ela me interrogasse, mas ela não perguntou nada. Estava cansada, como sempre, naquela tarde de domingo: faxina, almoço, problemas com seu companheiro. E não tinha vontade de ficar mais nervosa ainda discutindo comigo. Talvez ela não tivesse mesmo vontade de saber.

Eu não tive coragem de falar. Aliás, eu nem sei se sentia vontade de falar. Naquela época eu não tinha consciência de nada. Eu vivia controlando meu humor, não pensava no futuro, não tinha projetos. Que projetos poderia eu ter tido? Não falávamos nunca do futuro.

No fim de semana seguinte, Kessi veio dormir em minha casa como tinha sido combinado entre nossas mães. Arrastei-a até em casa. Ela estava completamente dopada. Eu também já havia tomado alguma coisa, mas ainda me equilibrava. Kessi ficou plantada no meio da rua, em êxtase, vendo dois faróis indo para cima dela. Fui obrigada a puxá-la até a calçada para que não fosse esmagada. Eu a empurrei até meu quarto, mas minha mãe apareceu. Kessi e eu tivemos a mesma alucinação: minha mãe era muito gorda para entrar no quarto, e ficou presa no batente da porta. Isso nos fez rir tanto que não conseguíamos mais parar. Vi minha mãe transformada em dragão — um enorme dragão inofensivo com um osso bem decorativo pregado no meio dos cabelos. Nos dobrávamos de tanto rir e minha mãe sorriu alegremente com a gente. Acho que ela pensou: "Eis aí duas adolescentes louquinhas!"

Daí em diante, Kessi passou a me levar quase todos os sábados ao Sound. No início, eu a acompanhava simplesmente porque, se não fosse, não saberia o que fazer sábado à noite. E, pouco a pouco, eu me habituei ao Sound. Conteí à minha mãe que a gente ia ao Sound. Ela me autorizou com uma condição: que eu voltasse para casa no último metrô.

Ia correndo tudo bem até um sábado do verão de 1975. Tínhamos decidido passar a noite no Sound. Aí, como sempre, dissemos que dormiríamos uma na casa da outra. Dava sempre certo essa história, porque não tínhamos telefone. As duas mães não nos podiam controlar. Primeiro fomos ao Centro de Jovens, onde esvaziamos duas garrafas de vinho. Depois preparamos um daqueles cigarros de maconha. Kessi, além disso, ainda engolira uns comprimidos de Efedrina, que às vezes provocavam

crises de consciência.

Quando notei que Kessi tinha desaparecido, pensei: "Merda, e agora?" Ocorreu-me uma idéia do lugar onde ela poderia estar e fui direto para o metrô. Ela lá estava! Dormia, deitada num banco. No chão, perto de sua mão, um saquinho de batatas fritas. Antes que eu conseguisse acordá-la, chegou um metrô, e dele desceu a mãe de Kessi. Ela trabalhava em uma sauna e voltava do trabalho às dez da noite. Quando encontrou sua filha, que na verdade deveria estar em minha casa, deu-lhe duas bofetadas, uma à direita, outra à esquerda. Deu para escutar o estalo. Kessi acordou vomitando. Sua mãe agarrou-a pelo braço, como faz a polícia, e levou-a embora.

Esse par de bofetadas na estação de metrô provavelmente evitou muita coisa. Sem ele, Kessi teria, sem dúvida, e antes ainda que eu, aterrissado na "cena" e na prostituição de crianças. E não estaria em condições de fazer o exame para sua formatura.

Kessi ficou proibida de me ver e não mais podia sair de noite. Durante certo tempo, eu me senti muito só. A turma já não me oferecia grande coisa. Continuávamos a nos encontrar no Centro de Jovens, mas eu não podia suportar a idéia de não ir ao Sound aos sábados. Cada vez mais gostava dos caras "quentes" que o freqüentavam. Eles eram os meus ídolos. . . Eram mesmo muito mais sensacionais que os carinhos da turma, que nunca punham o nariz pra fora do conjunto Gropius. O único problema era que eu andava sempre "dura". Kessi recebia cem marcos de mesada, dava para a maconha e para os comprimidos. Dali em diante era preciso que eu descolasse a grana sozinha, se preciso, até roubando. Não tinha ninguém para me acompanhar ao Sound, então ia sozinha. Na sexta-feira seguinte ao par de bofetadas, fui à farmácia comprar uma caixa de Efedrina (isso se vende sem receita).

Já não tomava dois comprimidos, mas quatro ou cinco. Ia ao Centro de Jovens para pedir dinheiro para um baseado e em seguida corria para o metrô. Não pensava em Kessi. Aliás, não pensava em nada. Vivia num mundo estranho e fantástico, o dos maconheiros.

Em cada estação eu me divertia procurando entre as pessoas que subiam aqueles que iam ao Sound. Via-se logo: um jeito especial, cabelos longos, botas com salto de dez centímetros. Meus ídolos, os ídolos do

Sound! Já não tinha medo de ir sozinha. Na escada esbarrei em um rapaz. Ele me olhou e murmurou alguma coisa. Eu o achei terrivelmente descontraído. Era alto, magro, com cabelos loiros, compridos, e um ar extraordinariamente calmo. Ainda na escada começamos a conversar. Eu me sentia bem mesmo. Nós nos entendíamos, e cada frase nos aproximava mais; gostávamos do mesmo tipo de música, fazíamos o mesmo gênero de "viagem". Ele se chamava Atze. Foi o primeiro rapaz que achei realmente sensacional. Pensei ser amor à primeira vista. Pela primeira vez na vida ficava gamada por um cara.

Atze me apresentou aos seus amigos. Uma turma bem descontraída. Logo entrei na deles. Falava-se de drogas e dos melhores métodos para "voar". E sobre isso eu já sabia tanto quanto eles. Falaram também da heroína. Estavam todos de acordo "que é uma sujeira, que é melhor dar um tiro na cabeça do que se meter com heroína". Dei minha opinião: — É preciso ser completamente débil para se picar. — Depois falamos de roupas: como ajustar os *jeans*. Sobre isso também podia dar a minha opinião: emagrecia tão depressa que necessitava fazê-lo quase a cada semana. Os *jeans* super-justos eram, aliás, uma espécie de marca de fábrica para os frequentadores do Sound. Eu lhes ofereci o único trabalho de costura que sabia fazer: ajustar calças.

Não precisei batalhar para ser aceita pela turma. Sentia-me tão calma, com tanta confiança em mim, que até me espantei.

Havia um outro rapaz que logo achei muito simpático. Chamava-se Detlef. Era bastante diferente de Atze, muito delicado, com um rosto muito meigo, bonito, ainda com traços infantis. Tinha dezesseis anos. Era com ele que conversava com mais liberdade. Detlef tinha uma namorada muito engraçada, Astrid. Ela tinha classe. Dizia cada uma que a gente rolava de tanto rir. Tinha sempre a palavra exata. Era o que eu mais admirava nela.

Havia somente um cara, na turma, de quem era preciso desconfiar: Blacky. Se falássemos qualquer bobagem, ele dizia coisas que machucavam a gente. Uma vez contei que, depois de fumar, brinquei no metrô com um bebê que era um verdadeiro anjo; Blacky, imediatamente, fez um comentário estúpido. Era preciso prestar muita atenção para falar quando ele estivesse por perto. Havia um outro rapaz de quem eu não gostava: era um garanhão. Depois de minha aventura com Charly eu não suportava mais

esse tipo de cara, mas ele não ficava todo o tempo com a turma. . .

Passamos a noite conversando, saindo de vez em quando para puxar um fumo. Depois que o Sound fechou, fomos ainda dar uma volta em Kurfürstendamm. No metrô, no caminho de volta, eu estava invadida pela felicidade! Fui "aterrissando" devagarinho, sentindo uma agradável moleza, pois, pela primeira vez na vida, estava apaixonada.

Dali em diante vivia esperando pelos fins de semana.

Atze era terno, cheio de cuidados. Na terceira vez em que nos encontramos no Sound, ele me beijou e eu retribuí seu beijo. Foi um beijo bem inocente, não queria ir mais longe do que isso. Atze sentiu e compreendeu, sem que fosse necessário tocar no assunto. É a grande diferença entre os drogados e os alcoólatras. A maioria dos drogados é sensível aos sentimentos dos outros, pelo menos quando se trata de um dos membros da turma. Os alcoólatras, quando estão bêbados, dão porrada nas meninas. Sempre querem trepar. Nós não, nós tínhamos uma outra idéia das coisas importantes.

Atze e eu éramos como irmãos. Ele era o meu irmão mais velho. Andávamos sempre de braços dados, o que me dava a sensação de estar protegida. Atze tinha dezesseis anos, era aprendiz de vidraceiro, e seu trabalho era, para ele, uma verdadeira merda. Ele tinha uma idéia bem clara sobre aquilo que deve ser uma moça "legal". Para lhe agradar mudei de penteado e comprei numa loja de roupas usadas um casaco (ele adorava casacos). Era um máxi, com uma abertura que ia até a bunda. Não imaginava mais a vida sem Atze.

Também já não voltava para casa às cinco da manhã. Quando o Sound fechava, permanecia com a turma. Aterrissávamos juntos e passávamos toda a manhã a badalar pela cidade. Íamos a exposições, ao Zoo, ou ao Kurfürstendamm.

Às vezes ficávamos juntos o domingo inteiro. Conteí à minha mãe a história de Kessi, mas inventei novas amigas na casa de quem ela acreditava que eu dormia. Tive sempre uma enorme imaginação quando se tratava de contar à minha mãe onde e como passava os meus fins de semana.

Durante a semana continuava a me encontrar com a antiga turma do Centro de Jovens, mas ficava sempre de lado, com ares misteriosos.

Algumas vezes contava minhas aventuras no Sound. Eu acho que eles me admiravam. Que eu já dera mais um passo para dentro da merda total, ainda não sabia. E muito menos ainda que, dentro de muito pouco tempo, a maior parte deles também me seguiria.

No Sound havia todo tipo de drogas, e eu tomava de tudo, menos heroína: Valium, Efedrina, "Mandrakes", etc. E ainda, é claro, fumava maconha paca. Pelo menos duas vezes por semana, tirávamos o maior barato. Engolíamos estimulantes e barbitúricos aos montes: tudo isso devia provocar uma guerra no organismo, e assim tínhamos sensações incríveis. Podia-se escolher o estado de espírito: bastava tomar maior ou menor quantidade de estimulante ou de tranqüilizante. Quando queria fazer uma verdadeira festa no Sound, quando queria mesmo desafogar, carregava na Efedrina. Se queria ficar tranqüila, assim na minha, ou ver um filme no cinema do Sound, me enchia de Valium e "Mandrake". Durante algumas semanas fiquei nas nuvens, feliz. . . Mas isso durou até aquele sábado horróroso. Estava chegando ao Sound quando encontrei Uwe, um cara da turma, na escada. Ele me disse: "Você sabe que Atze deixou seu trabalho?" Silêncio. E disse ainda: "Agora ele vem aqui todas as noites". Percebi que Uwe tinha uma maneira esquisita, e saquei imediatamente: devia haver outra menina na história.

Perguntei: "O que está acontecendo?" E Uwe respondeu: "Ele tem uma noiva, Moni".

Que choque! Ainda tinha uma esperança! Podia não ser verdade. Desci até a discoteca. Atze lá estava, sozinho. Nada havia mudado, ele me beijou, e depois foi guardar minhas coisas junto com as dele, na portaria. No Sound era preciso sempre guardar bem as coisas, senão nos roubavam. Moni chegou um pouco mais tarde. Eu nunca tinha prestado muita atenção nela. Sentou-se, naturalmente, com a gente, pois fazia parte da turma. Fiquei um pouco de lado e a observá-la. Ela era muito diferente de mim, baixinha, gordinha, sempre sorrindo. Com Atze era assim, maternal... Comecei a pensar: "Não vai me chutar por causa dessa gorda idiota". Mas fui obrigada a reconhecer que ela tinha um rosto muito bonito e lindos cabelos loiros e compridos. Falei comigo mesma: "Talvez ele tenha necessidade de uma menina assim maternal e sempre de bom humor". Uma outra suspeita: "Atze tem necessidade de alguém que queira dormir com ele. Esta Moni... é bem seu gênero".

Estava bem lúcida. Aliás, nessa noite eu não havia tomado nada. Quando não suportei mais vê-los juntos, fui para a pista de dança para aliviar o sufoco. Quando voltei eles tinham desaparecido. Procurei-os por toda parte correndo como uma louca. Encontrei-os no cinema abraçados... Não sei como consegui ir procurar os outros amigos da turma. Alguém entendeu imediatamente o que estava acontecendo comigo: Detlef. Ele me abraçou. Eu não queria chorar. Sempre achei terrivelmente idiota chorar na frente do bando. "Por que idiota?" Não sei. . . Mas, quando senti que não podia mais conter as lágrimas, corri para fora. Atravessei a rua e fui me esconder no jardim em frente ao Sound. Chorei como Madalena. De repente, Detlef estava ao meu lado. Estava muito ocupada comigo mesma para atinar com o significado de sua presença. Só mais tarde avaliei como foi bonito, da parte dele, ter saído à minha procura. Não queria mais rever Atze, olhá-lo, depois de ter chorado na frente de todo mundo por causa dele. Mas Detlef me levou de volta ao Sound. Precisava voltar de qualquer jeito, pois era Atze quem guardava as minhas coisas. Voltei a mim, e decidi ir até o cinema reencontrá-lo. Mas não tive coragem. Detlef, que não me largara, se encarregou de fazê-lo.

Eram quase duas horas. Havia perdido o último metrô. Plantada na porta do Sound, não sabia para onde ir. Morria de vontade de me drogar. Tinha necessidade, mas não tinha um puto tostão. Aí passou um cara do bando do Centro de Jovens, Pantera. Sabia que Pantera vendia LSD e que tinha sempre boa mercadoria. Pedi-lhe que me desse o suficiente para uma "viagem". Ele me passou um comprimido de excelente qualidade, sem mesmo me perguntar por que eu tinha tanta necessidade numa hora daquelas.

Engoli a coisa e desci outra vez para dançar. Dancei durante pelo menos uma hora, me descabelando como uma louca. Mas não senti nenhum barato. Achei que Pantera havia me enrolado. Felizmente naquela noite alguns do Centro de Jovens estavam também no Sound. Falei com Piet da minha história com Atze. Ele também havia tomado LSD e, naquele momento, pensava em outra coisa. Contentou-se em me dizer: — Esquece isso, minha filha, não esquenta — e outras fórmulas do gênero. Enquanto comia um pudim de baunilha, dizia comigo mesma: "A gente está sempre só. A vida é uma bosta". Fui levar o potinho do pudim para recuperar o depósito — no Sound pagava-se depósito por qualquer recipiente, para

evitar roubo —, e de repente é isso aí, é como um raio, eu caí levando comigo o banco. Levantei e voltei a dançar até a hora de fechar. Lá fora encontrei o bando incluindo Atze e Moni. E nem me toquei com isso. Atze levou Moni para sua casa. Nós fomos em direção ao Zoo. Alguém sugeriu ir ao Europacenter, onde acabamos indo à pista de patinação. A noite estava fresca, chovera e havia muita água em cima do gelo. Eu escorreguei nessa água imaginando andar sobre o mar. Escutei um barulho de vidro quebrado: os meninos tinham atacado a vidraça do caixa. Um deles passou pelo vidro quebrado, abriu a gaveta e nos jogou pacotes de moedas. Antes que me tivesse dado conta, todo mundo começou a correr. Os meus saltos altos me atrapalharam. Caí simplesmente deitada sobre o gelo. Fiquei toda molhada. Detlef me esperou e me deu a mão. Quando chegamos diante do Café Kranzler, dividimos a grana. Cada um tinha direito a uma parte. Achei genial. Ganhei dois pacotinhos de moedas de cinco marcos. Todo mundo estava louco de alegria. Não tanto pelo dinheiro, mas porque dribláramos os dois guardas particulares que vigiavam o Europacenter à noite. Havia muito tempo que eles estavam de olho na gente. As moedinhas de dez *Pfennige* a gente não dividiu. Jogamos todas pro ar. Caiu uma chuva de moedas de dez *Pfennige* na frente do Café Kranzler.

Fomos para a Estação Zoo, onde ainda havia um boteco aberto. Tive má impressão. Era a primeira vez que punha os pés na Estação Zoo. Era nojento ver crianças deitadas no vômito, bêbados por todos os cantos. Eu não imaginava que dentro de alguns meses também fosse passar todas as minhas tardes nesse lugar.

Lá pelas seis horas decidi voltar para casa. Já na cama quase tive um *freak out* (*Em inglês no original: "alucinação". (N. do E.)*), pela primeira vez na minha vida. Na parede eu tinha um *pôster* representando uma negra fumando um baseado. No canto inferior direito havia uma pequena mancha azul, que ia se transformando numa más cara deformada, num verdadeiro Frankenstein. Consegui, com muito esforço, já assim numa pior, concentrar meu pensamento noutra coisa.

Acordei ao meio-dia, toda dura, insensível, como morta. Tudo no que conseguia pensar era: "Como você deve ser feia, para o seu primeiro namorado largá-la assim tão depressa". Fui ao espelho, e quando me vi odiei-me. Ainda no dia anterior achava meu rosto tão legal, tão misterioso, exatamente o rosto de uma menina super descontraída. E agora estava com

a cara abatida, as olheiras negras fundas sob meus olhos, estava cheia de espinhas. Aí pensei: "Christiane, o Sound acabou. Você não pode mais aparecer para Atze e seu bando". Nos dias seguintes me esforcei para matar em mim todos os sentimentos pelos outros. Não tomei mais comprimidos, nem LSD. Fumava baseado o tempo todo e ainda tomava chá com maconha o dia inteiro. Depois de alguns dias estava legal outra vez. Conseguia não amar mais ninguém a não ser a mim mesma. Tive a impressão de que dominava meus sentimentos. Não queria mais retornar ao Sound.

O sábado seguinte àquele foi, talvez, o mais longo de toda a minha existência. Fiquei em casa. Era a primeira noite de sábado que passava em casa havia muito. Não fui ao Sound. Não conseguia assistir à televisão, tampouco dormir. E não tinha droga suficiente para me dopar. Percebi que já não sabia mais viver sem o Sound e sem as pessoas que o freqüentavam. Sem elas minha vida tornara-se completamente sem sentido.

Foi então que comecei a ficar feliz só em pensar na sexta-feira que se aproximava, sem me dar conta de que, na realidade, o que eu queria mesmo era retornar ao Sound. Passei a semana bolando penteados diferentes, até que decidi não mais me pentear. Achava que passando a andar descabelada isso me daria um ar mais misterioso.

Na sexta, tudo recomeçou. Engoli alguns comprimidos de Valium com cerveja e ainda mandei uns "Mandrakes" para dentro. Tudo isso antes de retornar ao Sound. Cheguei à conclusão de que assim não temeria um reencontro com Atze, muito menos com a turma. Agora nada mais fazia diferença. Peguei emprestado um grande chapéu *jeans*, sentei-me à mesa, apoiei a cabeça sob o chapéu e cochilei durante quase toda a noite.

Quando acordei Detlef havia levantado o chapéu e acariciava meus cabelos. Ele me perguntou o que eu tinha.

Respondi: — Nada. — Mostrei-me distante, mas achei lindo que ele se preocupasse assim comigo. No fim de semana seguinte ficamos todo o tempo juntos. Agora tinha um outro motivo para ir ao Sound: Detlef. Não era aquela paixão como foi com Atze. No princípio só ficávamos juntos no Sound. Batíamos longos papos. Nos entendíamos às mil maravilhas, mas era muito diferente do que vivi com Atze. Nenhum de nós dois era superior, nem procurava impor seu ponto de vista ao outro. Com Detlef eu podia falar de tudo sem medo que ele viesse a se utilizar das minhas fraquezas.

Aliás, eu o achei simpático desde o nosso primeiro encontro, mas não era um tipão como Atze. Detlef era muito bonitinho, muito bebê. Entretanto, percebi, pouco a pouco, que minha amizade com ele me dava muito mais tranqüilidade do que minhas relações com Atze. Defendia-me, pois não queria nunca mais ficar dependendo de um rapaz. Mas, a cada semana que passava, amava-o mais. E um dia fui obrigada a reconhecer que estava apaixonada pra valer.

Tornei-me mais calma. Isso deveu-se também ao fato de não tomar, quase nunca, estimulantes, mas cada vez mais tranqüilizantes. Perdi toda a minha vivacidade. Já quase não dançava. Só ficava um pouco agitada quando não conseguia Valium para tomar.

Em casa, as coisas também começavam a melhorar. O relacionamento com minha mãe e seu companheiro tornara-se mais agradável. Não discutia com eles, não lhes dava respostas malcriadas; enfim, desistira de brigar. Havia chegado à conclusão de que nada iria mudar mesmo; então, para que esquentar? Com isso percebi que as coisas ficavam muito mais fáceis.

No Natal de 1975, com treze anos de idade, pensei ter, graças à minha resignação, conseguido estabelecer com minha mãe relações suficientemente descontraídas para que ela pudesse engolir pelo menos parte da verdade. Contei-lhe, então, que nem sempre dormia na casa de Kessi. E que, quando perdia o último metrô, passava a noite toda no Sound. É claro que sua reação foi muito violenta. Deu-me a maior bronca, aos berros. E eu então lhe disse que era melhor passar a noite, de vez em quando, numa discoteca e voltar em seguida numa boa para casa, do que fugir de casa e andar por aí, como tantas meninas do conjunto Gropius. E também lhe disse que era melhor ela saber onde eu estava do que escutar muitas mentiras. Ela engoliu minha história.

Na verdade, não tinha mais vontade de contar minha vida para minha mãe, mas era um saco ter de mentir o tempo todo e, além disso, tinha cada vez mais dificuldades para inventar histórias plausíveis. Foi exatamente por causa disso, por não ter encontrado nenhum pretexto para passar o Natal e o Ano-Novo no Sound, que parti para uma "confissão" a minha mãe. Ela permitiu que eu saísse todas as noites no período das festas de fim de ano. Fiquei até surpresa. É verdade que lhe falei que o Sound era um lugar

bastante conveniente, que um adolescente não corria nenhum perigo e, além disso, que todos os meus amigos estariam lá, etc., etc., etc. Além do mais, eu a fiz compreender que seria bom para ela me deixar desabafar uma vez por semana, porque assim ficava mais tranqüila em casa.

Entretanto, no Sound, a barra começava a ficar cada vez mais pesada. A heroína chegou como uma bomba. Também na nossa turma era comum o papo sobre a H, só se falava nisso. No fundo, todos eram contra, pois já haviam presenciado muita gente destruída pela heroína. Mas, pouco a pouco, cada um ia experimentando a sua primeira picada, e a maioria ficou na da H. A verdade é que a heroína destruiu a nossa turma. Aqueles que a utilizavam passaram, imediatamente, para uma outra.

A mim, a heroína inspirava um verdadeiro horror. Quando se falava nessa coisa, eu me conscientizava dos meus treze anos. Por outro lado, tinha cada vez maior admiração pela turma que se picava. Eles passaram a ser os "seres superiores" para mim. O pior é que eles olhavam para nós, viciados em maconha e tranqüilizantes, com o maior desprezo. Haxixe, para eles, era droga para bebês. Isso, de uma certa forma, me deprimia, pois acreditava que jamais entraria na "cena". Não haveria, portanto, mais degraus a subir; eu sabia perfeitamente bem que a heroína era o fim, o fundo do abismo, e tinha verdadeiro pavor dessa droga.

Para mim dava no mesmo o bando se desfazer; eu tinha Detlef. Entre ele e mim as coisas estavam cada vez melhores. Um domingo, no início de 1976, levei-o a minha casa. Sabia que minha mãe e seu companheiro estavam ausentes. Cozinhei para Detlef, preparei-lhe um almoço de verdade. Sentamo-nos à mesa e comemos nosso almoço dominical como um verdadeiro casal. Eu achei isso um treco genial.

Depois disso só pensava em Detlef durante toda a semana. Esperava impaciente pela sexta-feira e pelo momento de revê-lo no Sound, para onde ia, toda feliz, sem ter tomado nada. Certa vez, Detlef estava com uma garota que era um lixo. Sentei-me ao lado deles, mas Detlef mal me olhava. Estava ligado em outra coisa. Durante um segundo pensei que tudo fosse recomeçar: o mesmo que com Atze. Mas era uma idiotice, seria o máximo ele me deixar por causa daquela loura disforme.

Aliás, eles não se falavam, apenas trocavam algumas frases desencontradas, que me pareciam sem nenhum sentido. A única coisa que

entendia é que se tratava de heroína. E, de repente, saquei: Detlef queria heroína ou então era a garota que estava tentando passá-la. Entrei em pânico. Gritei, gritei mesmo, literalmente: — Merda, meu caro, você está completamente louco! Você tem dezesseis anos! Não vai se picar!

Ele parecia não escutar. Continuei: — Engula o suficiente para três viagens de uma só vez, eu procuro pra você, mas não seja cretino, eu te suplico. — E eu lhe supliquei pra valer. Ele nem por isso reagiu. E foi então que cometi um erro monumental. Depois pensei muito nisso. Fiquei completamente descontrolada e recomecei a gritar: — Se você tomar H vai ser o fim entre nós dois. Você pode se mandar. Não quero mais te ver. — E aí me levantei e fui dançar.

Agi como uma idiota. Não deveria nunca ter feito esse escândalo. Deveria ter esperado, quando estivéssemos sozinhos, para falar com calma. Eu tinha influência sobre ele. E o pior foi tê-lo deixado só, porque ele já estava fora de si.

Duas ou três horas mais tarde, alguém me contou que Detlef e Bernd, seu melhor amigo, tinham se picado. Eles nem ao menos cheiraram primeiro, se picaram diretamente.

Reencontrei Detlef no meio da noite. Ele me sorriu, um sorriso que parecia vir de muito longe. Parecia feliz. Não sentia necessidade de falar comigo. E eu não queria ir ao seu encontro. Foi ainda pior do que na noite em que perdi Atze. Detlef partira, partira para um mundo que não era o meu. Num golpe só, por causa de um dedo de líquido numa seringa, não havia mais nada em comum entre nós.

Continuei a freqüentar o Sound. Detlef logo arranjou uma outra namorada. Ela se chamava Angie, era horrorosa e sem coração. Constatei que simplesmente eles não tinham nenhum contato. Nunca vi Detlef conversar com ela. Algumas vezes ele vinha me ver, mas se comportava como um estranho. Em geral, vinha somente quando precisava de cinco ou dez marcos para pagar uma picada. Quando tinha, eu lhe dava.

As manhãs de domingo tornaram-se insípidas. Completamente arrasada, arrastava-me até o metrô e pensava: "Tudo isso é mesmo uma grande merda". Sentia-me totalmente perdida. Não sabia por que ia ao Sound, não sabia por que me drogava, não sabia o que fazer da vida; enfim,

eu não sabia de mais nada. A maconha, também, já não me satisfazia mais. Quando me afastava da droga, sentia-me cada vez mais isolada, incapaz mesmo de me comunicar com quem quer que fosse. Mas era preciso conversar com alguém, e, como não tinha mais Detlef, cada vez eu tomava maior quantidade de comprimidos.

Num sábado, como tinha grana, fui longe demais. Como estivesse com o moral completamente a zero, engoli dois Captagon, três Efedrina e alguns comprimidos de cafeína. Para ajudar a descer tudo isso, mandei cerveja junto. Cheguei na "alta", mas ainda não me sentia legal. Então enfiei pela garganta adentro Mandrix e uma boa quantidade de Valium.

Não sei bem como consegui chegar a casa. Em todo caso, sei que caí em qualquer ponto entre o metrô e o lugar onde moro. Vi uma escada na porta de uma loja, me arrastei até lá e ali me encolhi. Depois de pouco tempo, consegui me levantar e andar de um ponto de apoio ao outro. De um poste a uma árvore, de uma árvore ao próximo poste e assim por diante. O trajeto parecia interminável, mas era preciso que eu fosse até o fim. Do contrário acabaria morrendo ali na rua. O pior era a dor no peito. Tive a impressão de que alguém me enterrava um punhal no coração. Na manhã do dia seguinte, portanto segunda-feira, minha mãe não conseguiu me acordar. E, à tarde, quando voltou do trabalho, eu ainda estava deitada, imóvel. Várias vezes ela me forçou a tomar umas colheres de mel. Foi só na terça-feira, depois do almoço, que consegui me levantar. Disse à minha mãe que tinha apanhado uma gripe e que estava com a pressão baixa. Na verdade isso acontecia sempre comigo. E ainda expliquei que vários alunos do colégio estavam com o mesmo problema, talvez pela puberdade e pelo crescimento rápido. Queria evitar a qualquer preço que ela chamasse o médico, pois temia que ele percebesse o que acontecia comigo. Ela realmente não o chamou, parecia sempre satisfeita com as minhas explicações.

Estava de saco cheio desses comprimidos. Não tomei mais nada até o outro sábado. Sentia-me um trapo.

Sábado, no Sound, decidi oferecer-me uma "viagem". Foi um completo horror. Pela primeira vez tive um verdadeiro *freak out*. A máscara de Frankenstein, que saía do ponto azul, retornava. Depois tive a impressão de estar perdendo todo o meu sangue. Essa sensação durou horas. Não

podia mais andar, nem falar. Cheguei sem saber como à sala de cinema do Sound. Fiquei cinco horas numa poltrona, sentindo que estava perdendo todo o sangue.

Já não tinha nada: nem comprimidos nem LSD. E fazia algum tempo que não tinha mais vontade de fumar maconha. A não ser um Valium, me mantive limpa durante quase três semanas. Foi uma época de completa merda. Mudamo-nos para Kreuzberg, bem perto do Muro. O bairro era feio, mas o aluguel ali era mais barato. Levava meia hora de metrô para chegar à escola no conjunto Gropius. Em compensação, estava bem perto do Sound.

O Sound sem droga era triste. Não acontecia absolutamente nada. Mas uma manhã, quando ia pegar o metrô, vi que estavam colocando por todos os lados *posters* lindamente *pop*. Podia-se ler: "David Bowie vem a Berlim". Eu não podia crer: David Bowie era o nosso super ídolo, o mais legal de todos, sua música era a melhor. Todos os rapazes queriam ser iguais a ele. E eis que David Bowie vinha a Berlim.

Minha mãe conseguiu, através do seu trabalho, duas entradas grátis para o concerto. Foi engraçado como imediatamente eu soube a quem oferecer a segunda: Frank. Por que ele? Naquela época eu nem pensei nessa questão. Frank fazia parte da velha turma do Sound, e era o próprio David Bowie. Ele até pintou os cabelos de ruivo. Talvez tenha sido por isso que eu o escolhi.

Mas Frank foi também o primeiro a se picar. O primeiro a ter dependência física da H. Antes, nós o chamávamos "Pintinho". Aí passamos a chamá-lo de "Macbeth" porque parecia um cadáver ambulante. Como quase todos os rapazes da turma, ele tinha uns dezesseis anos, mas era extraordinariamente perspicaz para a sua idade. Frank estava acima de tudo, por isso não precisava nunca mostrar ares superiores, mesmo que fosse com uma menina maconheira como eu.

Portanto, escolhi para me acompanhar ao *show* de David Bowie, uma noite que considerava um dos grandes acontecimentos da minha vida, justamente um toxicômano, um tipo drogado até os ossos. Na verdade, eu não avaliava bem a importância disso quando propus tão espontaneamente essa entrada a Frank. Vivia mudando inconscientemente. Acho que, sem perceber, mudei minha atitude em relação à H no decorrer dessas semanas, quando os comprimidos, a maconha e o LSD não me traziam mais nada. Em

todo caso, as barreiras que me separavam dos toxicômanos, aparentemente, haviam sido destruídas.

No dia do concerto marquei um encontro com Frank na Hermannplatz. Nunca tinha reparado como era comprido e magro. Ele me explicou que não pesava mais do que sessenta e três quilos. Acabara de se pesar no Centro de Transfusão de Sangue. Frank ganhava parte do dinheiro de que necessitava para comprar droga vendendo seu sangue. E eles compravam, apesar de ele ter uma aparência macabra, de seus braços estarem crivados de picadas: é que os toxicômanos freqüentemente têm icterícia.

Quando já estávamos no metrô, lembrei-me de que havia esquecido meu Valium. Disse a Frank: — Droga! Tinha que tê-lo trazido, para alguma eventualidade durante o concerto... — Na verdade, eu já havia engolido uma boa quantidade de Valium em casa. Não para ficar dopada, mas o suficiente para curtir o *show* numa boa.

Frank ficou alucinado com o que lhe disse e queria de todas as formas que retornássemos.

Perguntei-lhe: — Por quê? Você também é viciado no Valium? — Mas ele não parava de repetir que queria ir buscar. Olhei-o com mais atenção, e então, entendi. Suas mãos tremiam, ele estava *cold turkey*. "*Turkey*" é uma palavra inglesa que significa peru. Quando o peru fica nervoso ele bate as asas. Por isso usa-se o termo "peru gelado" para designar as manifestações de crise de privação nos viciados quando o efeito de uma picada se dissipa.

Expliquei a Frank que não podíamos voltar para casa porque chegaríamos atrasados ao concerto. Ele disse que não tinha droga, nem dinheiro, que por causa do *show* não tivera tempo de se reabastecer. Seria uma merda ficar em crise durante o *show* de David Bowie sem ter, pelo menos, Valium. Frank, àquela altura, já não me parecia mais tão superior. Eu já tinha visto uns e outros em crise de privação, mas nunca tinha presenciado tudo isso tão de perto.

No local do *show*, a Deutschlandhalle, o clima era genial. O público, gente bem descontraída, era composto de apaixonados por Bowie. Ao nosso lado, soldados americanos fumavam um cachimbo de maconha. Bastou a

gente dar uma olhada e eles nos emprestaram. Frank tragava como um louco. Isso não impedia que ele ficasse cada vez pior.

Quando David Bowie começou, foi sensacional. Exatamente do jeito que imaginei. Fantástico. Mas nos primeiros acordes de *It is too late* me inquietei. Aí fiquei, de repente, na pior. Já nas últimas semanas — sem saber como, nem por quê — esta música me dava uma imensa tristeza. Acho que ela descrevia exatamente a minha situação. Bem que eu estava precisando de Valium...

No fim do concerto, Frank mal se mantinha em pé. Ele estava completamente *cold turkey*. Encontramos Bernd, o amigo de Detlef. Ele próprio, antes do concerto, havia se picado, e nos disse que precisávamos fazer alguma coisa por Frank. Ele também curtiria outra picada.

Bernd possuía, ainda, duas "viagens". Conseguimos vendê-las rapidamente por doze marcos. O que faltava eu deveria esmolar. Eu era mestra nisso. No Sound, grande parte do dinheiro que precisava para a droga, esmolava-o. E agora precisávamos, no mínimo, de vinte marcos. Por menos do que isso não dava para se comprar nada na "cena". Na frente da Deutschlandhalle foi fácil. Entre as pessoas que saíam do *show* muitas tinham dinheiro e ainda não estavam cheias de serem perturbadas pelos viciados. Eu lhes dirigia o meu blá-blá-blá habitual: — Não tenho dinheiro para o metrô. — E as moedas caíam cada vez mais no meu saco de plástico. Em pouco tempo consegui o suficiente para duas picadas, pois na época ainda era relativamente barato. Bernd foi comprá-las.

De repente, ocorreu-me um pensamento: "Você que recolheu o dinheiro deveria pelo menos provar. Ver se esse negócio é realmente tão bom a ponto de os viciados terem às vezes um ar tão feliz depois da picada". Não pensava em mais nada além disso. Não percebia que nesses últimos meses eu me preparava, inconscientemente, para passar à heroína. Não percebi, naquele momento, que estava deprimida. Que a música *It is too late* tinha me abalado. Como as outras drogas não me satisfaziam mais, a consequência inevitável era a H. Eu só pensava que não tinha vontade de ver Frank e Bernd se mandarem numa boa e eu ficar sozinha na pior. Eu lhes disse que também queria provar. Frank não tinha forças nem para falar, mas ficou furioso. Ele disse: — Você não vai fazer isso. Você não tem nenhuma idéia do que seja isso. Se o fizer, em pouco tempo vai ficar como

eu estou agora. Você vai ficar Macbeth. — Ele sabia muito bem que o apelidáramos de Macbeth.

Portanto, eu não tinha nada da menininha pervertida por um drogado ou por um revendedor sacana. É o gênero de história que a gente lê nos jornais, mas eu não conheço ninguém que se enquadre nela, ninguém "drogado apesar de não querer". A maioria dos jovens passam sozinhos para a heroína quando estão maduros para isso. E eu estava. . .

A bronca escandalosa de Frank só reforçou minha decisão. Ele estava em plena crise de privação, não era mais o cara legal e superior. Era uma pobre criatura que tinha necessidade de mim, e eu não ia aceitar, portanto, que me desse ordens. Então lhe respondi: — Em primeiro lugar, esta droga é minha, quer dizer, quase toda. Fui eu que recolhi o dinheiro. Em segundo lugar, pare de dizer besteiras: eu não vou ficar como você, sei me controlar. Vou só experimentar para ver como é, depois não toco mais nela.

Não sabia até que ponto a crise de privação deixava as pessoas enfraquecidas. Frank parecia muito impressionado pelo meu discurso, não abriu mais a boca. Bernd balbuciou ainda alguma coisa, mas nem ouvi. Disse-lhes bem claro que se eles não me deixassem experimentar, o que teriam a fazer era me dar o que me pertencia. Fomos nos esconder na entrada de um prédio, e Bernd dividiu a H em três partes iguais. Aí, nesse momento, tive uma vontade terrível dessa "coisa". Sem nenhuma hesitação, sem má consciência, só tive uma idéia: experimentar imediatamente para me libertar de uma vez por todas. Já fazia um bom tempo que isso não acontecia comigo, mas tive medo da picada. Disse: "Eu não vou me picar, vou cheirar". Bernd explicou o que era preciso fazer, mas nem foi preciso, de tanto ouvir falar eu já sabia de cor.

Peguei minha dose e usei! Era amargo e irritante. No início foi tudo o que senti. Procurei não vomitar. E depois a coisa começou bem depressa. Sentia os membros pesados e ao mesmo tempo terrivelmente leves. Fiquei muito cansada, e foi aquele prazer. Todos os meus problemas desapareceram. *It is too late* não significava mais nada. Nunca me sentira tão bem. Estávamos no dia 18 de abril de 1976, faltava um mês para os meus catorze anos. Nunca esquecerei essa data.

Frank e Bernd foram se picar no carro de um drogado. Eu cheguei antes deles ao Sound; já não era problema estar sozinha. Ao contrário,

achava isso bem legal. Sentia-me forte. Sentei-me num banquinho. Astrid, que na época era minha melhor amiga, chegou, me olhou e disse gritando:

— Dig, você tomou H? — Que pergunta idiota! Explodi:

— Desapareça! Ande logo, de-sa-pa-re-ça! — Não sei por que fiquei assim, nesse estado de fúria. Frank e Bernd chegaram. Frank voltou a ser o cara super legal. Detlef não estava no Sound. Tinha sede, fui buscar um suco de frutas, só bebia isso durante a noite. O álcool me era insuportável.

Às cinco horas da manhã Bernd propôs uma ida a sua casa para um chá. Fomos. Agarrei o braço de Frank, toda feliz. O suco de frutas revirava terrivelmente na minha barriga, tive vontade de vomitar. Vomitei enquanto caminhava, mas não liguei, nada me importava. E os outros? Eles pareciam nem perceber.

Tive a impressão de ter encontrado uma nova família, assim, a mais bonita possível. Não disse uma palavra. Senti que com esses dois amigos poderia conversar, falar de tudo. A heroína nos transformara em irmãos. Éramos iguais, poderia lhes contar os meus pensamentos mais secretos. Depois daquelas semanas de desespero, achei que jamais fora tão feliz.

Dormi com Bernd na sua cama. Ele não me tocou. Éramos irmão e irmã, irmão e irmã na heroína. Frank dormiu no chão, a cabeça encostada na poltrona. Ficou assim até as duas da tarde, depois se levantou. Estava em nova crise de privação.

Tive coceiras no corpo todo. Fiquei nua e me cocei com a escova de cabelos. Cocei até sangrar, principalmente as pernas. Isso não era surpresa para mim. Eu sabia que os toxicômanos se coçam. Era por aí que eu os reconhecia no Sound. As pernas de Frank estavam em carne viva, nem um pedacinho de pele sã. Ele não usava a escova de cabelo, usava seu canivete.

Antes de sair ele me disse: — O que você me deu eu devolvo amanhã. — Portanto, era evidente para ele que eu me tornara uma viciada. Eu entendi sua indireta e respondi na maior calma: — Não, deixe. Daqui a um mês estará bem.

Tornei a dormir calma e feliz. Voltei para casa à noite. De vez em quando um pensamento aflorava: "Merda, você só tem treze anos e já está

nessa de H". Mas cortava-o imediatamente, sentia-me muito bem para pensar nisso. No início nunca há crise de privação. Fiquei muito legal durante toda a semana. Em casa, nem uma discussão. Na escola levava tudo com muita calma, estudava um pouco e conseguia boas notas. Nas semanas seguintes até a minha média aumentou. Senti que me reconciliava com a vida, com as pessoas, com as coisas.

Durante a semana fui ao Centro de Jovens. Quatro amigos também haviam passado ao uso da H, como eu. Sentia-me do lado deles, éramos cinco, agora, a nos afastar rapidamente dos outros. Era cada vez maior o número de viciados no Centro de Jovens. A heroína caiu como uma bomba em cima do conjunto Gropius.

Jürgen Quandt, pastor responsável pelo centro sócio-cultural Centro de Jovens

O Centro de Jovens foi, durante anos, o principal ponto de encontro dos jovens do conjunto Gropius e do quarteirão Neukölln. Recebia toda noite perto de quinhentos adolescentes, até o mês de dezembro de 1976, quando o fechamos. O consumo de heroína fazia estragos, e nós esperávamos que o fechamento do Centro chamasse a atenção dos serviços públicos sobre essa situação catastrófica.

Nós, os educadores, fomos surpreendidos pela rapidez com que o uso de drogas pesadas se expandiu no conjunto Gropius. Na época do movimento estudantil, discutimos muito sobre drogas leves, sobre seu papel limitativo na tomada de consciência do meio ambiente. Mas eis que, em alguns meses, trinta ou quarenta jovens do nosso Centro se meteram com drogas pesadas. A coisa aconteceu como se as nossas tentativas de alerta, nosso esforço para persuadir os jovens do perigo, argumentando no lugar de recorrer a medidas disciplinares, tivessem sido vistos como um convite a ir mais longe e como o reconhecimento da nossa impotência na luta contra a droga.

Nosso trabalho no Centro de Jovens nos levou rapidamente a constatar, mesmo que as autoridades se neguem a admitir, que a epidemia de drogas não está regredindo. Ao contrário, o problema atinge, quantitativa e qualitativamente, dimensões comparáveis àquelas dos Estados Unidos. Os mais ameaçados hoje em dia são os jovens trabalhadores sem formação e os jovens desempregados. Nós, os educadores, a única coisa que podemos fazer é protestar contra a política de avestruz das autoridades. O fechamento do Centro pôs às claras aquilo que muitos teriam preferido deixar nas sombras. Efetivamente, os serviços públicos de Berlim tomaram consciência do problema da droga e começam a se ocupar mais ativamente.

Reabrimos após termos obtido certas concessões: eram as condições impostas para a reabertura. Um consultório especializado subvencionado pelo governo foi criado em Neukölln e, no conjunto Gropius, um centro

preventivo. Estamos mais bem equipados em termos de terapia. Mas, dois anos mais tarde, os problemas da droga não perderam a intensidade, mesmo considerando que agora lidamos com uma nova geração de adolescentes. Entre aqueles que passaram à heroína há dois anos, muitos já estão mortos.

As condições de vida dos jovens do conjunto residencial Gropius não melhoraram. Novos problemas se somaram aos velhos. É cada vez mais comum os jovens estarem armados e não hesitarem, em caso de necessidade, em usar as armas. Constata-se também, freqüentemente, um nacionalismo agressivo acompanhado de uma propensão a se deixar influenciar pelo pensamento fascista.

A maioria dos jovens com quem trabalhamos no Centro pertence a famílias de trabalhadores. Apesar da melhoria aparente do nível de vida, suas condições de vida não cessaram de se deteriorar: a escola os conduz a um *stress* cada vez maior, uma competição cada vez mais dura, em salas de aula cada vez mais superlotadas. Fora da escola, eles conhecem o desemprego e os conflitos familiares.

Há uma circunstância agravante: nos grandes conjuntos residenciais, como no Gropius, onde habitam quarenta e cinco mil pessoas, todos os problemas se colocam em termos de massa (massa de jovens, desempregados, fracasso escolar ou conflito familiar). Além disso, o meio ambiente "natural" não comporta mais nada de natureza e não oferece, portanto, as mínimas possibilidades de lazer e distração. Os mais fracos, crianças, adolescentes e velhos, ficam mais expostos, sofrendo mais com esse estado de coisas. No conjunto residencial Gropius, uma vez terminados os trabalhos de construção, o que significa que todo o espaço possível de construção foi utilizado, faltam campo de jogos para crianças, instalações para o lazer. Não há parques, nem gramados, nem bosques: nenhum lugar onde as crianças possam ficar em liberdade e os adultos, passear.

Esses conjuntos são construídos unicamente em função da rentabilidade do capital e não das necessidades dos seres humanos. Assim, foi imposto aos habitantes daqui um modo de vida cujas supostas conseqüências tornam-se cada vez mais evidentes.

As dificuldades materiais estão sempre na origem de muitos conflitos e problemas. Os altos aluguéis, os preços dos produtos de primeira necessidade, obrigam homens e mulheres a investir sempre mais energia e

forças vitais no trabalho cotidiano. E nem por isso são mais felizes ou ficam mais ricos.

A droga é, desde sempre, um dos mais terríveis meios utilizados para impedir os homens de tomarem consciência de que são vítimas da evolução da sociedade. Esta é exatamente a função exercida, há muito tempo, pelo álcool nas classes trabalhadoras.

Nos últimos decênios outras drogas apareceram: os psicotrópicos, cujo comércio é legal e um dos mais rendosos, e os produtos ilegais, como a heroína e a cocaína. Com efeito, o mais espantoso não é o número de toxicômanos, mas o número daqueles que, apesar das enormes dificuldades, recorrem à droga. E isso é válido talvez sobretudo para os jovens. A sua situação é tal que o aumento da toxicomania, da delinquência, da violência, e a propagação das idéias fascistóides entre os trabalhadores não tem nada de surpreendente.

* * *

No primeiro fim de semana após ter tomado heroína, encontrei Detlef no Sound. Ele caiu em cima de mim: — Você faz cada uma! Você pirou de vez. — Astrid tinha lhe contado.

Respondi: — Acalme-se, meu velho. Você é dependente, mas eu não cairei nessa.

Detlef não conseguia replicar. Ele não estava legal, estava de bode. Ele ainda não chegara ao estágio de dependência física, mas tinha grande necessidade de uma picada. Acabou confessando que gostaria de comprar um pouco de droga, mas não tinha dinheiro.

Eu disse: — Está vendo, meu caro, proponho que a gente saia pedindo dinheiro juntos. — Ele concordou, apesar de saber o que eu seria obrigada a fazer. Em vinte minutos juntava vinte marcos. Detlef conseguiu um pouco menos, mas era o suficiente para nós dois, pois ainda tínhamos necessidade de pequenas doses para nos baratar. Não nos preocupamos com a divisão, ela se fez naturalmente. Nessa tarde Detlef se picou e eu aspirei. Lá se foi minha bela resolução de não tocar em heroína antes de um mês.

Detlef e eu estávamos juntos novamente. Como se nunca tivéssemos

nos separado e como se estas semanas em que nos cruzamos no Sound, como dois estranhos, não tivessem existido. Nem ele nem eu falávamos disso. O mundo voltou a ser tão belo como naquele domingo em que cozinhei para ele e almoçamos juntos.

No fundo, estava feliz que as coisas tivessem tomado esse caminho. Se eu não tivesse experimentado heroína, não teria reencontrado Detlef. Achava que seria uma "viciada de fim de semana".

A gente sempre pensa assim quando começa, mas nunca vimos alguém que conseguisse cumprir essa intenção. Ainda imaginava que pudesse salvar Detlef, impedi-lo de se tornar um verdadeiro drogado. Mas eu me satisfazia com essas ilusões.

Ilusões que o meu inconsciente não aprovava. Não queria ouvir falar de heroína e, se alguém tentasse fazê-lo, ficava furiosa e aos gritos dizia: — Cai fora. — Exatamente como quando dei minha primeira cheiradinha e Astrid quis me fazer perguntas. Comecei a odiar todas as meninas de minha idade que me pareciam estar na mesma que eu. Sentia o cheiro delas tanto no metrô quanto no Sound: eram garotas de doze, treze anos, que usavam maconha e comprimidos e tentavam se vestir como meninas liberadas. Pensava: "Esta coisinha vai acabar se picando". Normalmente não sou chata, mas estas meninas me deixavam realmente agressiva. Eu as odiava. Na época não percebi que odiava a mim mesma.

Depois de ter aspirado alguns fins de semana seguidos, parei de fato durante quinze dias. Não sentia absolutamente nada, imaginava eu. Fisicamente me sentia como antes. Mas no resto a merda voltou. Estava novamente na fossa. Não gostava de nada, recomecei minhas brigas com minha mãe. Isso aconteceu pouco antes das férias da Páscoa de 1976.

No primeiro sábado daquelas férias estava no Sound, sentada num banco ao lado da escada. Uma vez mais eu me perguntava o que estava fazendo ali. Duas meninas desciam pela escada. Elas tinham uns doze anos, mas com o sutiã e a maquilagem tentavam aparentar uns dezesseis. Eu também dizia a todo mundo, exceto aos meus amigos íntimos, que tinha dezesseis anos, e também me maquilava para parecer mais velha. Antipatizei imediatamente com essas duas garotas, mas, ao mesmo tempo, elas me despertaram interesse. E não tirava os olhos de cima delas.

Percebi imediatamente que elas procuravam estabelecer contato, tentavam ser aceitas numa turma. E a turma de maior prestígio era, para elas, o bando H, pensei. Elas conheciam Richie, o leão-de-chácara do Sound, o único empregado mais velho, tinha uns quarenta anos. Ele era vidrado em menininhas da nossa idade. As duas conversaram com Richie. Perceberam que eu as observava, e olhavam o tempo todo para mim. Olhavam porque eu era da mesma idade delas. Uma delas se aproximou, tinha uma verdadeira cara de anjo que respirava inocência. Ela se apresentou: — Babsi —, e me perguntou se podia oferecer-lhe uma "viagem".

— Uma droga? O que você vai fazer com isso? Deixe pra lá, esses troços são terríveis. — Saboreei minha superioridade. Era preciso que ela aprendesse a não se dirigir com essa desenvoltura a alguém que já experimentara heroína. Ela devia me achar tão impressionante e tão tranqüila quanto eu achava, há alguns meses, os caras que estavam mais adiantados que eu, no caminho da droga. Babsi queria me pagar um suco de frutas. Foi buscá-lo e disse que voltaria em seguida.

Nem bem ela tinha saído, a outra se aproximou. Chamava-se Stella. Queria saber o que Babsi queria de mim. Respondi: — Uma "viagem".

— Ela lhe deu dinheiro? Faltam-me cinco marcos e estou segura de que esta menina os pegou. — Isso era típico de Stella. Passaria a ouvir coisas do gênero repetidas vezes. Babsi e Stella passariam a ser as minhas melhores amigas. Até o dia em que Babsi seria manchete nos jornais: "Morreu de *overdose*, a mais jovem vítima da heroína conhecida até então em Berlim".

Babsi voltou com o suco de frutas. Ela me perturbava, mas eu gostava dela, com seu ar de anjo e suas maneiras inocentes. Conversamos. Babsi e Stella foram expulsas da escola porque matavam muitas aulas. Elas cabulavam porque tinham entrado para uma turma onde se cheirava como louco. Agora tinham acabado de sair de casa e procuravam novas experiências. Babsi tinha doze anos e Stella, treze.

Convidei Babsi para ir a minha casa na manhã seguinte. Como ela não tinha nada para vestir, eu lhe dei duas camisetas e uma calcinha. Ela tirou uma soneca na minha cama enquanto eu preparava algo pra comer. Achei-a até simpática. No dia seguinte, criava um laço de amizade também

com Stella. Há bem pouco tempo, eu era como essas duas meninas. Sentia-me bem melhor na companhia delas do que na dos drogados. Elas fumavam erva e tomavam LSD, e isso as diferenciava um pouco das pessoas que só pensavam em heroína e só falavam disso. Eu me contentava com minha cheiradinha de todos os sábados. Os outros me gozavam por andar com crianças, mas não dava bola.

Nós três tínhamos muita coisa para conversar. Tínhamos a mesma espécie de problemas em casa. O pai de Babsi se suicidara quando ela era ainda uma criancinha. Sua mãe era modelo, depois de ter sido dançarina. Seu padrasto era um grande pianista. Mundialmente conhecido, explicava ela. Ela tinha um grande orgulho disso. Não se continha de alegria quando íamos a uma loja de discos e via vários deles com o nome e a foto de seu padrasto na capa. Mas esse grande artista parecia não cuidar nem um pouco dela. Babsi vivia na casa de seus avós, que a haviam adotado. Eles lhe davam uma vida de princesa. Depois fui à casa dela: vi seu quarto fantástico, com móveis estupendos. Ela tinha um toca-discos último modelo e discos aos montes. Roupas à vontade, quantas quisesse. Mas não se entendia com sua avó, que era uma verdadeira megera. Ela bem que gostaria de voltar à casa da mãe. Foi por isso que fugiu de seu quarto maravilhoso, estava de saco cheio!

A mãe de Stella também era muito bonita. Stella gostava muito dela, mas tinha pouco tempo para cuidar de sua filha. Bebia porque tinha muitas dificuldades para se virar sozinha. O pai de Stella morrera havia três anos, em um incêndio. Isso aconteceu quando Stella tinha dez anos. Stella tinha uma verdadeira paixão: Muhammad Ali. Ela admirava sua força. Eu achava que, em suas fantasias, ele era para ela, ao mesmo tempo, pai e amante.

Nós três estávamos no mesmo barco. Sabia desde a primeira noite que essas duas meninas terminariam se picando, o que não me impediu de ficar sinceramente chocada no dia em que Stella me solicitou heroína. Tive uma vez mais uma explosão e comecei a lhe dar broncas: — Não toque nesta merda! Ninguém vai te dar. Eu também vou parar. Isso não leva a nada.

Pedi aos outros para não darem heroína a Stella. Mas alguns dias mais tarde ela acabou convencendo Blacky, um cara da turma do Sound que se tornou sua transa. Ela começou a cheirar, e é claro que Babsi a imitou.

Mas elas seriam logo obrigadas a parar: foram apanhadas numa batida e entregues às suas famílias. Não as vi durante várias semanas.

Com a chegada da primavera, os dias eram cada vez mais agradáveis. Estava sempre feliz nos primeiros belos dias do ano. Isso desde a minha infância. Andar descalça, tirar a roupa, brincar na água, ver o jardim florir. Mas nessa primavera de 1976 esperei, em vão, meu habitual sentimento de felicidade. Pensei: é impossível que a vida não se transforme em uma coisa mais bela quando o sol se torna cada vez mais quente. Mas carregava o tempo todo um monte de problemas sem mesmo saber quais eram. Quando cheirava, os problemas desapareciam, mas havia muito tempo que isso não me satisfazia por uma semana.

No mês de maio festejei meu aniversário. Minha mãe me deu um beijo e uma nota de cinquenta marcos. Este dinheiro ela tirou das economias da casa. Ela disse que devia comprar algo que me desse verdadeiramente prazer.

À noite fui à Kurfürstenstrasse e comprei quarenta marcos de heroína. Nunca tivera tanto de uma só vez. Depois comprei seis marcos de cigarro (tornei-me uma fumante inveterada, capaz de acabar com um maço em duas ou três horas). Sobraram-me quatro marcos para o Sound.

No Sound encontrei Detlef, que me beijou carinhosamente e me desejou feliz aniversário. Dei-lhe também parabéns, pois seu aniversário fora dois dias antes do meu. Ele estava um pouco triste porque seus pais não lhe haviam desejado feliz aniversário. Somente sua avó. Com toda a certeza ele era mais infeliz que eu. Tentei consolá-lo: — Não ligue não, meu caro. — Mas tinha um presente genial para ele: algo para se drogar. Tinha heroína suficiente para uma baratinada monstro a dois.

Após nossa pequena festa de aniversário (uma enorme cheirada para mim e uma boa picada para Detlef), estávamos verdadeiramente juntos. Até então Detlef passava muito tempo com seus amigos, e eu com Babsi e Stella. Dali para a frente, nos encontrávamos sempre que tínhamos um tempinho livre. Detlef quase nunca estava ocupado e tinha acabado de deixar seu trabalho de aprendiz de encanador. Quando tínhamos dinheiro suficiente, nos baratinávamos.

Chegaram as férias de verão.

No primeiro dia de férias fomos à praia do lago Wann com alguns amigos. Uma vez mais estávamos completamente duros. Aprendi rapidamente como encontrar mercadorias que poderiam ser transformadas em grana. Instalamo-nos no bosque, o canto preferido pelos velhos, pois eles não suportavam muito o sol.

No início nos contentávamos com coisas para satisfazer nossas necessidades imediatas: observávamos as pessoas que iam se banhar, deixando um cobertor ou uma geladeira sem vigilância. Eu me aproximava e falava alto: — Minha avó não está! — Pegava algumas latas de Coca na geladeira. Na outra vez, pegava uma toalha e uma esteira de praia. À tardinha já havíamos juntado alguns utensílios e um transistor. Detlef roubou um relógio.

Pelo transistor consegui cinqüenta marcos, no Sound. Que jornada! Excitada, disse a Detlef: — Puxa vida, estou cansada de cheirar, vou é me picar.

Detlef protestou sem muita convicção. Cheirar ou se picar não fazia grande diferença. A única diferença era que enquanto cheirávamos, não éramos considerados verdadeiros viciados.

Na Kurfürstenstrasse, nosso vendedor habitual nos reconheceu de longe. Ele foi a uma rua mais distante, até um canto tranqüilo. Comprei quarenta marcos. Estava decidida a tomar minha primeira picada. Quando apenas cheiramos, partimos lentamente; mas quando nos picamos, a partida é como um foguete. Já ouvira alguém da turma comparar essa diferença com um orgasmo, e eu também queria prová-la. Sem parar para pensar que mais me atolaria na merda, decidi experimentar.

Fomos a um banheiro público do lado da Potsdamerstrasse. Um lugar imundo. Em frente ao banheiro encontram-se montes de mendigos. Os bêbados costumam dormir ali. Distribuímos um maço de cigarro. Eles já sabiam e nos observavam.

Uma menina do Sound, Tina, nos acompanhou. Detlef tirou seus objetos de um saco plástico: seringa, colher, limão. Pôs a heroína na colher, juntou um pouco de água e de suco de limão. Assim, a coisa, que não era completamente pura, dissolvia melhor. Ele esquentou a heroína com um isqueiro e encheu a seringa. Era uma velha seringa descartável. Uma sujeira

repugnante com uma agulha completamente rombuda. Detlef se picou primeiro e depois foi a vez de Tina. Depois a agulha ficou completamente entupida, inutilizável. Ao menos foi o que os dois disseram. Talvez para me impedir de me picar, mas minha vontade aumentou.

Um outro viciado também veio se picar no banheiro. Um cara na pior, no último estágio da decadência. Pedi-lhe que me emprestasse seus utensílios. Ele topou. Mas, bruscamente, me repugnou terrivelmente a idéia de enfiar a agulha na veia. Eu simplesmente não conseguia enfiá-la, embora soubesse como, pois já tinha visto os outros o fazerem, muitas vezes. Detlef e Tina não se importavam comigo. Fui obrigada a pedir ao cara que me ajudasse. Claro que ele compreendeu imediatamente que era minha primeira picada. Senti-me consideravelmente idiota diante daquele viciado experimentado.

Ele me disse que era nojento, mas pegou a seringa. Como minhas veias estavam pouco à vista, teve dificuldade em encontrar uma. Ele tentou três vezes antes de conseguir puxar um pouco de sangue. Reclamando, uma vez mais, que achava isso nojento, me injetou toda a dose.

Parti como um foguete, mas não era assim que eu imaginava o orgasmo. E logo via um nevoeiro, mal percebia o que se passava à minha volta e não pensava em nada. Fui ao Sound, sentei-me em um canto e bebi um suco de frutas.

Detlef e eu estávamos agora em igualdade. Estávamos juntos para sempre, como um casal. Exceto que não dormíamos juntos. Não tínhamos nenhum contato sexual. Ainda não me sentia bastante madura para isso, e Detlef aceitou sem muitos discursos. Também por isso eu o achei formidável. Era um tipo muito legal.

Um dia, sabia muito bem, dormiria com ele, estava feliz de nunca ter feito nada com outro rapaz. Estava segura de que íamos ficar juntos. Saindo do Sound, Detlef me acompanhou a pé, até minha casa. Eram duas horas de caminhada. Depois geralmente ele pegava uma carona para voltar para sua casa. Ele vivia com o pai.

Conversamos um montão de coisas completamente loucas. Perdi todo o senso da realidade. Para mim a realidade era irreal. Não tinha projetos, mas sonhos.

Minha conversa preferida era imaginar o que faríamos, Detlef e eu, se tivéssemos bastante dinheiro. Comprariamos uma casa grande, um carrão, móveis, tudo de muita classe. Sonhávamos com um monte de coisas, menos com heroína.

Detlef acabava de ter uma idéia de como se tornar rico. Ele me disse que um revendedor estava pronto a lhe dar cem marcos de heroína a crédito: faríamos pacotinhos que venderíamos a vinte marcos cada um e teríamos então, imediatamente, cem marcos de lucro. Com esse dinheiro compraríamos novamente heroína e dobraríamos nosso capital, e assim por diante. Achei a idéia genial. Na época, tínhamos muitas ilusões sobre o tráfico de drogas.

Detlef conseguiu realmente cem marcos de heroína a crédito. Era uma época em que os pequenos revendedores estavam em aperto. Não nos arriscávamos a ir vender na "cena": vendíamos somente no Sound. Detlef, com seu coração de ouro, acabava encontrando sempre gente completamente dura e em crise. Então ele lhes vendia a crédito, e, naturalmente, não lhe pagavam. Uma parte da heroína foi embora assim e a outra parte nós mesmos a consumimos. Logo após não tínhamos mais heroína nem dinheiro.

O cara que passou a heroína para Detlef ficou furioso, mas se contentou em dar uns bons gritos. Sem dúvida nenhuma ele só queria testar a capacidade de revenda de Detlef. O teste foi perfeitamente claro: ele não servia.

Durante as três semanas de férias Detlef e eu nos encontramos todas as tardes. E geralmente partíamos à caça de dinheiro. Fazia coisas que nunca teria conseguido fazer antes: roubava adoidada nas grandes lojas, principalmente objetos fáceis de serem vendidos no Sound. Dificilmente conseguíamos o dinheiro suficiente para pagar duas picadas por dia, mas ainda não tínhamos chegado a esse ponto. Não tínhamos ainda dependência física, e um dia *sem* não nos atemorizava.

Estava programado que passaria a segunda metade das férias na casa de minha avó, que morava em um vilarejo de Hesse. Podia parecer estranho, mas estava louca de alegria, tanto pela idéia de rever minha avó, como pela idéia de ir ao campo. Por um lado, não conseguia imaginar passar duas ou três semanas sem Detlef, alguns dias sem o Sound ou as

luzes da cidade. Mas, por outro lado, estava feliz de rever jovens que nem sabiam o que era droga, andar a cavalo, nadar, etc. Com efeito, não sabia mais quem era eu.

Sem me dar conta, eu me dividi em duas. Duas pessoas absolutamente diferentes. Escrevia cartas a mim mesma. Mais precisamente, Christiane escrevia para Vera. Vera é o meu segundo nome. Christiane era a menina de treze anos que queria ir à casa da avó. A menina comportada; Vera, a drogada.

Tão logo minha mãe me pôs no trem, não era nada mais que Christiane. E uma vez na cozinha de minha avó, sentia-me completamente em casa, como se nunca tivesse posto os pés em Berlim. Só de ver minha avó sentada naquela cozinha, com seu ar tranqüilo e confortante, me aquecia o coração. Eu amava minha avó, e gostava de sua cozinha. Era uma verdadeira cozinha camponesa, fogo na lareira, tachos e panelas imensas... sempre um bom prato cozinhando, como num livro de gravuras. Eu me sentia bem.

Imediatamente restabeleci o contato com meus primos e outras crianças de minha idade. Eram realmente crianças ainda. Como eu. Voltei deliciosamente aos meus tempos de infância. Não sabia há quanto tempo isso não acontecia comigo. Joguei num canto as botas de salto alto. Emprestaram-me sandálias e, quando chovia, botas de borracha. Não toquei nos meus produtos de maquilagem. Aqui não tinha nada a provar, não tinha necessidade de me impor a quem quer que fosse.

Andei muito a cavalo. Organizamos um monte de corridas pedestres ou eqüestres. Mas nosso lugar preferido para brincar era o riacho. Crescemos, e as barreiras que agora construíamos assumiam proporções gigantescas. Fazíamos verdadeiros lagos artificiais. E, à tardinha, fazíamos uma brecha no dique e uma cascata de pelo menos três metros caía no riacho.

Os outros, é claro, me faziam perguntas sobre Berlim, sobre o que eu fazia. Mas não lhes contava muitas coisas. Não tinha nenhuma vontade de pensar em Berlim. Incrível, mas não pensava nem mesmo em Detlef. Tinha decidido escrever todos os dias, mas não lhe escrevi uma única vez. Às vezes, à tarde, tentava pensar nele, mas mal conseguia me lembrar dos seus traços. Tinha a impressão que ele pertencia a um outro mundo, cujas

mensagens eu não compreendia mais.

Depois comecei a ter crises de angústia quando me encontrava sozinha à tarde em minha cama. Via dançar diante de meus olhos as caras dos frequentadores do Sound, e pensava que dentro em breve teria que voltar a Berlim. Sentia um medo terrível de Berlim. Pensava que poderia pedir à minha avó para me deixar ficar com ela, mas como dizer-lhe o motivo, e o que diria à minha mãe? Seria preciso confessar tudo, mas eu não me decidi a fazer isso. Minha avó cairia dura, morta, se eu lhe contasse que sua netinha se picava com heroína. Era preciso, portanto, voltar a Berlim.

O ruído, as luzes, a animação, tudo o que antes me agradava tanto, agora me exasperava. À noite, a confusão me impedia de dormir. Quando fui ao Kurfürstendamm, o trânsito e a multidão me causaram pânico.

No início não tentei sequer me readaptar ao clima de Berlim. Sabia que, uma semana depois da volta às aulas, minha classe partiria por muitos dias à Floresta Negra.

Em nenhum momento tentei comprar droga e, no entanto, tinha cinqüenta marcos que minha madrinha me dera de presente. Não tentei me reencontrar com Detlef. Disseram-me que ele não ia mais ao Sound. Permaneci totalmente limpa até o dia da viagem com a escola.

Estava feliz com essa viagem, mas em poucos dias voltei a ficar deprimida. Tinha dores de barriga depois das refeições, as excursões acabavam comigo. No ônibus que nos levava para a visita à fábrica de chocolate Suchard, Kessi, que estava sentada a meu lado, me disse bruscamente: — Puxa vida, você está amarela como um marmelo. Você está com icterícia.

Era isso. Sabia muito bem que todos os viciados acabavam pegando, por causa das agulhas e seringas sujas que passavam de um a outro. Pela primeira vez, depois de muito tempo, pensava na heroína. E pensei imediatamente na agulha nojenta da minha primeira picada. Mas depois me dei conta de que Kessi não falara seriamente, e lembrei que havia muitas semanas que eu não me picava. Não podia ser icterícia.

Na porta da Suchard, peguei uma colher de plástico e entrei. No Palácio do Chocolate enfiava minha colher nos tachos, desde que

parecessem um pouco gostosos. Quando era realmente bom, desviava a atenção do guia, fazendo-lhe um monte de perguntas, e pedia mais. Além disso, fiz um nó no meu avental para transformá-lo em bolsa, e na saída ela estava cheinha de chocolate.

Tão logo o ônibus partiu, jurei que nunca mais tocaria em chocolate. Chegando ao alojamento, me torcia de dor.

Vomitei quilos daquela massa cremosa e cheia de amendoins. Meu fígado se rendeu.

O professor, por sua vez, reparou na minha cor amarelada. Chamou um médico e, em seguida, uma ambulância me levou à Clínica da Universidade de Friburgo.

O quarto de isolamento do Serviço de Pediatria era pequenino, de um branco imaculado. Nenhum quadro, nenhuma gravura na parede. Enfermeiras me traziam medicamentos e minhas refeições, praticamente sem me dizer uma palavra. Um médico vinha, às vezes, me perguntar como estava. Passaram-se três semanas. Não podia sair do quarto nem para mijar. Ninguém vinha me ver, ninguém vinha falar comigo. Não tinha nada de interessante para ler. Não tinha rádio. Várias vezes pensei que iria enlouquecer.

A única coisa que me dava força eram as cartas de minha mãe. Eu também escrevia para ela. Escrevia principalmente para os meus gatos, os únicos animais que me restavam. Eram cartinhas minúsculas, postas em envelopes que eu mesma fabricava.

Às vezes pensava em minha avó, nos meninos do vilarejo, no riacho, nos cavalos. Também pensava, às vezes, em Berlim, no Sound, em Detlef e na heroína. Não sabia quem eu era. Quando me sentia verdadeiramente na fossa, pensava: você é uma drogada que tem sua primeira hepatite e pronto. Quando pensava que estava brincando com meus dois gatos, prometia a mim mesma estudar e passar todas as minhas férias na casa de minha avó. Tudo isso se misturava na minha cabeça. Mas passava também muitas horas a olhar para o teto sem pensar em nada ou, então, se não seria melhor se estivesse morta.

Além disso, sempre tinha medo de que os médicos descobrissem a origem da minha icterícia. Mas os traços de picada haviam desaparecido e

não tinha mais cicatrizes nem securas de trombose no braço. E quem iria procurar uma drogada no Serviço de Pediatria de Friburgo?

Depois de três semanas recomecei a andar. Em seguida me deram autorização para voltar a Berlim de avião. Foi a Previdência Social que pagou tudo. Em casa, ainda tive que permanecer de repouso. Estava feliz de reencontrar minha mãe e meus dois gatos, e me desliguei das outras coisas.

Minha mãe me contou que Detlef viera diversas vezes saber de mim. Ele tinha um ar muito triste pela minha ausência prolongada, disse ela. Então voltei a pensar em Detlef, me lembrei dos seus cabelos encaracolados, seu lindo rosto, tão doce. Estava feliz pelo fato de alguém se interessar por mim, de alguém me amar verdadeiramente. E era Detlef. Fiquei com a consciência pesada por tê-lo quase esquecido: dele e do nosso amor, durante muitas semanas.

Alguns dias depois da minha volta, Detlef me visitou. Quando o vi ao pé do meu leito, tive um choque, fiquei incapaz de pronunciar uma só palavra.

Ele estava que era só pele e osso, seus braços estavam tão finos que poderia abarcá-los com a mão. O seu rosto estava pálido, tinha o ar abatido. Mas ele continuava tão bonito quanto antes. Seus olhos pareciam maiores, mas estavam mais tristes. De repente voltou todo o meu amor. Pouco importava que ele tivesse se tornado esquelético. Não queria pensar nisso.

Durante algum tempo não sabíamos sobre o que falar. Ele queria saber quais eram as minhas novidades, mas não tinha nada de interessante a lhe contar. Não me ocorreu contar-lhe as férias que passara na casa da minha avó. Acabei perguntando por que ele não ia mais ao Sound. Ele disse que estava uma merda. — Mas, então, aonde você vai? — Ele acabou soltando: — À Estação Zoo do metrô.

— Fazer o quê?

— Eu me viro.

No momento nem me choquei. Sabia que alguns viciados o faziam ocasionalmente. Não tinha idéia muito precisa do que significava isso. Aliás, não tinha muita vontade de saber. Tudo o que sabia era que isso consistia em satisfazer bichas, sem que ele mesmo sentisse prazer, e que

isso dava muita grana. Não pedi explicações. Entreguei-me totalmente à felicidade de ver Detlef, de amá-lo e de ser amada.

No domingo seguinte, Detlef veio me buscar para a primeira saída. Fomos a um café da Lietzenburgerstrasse. Estava cheio de bichas e todas conheciam Detlef. Foram muito gentis comigo, cumprimentaram-me calorosamente, felicitaram Detlef por ter uma amiga tão bonita. Constatei que Detlef estava orgulhoso de mim; e era por isso que ele me levava ao café onde todo mundo o conhecia.

Gostei daquelas bichas. Elas eram gentis comigo, conversavam sem querer me paquerar como os outros homens. Achavam-me legal, e gostavam de mim sem nada exigir. Toda essa atenção me envaidecia. Fui conferir no espelho do banheiro, e vi que elas tinham razão. Esses dois meses sem droga me haviam restabelecido. Tinha uma ótima aparência. Acho que nunca estivera tão bem.

Detlef me disse que precisava dar um pulinho à Estação Zoo. Ele tinha um encontro com Bernd, seu melhor amigo. Bernd tinha se virado para arranjar dinheiro para eles dois. Não seria por minha culpa que Detlef não iria à Estação Zoo. Logo, isso não se discutia, e eu o acompanhei. Além do mais, estava contente por rever Bernd.

Bernd acabara de sair com um "cliente". Esperamos. Naquela noite o lugar não me parecia tão sinistro quanto na minha lembrança. Na verdade só via Detlef. Quando ele me deixava sozinha para conversar com um amigo, horríveis imigrantes me abordavam. Escutava "sessenta marcos" ou qualquer coisa parecida. Eu me agarrava ao braço de Detlef, e me sentia segura. Convenci-o a vir comigo ao Sound. Em seguida pedi-lhe que me arrumasse algo para cheirar. É claro que ele recusou. Mas insisti: — Somente por esta noite. Somente para festejar minha volta. Tenho vontade de me embalar um pouco, como você. Ou então você também não toma nada. — Aí ele me deu.

Ele me disse que não me daria mais. Respondi-lhe que não seria necessário. Acabara de demonstrar, durante dois meses, que podia dispensar a heroína. Lembrei, inclusive, que isto me fizera bem.

Um argumento de peso. Detlef me disse: — Escute aqui, menina, eu também vou parar. Você vai ver. Aí ele se picou, e eu dei uma cheirada.

Estávamos extraordinariamente felizes e falávamos de nossa felicidade futura, sem heroína.

Na tarde do dia seguinte, fui reencontrar Detlef na Estação Zoo. Ganhei uma nova cheiradinha. Passei a me encontrar com Detlef quase todas as tardes, após as aulas, na estação. Recomecei a me picar. Era como se eu nunca tivesse deixado Berlim, como se os dois meses e meio sem heroína não tivessem existido. Falávamos quase todos os dias da nossa decisão de parar, e eu expliquei a Detlef que isso era realmente fácil.

Freqüentemente ia diretamente da escola à Estação Zoo. Na minha sacola havia utensílios de drogada e uma pacotão de sanduíches. Minha mãe devia se espantar de me ver emagrecer a olhos vistos, apesar de levar todas as manhãs tal estoque de sanduíches. Sabia que Detlef e seus amigos esperavam que lhes levasse lanche.

No início Detlef ficava irritado quando me via chegar. Ele não queria que eu o visse se virar. — Marquemos um encontro em qualquer lugar, mas não venha aqui.

Não lhe dei ouvidos. Queria estar com ele em qualquer lugar. E pouco a pouco eu me habituei ao ambiente. Não sentia mais o cheiro de mijo e dos desinfetantes. Os clientes, as putas, imigrantes sujos, os tiras, os mendigos, os bêbados, faziam parte do meu meio cotidiano. Meu lugar era ali, pois Detlef estava ali.

A maneira como as outras meninas me olhavam, me medindo da cabeça aos pés, me dava nos nervos. Elas pareciam mais agressivas que os clientes. Em seguida, percebi que aquelas meninas que iam ali para se prostituir tinham medo de mim, medo de que eu lhes roubasse seus melhores clientes. Era mercadoria fresca e gostosa. Tinha melhor apresentação, um ar de menina bem-tratada, e lavava meus cabelos quase todos os dias. Ao me ver, ninguém imaginava que era uma drogada. Sabia que era superior às outras meninas, e esse era um sentimento muito agradável. Efetivamente, os clientes ficavam ao meu redor. Mas não tinha necessidade de me virar, pois Detlef o fazia por mim. Os que nos observavam deviam dizer: "Que sortuda, ela tem a heroína sem necessidade de batalhar".

No começo, os clientes me inspiravam medo. Principalmente os

estrangeiros imundos com seus repetitivos: "Você meter? Você ir hotel?" Alguns ofereciam vinte marcos. Mas logo, logo, passei a me divertir, mandando-os pastar. Dizia: — Ora, meu velho, você está louco? De mim ninguém consegue nada por menos de quinhentos marcos. — Ou então encarava-os com um ar tranqüilo e dizia: — Você se enganou de endereço, meu velho. Saia de campo. — Sentia um imenso prazer em ver, depois disso, aqueles nojentos se mandarem de rabo entre as pernas. Era superior também aos clientes. Se por acaso um deles se mostrava insolente ou agressivo, Detlef aparecia logo. Quando ele saía com um cliente, falava com seus amigos para cuidarem de mim. Para mim, eles eram como irmãos. O cara que me desrespeitasse deveria tomar cuidado!

Agora não ia mais ao Sound, e meus únicos amigos eram os do bandinho do Zoo. Éramos Detlef, Bernd, Axel e eu. Bernd e Axel tinham a mesma idade: dezesseis anos. Os três moravam na casa de Axel.

Contrariamente aos outros dois, Axel era muito feio. Seu rosto não tinha nenhuma harmonia, suas pernas e seus braços pareciam ter sido feitos para um outro corpo. Não tinha por que atrair uma bicha. No entanto, ele tinha seus clientes, alguns até mesmo regulares. Detlef, quando estava de saco cheio, insultava e berrava com os clientes. Axel, com seu físico, era obrigado a se controlar todo o tempo, ser amável. Além do mais, na cama ele devia ter alguma coisa especial que agradava muito às bichas. Sem isso ele não agüentaria a concorrência que havia na Estação Zoo do metrô.

Ele se vingava como podia. Quando pegava um cliente meio por fora, o extorquia. Axel era um tipo de personalidade forte, era difícil ofendê-lo ou humilhá-lo. Ele se dominava e nunca demonstrava seus sentimentos. Além do mais, era incrivelmente gentil e seguro, o que era raro entre os viciados. Realmente não existia pessoa igual a ele. Agia como se não vivesse mais nesse mundo podre. Aliás, ele só teve mais um ano de vida.

A história de Axel parecia-se com a nossa. Seus pais eram divorciados. Viveu com sua mãe até o dia em que ela partiu para viver com um amigo. Mas a mãe foi generosa deixando-lhe um apartamento de duas peças, alguns móveis e até mesmo um televisor. Ela o visitava uma vez por semana e lhe dava um pouco de dinheiro. Sabia que ele se picava, e pediu-lhe muitas vezes que parasse. Achava que fazia muito por ele, mais que muitos outros pais faziam por seus filhos; afinal, tinha lhe dado um

apartamento com televisão, não? Eu passava os fins de semana na casa de Axel. Dizia a minha mãe que ia para a casa de uma amiga.

O apartamento de Axel era um verdadeiro cortiço de drogados. O fedor me embrulhava o estômago desde a entrada do apartamento. Latas de sardinhas, guimbas de cigarros que flutuavam no óleo ou no molho de tomates. Em cima da pia, um monte de copos e xícaras sujos. Lá dentro, um copo de água, cinzas, fumo, papel de cigarros. Quando coloquei iogurtes sobre a única mesa, derrubei duas latas de sardinhas e o molho caiu no tapete. Ninguém deu bola.

De qualquer forma, o tapete fedia de maneira pavorosa. Compreendi: era porque Axel se picava. Ele retirava a seringa de seu braço, enchia-a de água e jogava o líquido cor-de-rosa (a seringa continha ainda algumas gotas de sangue) no tapete. Era a sua maneira de limpar os seus utensílios. E o cheiro meio doce de sangue seco misturado com o molho de peixe provocava aquele fedor pavoroso. Até as cortinas estavam amarelas e cheiravam mal.

No meio de toda aquela confusão, no entanto, havia uma cama com lençóis de uma brancura impressionante. Imediatamente me refugiei nela. Enfiei minha cara nos travesseiros, que tinham bom cheiro de sabão. Acho que nunca dormi numa cama tão limpa.

Axel me disse: — Pus estes lençóis para você. — Todos os sábados encontrava uma cama bem arrumadinha. Nunca dormi duas vezes seguidas nos mesmos lençóis, enquanto os rapazes nunca trocavam os seus.

Eles faziam tudo o que podiam para me agradar. Tinha tudo o que queria para comer e beber. Compravam-me heroína de primeira qualidade. Sempre tinha problemas de fígado e, se me picasse com algo adulterado, caía doente. Os três ficavam preocupadíssimos quando eu ficava doente. Por isso eles me compravam heroína da boa, sem se importarem se era caro ou não. Os três estavam sempre presentes quando eu tinha necessidade deles. No fundo, eles contavam somente comigo. E eu tinha Detlef, em primeiro lugar, depois Axel e Bernd. Ninguém mais.

Estava feliz de fato. Feliz como poucas vezes o tinha sido. Sentia-me protegida. Tinha uma casa, a Estação Zoo às tardes e o apartamento fedorento de Axel nos fins de semana.

Detlef era o elemento mais forte do grupo, e eu a mais fraca. Eu me sentia inferior aos rapazes, física e moralmente. Principalmente porque era uma menina. Mas pela primeira vez gostava da minha fraqueza. Saboreava a proteção de Detlef. Achava uma delícia saber que Detlef, Axel e Bernd estavam sempre presentes quando eu tinha necessidade de alguém.

Meu companheiro fazia o que nenhum viciado faz: dividia a heroína comigo, fazendo o pior trabalho que existia. Para pagar a minha droga, ele devia atender a um ou dois clientes a mais por dia. Nós não éramos como os outros, fazíamos exatamente o inverso: o homem se prostituía por sua mulher. Talvez fôssemos o único casal no mundo a fazer isso.

Até o outono de 1976 nunca me ocorreu a idéia de me prostituir. Pelo menos, nunca tinha pensado nisso até aquele momento. Talvez, por alguns segundos, a idéia me tivesse passado pela cabeça, principalmente nos dias em que sentia um peso na consciência ao ver Detlef sair com um cara que fosse particularmente nojento. Mas sabia perfeitamente bem que Detlef me passaria um belo sabão, se eu falasse sobre tal possibilidade.

Aliás, não sabia nessa época em que consistia exatamente tudo isso. Ou não queria nem pensar ou imaginar.

Detlef não falava disso. Ouvindo os papos dos três rapazes, tinha a impressão de que se tratava de chupar bichas.

Para mim, isso não tinha nada a ver com nós dois. Detlef e Christiane. Era uma obrigação de Detlef, então não me enojava. Que ele se desse a essas bichas não era assim tão terrível, pois era seu trabalho. O trabalho nojento que nos permitia comprar heroína. A única coisa que não queria era que eles se amarrassem em Detlef. Ele era meu, só meu.

No início, achava até alguns desses clientes simpáticos. Os rapazes diziam às vezes que fulano ou sicrano era um tipo razoável, que era preciso conservá-lo. E era principalmente isso que importava. Havia os que eram gentis de fato comigo, quando me encontravam na Estação Zoo com Detlef. Podia-se dizer que eles gostavam de mim. Às vezes um deles me trazia dinheiro de um desses clientes que me achava muito bonita. Detlef não me contava que alguns desses caras o pressionavam para fazer coisas comigo.

Observava as outras meninas. Eram quase todas tão jovens quanto eu. Percebi que eram muito infelizes, principalmente as viciadas mesmo,

que eram obrigadas a se prostituir para poder se picar. Lia o desgosto estampado em suas faces a cada vez que um desses clientes as tocava, mas elas se esforçavam para sorrir. Odeio esses caras que ficam no meio da multidão procurando carne fresca com o rabo do olho. Idiotas ou perversos, certamente. Que prazer podem eles sentir ao ir para a cama com uma jovem totalmente desconhecida que visivelmente não suporta tudo isso e de quem é impossível ignorar a desgraça?

Finalmente passei também a detestar as bichas. Pouco a pouco, fui tomando consciência dos sofrimentos que transformaram Detlef numa criatura dura. Muitas vezes ele quase não conseguia dominar a repugnância que sentia, esforçando-se para ir trabalhar. Se ele não estivesse drogado, não conseguiria.

Quando ele estava no pior bode, e era justamente quando tinha necessidade de dinheiro, se mandava quando via um cliente. Então Axel ou Bernd iam ao sacrifício em seu lugar, esforçando-se para vencer sua repugnância. Eles também tinham necessidade de estar drogados para conseguirem fazer isso tudo. Exasperava-me ver as bichas correndo atrás de Detlef. Balbuciavam palavras amorosas totalmente ridículas, enquanto lhe entregavam cartas de amor. E tudo na minha presença. Que solidão deve ser a desses caras!

Mas era incapaz de sentir piedade deles. Tinha vontade de gritar: — Escute, cara, tente compreender que Detlef é meu e de mais ninguém, muito menos de um porco pederasta. — Mas tínhamos necessidade desses porcos, que se deixavam esfolar, pois eles pagavam bem.

Pouco a pouco, também percebi que entre esses homens havia alguns que conheciam Detlef intimamente, muito mais intimamente que eu. Tive motivos para dar bronca. Um dia, ouvindo uma conversa dos três rapazes, ouvi-os dizer que alguns clientes só pagavam se o parceiro também tivesse um orgasmo. Pensei em morrer de desgosto.

A cada dia via menos Detlef, porque ele saía o tempo todo com essas bichas nojentas. Tinha medo por ele. Alguém me disse que os rapazes que se prostituíam, às vezes, acabavam também virando bichas. Mas não podia falar nada com Detlef, pois estávamos cada vez mais dependentes. E a metade do que ele ganhava era para a minha droga. Desde que entrei na sua turma decidi, ao menos inconscientemente, ser como eles, uma verdadeira

drogada. Eu me picava todos os dias. E tomava sempre o cuidado de deixar de lado heroína suficiente para me picar no dia seguinte.

No entanto, ainda não atingíamos, nem ele nem eu, a dependência física completa. Ela demora bastante para se implantar entre os iniciantes que não se picam todos os dias. Ainda conseguíamos ficar um ou dois dias sem heroína: tomávamos outra coisa para voar um pouco e não sofríamos muito. Por isso víamos que não éramos como os outros, como os drogados que já estavam lá embaixo. Podíamos parar quando quiséssemos.

Ainda tinha momentos de felicidade. Todos os sábados, na casa de Axel, Detlef me encontrava na bela cama limpinha, me desejava boa noite com um doce beijo na boca e dormíamos. Dormíamos um de costas para o outro, bunda com bunda. Quando acordava, Detlef me dava o beijo de bom-dia.

Estávamos juntos havia seis meses e não tínhamos qualquer relação. Quando conheci Detlef já tinha aprendido a desconfiar da brutalidade dos rapazes, então lhe disse imediatamente: — Eu sou virgem, sabe? Ê gostaria de esperar um pouco mais. Eu acho que sou muito jovem.

Ele compreendeu imediatamente e nunca inventou coisas. Para ele eu não era somente uma amiga com quem ele se entendia bem: ele percebera que eu, com meus catorze anos, era ainda uma menina. E tinha uma sensibilidade extraordinária, e sentia o que eu desejava, o que podia fazer ou não. Durante o mês de outubro pedi a minha mãe que me providenciasse pílulas. Ela me conseguiu uma receita. Ficou sabendo por mim e por Detlef que não havia nada entre nós. Ela era muito desconfiada para essas coisas.

Tomei as pílulas sem dizer nada a Detlef. Ainda tinha medo. Num sábado do fim do mês de outubro, chegando à casa de Axel, vi que ele havia posto lençóis brancos na sua própria cama, mais larga do que aquela em que sempre dormíamos. Axel explicou que era besteira nós dois sofrermos em uma caminha, enquanto ele se esbanjava em uma imensa cama. Ele nos ofereceu sua cama.

Naquele dia todo mundo estava de bom humor. E de repente, Detlef disse que deveríamos limpar um pouco a casa. Imediatamente concordamos. Comecei abrindo todas as janelas. As primeiras baforadas de ar fresco me fizeram tomar consciência da fedentina em que vivíamos.

Nenhum indivíduo normal suportaria mais de um minuto aquela podridão. Mistura de cheiro de sangue seco, cinzas e conservas de peixe mofado. Nas duas horas seguintes fizemos uma revolução no apartamento, varremos, colocamos um monte de lixo em sacos plásticos. Passei o aspirador, limpei a gaiola do canário, que estava irrequieto com toda aquela agitação. A mãe de Axel o havia deixado para ele, pois seu amigo não gostava de pássaros. Axel também detestava esse infeliz animalzinho. Quando não agüentava mais a solidão, ele se metia a cantar, e Axel, então, dava murros na gaiola. O pobre pássaro se debatia como doido dentro das grades. Nenhum dos rapazes cuidava dele, mas a mãe de Axel trazia regularmente uma provisão de alpiste. E eu, no sábado, lhe dava comida por uma semana. Comprei-lhe também um pequeno recipiente de vidro que lhe permitia beber água limpa durante seis dias.

Quando fomos dormir nessa noite, as coisas não se passaram como sempre, Detlef não me deu o beijo de boa-noite e não ficou de costas. Começou a falar, a me dizer coisas muito ternas, senti suas mãos, que me acariciavam com muita ternura. Não tive nenhum medo. Eu também o acariciei muito tempo sem falar, foi maravilhoso.

Depois de mais de uma hora, Detlef rompeu o silêncio: — Você gostaria de fazer amor no sábado que vem?

Respondi: — OK. — Vivia, há tempo, temendo essa proposta. Estava feliz de que Detlef a tivesse feito. Depois eu disse: — Certo, mas com uma condição: não tomaremos nada, nem eu nem você. Nada de heroína. Se estivermos dopados, posso não achar bom. Ou então o acharei bom somente porque estarei dopada. Quero estar totalmente lúcida. E quero que você esteja também, para que saiba se me ama. — Detlef disse: — Está bem — e me desejou boa noite com um doce beijo. Adormecemos um de costas para o outro: bunda com bunda.

No sábado seguinte mantivemos a promessa. Não tomamos nada. O apartamento estava novamente sujo e fedorento. Mas nossa cama estava com lençóis maravilhosamente brancos. Tiramos a roupa. Tive ainda um pouco de medo. Ficamos deitados um ao lado do outro sem trocar palavra. Pensava no que me haviam contado minhas amigas na escola, de como é na primeira vez. O rapaz se joga por cima de você brutalmente, enfia seu troço e só pára quando goza. As garotas também me haviam prevenido de que dói

muito da primeira vez.

Falei a Detlef que não queria que fosse bruto como disseram as minhas amigas na escola.

Ele me respondeu: — Está bem, minha pequena.

Acariciamo-nos por muito tempo. Ele me penetrou um pouco, tão devagarinho que mal percebi. Quando doía, Detlef sentia sem que eu dissesse nada. Pensei: "Ele tem o direito de causar uma dorzinha. Há seis meses ele espera por este momento".

Mas Detlef não queria que eu sentisse dor. Em determinado momento a coisa estava feita. Estávamos juntos para sempre. Eu o amava, estava louca de amor por ele. Sentia-me em êxtase, nas nuvens. Detlef também estava imóvel. Ele certamente compreendeu o meu estado: estava paralisada de angústia e de felicidade.

Detlef tirou e me abraçou. O que senti foi extraordinário. Eu me perguntava como podia merecer um rapaz assim, que pensasse somente em mim, esquecendo-se por completo de si mesmo. Pensei em Charly, que durante uma sessão de cinema pura e simplesmente colocara sua mão entre minhas pernas. Estava feliz por ter esperado por Detlef, por pertencer somente a ele. Amava tanto esse rapaz que de repente senti pânico. Tive medo da morte. Repetia o tempo todo: "Não quero que Detlef morra". Eu lhe disse enquanto ele me acariciava: — Detlef, vamos parar de nos picar.

— Sim — respondeu ele. — Não quero que você se torne uma viciada em heroína.

Ele me beijou. Lentamente nos viramos para dormir. Um de costas para o outro. Bunda com bunda.

As mãos de Detlef no meu corpo me acordaram. Era muito cedo. Uma luz cinzenta atravessava as cortinas. Aca-riciamo-nos e aí fizemos amor de verdade. O que senti ainda estava na cabeça e não lá embaixo. Mas já sabia que era maravilhoso fazer amor com Detlef.

Na segunda-feira fui direto da escola à Estação Zoo. Detlef estava lá. Dei-lhe um sanduíche e uma maçã. Ele estava com fome, e eu, doida por uma dose de heroína. Havia três dias que não me picava. Pedi a Detlef: — Você tem uma picada para mim?

— Não. Eu não te darei mais. Não quero. Eu te amo muito. Não quero que você se torne uma *junkie*.

Tive uma explosão. Comecei a gritar: — Puxa vida, meu caro, você é presunçoso! Você está completamente drogado, as suas pupilas estão tão grandes como a cabeça de uma agulha de tricô. E ainda vem me fazer sermão? Primeiro, pare você mesmo, aí então farei o mesmo. Mas não diga besteiras. Confesse de uma vez que você quer a heroína só para você.

Fiz um escândalo, e ele teve que escutar. Ele não podia protestar, pois tinha recomeçado a se picar, desde domingo à noite. Ele acabou cedendo: — Está bem, minha pequena, vamos lá juntos. — Em seguida, ele saiu com um cliente, para a minha picada.

Desde que tínhamos feito amor, muitas coisas haviam mudado em minha vida. Não me sentia mais tão à vontade na Estação Zoo. Sabia o que significava trepar. O que queriam esses caras que me abordavam? A mesma coisa que fizemos Detlef e eu: trepar. É claro que eu não ignorava em que consistia isso, mas era totalmente abstrato. Porém, tornara-se a experiência mais maravilhosa e íntima entre mim e Detlef. Aqueles caras me davam nojo. O que acontecia ali me pareceu absolutamente incompreensível: como se podia dormir com um daqueles estrangeiros repugnantes, um bêbado ou um careca barrigudo cheirando mal?

Não me divertia mais quando ouvia os clientes me falarem besteira. Não tinha mais nada a responder-lhes. Eu me mandava apavorada, e às vezes chegava até a me defender a tapas. Agora eu odiava enormemente as bichas. Eu poderia matar esses porcos. Passei meu tempo tentando não imaginar Detlef sendo obrigado a acariciá-los.

Apesar de tudo, continuava a freqüentar todas as tardes a estação do metrô quando saía da escola, para ver Detlef.

Depois que ele saía com um cliente, íamos até a sacada e ele me oferecia um chocolate. Às vezes os negócios iam mal e havia dias em que Detlef mal conseguia juntar o dinheiro suficiente para nós dois.

Pouco a pouco comecei a conhecer os outros rapazes. Antes Detlef sempre tentava me manter afastada. Eles estavam bem mais acabados e tinham muito mais dificuldades do que os meus amigos para agarrar clientes. Eram *junkies*, o tipo de caras que antes eu admirava.

Detlef me disse que eram amigos, mas ao mesmo tempo me recomendou que desconfiasse deles. Eles estavam sempre duros e à caça de alguma coisa para se picar. Nunca deveríamos mostrar que tínhamos dinheiro ou heroína, senão poderíamos entrar pelo cano. Eles não roubavam somente os clientes, mas também roubavam entre si.

Comecei a compreender verdadeiramente o que era este mundo de drogados que tanto me atraía. Só que agora estava dentro dele, ou quase dentro.

Às vezes amigos de Detlef me diziam: — Saia dessa, você é muito jovem para isso. É só se separar de Detlef que você conseguirá. Ele, de qualquer jeito, nunca conseguirá sair dessa. Não seja idiota, afaste-se dele.

Mandava-os à merda. Separar-me de Detlef. Nem em sonhos! Se ele quisesse se matar eu o acompanharia. Eu nem falava disso e respondia-lhes simplesmente: — Vocês estão enganados, não somos viciados. Quando quisermos parar, paramos.

Os dias desse mês de novembro eram todos parecidos. Das duas às oito na Estação Zoo. Em seguida o Treibhaus, uma discoteca no Kurfürstendamm que Detlef começou a freqüentar. Era um ponto de encontro de drogados, pior ainda que o Sound. Fiquei muitas vezes até meia-noite e vinte, hora do último ônibus. Na realidade, vivia somente para as noites dos sábados. No sábado à noite Detlef e eu fazíamos amor, e tornava-se cada vez mais bonito, pelo menos quando não estávamos drogados.

Chegou dezembro. Tinha frio. Antes, quase nunca tinha frio. Percebi que estava mal fisicamente. Percebi num domingo no início do mês. Acordei no apartamento de Axel com Detlef dormindo ao meu lado. Estava gelada.

Olhei para uma lata. De repente o que estava escrito nela saltou para cima de mim. Era uma escrita de cores agressivas que me faziam mal aos olhos. Tinha um vermelho terrível. Quando "viajava", sempre tinha medo do vermelho, mas a heroína transformava o vermelho em um tom suave. A heroína cobria todas as cores com uma espécie de véu.

Mas naquela lata o vermelho me feria os olhos. Tinha a boca cheia de saliva. Engolia, mas a saliva voltava. Não entendia bem como ela voltava.

Depois ela desapareceu bruscamente e minha boca ficou seca e pegajosa. Bebi, mas não passou. Tremia de frio e logo em seguida sentia um calor horrível e estava toda suada. Acordei Detlef dizendo: — Algo está acontecendo.

Detlef olhou para mim: — Você está com as pupilas grandes como um pires. — Um longo silêncio e depois ele murmurou: — Filhinha, aconteceu. . .

Sacudida por novos arrepios, perguntei-lhe: — Aconteceu o quê?

— O *cold turkey*, você está de bode — respondeu Detlef.

Então, a famosa crise de privação era aquilo? "Você chegou ao ponto, você é uma viciada", disse a mim mesma, mas não foi uma coisa tão terrível o tal de *cold turkey*. Por que faziam tanto escândalo por isso? Não me sentia verdadeiramente mal: tinha tremores, as cores me agrediam, e tinha uma estranha sensação na boca.

Detlef não falou mais nada. Tirou do bolso do seu *jeans* um pacotinho de ácido ascórbico, foi buscar uma colher, esquentou tudo sobre o fogo de uma vela, e me deu a seringa toda preparada. Como eu estava tremendo, foi difícil encontrar a veia, mas, mesmo assim, consegui com certa rapidez. Tudo voltou ao normal. As cores voltaram a ser doces, minha boca voltou ao estado normal, voltei a dormir, agarrada a Detlef, que aproveitou a ocasião para tomar uma picada. Acordamos ao meio-dia e perguntei a Detlef se ele ainda tinha heroína suficiente. Ele me disse: — Não se preocupe. Você terá mais uma picada esta noite, antes de voltar para casa.

— Mas tenho necessidade de alguma coisa para amanhã de manhã.

— Então não tenho o suficiente. E não tenho vontade de ir à Estação Zoo hoje. De qualquer jeito, hoje é domingo e não tem ninguém. . .

Entrei em pânico: — Você não compreende? Se não me picar amanhã, terei uma crise e não poderei ir à escola.

Aí Detlef disse: — Eu tinha lhe falado, minha filha. Você está perdida.

Um pouco mais tarde fomos à Estação Zoo. Tive tempo para pensar.

Minha primeira crise, e eu ali, esperando, dependente da heroína de Detlef. O que mais me apavorava era depender de Detlef. Que amor era aquele em que um dependia do outro? O que aconteceria se no futuro eu fosse obrigada a suplicar a Detlef que me desse heroína? Já vi viciados em crise mendigando, se rebaixando, prontos para sofrer as maiores humilhações. Eu nunca soube pedir. Não iria começar justo com Detlef. Com ele, não. Se ele me deixasse suplicar tudo estaria terminado para nós dois.

Detlef encontrou um cliente. Esperei a volta dele. Demorou muito. . . Era preciso que eu me habituasse a esperar para ter minha dose da manhã do dia seguinte.

Estava deprimida. Conversava comigo mesma, murmurando: "Então, Christiane, você tem o que queria. Era o que você pensava? É claro que não, mas você quis. Você admirava esses viciados 'barra pesada'. Agora você é um deles. Nada mais a choca. . . Quando lhe falarem de crise, você não precisa mais arregalar os olhos, você já sabe o que é. É a sua vez de impressionar os outros".

Não conseguia ficar numa boa. Pensava na maneira como tratara os *junkies* quando estavam de bode. Eu não entendia o que estava acontecendo com eles. A única coisa que tinha percebido era que eles estavam sensíveis, muito sensíveis. Um viciado em crise fica totalmente a zero, nem sequer ousa protestar. Às vezes, cheguei mesmo a satisfazer meus apetites de poder em cima deles. Quando dominamos a situação, podemos destruí-los completamente. Basta tocar no ponto certo, tocar no ponto fraco, que eles se desmancham.

Quando estamos na pior, estamos bastante lúcidos para nos darmos conta de que somos uma pessoa perdida. Perdemos a fachada de autocontrole e não nos julgamos mais por cima de todos e de tudo.

Pensava: "Agora é você que vai penar quando estiver em tal situação. Eles vão perceber que você é chata e ridícula. Mas você já sabia, não? É gozado que você não tenha pensado em tudo isso antes".

Os sermões que fazia a mim mesma não me levavam a nada. Eu tinha necessidade de falar com alguém. É claro que eu poderia procurar um dos amigos de Detlef que andavam por ali. Em vez disso eu me encolhi num canto ao lado do correio. Sabia muito bem o que me diriam: "Não fique

assim, minha cara. Isto vai se arrumar. Você poderá se curar com uma desintoxicação. O Valeron existe para isso". Detlef também contava coisas assim.

Só restava minha mãe com quem conversar. Mas pensava: "É impossível, não pode fazer isso com ela. Ela te ama e você também a ama, à sua maneira, é claro. Se você lhe contar o que está acontecendo, ela vai entrar numa pior. E de qualquer forma, ela não pode te ajudar. Ela talvez te interne. De que servirá isso? A força não coloca ninguém no caminho certo, principalmente você. Você fugirá. E isso será pior".

Conversava comigo mesma: "Pare, pura e simplesmente! No início você sofrerá um pouco pela falta, mas você tomará algumas coisas para conseguir atravessar a pior fase. Quando Detlef voltar, você lhe dirá: não quero heroína. Paro. E se você não fizer o mesmo, nós nos separamos. Você tem dois troços no bolso? Tudo bem, meu caro, nos picamos pela última vez e amanhã acabou". Eu me dei conta de que ao mesmo tempo em que me ligava a essas idéias, tinha uma vontade louca de tomar uma picada. E eu murmurava, com se estivesse revelando um segredo a mim mesma: "De qualquer forma Detlef não vai querer. E você sabe muito bem que não vai deixá-lo. Pare de sonhar, você chegou ao fim da linha. Exatamente, ao fim da linha. Você não recebeu grande coisa da vida, mas foi você que quis assim".

Detlef voltou. Sem trocar nenhuma palavra fomos ao Kurfürstendamm em busca de nosso revendedor habitual. Coloquei minha dose no bolso, voltei para minha casa e me refugiei em meu quarto.

Dois domingos mais tarde Detlef e eu estávamos no apartamento de Axel completamente aniquilados. Na véspera não havíamos encontrado nosso revendedor habitual, e um outro nos enganou. A heroína que nos tinha vendido era tão impura que no domingo pela manhã tivemos que tomar uma dose dupla para agüentar a barra. No fim da tarde, não tínhamos mais nada, e Detlef começou a transpirar. Percebi que o *turkey* não estava longe.

Reviramos todo o apartamento na esperança de encontrar alguma coisa que pudesse ser vendida, mesmo sabendo de antemão que não havia mais nada. Desde a cafeteira elétrica até o rádio, tudo tinha sido vendido para conseguir algumas picadinhas. A única coisa que sobrou foi o

aspirador, mas ele era tão velho que não conseguiríamos mais que cinco marcos.

Detlef disse: — Filhinha, precisamos de dinheiro, e rapidinho. Dentro de duas horas, no máximo, estaremos na pior e então estaremos perdidos. Hoje é domingo e já é noite. Não conseguirei sozinho. Você precisa me ajudar. É melhor você ir pedir dinheiro no Sound. Trate de conseguir quarenta marcos. Se eu conseguir, por meu lado, um cliente de quarenta ou cinqüenta marcos, teremos até um pouco de heroína para amanhã de manhã. Você vai conseguir?

— É claro que conseguirei. Pedir dinheiro é a minha especialidade. — Encontrar-nos-íamos em duas horas. Pedia dinheiro no Sound freqüentemente. Às vezes o fazia somente para testar. E sempre dava certo. Mas nessa noite, não. Estava com pressa, e conseguir uns trocados tomava tempo: era preciso escolher as pessoas que iríamos atacar, saber como fazer a abordagem, às vezes conversar um pouco com elas e, principalmente, estar numa boa. Pedir dinheiro deve, antes de tudo, divertir.

Como estava numa de horror, o que fazia acabava refletindo meu estado. Depois de meia hora só tinha sete marcos. Eu me disse: "Você nunca conseguirá". Pensei em Detlef, que estava procurando um cliente na Estação Zoo, um lugar que no domingo à noite era freqüentado por famílias (papai, mamãe, filhinhos). Além do mais, ele estava também como eu, na pior. Fiquei em pânico.

Saí para a rua, sem um plano muito definido. Esperava, de uma maneira muito vaga, que pedindo dinheiro fora tivesse mais sorte. Um Mercedes parou. Costumava ver carros luxuosos diminuírem a marcha e pararem diante do Sound. As meninas que não tinham os dois marcos para comprar o bilhete de entrada se vendiam por ele e algumas garrafas de Coca-Cola.

O cara do Mercedes me fez sinal. Eu o reconheci. Ele andava muito por ali, e não era a primeira vez que me abordava. Sua fórmula habitual: — Você quer ganhar uma nota de cem? — Uma vez eu lhe perguntei o que ele queria em troca. Ele respondeu: — Nada em particular. — Eu lhe dei uma violenta gozada.

Não sabia exatamente o que se passava pela minha cabeça. Talvez

qualquer coisa como: "Vá ao encontro desse cara e tente descobrir exatamente o que ele quer. Talvez você consiga tirar uma ou duas notas dele". A verdade é que, de repente, estava ao lado do Mercedes. Ele me disse para entrar, pois não podia estacionar ali. Obedeci.

Na realidade, sabia muito bem o que iria acontecer. Não se tratava mais de pedir uns trocadinhos. Os clientes não eram mais, para mim, criaturas do outro mundo. Vi muitos na Estação Zoo, ouvi muitas descrições dos rapazes, o suficiente para conhecer a seqüência do filme que acabava de começar. Sabia também que não era o cliente quem devia ditar as condições. Tentei me conservar numa superboa. Não tremia, mas aspirava muito forte e mal conseguia terminar minhas frases sem que a minha voz desafinasse.

Eu: — E então?

Ele: — Então, o quê? Cem marcos, de acordo?

Eu: — Eu não trepo. Nada disso. — Ele perguntou por quê, e, na minha emoção, não encontrei nada a dizer a não ser a verdade: — Tenho um companheiro. Não durmo com mais ninguém. E não quero fazê-lo.

Ele: — Está bem. Então você me chupa.

Eu: — Não, isso também não. Tenho vontade de vomitar. — Estava realmente muito calma.

Nada conseguia irritá-lo. Ele respondeu: — Está bem, você me bate uma punheta.

Eu: — De acordo. Por cem marcos. — Na hora aquilo não me chocou, mas, pensando bem, aquele cara devia estar gamado por mim: cem marcos por uma punheta, enquanto na Kurfürstenstrasse, na "putaria de crianças", as meninas não custavam nem um centavo. Ele gamou pelo medo que eu não conseguia dissimular totalmente. Estava encolhida junto à porta, com a mão direita na maçaneta. Ele sabia muito bem que eu não estava fazendo fita.

Ele partiu. Entrei em pânico. Pensava: "Ele não vai se contentar apenas com isso. Vai me bater. Ou então não me dará dinheiro".

Ele parou. Estávamos num parque não muito longe do Sound; aquele

parque, eu o atravessava com frequência. Era um verdadeiro puteiro, cheio de preservativos e lenços de papel por todos os cantos.

Estava tremendo, sentindo um pouco de náusea. O cara conservava um ar muito calmo. Fiz um apelo a toda a minha coragem e lhe disse, conforme as regras do jogo: — O dinheiro primeiro. — Ele me deu. Continuei com medo. Nada me garantia que ele não fosse, em seguida, forçar-me a lhe devolver o dinheiro. Ouvi muitas histórias desse tipo. Mas sabia o que era preciso fazer. Nos últimos tempos, os rapazes da turma quase não falavam de outra coisa além de suas aventuras com clientes. De todo jeito, eles não tinham grandes coisas para conversar.

Esperei que ele desabotoasse suas calças. Ele estava muito ocupado consigo mesmo para me vigiar, e aproveitei para esconder as notas na minha bota. Bem, ele estava pronto. Continuei na ponta do banco do Mercedes, grudada na porta. Imóvel, sem olhá-lo, estiquei o braço esquerdo. Mas o braço não era suficientemente comprido, por isso fui obrigada a me aproximar do cara. Fui obrigada a dar uma olhadinha no seu troço antes de conseguir agarrá-lo.

Tinha vontade de vomitar, e muito medo. Continuei com os olhos fixos no pára-brisa, tentando pensar em outra coisa. Tentei me concentrar em um anúncio luminoso que acendia e apagava, ou nos faróis dos carros que via brilhar através dos arbustos.

Ele acabou logo. Tirou a carteira. Segurou a carteira de tal forma que desse para eu ver que estava cheia de notas graúdas. Naturalmente, queria me impressionar, e me deu vinte marcos a mais, de gorjeta.

Uma vez fora do carro, me senti muito calma e fiz uma espécie de balanço: "Eis aí. Você tem catorze anos. Há um mês você ainda era virgem. Agora você se vende".

Depois, não pensei mais nem no cara nem no que fiz. Estava mais contente do que triste. Por causa do dinheiro. Nunca tivera tanto de uma só vez. Não me preocupava com Detlef e nem me perguntava o que ele iria dizer. A crise começou e pensei apenas numa coisa: minha picada. Tive sorte, encontrei imediatamente nosso revendedor habitual. Vendo aquele monte de dinheiro, ele me perguntou: — Onde você pegou isto? Você se prostituiu? — Eu, com ar superior, respondi: — Você está sonhando. Eu,

fazer isso? Prefiro parar de me picar. Foi meu pai que me deu. Ele, de repente, se lembrou de que tem uma filha.

Comprei dois quartos por oitenta marcos. Os quartos eram uma novidade no mercado. Era mais ou menos um quarto de grama. Antes, um quarto era suficiente para três, mas agora mal dava para Detlef e para mim.

Fui ao banheiro público da Kurfürstenstrasse e me piquei. Era heroína da boa. Pus o resto da heroína e do dinheiro dentro da minha carteira de passe escolar.

A operação toda não demorou mais que quinze minutos. Como deixara Detlef havia quarenta e cinco minutos, estava segura de reencontrá-lo no metrô Zoo. Ele estava lá.

Em verdadeiro estado de miséria. Nenhum cliente no horizonte daquele domingo e, é claro, estava de bode. Eu lhe disse: — Venha, eu tenho.

Ele não quis saber como, não me fez perguntas. Tinha pressa somente de uma coisa: voltar para sua casa. Fomos diretamente ao banheiro. Tirei minha carteira de passe escolar do meu bolso e dei-lhe o saquinho. Enquanto o negócio esquentava na colher, Detlef olhou para a carteira e viu o outro saquinho e as notas. — Onde você conseguiu o dinheiro? — perguntou.

— Pedir não deu certo. Não havia outro jeito. Tinha um cara cheio da grana. Bati-lhe uma punheta. Nada mais além disso, te asseguro. Não teria podido. Fiz isso por você.

Antes mesmo de ter acabado de falar vi Detlef empalidecer. Ele estava louco, furioso. Gritou: — Você está mentindo. Ninguém dá cem marcos por isso. Primeiro, o que quer dizer com punheta e nada mais? — Ele não se agüentava mais, estava em plena crise, tremia inteirinho, sua camisa estava molhada e tinha cãibras nas pernas.

Pôs o garrote no braço. Eu estava sentada na beira da banheira e chorava, pensando que ele tinha razão de estar com raiva. Chorava e esperava que a picada de Detlef surtisse efeito. Quando acontecesse, ele me daria um par de bofetadas, é claro. Eu não me defenderia.

Detlef retirou a seringa, saiu do banheiro sem falar nada. Saí atrás

dele. Finalmente, ele abriu a boca: — Eu te levo ao ponto de ônibus. — Abri o saquinho e lhe dei uma parte. Ele pôs a dose no bolso da calça. Fomos ao ponto de ônibus. Detlef não me disse nada. Gostaria que gritasse, me batesse, dissesse ao menos alguma coisa. Mas, nada, nem uma palavra.

O ônibus chegou. Não subi. Depois que o ônibus partiu, disse a Detlef: — O que eu te disse é a pura verdade. Eu bati uma punheta para aquele cara, isso foi tudo. E foi terrível. É preciso que você acredite em mim. Ou não confia mais em mim?

Detlef: — Está bem, eu acredito.

Eu: — No duro, foi por você que fiz aquilo.

A voz de Detlef endureceu um pouco: — Não diga besteiras. Você fez por você mesma. Você estava em crise e se virou. Perfeito. De qualquer maneira teria feito, mesmo que eu não existisse. Tente compreender. Agora você é uma viciada. É dependente fisicamente. Tudo o que fizer fará por você mesma.

Respondi-lhe: — Você tem razão, mas escute-me um pouco, não pode conseguir sozinho a quantidade de que precisamos. Eu não quero que você faça todo o trabalho. Agora é minha vez. Estou segura de que ganharei um monte de dinheiro. E sem trepar. Prometo nunca dormir com um cliente.

Detlef não falou nada. Colocou seu braço sobre meus ombros. Começara a chover, e não sabia se as gotas que brilhavam no meu rosto eram da chuva ou lágrimas. Um outro ônibus parou. Falei: — Estamos fodidos. Você se lembra de quando ainda estávamos na maconha e nos pequenos comprimidos? Éramos absolutamente livres, não tínhamos necessidade de nada e nem de ninguém. E agora... agora estamos totalmente possuídos.

Deixamos passar três ou quatro ônibus. Murmurávamos coisas tristes. Chorei, pendurada nos seus braços. Ele falou: — Vamos sair dessa. Vamos nos desintoxicar. Nós dois sairemos dessa. Vou procurar Valeron. Eu me encarrego, a partir de amanhã cedo, de suprimir a droga. Nós dois juntos.

Chegou um outro ônibus. Detlef me fez subir.

Em casa, agi mecanicamente, como em todas as noites. Peguei o iogurte na geladeira e o tomei na cama. Na verdade, era um pretexto para levar a colher para o quarto. Serviria, na manhã seguinte, para preparar minha dose. Depois fui pegar um copo de água no banheiro para a limpeza da seringa.

Na manhã do dia seguinte, tudo se passou como sempre. Minha mãe me acordou às quinze para as sete. Fiquei na cama fingindo não ouvi-la. Ela voltava a cada cinco minutos. Acabei falando: — Está bem, está bem, me levanto já, já. — Ela voltou para me pressionar. Contava os minutos até as sete e quinze. Era a hora em que ela devia partir se não quisesse perder o metrô. Ela nunca o perdia. Aliás, eu também deveria partir às sete e quinze para chegar a tempo na escola.

Quando a ouvi fechar a porta do apartamento, meus gestos automáticos começaram a funcionar. Tirei o envelopinho de papel da minha calça que estava no pé da cama. No saco plástico, que estava ao lado, meus produtos de beleza, um pacote de cigarros Rothhandle, um frasquinho de ácido cítrico, a seringa embrulhada em papel higiênico. Ela estava entupida, como sempre, por causa do tabaco do cigarro, que se espalhara por todo canto. Mergulhei a seringa no copo d'água, coloquei o pó na colher, algumas gotas de ácido cítrico, esquentei tudo, pus o garrote no braço, etc.

Fazia tudo automaticamente, como outras pessoas que acendem o seu primeiro cigarro do dia. Muitas vezes voltava a dormir e chegava à escola para a segunda ou terceira aula. Sempre chegava atrasada quando me picava em casa.

Às vezes minha mãe conseguia me tirar da cama e me fazia tomar o metrô com ela. Nesse caso, era obrigada a me picar num banheiro da estação Moritzplatz do metrô. Era bastante desagradável — os banheiros eram particularmente sombrios e fedorentos. Além disso, os muros eram esburacados e havia sempre uns caras de butuca para ver as meninas mijarem. Sempre tive medo de que um deles fosse chamar a polícia ao descobrir que ia ali somente para me picar.

Levava quase sempre meus utensílios à escola. Em caso de necessidade... Se nos segurassem, por alguma razão qualquer, numa atividade extra, por exemplo, ou se eu não pudesse voltar para casa, eu me picava lá mesmo. Nos banheiros da escola não havia mais porta que

pudesse ser fechada. Nesse caso, minha amiga Renate segurava a porta. Ela estava por dentro. Acredito que a maior parte dos meus colegas também, mas não estavam nem aí. No conjunto Gropius um drogado não era nada fora do comum.

Durante as aulas, as poucas a que ainda assistia, cochilava. Às vezes dormia mesmo, de olhos fechados e a cabeça apoiada na carteira. Quanto maior a dose matinal, maior seria a minha dificuldade em falar. Os professores deviam ter percebido o que se passava. Mas apenas um professor um dia me falou da droga, e chegou a me perguntar se eu tinha problemas. Os outros se satisfaziam em me chamar de preguiçosa e me encher de zeros. De qualquer forma, tínhamos tantos professores que a maior parte deles se contentava quando conseguia guardar os nossos nomes. Não tínhamos nunca contatos pessoais.

Eles pararam logo de se interessar pelas minhas lições: não fazia mais nenhuma tarefa. Eles se limitavam a fazer anotações no caderno de notas, enquanto eu, desde que era anunciado o trabalho a ser feito, escrevia "não sei" e lhes entregava. Passava o resto da aula rabiscando. Tinha a impressão de que a maioria dos professores tinha o mesmo "interesse" que eu pela escola. Eles desistiam de tudo e ficavam contentes quando terminavam suas aulas sem ser incomodados.

Depois daquele famoso domingo à noite em que "trabalhei" pela primeira vez, tudo pareceu continuar como antes. Isso durante certo tempo.
..

Todos os dias tentava convencer Detlef de que o que ganhava pedindo dinheiro não era nada e que não podia deixar que ele subvencionasse todas as nossas necessidades. Detlef tinha verdadeiras crises de ciúmes. Mas chegou à conclusão de que aquilo não poderia continuar, e um dia ele propôs que trabalhássemos juntos.

Era experiente, e sabia que existiam clientes bissexuais. E também bichas que gostariam de fazer "aquilo" uma vez, pelo menos, com uma menina, desde que um rapaz estivesse por perto. Detlef disse que escolheria os meus clientes: caras que não tinham vontade de trepar e não tocariam em mim. Caras que queriam que lhes fizéssemos "coisas". Aliás, eram esses que Detlef preferia. Ele achava que nós dois juntos poderíamos ganhar cem marcos e até mais.

Nosso primeiro cliente comum foi Max, o gago. Nós o apelidamos assim. Era um cliente habitual de Detlef, e eu o conhecia. Detlef me explicou que tudo o que ele iria pedir era para ser surrado. Eu deveria apenas ficar nua da cintura para cima. Concordei. Pensava que bater me daria um certo alívio, pois sempre desejei agredir os clientes de Detlef. Max, por sua vez, estava entusiasmado com a idéia de que eu iria com eles. Pelo dobro do preço habitual, é claro. Marcamos um encontro para segunda-feira, às quinze horas, na Estação Zoo.

É claro que cheguei atrasada. Max já havia chegado. Detlef ainda não. Como todos os viciados, ele era incapaz de chegar na hora. Presumi que tivesse encontrado um outro cliente, um cara que pagasse bem e com quem ele seria obrigado a ficar um pouco mais de tempo. Eu e Max esperamos quase meia hora. Detlef não chegou. Senti um medo terrível. Mas Max sentia, visivelmente, mais medo do que eu. Ele não parava de me explicar que havia pelo menos dez anos não fazia nada com uma menina. Mas tremia a cada palavra. Gaguejava muito, eu mal entendia o que falava.

A situação tornara-se insuportável. Precisava encontrar uma solução. Além disso, não tinha mais heroína, e tinha medo de entrar em crise antes de acabar essa história com Max. Quanto mais eu sentia que ele se angustiava, mais eu me sentia segura. Acabei falando, muito tranqüila: — Vamos, meu caro, Detlef nos deixou um pepino. Eu vou me ocupar de você, e você vai ficar contente. Mas continuamos com o preço acertado: cento e cinqüenta marcos.

Ele gaguejou um "sim" e começou a caminhar. Tinha um ar de quem não estava mais com a mínima vontade. Segurei o seu braço e o guiei, literalmente.

Detlef me contou a triste história de Max. Ele é um trabalhador braçal, tem uns quarenta anos e veio de Hamburgo. Sua mãe era puta. Quando menino, apanhava violentamente. Apanhou da mãe e de seus gigolôs e também nas instituições em que foi internado. Apanhou tanto, a ponto de não conseguir falar direito, e agora tem necessidade de levar uma surra para conseguir satisfação sexual.

Fomos à casa dele. Pedi imediatamente o dinheiro, apesar de ele ser um *habitué* com quem não era necessário tomar tais precauções. Ele me deu cento e cinqüenta marcos, e senti-me orgulhosa de lhe tomar tanto dinheiro

de maneira tão fácil.

Tirei minha blusa e ele me deu um chicote. Pareceu-me que estávamos num filme. Tive a impressão de que deixava de ser eu mesma. No início não batia muito forte, mas ele pediu que eu batesse mais forte. Eu mandei brasa. Ele gritava: "Mamãe!" e coisas assim. Eu ignorava, e tentava não olhá-lo. Apesar disso, via as marcas no seu corpo, algumas partes inchavam e em outras, a pele arrebentara. Era repugnante, e isso durou quase uma hora.

Quando terminou, vesti minha blusa e fugi correndo. Desci a escada correndo. Mal cheguei lá fora, meu estômago não agüentou mais e vomitei em frente à casa. Depois, tudo acabado. Não chorei e não tive piedade de mim mesma. Sabia muito bem que estava na merda e não podia contar com ninguém, a não ser comigo mesma. Fui à Estação Zoo. Detlef estava lá. Não lhe contei grandes coisas, apenas que saíra sozinha com Max, e mostrei-lhe os cento e cinquenta marcos. Ele tirou uma outra nota de cem do bolso de sua calça. Partimos de braços dados para comprar um monte de heroína de boa qualidade. Uma jornada extraordinária.

Desde então eu mesma conseguia o dinheiro para minha heroína. Fazia um sucesso terrível, podia escolher meus clientes e ditar minhas próprias condições. Nada de estrangeiros sujos. Para todas as meninas do metrô Zoo os estrangeiros são o que há de pior: eles tentam dar calote dizendo que não têm dinheiro, e além disso eles querem mesmo é meter sem preservativo.

Nunca trepei com nenhum deles. Isso em consideração a Detlef e ao nosso último resto de vida privada. Fazia tudo com as mãos e depois "à francesa". Não era tão horrível quando eu fazia as coisas no cara e não ele comigo. Não queria que eles me tocassem. Se eles tentassem, dava o fora.

Tratava de acertar as condições logo de cara. Não havia nem conversa com quem não me agradasse. Perdia muito com este último resto de amor-próprio. Encontrar um cliente conveniente que aceitasse todas as minhas exigências acabava me tomando a tarde toda. E raramente tínhamos tanta grana quanto no dia em que saí pela primeira vez com Max, o gago.

Max era nosso cliente habitual. Íamos à casa dele juntos ou sozinhos. No fundo era um cara legal, que gostava de nós dois. É claro que com seu

salário de trabalhador braçal ele não poderia continuar a nos pagar cento e cinquenta marcos. Ele sempre se virava para nos pagar quarenta marcos, que era o preço de uma picada. Uma vez ele chegou até mesmo a quebrar seu cofrinho, que, junto com algumas moedas que estavam numa tigela, completou com muito esforço meus quarenta marcos. Quando estava necessitada, podia dar um pulo à casa dele e pedir-lhe uns vinte marcos adiantados. Se ele tivesse, me dava.

Max sempre esperava por nós: para mim, suco de pêssego, minha bebida preferida, e para Detlef, pudim de sêmola, que ele adora. Era o próprio Max quem o fazia, e o tinha sempre na geladeira. E como ele sabia que eu gostava de comer qualquer coisa depois do trampo, sempre comprava iogurtes e chocolates. O flagelo tornou-se para mim uma coisa rotineira. Uma vez terminada esta formalidade, eu comia, bebia e conversava com Max.

O pobre emagrecia a olhos vistos. Tirávamos toda a sua grana, e ele não tinha dinheiro nem para comer. Ele se habituou de tal forma a nós, e estava tão feliz com a gente, que quase não gaguejava quando estávamos juntos. A primeira coisa que ele fazia de manhã era comprar os jornais, só para saber se a lista dos mortos por *overdose* não havia aumentado. Um dia cheguei à casa dele para conseguir vinte marcos e o encontrei pálido, gaguejando mais do que nunca. Ele tinha lido que certo Detlef W. era a centésima vítima da heroína naquele ano. Quase chorou de alegria quando lhe disse que tinha acabado de deixar meu Detlef mais vivo do que nunca. Ele me repreendeu, e pela centésima vez: deveríamos deixar a heroína, que iria acabar nos matando.

Respondi-lhe com ar glacial que se parássemos não voltaríamos mais à sua casa. Ele não disse mais nada.

Nossas relações com Max eram estranhas. Odiávamos todos os clientes. Logo, odiávamos Max. Nós achávamos que ele era um cara legal talvez pelo fato de nunca ter inventado histórias quando tínhamos necessidade de quarenta marcos. Além do mais, sentíamos por ele algo como uma certa piedade. Eis um cliente que, no fundo, era ainda mais miserável do que nós. Ele era só, absolutamente só. Tinha somente a nós. Arrebatava-se por nós, mas nem pensávamos nisso. Nos meses seguintes iríamos arrebatando outros clientes.

Às vezes passávamos a noite na casa de Max, e tranqüilamente víamos televisão juntos antes de dormir. Ele nos dava sua cama para dormirmos, e dormia no chão. Uma noite em que estávamos todos drogados, Max pôs uns discos loucos, colocou uma peruca de cabelos longos, cobriu-se com um lindo manto de pele e se pôs a dançar como um alucinado. Quase morremos de rir enquanto assistíamos. De repente, ele perdeu o equilíbrio e caiu batendo a cabeça na máquina de costura. Ficou desmaiado por alguns minutos. Ficamos apavorados. Chamamos o médico: Max teve uma concussão cerebral. Devia ficar, mais ou menos, duas semanas na cama.

Pouco tempo depois ele perdeu o emprego. Nunca se drogou, nem mesmo para experimentar, e ei-lo completamente fodido. Destruído por nós, drogados.

Ele nos pedia para ir vê-lo, somente para fazer uma visita. Mas era preciso não pedir tal coisa a um viciado, pois não se ajusta ao seu gênero. Primeiro, o viciado é incapaz de tal gesto para com outrem. E, além disso, talvez principalmente por isso, tenha de camelar o dia inteiro pelo dinheiro de que tinha necessidade para comprar sua droga. Detlef explicou tudo isso a Max, que jurou que nos daria um montão de dinheiro quando o tivesse. — Um drogado — disse-lhe secamente Detlef — é como um homem de negócios. Ele deve cuidar para que suas coisas estejam equilibradas. Ele não pode dar crédito sob pretexto de simpatia ou amizade.

Pouco tempo depois de me ter iniciado como puta, senti a alegria dos reencontros. Um dia, no metrô, esperava um cliente e vi Babsi, a menininha que há alguns meses me abordara no Sound para pedir LSD. Babsi, a fujona que tinha tido oportunidade de algumas cheiradas de heroína, antes de ser pega e levada à casa de seus avós.

Nós nos olhamos, compreendemos imediatamente qual era a nossa e nos jogamos nos braços uma da outra. Estávamos muito felizes de nos revermos. Babsi estava frágil, não tinha mais bunda nem peito. Mas ela estava quase mais bonita que antes. Seus cabelos caíam sobre os ombros, penteados impecavelmente, e ela estava toda graciosa. Imediatamente vi que estava encharcada de heroína. Mas estava certa de que quem não a conhecesse nunca desconfiaria de que essa maravilhosa adolescente era uma viciada.

Babsi estava muito calma. Nem um pouco agitada como nós, que passávamos o dia todo caçando dinheiro. Ela me explicou que não tinha necessidade de se prostituir, e me ofereceu com que me picar e alguma coisa para comer.

Subimos ao terraço. Era inútil contarmos o que fazíamos, mas Babsi não me disse imediatamente onde ela conseguia todo esse dinheiro e a heroína. Somente me contou que, desde a sua fuga, sua família era muito severa com ela. Ela devia voltar para casa entre sete e oito horas e nada de cabular aula. Sua avó a vigiava constantemente.

Foda-se, mas eu lhe perguntei o que fazia. — Eu tenho um cara. Um cara de certa idade, mas muito legal. Vou à casa dele de táxi. Grana ele não dá, só heroína. Três quartos por dia. Ele tem outras meninas que vão vê-lo, e é a mesma coisa: ele lhes dá heroína. Agora ele está gamado por mim. Vou por uma hora. É claro que não trepo. Nada disso. Ele me pede para ficar pelada, conversar, às vezes tirar uma fotografia ou então lhe dar uma chupada.

O cara se chamava Heinz. Ele tinha uma papelaria. Já tinha ouvido falar dele, um cliente muito legal, que dava heroína diretamente para as garotas, o que poupava andar-se à cata de heroína para cima e para baixo. Tive inveja de Babsi, que voltava para casa no máximo às oito horas e podia dormir quanto quisesse pela manhã e levava uma vida muito mais tranqüila do que a nossa.

Babsi tinha tudo, até muitas seringas. Não usávamos seringas descartáveis, difíceis de serem encontradas. A agulha da minha estava tão rombuda que era obrigada a apontá-la na parte áspera da caixa de fósforos. Babsi me prometeu três êmbolos e três agulhas.

Alguns dias depois reencontrei Stella também na Estação Zoo. Stella, a amiga de Babsi. Grandes abraços. Stella também se drogava, é claro. Ela não teve tanta sorte como Babsi. Seu pai morrera há dois anos num incêndio, e sua mãe abrira um bar com um amigo italiano e começara a beber. Stella sempre roubou grana do caixa, mas um dia ela pegou cinquenta marcos da carteira do amigo de sua mãe e ele percebeu. Depois disso ela não tinha coragem de voltar para casa. Retornou à "cena".

Imediatamente começamos a falar dos clientes. Stella fez um relato

sobre Babsi, sua melhor amiga. Era a degradação total. O tal Heinz era um cara imundo, um velho gordo e suado. E Babsi dormia com ele. — Para mim será o fim de tudo — disse Stella. — Dormir com um cara assim! Aliás, com qualquer cliente. Ela deve ser do tipo que topa, logo de cara, trepar com os estrangeiros sujos! Bem, chupar de vez em quando, tudo bem. Mas trepar!

Estava transtornada, mas não entendia bem por que Stella me contava tudo isso. Babsi me diria algum tempo depois que Heinz fora cliente habitual de Stella. Eis por que ela sabia bem o que ele exigia. Mais tarde, eu mesma faria a experiência.

Stella trabalhava com motoristas, na "putaria de crianças" da Kurfürstenstrasse, onde quase todas as meninas de treze, catorze anos, eram viciadas. Fiquei apavorada: subir num carro sem saber com quem iria, por vinte marcos. Dois clientes por uma picada eu não faria nunca!

Discutimos durante uma hora sobre a questão de saber se era mais degradante se prostituir no Zoo ou na Kurfürstenstrasse. Logo chegamos a um ponto comum: Babsi era certamente a pior de todas, se dormia com aquele cara.

Nos meses que se seguiram, eu, Babsi e Stella discutíamos quase diariamente sobre a questão da nossa honra de prostitutas. Cada uma tentava demonstrar a si mesma e às outras que ainda não descera ao ponto mais baixo da escala. E quando nos encontrávamos somente em duas, falávamos mal da terceira.

O ideal, evidentemente, era não ser obrigada a se prostituir. No dia de nosso reencontro, Stella e eu nos persuadimos de que isso era possível: conseguiríamos dinheiro pedindo e roubando. Stella tinha mais do que o suficiente para uma rodada.

Tinha uma idéia genial e faríamos imediatamente a experiência num grande magazine, o Kadewe. No banheiro era preciso esperar que as velhinhas se fechassem na privada. Geralmente elas penduravam a sacola na fechadura da porta. Uma vez que elas tivessem vencido a batalha contra as roupas e estivessem sentadas no vaso, de fora, com um soco forte, faríamos descer a fechadura. A sacola cairia no chão e seria fácil pegá-la passando a mão por sob a porta. Evidentemente, as velhinhas não ousariam

nos perseguir com o traseiro à mostra e, até que elas se vestissem, estaríamos longe.

Stella e eu nos colocávamos em posições estratégicas no banheiro de senhoras do Kadewe. Mas, a cada vez que Stella anunciava que chegara a hora, tinha cólicas. Ela não queria trabalhar sozinha, e, além do mais, seriam necessárias quatro mãos para pegar rapidamente todas as sacolas. Fracassou a operação "toalete para senhoras". Para roubar era preciso nervos sólidos, o que nunca foi o meu forte e o seria cada vez menos...

Após alguns insucessos desse tipo, Stella e eu decidimos nos prostituir juntas. No metrô Zoo, como eu havia insistido, fazíamos, então, clientes a duas. Era muito mais vantajoso. Uma das vantagens era que nós nos vigiávamos mutuamente, e cada uma sabia até que ponto a outra aceitava o que fazer, mas não conversávamos sobre isso, tudo estava subentendido. Em duas nos sentíamos mais seguras, era mais difícil nos darem cano e podíamos nos defender melhor se um cliente não quisesse respeitar as condições. Além do mais, a coisa ia mais rápido: uma se ocupava da parte de cima e a outra, da parte de baixo, e o assunto estava encerrado em dois tempos.

Por outro lado, encontrar clientes que aceitassem pagar a duas meninas não era fácil. Havia os que tinham medo: os caras experientes sabiam que enquanto uma distraía a atenção, a outra podia muito bem esvaziar-lhe a carteira. De nós três era Stella a que mais queria trabalhar em dupla: como ela não tinha mais o ar de criança, encontrava mais dificuldades que eu e Babsi para conseguir clientes.

A que tinha maior facilidade era Babsi. Na verdade, como Heinz preenchia as suas necessidades, ela trabalhava somente para nós. Com seus treze anos, sua cara de menininha inocente sem maquiagem, sua silhueta esguia, na "prostituição de crianças" ela era exatamente o que os caras vinham buscar. Uma vez ela fez cinco clientes e ganhou duzentos marcos em uma hora.

A introdução das duas meninas acabou criando problemas nas minhas relações com Detlef. Nós nos amávamos tanto quanto antes, mas brigávamos cada vez mais. Detlef estava muito suscetível. Eu ficava muito com Babsi e Stella, e isso não lhe agradava muito. O que principalmente lhe desagradava, e ele era obrigado a engolir, era que ele não escolhia mais os

meus clientes. Eu mesma os escolhia, ou então com Babsi e Stella. Detlef me acusava de dormir com clientes. Ele estava com um ciúme danado.

As minhas relações com Detlef não eram mais o centro do universo. Eu o amava e o amaria sempre, mas não dependia mais dele. Não tinha mais necessidade de sua constante proteção nem da sua droga. No fundo éramos agora como esses casais modernos, que tanto sonham os jovens: duas pessoas totalmente independentes. Algumas vezes na nossa turma as meninas trocavam drogas entre si, assim como os rapazes.

Nossa amizade não passava de uma amizade de drogados. Todos nos tornávamos cada vez mais agressivos. A heroína, a agitação em que vivíamos, a batalha cotidiana pela heroína e pela grana, o *stress* em casa (era preciso esconder o tempo todo, inventar novas mentiras) colocavam nossos nervos a zero. Acumulávamos tanta agressividade que não conseguíamos mais nos dominar, mesmo entre nós.

Era com Babsi que eu mais me entendia; em outras palavras, era a mais calma de todos nós. Íamos freqüentemente para o "trabalho" juntas. Compramos as mesmas saias negras justas com abertura até a bunda. Por baixo, ligas pretas. Isso enlouquecia os clientes: ligas pretas sobre nossos corpos adolescentes. E ainda mais com as nossas carinhas de crianças. . .

Pouco antes do Natal de 1976 meu pai saiu de férias e me permitiu ficar em seu apartamento, onde minha irmã estava sozinha. Pude levar Babsi. Já na primeira noite, uma bruta briga. Babsi e eu brigamos como feirantes, usando uma linguagem tão baixa que minha irmãzinha, que tem um ano menos que eu, começou a chorar. Ela não tinha dúvidas a respeito da nossa vida dupla. Nós, quando brigávamos, utilizávamos a linguagem de putas.

Na manhã seguinte, Babsi e eu éramos novamente as melhores amigas do mundo. Era sempre assim: quando dormíamos bem, a volta à realidade se processava sem violência, ficávamos bem-humoradas. Babsi e eu decidimos não nos picar imediatamente. Iríamos esperar o máximo de tempo possível. Uma experiência que faríamos periodicamente. . . um verdadeiro esporte. Apenas comentamos sobre a picada formidável com uma heroína extraordinária que nos esperava.

Como duas crianças saboreando, por antecipação, seus presentes de

Natal.

Minha irmã acabou forçosamente compreendendo que não estávamos em nosso estado normal. Ela não sabia que nós fumávamos, pensava que estávamos tentando algo novo. Ela jurou guardar segredo.

Babsi foi buscar o aromatizador de ricota. Ela havia escolhido o sabor morango. Vivia quase unicamente de ricota aromatizada. Minha alimentação não diferia muito disso: queijo branco, iogurte, pudins e uma espécie de bolinho frito que vendem no metrô Kurfürstendamm. Meu estômago não suportava nada mais além disso. Então Babsi preparou sua mistura. Era como a celebração de um rito religioso: estávamos as três na cozinha, Babsi preparava a mistura, e minha irmã e eu contemplávamos com fervor. Estávamos felizes por provar, logo após, um gigantesco lanche de queijo branco. Depois do que, evidentemente, Babsi e eu nos picaríamos.

Babsi acabou de bater a ricota, que se tornou uma apetitosa massa cremosa, mas não pudemos mais esperar. Falamos para minha irmã que pusesse a mesa muito bonitinha e corremos a nos fechar no banheiro. Aí começou o drama porque nós já estávamos quase de bode.

Só nos restava uma seringa utilizável. Eu disse que seria a primeira.

Babsi deu uma bruta bronca: — Por que sempre você? Hoje sou eu que começo. Além do mais, a heroína é minha.

Aquilo me deixou furiosa. Concordava em que ela tinha freqüentemente mais do que a gente e nos dava um pouco, mas eu não suportava vê-la tirando vantagem disso. Eu lhe disse: — Escute aqui, minha velha, você está me gozando. Você leva um tempão para fazer isso. — Era verdade, ela tinha necessidade de, pelo menos, meia hora para se picar. Suas veias não eram visíveis. E se não conseguia na primeira vez, ela perdia as estribeiras, enfiava a agulha de qualquer maneira, ficando cada vez mais nervosa. Seria uma tremenda sorte se ela acabasse encontrando o lugar certo.

Na época eu não tinha problemas com isso. Ou Detlef me picava (um privilégio que lhe era reservado) ou então eu me picava sempre no mesmo lugar, na veia do braço esquerdo. Deu certo durante algum tempo, até que ocorreu uma trombose e minha pele ficou meio grossa. Então fiquei sem saber onde me picar.

De qualquer maneira, naquela manhã obtive uma vitória. Peguei a seringa e injetei exatamente como deveria ser feito. A operação demorou apenas dois minutos. Foi uma picada terrível. Meu sangue borbulhava. Tinha calor. . . que calor! Joguei água no rosto e depois disso me senti melhor e comecei a me agitar.

Babsi, sentada na porta do banheiro, pôs o troço no seu braço e começou seu teatro. Gritava: — Merda, estamos nos sufocando neste galinheiro! Abra esta porcaria de janela.

Eu já tinha a minha dose... tudo bem... ela que se danasse. Respondi-lhe: — Não me encha. Se você está num sufoco, o problema é seu.

Babsi deixava cair pingos de sangue por todos os cantos, mas não encontrava sua veia. Ela perdia cada vez mais a calma e gritava: — Por que não há luz nestes banheiros fodidos? Vá providenciar luz. Vá procurar uma lanterna no quarto.

Tive a calma de ir e procurar a lanterna. Babsi não parava com seu espetáculo... tive medo de que minha irmã percebesse alguma coisa... mas acabei trazendo. Nesse meio tempo, Babsi acertou a picada. Ela se acalmou imediatamente, limpou cuidadosamente a seringa, enxugou as manchas de sangue da banheira e do assoalho. Não deu mais um pio.

Voltamos à cozinha, e eu me aprontei para saborear a ricota. Babsi pegou a tigela e começou a esvaziá-la. Ela fez um esforço terrível, mas comeu tudo o que havia dentro. Mal teve tempo de me falar: — Você sabe por quê.

Estávamos, as duas, contentes de passar alguns dias no apartamento do meu pai. Logo na primeira manhã tivemos a maior briga do século. Por nada. É que os viciados, com o tempo, se transformam. A droga destrói as relações entre as pessoas. Mesmo na nossa turma, onde, talvez pelo fato de sermos muito jovens, havia apoio mútuo.

As brigas com Detlef tornavam-se cada vez mais maçantes. Estávamos bastante deteriorados fisicamente. Eu não pesava mais que quarenta e três quilos, tendo um metro e sessenta e nove, e Detlef, cinqüenta e quatro quilos e um metro e setenta e seis. Quando nos sentíamos fora de forma, e isso era freqüente, tudo nos enervava e brigávamos um com o outro. Tentávamos nos machucar de fato, cada um

atacando bruscamente o ponto mais vulnerável do outro. Isto é, para nós o ponto fraco era a prostituição (no entanto, quando não brigávamos, fazíamos de conta que considerávamos a questão um negócio secundário, rotineiro).

Exemplo: "Você acha que tenho vontade de dormir com uma garota que trepa com os caras mais nojentos?"

E eu: "Um cara que dá a bunda me enjoa". Etc., etc.

Sempre acabava chorando. Às vezes a coisa variava: Detlef ficava completamente nocauteado ou então nós dois chorávamos juntos. Quando um de nós estava em crise, o outro não precisava esforçar-se muito para ficar completamente arrasado. Era difícil a gente voltar a se abraçar apertado, um contra o outro, como duas crianças. É que cada um via no outro a imagem de sua própria degradação. Era horrível, porque se um estava numa pior, então, encontrava o outro, que também estava na mesma.

Ê claro que essa agressividade era, também, descarregada sobre pessoas estranhas. Bastava a imagem das vovós com suas sacolas cheias de mantimentos, para que eu ficasse irritada. Então, a primeira coisa que fazia era entrar na cabine de um vagão de não-fumantes com um cigarro aceso. Se elas ousassem me dar qualquer bronca, simplesmente dizia: — Os incomodados que se mudem. — O meu maior prazer consistia em fazer uma daquelas velhotas se mandar para eu poder sentar. O cigarro que eu costumava fumar fazia uma fedentina danada dentro do vagão, e às vezes até eu mesma era expulsa violentamente. Eu mesma me enervava com o meu comportamento, e mais ainda quando via Stella e Babsi fazerem a mesma coisa. Mas como eu não queria papo com aquela gente, não via outra saída.

Era-me totalmente indiferente o que os outros pensavam de mim. Quando começavam aquelas terríveis coceiras, que afetam todas as partes do corpo e até mesmo sob a maquilagem, não me preocupava com quem quer que estivesse do meu lado. Simplesmente tirava as minhas botas, levantava a saia até o umbigo, e me coçava pra valer. Para mim somente importava a opinião que a turma tinha a meu respeito.

Entre os viciados chega um momento que já nada mais importa, em que já não pertencemos mais a nenhuma turma. Eu conhecia alguns dos

viciados mais antigos, aqueles que já se picavam há mais de cinco anos e ainda sobreviviam. Com relação a esses, tínhamos uma espécie de admiração especial, pois tinham uma personalidade muito forte. Dava-nos, também, um certo orgulho poder contar aos outros na "cena" que os conhecíamos. Paradoxalmente eu os desprezava, pois eram a total degradação humana. Por outro lado, nós, os jovens, tínhamos muito medo deles. Não lhes restava mais nada, nem moral, nem consciência, e muito menos piedade. Quando se encontravam em estado de crise total, eram capazes até mesmo de matar para obter heroína. O mais agressivo de todos chamava-se Manu, o Vilão. Todos o chamavam assim, e ele honrava o seu apelido. Quando os revendedores o avistavam, corriam mais depressa do que diante de uma batida policial, pois caso ele conseguisse segurar um, simplesmente lhe roubava todo o estoque. Ninguém da turma ousava ficar contra ele. E com os viciados iniciantes, nem falar. . .

Uma vez eu o vi em ação. Eu havia acabado de me fechar em um banheiro para me picar e, de repente, vi um cara saltar por cima do muro de separação e cair em cima de mim. Era o próprio! Tinham-me contado que esse era seu modo de agir: esconder-se nos banheiros de senhoras e esperar que uma menina viesse se picar.

Sabendo que ele não hesitaria em me bater, dei-lhe imediatamente minha dose e a seringa. Ele saiu, ficou diante do espelho e se picou no pescoço. Esse cara não tinha mais medo de nada, e aquele era o único lugar de seu corpo em que podia enfiar uma agulha. Ele sangrava como um porco. Acho que ele se picou na artéria. Ele não dava bola. Disse apenas "obrigado" e desapareceu.

Eu, pelo menos, nunca chegarei a esse ponto. Estou certa disso, pois, para sobreviver tanto tempo quanto Manu, o Vilão, é preciso ser muito forte. E esse não é o meu caso.

Na nossa turma tudo girava, cada vez mais, em torno da "viração" e dos clientes. Os rapazes tinham os mesmos problemas que nós. Nós nos interessávamos uns pelos outros e nos auxiliávamos mutuamente. Nós, as meninas, trocávamos nossas experiências. Com o tempo o círculo de clientes se restringiu, e o novo, para mim, possivelmente já era conhecido por Babsi ou Stella. Era muito útil conhecer o terreno antecipadamente.

Havia uns caras mais recomendáveis e outros, menos. Havia aqueles

que seria melhor evitar. Uma classificação onde interessava a profissão do cliente, a situação da família, etc. Aliás, nós nunca falávamos das confidências que eles nos faziam sobre suas vidas privadas. A única coisa que nos importava era saber se ele era ou não um "bom cliente".

O "bom cliente" era, por exemplo, aquele que tinha um medo pavoroso de doenças venéreas e usava preservativo. Infelizmente era raro. A maior parte das meninas que se prostituíam de uma forma não profissional acabavam pegando alguma coisa, mas não iam ao médico, de medo que ele percebesse que elas se drogavam.

O "bom cliente" era também o cara que pedia, ele mesmo, que o chupássemos e não queria nada mais. Isso evitava a perda de tempo na discussão das condições. Mas dávamos, também, um crédito ao cara relativamente jovem e não muito gordo. Havia ainda aquele que não nos tratava como mercadoria e se mostrava mais ou menos amável e que chegava até a nos convidar para jantar, de vez em quando.

Mas o principal critério era, evidentemente, a relação qualidade-preço; o que o cara estava disposto a pagar em troca do serviço prestado. A evitar: os caras que não respeitavam as condições e, uma vez no hotel, tentavam nos roubar, com ameaças ou com palavras bonitas, "algumas coisas mais"... Trocávamos principalmente informações sobre os piores, traçando o perfil mais preciso possível: os caras que depois queriam recuperar o dinheiro usando até a força, se fosse necessário, dizendo que não se tinham satisfeito. É verdade que esse tipo de coisa acontecia mais freqüentemente com os rapazes.

Chegamos ao ano de 1977. Não vi o tempo passar. Mal percebia se era inverno ou verão, Natal ou Ano-Novo, para mim todos os dias eram quase iguais. Ganhei dinheiro como presente de Natal, o que me permitiu fazer um ou dois clientes a menos. De todo jeito, nesse período de festa quase não havia clientes. Passei algumas semanas totalmente pirada. Não pensava em nada, não percebia mais nada. Estava totalmente fechada em mim mesma, mas não sabia quem era eu. Às vezes não sabia nem mesmo se estava viva.

Alguns acontecimentos dessa época mal ficaram gravados em minha memória. Aliás, nenhum deles valia a pena ser guardado em minha massa cinzenta. Isso até certo domingo de janeiro. Voltei para casa de madrugada,

e no fundo até me sentia bem. Deitada em minha cama, me imaginava uma menina de volta do baile. Ela conheceu um garoto muito bonito e se apaixonou. Agora só me sentia mais ou menos feliz quando me imaginava uma outra pessoa. Meu sonho preferido era me imaginar uma adolescente feliz, tão feliz quanto aquela que faz publicidade da Coca-Cola.

Ao meio-dia minha mãe me acordou e me trouxe o almoço na cama. Ela sempre fazia isso quando estava em casa, no domingo. Fiz esforço para engolir algumas colheradas. Foi difícil: além do iogurte, do queijo branco e do manjar, nada mais me descia. Depois peguei minha sacola de plástico, que estava em estado pavoroso: não tinha mais alça e estava toda arrebitada porque punha ali minha roupa, além da seringa e dos cigarros.

Como estava completamente indiferente, não me ocorreu a idéia de trocá-la. Além disso, nem me ocorreu a idéia de evitar passar diante de minha mãe com o saco plástico embaixo do braço, a caminho do banheiro. Eu me fechei no banheiro. Em casa ninguém fazia isto. Como todos os dias, me olhei no espelho. Vi um rosto estranho, estragado. Havia muito tempo que não me reconhecia mais naquela imagem do espelho. Aquele rosto não me pertencia, nem aquele corpo esquelético. O corpo, aliás, eu nem sequer o sentia. Nem mesmo quando estava doente se manifestava. A heroína o tornara insensível à fome, à dor e até mesmo à febre. Ele só despertava quando estava em crise.

De pé, diante do espelho, preparei a picada. Tinha um pouco da especial, a "cinzenta". Chamamo-la assim, por oposição à branca, de cor branca ou acinzentada, que geralmente encontramos no mercado. A "cinzenta" é um pó cinzento salpicado de verde, heroína particularmente impura, mas que provoca um *flash* louco. Age sobre o coração, e é preciso fazer a dosagem com muito cuidado: se injetamos muito, morremos. Mas tinha tanta vontade desse *super flash*...

Enfiei a agulha na veia, inspirei, e o sangue subiu logo depois. Havia filtrado muitas vezes minha "cinzenta", mas ela ainda tinha um monte de sujeira. Pronto: a agulha entupiu. O que poderia acontecer a seguir era mais ou menos isso: a agulha entupiria no momento preciso, pois, se o sangue se coagulasse na seringa, não havia mais nada a fazer, era preciso jogar fora a dose.

Apertei com todas as minhas forças para fazer passar a sujeira pela

agulha. Tive sorte, funcionou. Acionei, mais uma vez, a seringa para injetar até a última gota. A agulha voltou a entupir. Fiquei furiosa. Faltavam de oito a dez segundos para eu atingir o *flash*. Apertei com todas as minhas forças. A agulha se soltou, e o sangue espirrou no chão.

O *flash* foi uma coisa louca. Uma câibra pavorosa na região do coração. Um milhão de agulhas me atravessaram a pele do crânio. Segurei minha cabeça com as duas mãos, para impedi-la de estourar com as marteladas. Parecia que alguém estava me dando socos. E de repente meu braço esquerdo estava paralisado.

Quando consegui me mexer, peguei o lenço de papel para limpar as manchas de sangue. Felizmente a parede do banheiro era azulejada e foi fácil limpá-la. Enquanto estava limpando, minha mãe batia na porta. Ela já começava a dar bronca: — Abra. Deixe-me entrar. Por que você fechou a porta? Mais uma mania.

Eu: — Cale a boca. Acabo logo. — Ela me irritava pressionando justamente naquele momento. Esfreguei como uma louca. Na minha pressa, esqueci algumas manchas e deixei o lenço sujo de sangue na banheira. Abri a porta, e minha mãe entrou de supetão. Não desconfiou de nada, acho que ela estava com vontade de mijar. Carreguei minha sacola de plástico para meu quarto, me deitei e acendi um cigarro.

Mal tinha dado minha primeira tragada, minha mãe entrou correndo em meu quarto. Gritava: — Você se droga!

Eu: — Que idéia. O que te faz falar assim?

Ela se jogou para cima de mim e me forçou a abrir os braços. Não me defendi. Minha mãe viu imediatamente a marca fresca da picada. Ela pegou o saco plástico e o esvaziou na cama. A seringa caiu, um pouco de fumo e um monte de pedaços de papel de alumínio. Eles serviam para embrulhar a heroína e eu os guardava — quando estava em crise e na impossibilidade de encontrar droga, raspava-os com minha lima de unha e preparava uma picada com o pó da heroína recolhida.

Minha mãe não tinha necessidade de outras provas. Aliás, ela tinha compreendido tudo, vendo o banheiro: além do lenço e das manchas de sangue, ela havia descoberto traços de queimado na colher em que esquitei minha droga. Ela havia lido alguns artigos sobre a heroína... o

suficiente para deduzir.

Não procurei negar. Fiquei arrasada, apesar da terrível picada que acabava de tomar. Chorei, incapaz de pronunciar uma palavra. Minha mãe também não falou mais nada. Ela tremia. Isso lhe provocou um tremendo choque. Saí do meu quarto e a ouvi conversando com seu companheiro Klaus. Tinha um ar mais calmo e me perguntou: — Você não pode fazer nada contra isso? Você não quer parar?

Respondi-lhe: — Mamãe, é o meu maior desejo. Sinceramente. Você pode acreditar em mim. Quero sair de fato desta merda.

Ela falou: — Bem, então vamos enfrentar isso juntas. Vou tirar umas férias para poder estar todo o tempo com você, durante a privação da droga. E começamos hoje.

Eu: — Magnífico. Mas há outra coisa. Eu não fico sem Detlef. Tenho necessidade dele, e ele de mim. Ele também quer se desintoxicar. Conversamos muitas vezes sobre isso.

Minha mãe estava estupefata. — O quê? Detlef também? — Ela sempre o achara genial e estava muito contente de que eu tivesse um amigo tão gentil. Respondi: — Detlef também, naturalmente. Você acha que eu teria feito isso sozinha? Detlef não teria permitido. Mas ele não quer que eu me desintoxique sem ele.

Sentia-me muito bem. De repente estava toda feliz com a idéia de que Detlef e eu iríamos nos desintoxicar juntos. Aliás, era um projeto que tínhamos há muito tempo. Mas minha mãe estava numa pior. Pensei que de um momento para outro ela iria ter uma crise de nervos. A história de Detlef lhe dera outro golpe. Era um choque enorme para ela saber que não vira e nem pressentira nada durante dois anos. Agora ela começava a desconfiar de outras coisas: queria saber como me virava para arranjar dinheiro. E logo em seguida ela disse: — E a prostituição e tudo o mais? . . .

Mas não podia, não tinha forças para lhe dizer a verdade. Menti: — Ah, pedimos dinheiro. Sempre encontro pessoas que me dão alguns marcos. Às vezes, trabalho como faxineira.

Minha mãe não insistiu. Como sempre, ela ficava com um ar muito feliz quando eu aquietava os seus medos. De qualquer jeito, ela soubera o

suficiente. Estava a nocaute. Ela me dava pena, fiquei com a consciência pesada de vê-la daquele jeito.

Partimos sem perda de tempo em busca de Detlef. Ele não estava na Estação Zoo, nem na casa de Axel e Bernd.

À noite, fomos ver seu pai. Os pais de Detlef também eram divorciados. Seu pai era funcionário público. Havia muito tempo que ele sabia de Detlef. Minha mãe o condenou por não lhe ter dito nada. Ele começou a chorar. Era muito duro, para ele, ter um filho que se picava e se prostituía. Estava feliz de ver minha mãe tomar pulso da situação. Repetia sem parar: — Sim, é preciso fazer qualquer coisa.

O pai de Detlef guardava em um armário toda uma coleção de soníferos e de tranqüilizantes. Ele me deu alguns, pois lhe disse que não tínhamos Valium, e sem ele uma privação de drogas seria atroz. Peguei quatro ou cinco Mandrix, um tubo de Gemetrin e cinqüenta Valium-10. No caminho de volta, no metrô, tomei um monte de comprimidos, pois sentia que a crise ia chegar. Aquilo funcionou, e passei uma noite agradável.

Na manhã seguinte Detlef tocou a campainha. Estava em plena crise de privação. Era legal paca, de sua parte, ter vindo assim sem se picar antes. Sabia muito bem que não tinha mais heroína. Falou: — Quero estar no mesmo ponto em que você para começar o tratamento de privação de drogas. — Que cara formidável!

Como eu, Detlef queria sinceramente se desintoxicar. E ele estava muito contente com o que acontecera. O único senão era que nós dois ignorávamos, e nossos pais também, que é uma loucura fazer desintoxicação a dois, pois sempre chega o momento em que um tem uma recaída e arrasta o outro junto. É claro que tínhamos ouvido falar, mas ainda tínhamos ilusões a respeito. Estávamos convencidos de que não éramos iguais aos outros toxicômanos. Além de tudo, parecia-nos absolutamente fora de propósito um de nós fazer qualquer coisa de importante sem o outro.

Graças às pílulas do pai de Detlef, não houve problemas pela manhã. Falávamos do que seria nossa vida "depois" (víamos tudo cor-de-rosa) e nos prometíamos agüentar a barra corajosamente nos próximos dias. Estávamos felizes, apesar da dor que começava.

À tarde, todos os diabos se libertaram. Tomamos pílulas aos montes,

acompanhadas de copos cheios de vinho. Mas não serviu para nada. Senti um peso enorme atrás do joelho. Deitei esticando as pernas, tentei me distender e contrair alternadamente meus músculos. Mas perdi o controle. Apoiei minhas pernas no armário. Elas grudaram no armário e não havia maneira de soltá-las. Rolei no chão, mas meus pés ficaram, não sabia muito bem como, colados no armário.

Estava molhada, com um suor gelado que me caía nos olhos. Tinha frio, tremia, e aquele odor de suor fedia horrivelmente. Devia ser o veneno que saía por todos os meus poros. Tinha a verdadeira impressão de estar em pleno exorcismo.

Para Detlef foi pior ainda. Estava péssimo. Tremia de frio e tirou a blusa. Sentou-se no meu lugar favorito, no canto, ao lado da janela, mas parecia que estava correndo: suas pernas magras como palitos de fósforos não paravam de ir e vir, agitadas por sobressaltos terríveis. Não era nem um terremoto, era um verdadeiro sismo. Ele limpava sem parar o suor que lhe inundava o rosto, dobrava-se em dois, contorcia-se, gritando de câibras no estômago.

Detlef fedia mais que eu. A sala estava toda infestada. Eu me lembrei de ter ouvido alguém dizer que a amizade entre viciados nunca resiste a um tratamento de desintoxicação bem-sucedido. Mas eu ainda amava Detlef, mesmo fedendo.

Detlef se levantou, se arrastou até meu quarto e ficou diante do espelho dizendo: — Não agüento mais. — Não encontrei nenhuma resposta para lhe dar. Não tinha forças para dizer palavras de encorajamento. Tentei não pensar como ele. Tentei me concentrar em um romance de terror comprado a preço de banana. Dei uma folheada numa revista, mas, como estava nervosa, acabei rasgando-a.

Tinha a boca e a garganta terrivelmente secas. No entanto, minha boca estava cheia de saliva. Não conseguia engoli-la, e comecei a tossir. Quanto mais me esforçava para engolir a saliva, mais tossia. Tive um acesso de tosse que não acabava mais. Vomitei sobre o tapete. Era uma espécie de espuma branca (meu cachorro vomitava assim quando engolia erva). Tossia e vomitava, tossia e vomitava.

Minha mãe ficava quase todo o tempo na sala de estar. Quando vinha

nos ver, tinha um ar perdido. Não parava de correr ao centro comercial para comprar uns troços que éramos incapazes de engolir. Por fim, ela me trouxe bombons de malte, o que funcionou. Minha tosse acabou. Minha mãe limpou o tapete. Ela foi adorável, e eu não podia nem mesmo lhe dizer "obrigada".

Os comprimidos e o vinho depois começaram a agir. Engoli cinco Valium-10, dois Mandrix, e quase esvaziei uma garrafa de vinho. O suficiente para abater um cara normal por muitos dias. Mas meu organismo mal reagiu, tal era o grau de intoxicação. Ao menos isso me acalmou. Deitei na cama. Pusemos uma caminha ao lado, e Detlef veio se deitar. Nós não nos tocávamos. Cada um estava absorvido consigo mesmo. Caí numa espécie de sonolência. Dormia, mas não percebia meu sono, pois tinha plena consciência daquelas dores de merda. Tudo de uma só vez. Tinha a impressão de que todos, principalmente minha mãe, podiam ler meus pensamentos imundos, ver que eu não passava de um monte de merda. Tive horror de meu corpo. Se ele pudesse morrer e se separar de mim...

À noite, voltei a tomar alguns comprimidos. Um indivíduo normal morreria. Para mim, isto me permitia ao menos dormir algumas horas. Um sonho me despertou: eu era um cão que sempre fora bem tratado pelos homens, até o dia em que o prenderam em um canil e o torturaram até a morte.

Detlef agitava os braços para todos os lados e me batia involuntariamente. A luz estava acesa. Ao lado da minha cama uma bacia cheia d'água e uma esponja. Foi minha mãe que as trouxe. Limpei meu rosto cheio de suor.

Parecia que Detlef dormia profundamente, mas seu corpo se agitava, suas pernas pedalavam e seus braços pareciam molinetes.

Agora eu já me sentia um pouco melhor. Tinha forças para limpar o rosto de Detlef com a esponja. Ele não se dava conta de nada. Estava certa de que o amava apaixonadamente. Um pouco mais tarde, em meu meio sono (adormeci de novo), sentia que Detlef passava a mão nos meus cabelos.

Na manhã do dia seguinte estávamos bem melhor. A velha regra segundo a qual o segundo dia do tratamento é o mais terrível não se

aplicava a nós. A verdade é que o nosso primeiro tratamento foi bem mais fácil que os outros que se seguiram. Ao meio-dia recomeçamos até a conversar. Primeiro coisas sem importância e, em seguida, sobre nosso futuro.

Juramos nunca mais tomar heroína, LSD OU comprimidos. Queríamos ter uma vida calma, cercada de pessoas tranqüilas. Fumaríamos maconha como antes (para nós, eram os "bons tempos"), porque queríamos ter amigos fumantes, pois, em geral, são pessoas muito calmas. Evitaríamos os alcoólatras, que são tipos muito agressivos.

Detlef iria trabalhar. — Vou procurar meu ex-patrão e lhe direi que fiz besteiras, mas que agora compreendi... voltei a ser um cara que pensa. No fundo, meu patrão sempre se mostrou compreensivo. Recomeçarei meu aprendizado... desde o início...

— Eu serei uma aluna aplicada, conseguirei o meu diploma e talvez até chegue a fazer o exame vestibular.

Aí minha mãe entrou, com uma surpresa genial: ela estivera com o médico, que lhe dera uma receita para Valeron. Detlef e eu tomamos, cada um, vinte gotas, como prescreveu o médico. O Valeron deu certo. Tomamos cuidado para não abusar, pois o frasco deveria durar a semana toda. Minha mãe nos preparou alguns pratinhos, pois tínhamos um apetite fora do comum. Ela nos comprou sorvetes e tudo o que queríamos. Um monte de coisas para ler. Histórias em quadrinhos. Antes eu achava história em quadrinhos uma chatice. Agora não me contentava mais em dar uma olhadinha. Detlef e eu, juntos, olhávamos cada desenho e achávamos alguns tão gozados que nos dobrávamos de rir.

No terceiro dia, estávamos em forma. É claro que seguíamos encharcados de medicamentos: Valeron, Valium, vinho. Às vezes nosso organismo ainda se defendia contra o tratamento, mas em geral nos sentíamos muito bem. Na noite do terceiro dia fizemos amor pela primeira vez, depois de muito tempo, pois a heroína nos tirava a vontade. E, pela primeira vez desde que tinha sido desvirginada, fizemos amor sem estar drogados. Foi fantástico. Havia muito tempo que não nos amávamos assim tão intensamente. Ficávamos horas na cama, nos acariciávamos e seguíamos transpirando.

Na verdade, poderíamos estar de pé desde o quarto dia, mas passamos três dias mais, deitados, nos amando, sendo badalados por minha mãe e a engolir Valium e vinho. Nós comentávamos que o tratamento não era tão terrível e que seria formidável desligar-nos da heroína.

No sétimo dia estávamos de pé. Mamãe estava toda contente. Ela nos beijou. A semana que acabávamos de viver transformara minhas relações com ela. Senti por ela qualquer coisa semelhante a amizade e gratidão. E estava também loucamente feliz de ter Detlef... reencontrei a felicidade. Pensei: "Um rapaz assim, não há dois no mundo". E se entre os outros viciados o tratamento mata o amor, para nós foi o contrário... nós nos amávamos ainda mais. Foi formidável.

Falamos a minha mãe que tínhamos vontade de tomar ar fresco, pois acabávamos de passar a semana toda fechados em um quarto minúsculo. Ela aprovou: — Para onde vamos? — perguntou Detlef. Não tinha nada a lhe propor. Percebemos, naquele momento, que não tínhamos mais para onde ir. Todos os nossos amigos eram viciados. E todos os lugares que conhecíamos e onde nos sentíamos bem eram lugares em que nos picávamos. Encontrar os fumadores de maconha? Não tínhamos mais contato com eles.

De repente comecei a me sentir mal. Não tínhamos mais Valeron, e, por isso, estávamos nervosos e tivemos vontade de sair. O fato de não sabermos onde ir nos punha nervosos. Eu me senti de repente limpa, vazia... a heroína acabara, e não sabíamos para onde ir.

Fomos em direção ao metrô. Automaticamente, mesmo sem ter decidido. Sem ter consciência, estávamos como que presos por um fio invisível. Estávamos novamente na Estação Zoo. Detlef, quieto desde a nossa saída, finalmente abriu a boca: — É preciso ao menos irmos cumprimentar Axel e Bernd. Eles devem pensar que estamos presos ou no cemitério.

Eu, bruscamente aliviada, falei: — É claro. Precisamos contar-lhes do nosso tratamento. Talvez possamos convencê-los a fazer o mesmo.

Encontramos quase em seguida Axel e Bernd. Eles estavam cheios de droga, a jornada tinha sido boa. Detlef contou tudo. Eles acharam formidável o que fizemos. E, depois de nos terem felicitado, disseram que

voltariam para casa, para se picar.

Detlef e eu trocamos olhares. Nossos olhares se cruzaram e sorrimos. Ocorreu-me um pensamento: o primeiro dia seria uma loucura. Detlef disse: — Sabe que poderíamos tomar uma picadinha aqui ou acolá? É extraordinário, pois não somos dependentes. Tudo o que é preciso fazer é tomar muito cuidado para não recair em dependência, pois nem me imagino passando por outro tratamento.

Eu: — É claro, uma picadinha de vez em quando é muito legal. Aliás, agora estamos prevenidos, e nós sabemos muito bem que é preciso desconfiar da dependência. — Perdi toda a razão. Só tinha um pensamento: me picar.

Deflet disse a Axel: — Você pode nos dar um pouco? Prometo que lhe devolveremos. — Axel e Bernd acharam que seria melhor pensar bem na coisa e nos disseram que na semana seguinte fariam como nós. Era só encontrar Valeron. Seria legal paca voltar ao trabalho e comprar heroína de vez em quando.

Duas horas depois de termos deixado o apartamento de minha mãe, Detlef e eu estávamos novamente drogados. Foi bom demais. Caminhávamos de braços dados na Kurfürstens-trasse. Era formidável estar drogado e passear assim, sem pressa, sem ter que se preocupar com a maneira de ganhar dinheiro para a heroína da manhã seguinte. Detlef me disse todo feliz: — É isso aí, amanhã de manhã faremos um pouco de ginástica e tocaremos para a frente uma jornada sem heroína.

Ele parecia duro como ferro. Nossa primeira ilusão foi ter imaginado que a semana que passamos na casa de mamãe, sofrendo e vomitando, tinha sido uma verdadeira desintoxicação. O veneno, pelo menos, saíra. Conseguimos eliminar de nossos corpos a heroína. Mas, por outro lado, nos entupíamos cada vez mais com Valeron, Valium, etc. E nem pensávamos o que fazer depois da desintoxicação física. Minha mãe também era ingênua. Ela tinha esperanças de que tivéssemos saído daquela. Como, aliás, podia ela saber que não era bem assim?

Nós, na verdade, deveríamos saber. Tínhamos muitos exemplos à vista. Mas não queríamos olhar as coisas de frente. Além disso, não passávamos de duas crianças, e muito ingênuas. Com muita experiência, é

bem verdade, mas isso não mudava nada.

Agüentamos firme durante quase um mês. Conseguimos fazer o que nos propuséramos fazer: nada de prostituição, a picada somente quando tivéssemos um pouco de dinheiro ou quando nos dessem uma dose de heroína. Mas, mesmo que a gente não quisesse admitir, estávamos cada vez mais à caça dos meios para encontrar dinheiro ou de uma alma caridosa que nos desse a heroína.

Foi um período sensacional. Não ia à aula, pois minha mãe queria que as primeiras semanas sem heroína fossem particularmente agradáveis para mim. E permitiu que Detlef continuasse a morar em casa. Detlef me revelava novos aspectos de sua personalidade, e eu o amava ainda mais, se é que isso é possível. Ele estava despreocupado, alegre, cheio de novas idéias. Éramos dois adolescentes de bom humor e cheios de entusiasmo. Ao menos assim parecia. . .

Fizemos grandes passeios pela floresta. Às vezes levávamos meus dois gatos e os deixávamos subir nas árvores. Fazíamos amor quase todas as noites. Tudo era maravilhosamente legal. Às vezes, passávamos três dias sem nos picar. Quando encontrávamos heroína, nos mandávamos o mais rápido possível desse lugar imundo que é a Estação Zoo. Nosso lugar favorito era a Kurfürstendamm: passeávamos misturando-nos com a multidão de burgueses. No fundo, gostaríamos de ser como eles (um pouquinho diferentes). Em todo caso, queríamos nos mostrar, mostrar ao mundo inteiro que, mesmo que nos picássemos, não éramos viciados.

Fomos, completamente drogados, à discoteca dos "bem-comportados". Olhamos os outros, jovens e burgueses "como era preciso ser", pensando que éramos quase como eles, os não-drogados. Às vezes passávamos o dia inteiro em casa, olhando pela janela e contando histórias, tratando de colher folhas de ervas daninhas que cresciam nas árvores diante do prédio.

Eu me pendurava na janela, Detlef me segurava pelas pernas e conseguia pegar algumas folhas. Nos beijávamos, imitando doidos, ríamos. E a maior parte do tempo nos comportávamos como infelizes imbecis. Nunca falávamos seriamente do nosso futuro. Às vezes, muito raramente, me sentia mal quando aparecia um problema. Por exemplo, quando Detlef e eu brigávamos por uma besteira qualquer. Não conseguia sair daquela,

ficava me remoendo e tinha medo de perder o controle por uma coisinha tão boba. Quando isso acontecia, tinha vontade de me picar, porque resolveria o assunto de uma só vez.

Mas havia um problema. Klaus, o companheiro de minha mãe, criou um caso por causa de Detlef. Disse que o apartamento era muito pequeno para mais um. Minha mãe não ousava enfrentá-lo, e eu, mais uma vez, estava totalmente desamparada. Mais ou menos como no dia em que Klaus deu ordem para me separar de meu cão. De uma só vez tudo desmoronou. Era o fim da vida tranqüila. Era preciso que eu voltasse à escola, e Detlef não tinha mais o direito de passar a noite comigo.

Nem sequer me dei conta de que faltei três semanas às aulas. De qualquer forma, havia muito tempo que perdera o fio da meada. Mas tinha um novo problema: o fumo. Quando não estava drogada, fumava quatro ou cinco maços seguidos, por dia. E, desde a primeira hora de aula, não agüentava mais, saía para fumar alguns cigarrinhos no banheiro. E continuava a fumar toda a manhã, a ponto de vomitar. Vomitava na cesta de papéis, logo que chegava à sala de aula.

Pela primeira vez, depois de três semanas, não veria Detlef durante o dia. No dia seguinte, tive um pressentimento, e, na saída da escola, fui ao Zoo. Meu Detlef estava lá. Esperava um cliente.

Não suportei reencontrá-lo naquele lugar imundo, esperando alguns caras nojentos. Mas ele me explicou que não tinha nem uma rodada a mais. Não sabia o que fazer. Voltou a dormir na casa de Axel e Bernd, ia todos os dias à Estação Zoo e voltara a tomar sua heroína cotidiana. Se eu quisesse vê-lo, seria preciso que eu voltasse para lá. Só tinha a ele. Ninguém mais. Não poderia viver sem ele. Voltei, quase todos os dias, à Estação Zoo.

A Mãe de Christiane

Naquele domingo, quando vi manchas de sangue no banheiro e vi o braço de Christiane, a verdade me saltou aos olhos. Foi um duro golpe. Christiane me fez constatar a falência dessa educação da qual eu tanto me orgulhava. Naquele dia compreendi que tinha feito tudo errado. Uma idéia

fixa me orientava: não repetir os erros que meu pai cometera ao nos educar.

Quando Christiane começou a freqüentar o Sound não gostei nada, nada. Sua amiga Kessi e outras meninas do Centro de Jovens iam ao Sound. Por que não deixá-la ir também? Pensava em todos esses pequenos prazeres que, graças ao meu pai, não pude ter quando era jovem.

Continuei a ser tolerante quando Christiane me apresentou seu amigo Detlef. Ela o havia conhecido no Sound. Ele me deu muito boa impressão: boas maneiras, aberto e simpático. Um bom menino. Achei perfeitamente normal que Christiane se enamorasse dele. Pensava: é a idade do primeiro amor, e o importante é que seja um bom menino. Percebia que ele gostava verdadeiramente da minha filhinha.

Se naquela época alguém me houvesse dito que os dois se picavam, eu o chamaria de louco. Não percebi nada de especial além dos sentimentos de Christiane por Detlef.

Antes, Christiane era rebelde e indisciplinada, e agora parecia mais calma e equilibrada. Parece que mesmo na escola as coisas iam melhor.

Depois das aulas nos telefonávamos e ela me dizia o que pretendia fazer: ir à casa de uma amiga, esperar Detlef na saída do seu trabalho. Nada que parecesse repreensível. Durante a semana, ela geralmente voltava para jantar. Se fosse chegar atrasada, me telefonava. Às vezes saía à noite para ir ao Centro de Jovens ou encontrar-se com amigos — ao menos era isso que me contava.

Recomeçou a me ajudar nos afazeres domésticos, e eu, em recompensa, dava-lhe uns presentinhos: um disco, um marco a mais na mesada. Meu companheiro Klaus não concordava comigo, pois achava que eu deveria pensar em mim de vez em quando, em vez de me deixar explorar. Em certo sentido talvez Klaus tivesse razão, mas eu me sentia obrigada a fazer alguma coisa de especial por Christiane, de indenizá-la por alguma coisa. Na época eu não conseguia ver claro qual a razão disso.

Meu companheiro achava que eu estava errada em autorizar Christiane a passar as noites na casa de amigas. Na verdade, Klaus não acreditava em Christiane quando ela dizia que ia dormir na casa de uma amiga. Vigia-la? Não era meu gênero. Meu pai me espionou a vida toda e nunca encontrou nada por que pudesse me repreender.

Um dia Christiane me contou que tinha dormido com Detlef. "Mamãe, você não faz idéia como ele foi gentil comigo!" Então compreendi — ao menos pensava — a razão pela qual queria dormir nos sábados à noite na casa de uma amiga.

Aconteceu, e não me parecia uma coisa tão terrível. Deixei que ela fosse dormir na casa de Detlef duas ou três vezes.

Como poderia impedi-los de dormir juntos? Aliás, os psicólogos dizem nos jornais, na televisão, que os jovens de hoje são suficientemente maduros e que é preciso não reprimir a sua sexualidade. É também a minha opinião.

Christiane, pelo menos, tinha uma ligação estável. Isso me tranqüilizava. Via tantas jovens da vizinhança trocar de parceiros como se troca de camisa. . .

Para ser sincera, às vezes me sentia um pouco perturbada, principalmente por causa dos amigos que ela arrumou no Sound. Ela me havia dito que alguns deles se drogavam. Nunca me falou de heroína e alucinógenos. Ela me contou coisas horríveis. Disse-me, em tom confidencial, que Babsi era uma toxicômana. Pela maneira como ela me contava as coisas, com um ar de quem acha tudo isso asqueroso, nunca imaginei que ela também se drogava.

Quando lhe perguntava: — Por que você anda com essas pessoas? — Christiane me respondia: — Mamãe, me dá uma pena. Ninguém quer saber deles. Eles têm necessidade de que os ajudemos e ficam tão felizes quando alguém conversa com eles. — Christiane sempre teve bom coração. Hoje sei que ela falava de si mesma.

Uma noite, durante a semana, ela voltou muito tarde, mais ou menos onze horas, e me disse: — Mamãe, não fique zangada, por favor. Fui a um centro de recuperação para jovens drogados com uns amigos. São lugares onde a gente fala com os drogados e tenta tirá-los dessa. — Acrescentou, com um sorrisinho engraçado: — Ora, digo isso por dizer, eu não tenho problemas. — Perguntei: — E Detlef? — Ela disse: — Nada disso. Era só o que faltava!

Isto foi no fim de 1976. A partir dessa data tive suspeitas, mas afastei-as todas. E não quis ouvir meu companheiro. Ele apostava qualquer

coisa como Christiane se drogava. Eu não queria ouvir nada. Não é tão fácil reconhecer nosso fracasso como mãe. Que tudo o que fizemos não serviu para nada. E teimava: "Não, a minha filha, não". Tentava pelo menos controlá-la nesta cidade? Mesmo que eu fosse uma perita na arte de perceber dissimulação, nunca a imaginaria na Estação Zoo. Ficava contente quando ela me chamava lá pelas nove horas para dizer: — Não se inquiete, mamãe, chego imediatamente. — E eu, pura e simplesmente, não saía mais.

Às vezes ela me obedecia. Cheguei a ouvi-la quando dizia aos seus amigos pelo interfone, quase com orgulho: — Hoje não saio porque não tenho autorização. — Parecia que não estava aborrecida. É curiosa esta contradição. Se, por um lado, ela era indisciplinada, insolente como ninguém e não havia meio de se falar com ela, por outro, quando se delimitavam linhas claras de conduta, ela parecia querer respeitar. Mas já era muito tarde.

A hora da verdade chegou num domingo nos fins de janeiro de 1977. Foi terrível. Queria ir ao banheiro, a porta estava trancada, coisa não habitual em nossa casa. Christiane, lá dentro, não queria abri-la. Naquele momento tomei consciência de que até então eu não queria mesmo era saber da verdade. Senão, teria compreendido imediatamente o que se passava no banheiro.

Eu batia na porta, mas Christiane não abria. Comecei a ficar com raiva. Pedi que abrisse e comecei a gritar. Finalmente ela abriu e saiu correndo. Vi uma colher chamuscada na banheira, manchas de sangue na parede. Era a prova, a confirmação. Como nas descrições de jornais. Meu companheiro disse simplesmente: — Você acredita agora?

Fui atrás dela até o quarto. Disse-lhe: — Christiane, o que fez? — Estava completamente arrasada, meu corpo to-dinho tremia. Não sabia se iria começar a chorar ou a gritar. Antes de fazer qualquer coisa, era preciso falar com ela. Chorando muito, não olhava para mim. Perguntei: — Você se picou com heroína?

Não houve resposta. Seus soluços a impediam de falar. Estiquei seu braço à força e vi as marcas. Sobre os dois braços. Não era muito impressionante, pois a pele não estava azulada. Somente duas ou três picadas, contando com a última, quase insignificante: um ponto avermelhado.

Ela confessou, entre lágrimas. Aí pensei: "Vou morrer". Acho que tinha vontade de morrer. Estava tão desesperada que era incapaz de pensar. Que fazer? Não tinha a menor idéia. — E agora, que fazemos? — perguntei a Christiane. Eu estava totalmente desamparada.

Então era esse o choque que queria evitar e sempre adiei. É preciso dizer que não soubera reconhecer os sintomas. Christiane não parecia cansada, a maior parte do tempo estava alegre e cheia de vida. A única coisa que tinha percebido nas semanas precedentes é que, às vezes, quando chegava tarde, ia direto para o seu quarto. Eu atribuía esse gesto ao seu sentimento de culpa pelo fato de chegar tarde.

Quando consegui me acalmar um pouco, pensamos no que poderíamos fazer. Christiane me confessou que Detlef também se drogava. Era preciso que eles se desintoxicassem juntos, pois caso contrário um reconduziria o outro. Isso eu compreendia. Decidimos começar imediatamente a supressão da droga, em casa.

Christiane parecia não querer me esconder nada. Disse-me que Detlef ganhava dinheiro para comprar heroína se prostituindo com homossexuais. Que horror! Eu estava estarecada. Ela não me disse o que fazia. Não tive nenhuma suspeita: ela amava Detlef, não é? Ele ganhava sempre o suficiente para comprar droga, dizia Christiane.

Minha filha não se cansava de dizer: — Creia-me, mamãe, quero deixar este negócio, eu lhe asseguro. — Naquela noite fomos procurar Detlef. Pela primeira vez, tomei consciência dessas criaturas descontroladas, miseráveis, que perambulam pela Estação Zoo. Christiane me disse: — Não quero terminar assim. Olhe esses caras: estão com a saúde arruinada. — Ela estava relativamente em bom estado. Senti um pouco mais de segurança.

Não encontramos Detlef. Fomos à casa de seu pai. Ele já sabia de tudo sobre Detlef, mas não sabia que Christiane também se drogava. — Por que não me disse? — protestei. Respondeu-me que tivera vergonha.

Ele parecia aliviado. Queria dar uma ajuda financeira.

Até então ele não havia encontrado ninguém que ajudasse seu filho. Eu deveria parecer-lhe um anjo enviado do céu. Sentia-me uma mulher forte. Se soubesse o que me esperava!

No dia seguinte parti à caça de conselhos. Primeira etapa: Serviço de Ajuda à Criança. Disse: — Minha filha de catorze anos se droga com heroína. Que devo fazer? — Eles não sabiam. — Coloque-a numa instituição. — Nada disso, pois ela terá a impressão de ser rejeitada. Eles não estavam capacitados a me dar um endereço, e era preciso procurar um. Além do mais, isso levaria algum tempo, e as vagas em um bom centro para crianças inadaptadas são raras. Respondi: — Não é nada disso. Ela não é inadaptada, ela é toxicômana. — Olharam-me e sacudiram os ombros. Finalmente me aconselharam a levar Christiane a um orientador pedagógico.

Quando o propus a Christiane, ela apenas disse: — Que besteira! Eles estão completamente por fora. Tenho necessidade de uma terapia. — Neste campo, os diferentes serviços não tinham nada a me propor. Circulei pelos Centro de Informação sobre Drogas, Universidade Técnica, Associação Caritas e outras entidades. Eu não sabia por onde começar a enfrentar o problema.

A supressão da droga em casa é muito arriscada, disseram-me. Ê que uma desintoxicação sem terapia não iria muito longe, mas, considerando a idade de Christiane, eu poderia tentar. De qualquer forma, não havia vaga para uma terapia antes de um trimestre. Deram-me também alguns conselhos dietéticos para ajudá-la a enfrentar a carência.

Isso foi bom. Criei esperanças. Ao fim de oito dias, estava segura de que eles tinham superado a crise, graças a Deus. Christiane recomeçou a ir regularmente à escola.

Logo retomou sua vidinha. Ela sempre me dizia onde estava, e quando me telefonava às oito horas da noite me explicava: — Mamãe, fui a esse ou àquele café. Encontrei Pierre ou Paul. Chego já.

Agora tomava minhas precauções. Controlava seu braço, e não voltei a encontrar novos traços de picada. Não deixava que ela dormisse nos fins de semana na casa de Detlef. Por outro lado, queria demonstrar minha confiança nela. Deixava que ela voltasse mais tarde nos sábados à noite. Estava atenta, mas não sabia o que fazer, que atitude tomar. E quebrava a cabeça...

A idéia de voltar a ser dependente da heroína me apavorava. Quando Detlef estava drogado e eu não, a corrente não se ligava e éramos como dois estranhos. Foi por isso que, quando Detlef voltou a me dar heroína, aceitei. Com a seringa na mão fazíamos promessas mútuas de nunca mais voltarmos a ser dependentes. Convencemo-nos de que nunca havíamos sido e que éramos perfeitamente capazes de parar da noite para o dia, ao mesmo tempo em que, na realidade, começávamos a nos preocupar ansiosamente com a nossa provisão de droga da manhã seguinte.

Recomeçou toda a porcaria, de A a Z. Só que não estávamos conscientes de estar novamente enterrados a tal ponto. Pensávamos que ainda detínhamos o controle da situação.

Durante algum tempo Detlef trabalhou para nós dois. É claro que isso não durou muito tempo, e eu precisei voltar às ruas. No início tive uma sorte imensa e trabalhei somente com *habitués*, o que me pareceu menos nojento.

Quando percebemos que eu seria obrigada a voltar à prostituição, Detlef me levou à casa de Jürgen, um homem bastante conhecido no mundo dos negócios de Berlim. Ele era cheio da nota e almoçava com deputados. Já tinha passado dos trinta, mas mantinha um ar jovem. Utilizava o mesmo vocabulário que os jovens e compreendia seus problemas. Ele não tinha uma vida como a dos outros executivos.

Na primeira vez em que fui à casa de Jürgen, vi uma dezenas de jovens ao redor de uma imensa mesa de madeira, iluminada por velas em candelabros de prata e cheia de garrafas de vinho de excelente qualidade. A conversa girava em torno de generalidades e era muito descontraída. Percebi que os caras e as "minas" sentadas à mesa tinham muita classe. Jürgen parecia ser o líder, e pensei comigo que ele devia ter, realmente, grana.

Primeiramente me impressionou ver aquele apartamento suntuoso onde cada coisa devia ter custado muita grana. Em seguida, achei formidável que com tudo isso aquele cara tivesse permanecido tão humano, tão descontraído.

Fomos recebidos como amigos, apesar de sermos os únicos viciados. Conversamos um pouco, aí um casal perguntou se podia ir tomar banho.

Jürgen falou: — *É* claro. Os chuveiros são feitos para isso.

Os chuveiros ficavam ao lado da sala de estar. E eles se foram. Alguns rapazes e algumas meninas os seguiram. Logo depois eles voltaram, nus, pedindo toalhas. Pensei: "Que turma legal! Parece que todos se entendem. Detlef e eu, no futuro, teremos um apartamento tão luxuoso quanto o dele, e poderemos convidar amigos legais".

Em seguida, muitas pessoas passeavam nuas ou com uma toalha amarrada na cintura. E começaram a trepar. Um casal foi para o quarto onde havia uma cama imensa. Um grande corredor ligava a sala ao quarto, e podíamos ver o que se passava. O casal fazia amor e outras pessoas foram juntar-se a eles naquela imensa cama. Uns caras trepavam com meninas, alguns caras trepavam com outros caras. Alguns trepavam na mesa.

Compreendi, era uma bacanal. Eles queriam que nós participássemos, Detlef e eu, mas isso não me atraía, não queria que qualquer um trepasse comigo. O que eles faziam não me desagradava. Cheguei até a me excitar ao vê-los se divertirem assim. Era justamente por isso que queria estar a sós com Detlef.

Detlef e eu fomos para um quarto. Acariciamo-nos e acabamos tirando a roupa. De repente, Jürgen chegou para nos observar. Isso não me impressionava, como tudo o que se passava no apartamento. Além disso, afinal de contas, era ele que nos pagava. A única coisa que esperava era que ele não nos tocasse.

Ele se contentava em nos olhar e se masturbar, enquanto fazíamos amor. Um pouco mais tarde paramos, pois precisava voltar para casa. Jürgen deixou discretamente uma nota de cem marcos na mão de Detlef.

Jürgen tornou-se nosso cliente habitual. Ele era bissexual. A maior parte do tempo íamos à casa dele juntos: eu me ocupava da parte de cima e Detlef, da parte de baixo. Ele nos dava sempre cem marcos. Às vezes um de nós ia sozinho. Por sessenta marcos. *É* claro que Jürgen era um cliente quase tão terrível quanto os outros. Mas era o único cliente pelo qual sentia qualquer coisa que se assemelhava a amizade. De qualquer forma, eu o respeitava. Gostava muito de conversar com ele porque sempre tinha boas idéias e conseguia enxergar muitas coisas. Ele sabia fazê-lo, ele se sentia bem naquela sociedade.

Admirava, sobremaneira, a sua facilidade em administrar o dinheiro. Talvez fosse isso o que mais me interessava nele, quando me contava como aplicava o seu dinheiro e quase sempre dava lucro. Ao mesmo tempo era muito generoso. Não pagava diretamente aos outros por participarem da bacanal, mas vi um dia um cara pedir muitos milhares de marcos para comprar um Morris. Jürgen fez o cheque e deu-lhe, falando: — Eis aqui o teu Mini Cooper. — Era o único cliente a quem ia visitar somente por visitar, sem que eu ou ele pedíssemos alguma coisa. Às vezes, passava a noite na casa dele assistindo à televisão, e com isso acreditava que o mundo não era assim tão sem graça.

Detlef e eu, nesse meio tempo, também já retornáramos, com toda a força, ao mundo do vício. Os tipinhos comuns já não mais nos interessavam. Quando não podia ir à Estação Zoo do metrô, andava, sem rumo, pela Estação Kurfürstendamm. Naquela caminhada encontrávamos centenas de viciados. E era ali que negociávamos. Em pouco tempo os clientes vidrados em viciados também começaram a circular por ali.

Eu andava de turma em turma, batendo papo com todos os colegas. Sentia-me o máximo quando me encontrava junto deles. Subia e descia como uma estrela entre as estrelas. Via as velhotas carregadas com suas sacolas de compras e observava a maneira como nos olhavam, cheias de medo, horrorizadas pela nossa aparência, e eu pensava com os meus botões: "Nós, viciados, somos superiores". A vida ali não era fácil, e poderíamos até morrer de uma hora para outra. Também sabíamos que não iríamos viver por muito tempo, mas fora aquela a vida que escolhêramos. Eu, em todo caso, gostava dela e queria curti-la até o fim.

Pensava em toda a grana que ganhava. Tinha necessidade de cem marcos por dia, só para a heroína. Com as despesas gerais, meus gastos subiam a quatro mil marcos por mês, e era preciso conseguir essa quantia. Quatro mil marcos por mês era o salário de um diretor de empresa. Conseguia ganhar isso com catorze anos.

É claro que me prostituía, e era um trabalho imundo. Mas, quando estava drogada, não era tão terrível assim. E no fundo engabelava os clientes. Em todo caso, eles não conseguiam tudo pelo dinheiro. Eu sempre ditava as condições. Eu não trepava.

Ali havia maiores vedetes que eu. Segundo se conta, alguns tinham

necessidade de quatro gramas de heroína por dia. Isso lhes custava entre quinhentos e oitocentos e cinquenta marcos por dia. E eles quase conseguiam.

Ganhavam mais que um diretor de empresa, e sem serem pegos pela polícia. E com essas vedetes eu transava, encontrava quando queria, na Estação Kurfürstendamm do metrô, e conversávamos de igual para igual.

Portanto, esses eram os meus sentimentos e os meus pensamentos naqueles meses de fevereiro e março de 1977. Ao menos quando estava drogada. No geral, não ia muito bem, mas também não muito mal. Ainda era capaz de me embalar em um monte de ilusões. Retomara minha personalidade de viciada e estava completamente integrada. Eu me achava legal. Não tinha medo de nada.

Antes tinha medo de tudo. Tinha medo de meu pai, do companheiro de minha mãe, dessa merda de escola e dos professores, dos zeladores, dos guardas de trânsito e dos controladores do metrô. Agora me sentia invulnerável. Mesmo os policiais civis que andavam pelo metrô me deixavam indiferente, pois até então havia escapado a todos.

Naquela época, estava também com certo número de viciados que me davam a impressão de ter conservado uma atitude muito legal em relação à heroína, como, por exemplo, Atze e Lufo.

Atze foi meu primeiro namorado, o primeiro rapaz pelo qual eu estive gamada, antes de Detlef. Lufo, como Atze e Detlef, faziam parte da nossa turma de fumadores de maconha, do tempo do Sound em 1976. Atze e Lufo começaram a se picar um pouco antes de mim.

Agora eles viviam num apartamento impecável, atapetado, sofá, poltronas e uma cama de casal. Lufo tinha um verdadeiro emprego: era trabalhador braçal numa empresa de cosméticos. Esses dois me contaram que nunca foram fisicamente dependentes da heroína, e que ocorria, às vezes, ficarem um ou dois meses sem a droga. Acreditei neles, apesar de estarem completamente drogados a cada vez que os encontrava.

Tomei Atze e Lufo como modelos. Não queria voltar ao ponto em que me encontrava antes do tratamento, completamente arruinada. Imaginava que, se fizéssemos como Atze e Lufo, Detlef e eu teríamos também, um dia, um belo apartamento atapetado com uma grande cama,

sofá e poltronas.

Para completar, esses dois caras não eram tão agressivos quanto os outros toxicômanos. E Atze tinha uma menina, Simone, que era muito legal e não se picava. Eles se entendiam bem, e eu achava isso sensacional. Gostava de ir à casa deles, e quando brigava com Detlef ia dormir lá, no sofá.

Uma noite, ao voltar para casa com muito bom humor, minha mãe estava me esperando na sala de estar. Sem falar nada, ela me deu um jornal. Entendi. Ela sempre fazia isso quando havia um artigo anunciando uma morte por *overdose*. Isto me irritava, pois não queria ler este tipo de coisas.

Apesar de tudo, peguei o jornal. Li: "O aprendiz de vidraceiro Andreas W., de dezessete anos, queria escapar das malhas da droga. Sua amiga, uma jovem assistente de enfermagem, de dezesseis anos, tentava ajudá-lo. Seus esforços foram em vão. O jovem tomou a picada da morte no belo apartamento que seu pai tinha, a muito custo, arrumado para o jovem casal..."

Não me dei conta imediatamente... não queria acreditar... Mas não tinha erro: tratava-se de Andreas Wiczorek, Atze.

Merda. Foi o único pensamento que me ocorreu. Tinha a garganta seca e me sentia mal. Não era possível. Atze não. Por que ele teria feito isso? Tão tranquilo diante da droga! Eu me esforçava para não mostrar a minha mãe até que ponto estava perturbada: ela não sabia que voltara a me picar. Fui para meu quarto levando o jornal. Eu não tinha visto Atze ultimamente, e acabei sabendo, pelo jornal, como fora a coisa. Na última semana ele havia tomado uma *overdose* e fora parar no hospital. Aí Simone cortou as veias. Os dois foram salvos. Na véspera de sua morte, Atze procurou a polícia e denunciou todos os revendedores que ele conhecia, inclusive duas meninas que todo mundo chamava de "gêmeas" e que sempre tinham heroína da boa. Depois disso, ele escreveu uma carta de adeus. Ela estava reproduzida no jornal: "Vou me matar porque um viciado não dá nada aos seus pais e amigos, a não ser aborrecimentos, preocupações e nenhuma esperança. Ele não destrói somente a si mesmo, mas destrói também aos outros. Obrigado, meus caros pais, minha querida vovó. Fisicamente não passo de uma ruína. Ser drogado é o fim de tudo. Mas o que leva a isso seres jovens e cheios de vida? Gostaria de advertir a todos

aqueles que um dia ou outro se perguntam: 'E se eu provasse?' Olhem-me, olhem em que me transformei, pobres cretinos. Adeus, Simone, você será libertada de suas preocupações".

Deitada em minha cama, pensava: "Eis aí. Atze foi teu primeiro amigo". Agora ele estava embaixo da terra. Não chorei. Não tinha lágrimas. Era incapaz de sentir algo verdadeiro.

Na tarde do dia seguinte fui encontrar os outros. Ninguém chorou por Atze. Isso não era uso entre os toxicômanos. Mas havia pessoas que o odiaram de verdade, porque denunciara revendedores da boa heroína (já estavam em cana) e porque devia grana a um monte de pessoas.

O mais incrível em toda essa história foi que, uma semana depois da morte do pobre Atze, Simone, que nunca tinha tocado em heroína, começou a se picar. Algumas semanas mais tarde, ela tinha deixado seu "bico" de assistente de enfermagem e se prostituía!

Lufo morreu alguns meses mais tarde, em janeiro de 1978. De uma *overdose*.

A morte de Atze pôs fim ao período cor-de-rosa. Acabou-se o estrelato. Todos temiam tornar-se dependentes. O medo e a desconfiança se implantaram na nossa turma, onde todos conheciam Atze. Antes, nos picávamos juntos, e quando não tínhamos seringas suficientes, cada um queria ser o primeiro. De repente, brigávamos para ser o segundo. Ninguém confessava que tinha medo. Nós todos estávamos terrivelmente amedrontados: e se esse troço for muito puro, se ele tiver estricnina ou uma sujeira qualquer? Podíamos morrer não só por uma *overdose*, mas também podíamos "bater as botas" por uma dose muito pura ou muito suja.

Em resumo, era novamente a merda total. As coisas aconteciam como Atze descrevera em sua carta. Acabei arrasando também com minha mãe. Recomecei a voltar para casa quando bem entendia. E minha mãe me esperava. Depois ela tomava alguns comprimidos de Valium para poder dormir um pouco. Acho que ela se mantinha às custas de Valium.

Estava cada vez mais convencida de que acabaria como Atze. Uma vez ou outra aparecia uma pequena luz de esperança, à qual me agarrava. Tinha um professor de quem eu gostava, M. Mücke. Ele nos fazia representar, como no teatro, as situações que uma jovem enfrenta na vida,

por exemplo, uma entrevista de emprego. Um de nós era o chefe e o outro, o candidato ao emprego. Eu não me deixava intimidar pelo chefe, respondia em pé de igualdade, e o rapaz que representava o chefe se embaraçava todo. Pensava na hora: "Talvez você consiga também se virar na vida".

M. Mücke igualmente nos levou ao Centro de Orientação Profissional. Paramos no caminho para assistir a um desfile das tropas aliadas. Os rapazes estavam muito interessados, apaixonados pelos tanques, pela técnica e tudo o mais. Eu não dava a mínima; aquilo só fazia uma bruta bagunça e só servia para matar as pessoas.

Mas gostei do Centro de Orientação Profissional. Li tudo o que pude encontrar sobre as profissões que se ocupam de animais. E, na tarde do dia seguinte, voltei ao centro com Detlef para pedir fotocópias de tudo o que eles tinham a respeito. Detlef tinha também encontrado muitas profissões que poderiam interessar-lhe. Ele era como eu, gostaria de trabalhar com animais e até mesmo na agricultura. Começamos a sonhar com tudo isso. Sonhávamos tanto que quase nos esquecíamos de que precisávamos de dinheiro para comprar nossa próxima dose. Um pouco mais tarde, quando nos reencontramos na Estação Zoo esperando clientes, tudo isso se tornou irreal, mas, no entanto, continuei com a documentação do Centro de Orientação Profissional na minha sacola. E, se eu continuasse dessa maneira, nem sequer teria o meu diploma.

Na manhã do dia seguinte comprei a revista *Playboy* quando tomava o metrô para ir à escola. Comprei para Detlef, que gostava muito dessa revista, mas eu também a lia. Não sabia muito bem por que *Playboy* nos interessava tanto; para falar a verdade, isso me parece hoje incompreensível. Mas, na época, *Playboy* era para nós a imagem de um mundo limpo. Sexo puro. Meninas bonitas, sem problemas. Nada de bichas, clientes. Os caras fumavam cachimbo, guiavam automóveis esporte e estavam cheios da grana. E as meninas dormiam com eles porque isso lhes dava prazer. Detlef me disse, uma vez, que tudo isso eram histórias, besteiras, mas não o impediam de ler *Playboy*.

Naquela manhã, no metrô, li uma história que me agradou. Não cheguei a compreender tudo, pois estava drogada pela picada que havia tomado, mas gostei muito do enredo. A história se passava em alguma parte, longe, onde o céu era azul e o sol, abrasador. Quando cheguei à

passagem em que a linda menina esperava impacientemente o momento em que seu amiguinho chegava do escritório, comecei a chorar. Chorei durante todo o resto da história.

Na aula, não parava de sonhar. Gostaria de partir para bem longe com Detlef. À tarde, quando nos encontramos na Estação Zoo, falei com ele sobre a minha vontade. Ele me disse que tinha tios no Canadá. Eles moravam à beira de um lago imenso, rodeado de mata e árvores e, é claro, nos hospedariam. Mas era melhor que eu terminasse meus estudos antes de partir, disse. Ele iria primeiro, procurar trabalho, pois no Canadá não havia problema, e, quando eu fosse, viveríamos em uma bela casa de madeira. Se ele não pudesse comprar, alugaria uma.

Eu lhe respondi que tinha a intenção de terminar meus estudos. Aliás, a coisa estava bem melhor nas aulas. E, dali para a frente, nada de bancar a palhaça, iria me concentrar nas tarefas, e teria um bom boletim escolar.

Detlef se foi com um cliente e eu fiquei. — O que você está fazendo aqui? — Saquei imediatamente: eram policiais à paisana. Eu nunca tinha sido pega e não tinha medo de tiras, e, até então, eles tinham me deixado em paz. Havia muitos meses que me prostituía na Estação Zoo como outras meninas de minha idade, e os tiras davam batidas no local todos os dias. Mas eles só se interessavam pelos estrangeiros sujos que carregavam garrafas de *Schnaps* ou um pacote de cigarros de Berlim Oriental. Faziam uma verdadeira caçada àqueles caras.

Muito calma, respondi: — Espero meu namorado.

Um dos tiras à paisana: — Você está fazendo *trottoir*?

Eu: — Não, que idéia! Tenho cara de quem faz isso?

Eles perguntaram minha idade: — Catorze anos. — Quiseram ver minha carteira de identidade, embora soubessem que só nos dão uma verdadeira carteira aos dezesseis anos. Esclareci-lhes isso também.

O que parecia ser o chefe deles me mandou entregar a sacola de plástico. A primeira coisa que tirou foi a colher. Perguntou-me para que servia.

Eu: — Para comer iogurte.

Mas depois encontrou a seringa com o resto dos utensílios, e me levaram para a delegacia. Não tive medo. Sabia muito bem que eles não podiam levar em cana uma menina de catorze anos. Mas que safados aqueles tiras à paisana!

Trancaram-me numa cela ao lado do escritório do chefe. Nem tentei fazer desaparecer a heroína escondida no bolsinho da minha calça. Jogar heroína fora estava acima de minhas forças. Uma polícia feminina entrou e me mandou ficar completamente nua, sem calcinha e sutiã, e me examinou por todos os lados. Finalmente descobriu a dose de heroína na calça.

Um tira bateu um relatório detalhado e colocou a cópia num grande arquivo. Estava feito: eu, fichada como viciada.

No fundo, os tiras foram bonzinhos comigo, mas todos repetiram a mesma coisa: — Enfim, minha querida, qual é a sua? Você só tem catorze anos. Uma menina tão jovem, tão bonita e já meio morta. . .

Foi preciso que eu lhes desse o número do telefone do trabalho de minha mãe. Eles a chamaram.

Minha mãe chegou às cinco e meia, depois do seu trabalho. Ela estava completamente arrasada. Começou a conversar com os tiras, que, de qualquer forma, somente falaram algumas frases feitas: — Ah, esta criança! — disse ela.

— Não sei o que fazer. Eu tentei ajudá-la com um tratamento, mas ela não quer parar!

Realmente achei aquilo o fim da picada. — Ela não quer parar! — Minha mãe estava, realmente, em outra. Não compreendia nada e nem podia, pois jamais lhe passara pela cabeça que eu estava na da H. Era claro que eu desejava parar. Mas como? Isso é que ela deveria ter-me ensinado. Quando saímos, começaram a chover as perguntas. Onde é que eu andara me metendo? — Respondi: — Estava na Estação Zoo, pôxa.

Ela: — Mas você não deve freqüentar aquele lugar.

Disse: — Eu estava apenas esperando por Detlef, se é que pelo menos isso eu ainda posso fazer!

O que ela queria dizer era para que eu não andasse com esses

desempregados anti-sociais. Também ainda me perguntou: — Você faz *trottoir*?

Aí eu perdi a paciência e gritei: — Você está louca? Repita isso mais uma vez. Por que eu deveria andar me virando por aí, você pode me explicar isso melhor? Você realmente acha que eu sou uma puta, ou o quê?

Ela se calou, mas daí em diante passei a temer por minha liberdade. Também comecei a ter medo, devido à indiferença e frieza da minha mãe. Pensei que ela tivesse desistido e que não fosse mais me ajudar. Mas logo dizia a mim mesma: "No que é que ela pode te ajudar com essas observações tipo 'Não freqüente mais a Estação Zoo', 'pare de se encontrar com esse desprezível Detlef'" ?

Tive que voltar para casa com minha mãe e já não tinha nem um grama de H comigo para a manhã. No dia seguinte ela me tirou da cama, olhou-me nos olhos e disse:

— Meu Deus, você está com uns olhos, minha filha, que é só tristeza. Eu diria que você é apenas angústia e desespero.

Quando minha mãe saiu para trabalhar, fui olhar-me no espelho. Pela primeira vez vi meus olhos em crise, numa pior mesmo! Eram só pupilas. Negros e tristes. Sem nenhuma expressão. Tive calor e fui molhar o rosto. Senti frio e mergulhei num banho quentíssimo, de onde não ousava sair, pois fazia muito frio fora. Acrescentava água quente sem parar. Precisava fazer passar o tempo até o meio-dia. De manhã não havia ninguém na Estação Zoo: era impossível encontrar um cliente ou alguém que nos desse heroína. De manhã, ninguém tinha, e além do mais, estava cada vez mais difícil que alguém a passasse.

Axel e Bernd inventavam muitas histórias, eles tinham cada vez mais dificuldades para encontrar o bastante para suas próprias necessidades. Mesmo Detlef tornou-se muito pão-duro. Quanto aos outros, em vez de darem, preferiam jogar fora.

A crise me fazia sofrer cada vez mais. Eu me esforçava para sair da banheira, para revistar o resto do apartamento em busca de um pouco de dinheiro. A sala de estar estava fechada à chave, graças a um golpe de Klaus, o companheiro de minha mãe, que disse que eu arranhava os discos. Mas tinha aprendido, há muito tempo, a girar a fechadura servindo-me de

um cabide. Nenhum tostão naquela merda de sala de estar. Eu me lembrei, de repente, de que minha mãe colecionava moedas novas de cinco marcos e que ela as empilhava em uma lata de cerveja que estava em cima do armário.

Minha mãe encontrou uma outra esperança à qual se apegar. Mandou-me passar um mês de férias, ou talvez mais, na casa de minha avó e meus primos, no campo. Estava dividida entre a angústia e a alegria: como iria suportar a separação de Detlef e o tratamento? Mas só faria o que me mandassem fazer. Entretanto, consegui passar a última noite com Detlef.

Essa última noite em Berlim me confortou um pouco. Depois de termos feito amor, disse a Detlef: — Nós dois fizemos sempre tudo juntos. Gostaria de aproveitar estas quatro semanas para me desintoxicar para sempre. É uma ocasião que não se repetirá mais, e gostaria que você fizesse o mesmo. Quando voltarmos, ambos estaremos limpos e começaremos uma vida nova.

Detlef estava de acordo. De qualquer forma, ele disse, havia tomado a mesma resolução, estava para me falar. Ele já sabia como achar Valeron. No dia seguinte ou no outro, pararia de fazer *trottoir* e iria procurar trabalho.

No dia seguinte, tomei uma superpicada antes de partir para a minha nova vida na casa da minha avó. Chegando lá, ainda não estava verdadeiramente em crise. Mas me sentia um corpo estranho na idílica cozinha da fazenda.

Tudo me irritava: meu priminho que queria subir nos meus joelhos, os banheiros rústicos que achei tão românticos da última vez em que lá estive. . .

Na manhã do dia seguinte, estava em plena síndrome de privação. Saí da casa e fui me refugiar na floresta. O canto dos pássaros me irritava os nervos, sentia medo ao ver um coelho. Subi num ponto de observação para fumar um cigarro. Não consegui terminar. Se eu pudesse morrer ali mesmo! Depois de certo tempo consegui me arrastar até a casa e fui para a cama. Disse a minha avó que estava com gripe. Ela se queixou, mas não chegou a se inquietar de fato por ver-me naquele estado tão lamentável.

Sobre minha cama havia um cartaz: uma mão de esqueleto segurando

uma seringa e, embaixo, a frase: "Eis como isto acaba. E começou com uma simples curiosidade". Minha prima me garantiu que ganhara aquele cartaz na escola. Eu ignorava que minha mãe tinha contado a minha avó. Olhei o quadro e só consegui enxergar a seringa: não vi a mão nem a inscrição. Imaginei-a cheia de boa heroína. A seringa se separou do cartaz e avançou sobre mim. Passei horas olhando aquela merda de cartaz e quase fiquei louca.

Minha prima vinha ver-me muitas vezes. Ela fazia de conta que não percebia o meu estado. Cantava-me as músicas da moda, achando que me distrairia. Pensando bem, foi emocionante ver a família se ocupar de mim daquela forma.

Essa primeira jornada de tratamento foi interminável. Dormi. Sonhei com um cara que vira em Berlim. Se me concentrasse, poderia ver perfeitamente seu corpo. Seus pés estavam podres. Eles estavam negros, quase paralisados, e ele mal podia caminhar. Ele fedia de tal forma que não podíamos nos aproximar a menos de dois metros. Quando lhe disseram para ir tratar-se no hospital, ele sorriu, e tinha um ar de morto. De fato, ele esperava morrer. Esse cara me obcecava, e não parei de ver sua imagem diante dos meus olhos, a não ser quando estava absorvida pela seringa ou meio sem sentidos pela dor que sentia. Tudo recomeçava como da primeira vez: transpirava, fedia e vomitava.

Na manhã do dia seguinte não agüentava mais. Arrastei-me até a cabine telefônica do vilarejo e chamei minha mãe. Chorando com todas as minhas lágrimas, supliquei-lhe que me deixasse voltar a Berlim.

Minha mãe se mostrou muito fria: "Ah, está difícil? Mas se você só tomava droga de vez em quando, a coisa não deve ser tão grave assim".

Eu me rendi. Mas que ao menos ela me mandasse soníferos pelo correio. Sabia que era possível encontrar heroína no vilarejo vizinho (tinha ouvido dizer na última permanência), mas não tinha forças para ir até lá. Além do mais, não conhecia ninguém. Fora do seu ambiente familiar, um viciado fica totalmente isolado e desamparado.

Felizmente meu *cold turkey* durou só quatro dias. Depois me sentia completamente vazia, até mesmo incapaz de apreciar a sensação física de me entregar ao veneno. Berlim me dava nojo, mas no vilarejo também não

me sentia em casa. Tinha a impressão de não ter meu lugar em parte alguma. Tentei não pensar nisso.

Para "voar" um pouco só tinha os soníferos, que minha mãe mandara muito tarde para que eles pudessem servir durante o tratamento de privação, e cidra (minha avó tinha de monte, no porão). Eu me atirei às grandes comilanças, que eram uma viagem como outra qualquer. Engolia quatro ou cinco pãezinhos no café da manhã e à tarde uma boa dúzia de pãezinhos com geléia. À noite, já que nunca dormia antes das duas ou três horas da manhã, atacava os sucos de frutas concentrados (ameixa, pêssego, morango), com creme de *chantilly* por cima.

Com esse regime, logo ganhei dez quilos. A família estava toda feliz de ver minha barriga crescer e minha bunda arredondar. Meus braços e minhas pernas permaneciam tão finos como antes. Eu não dava a mínima bola para tudo aquilo. Tornei-me uma comilona. Logo não entrava mais dentro das minhas calças. Minha prima me emprestou umas calças xadrez estúpidas que não se usavam mais em Berlim desde que eu tinha doze anos. Não me importei com isso. Integrei-me pouco a pouco à comunidade infantil do vilarejo. Mas aquilo me parecia bastante irreal: era uma viagem, um belo filme, mas a palavra "fim" logo chegaria.

Não falava nunca de droga e, aliás, parei de pensar nela. Não queria estragar o belo filme; mas logo depois do meu tratamento de privação, escrevi a Detlef pedindo-lhe que me enviasse heroína. Até pus vinte marcos no envelope. Fiz isso depois de ter dito a Detlef que se desligasse. Para dizer a verdade, não mandei a carta, pois pensei que Detlef não me mandaria heroína e guardaria os vinte marcos para se picar.

Andava a cavalo quase todos os dias, e visitava, na companhia de minha prima, os velhos castelos das proximidades. Íamos também com os outros meninos brincar na pedreira que tinha pertencido ao meu avô. Essa pedreira, ele a consumira em bebedeiras antes de morrer de alcoolismo. Minha mãe não teve uma infância fácil.

Segundo minha avó, haveria em algum lugar, nessa pedreira, uma porta de ferro atrás da qual estavam guardados os papéis velhos, de muitas gerações da família. Quase todas as noites procurávamos essa porta. Às vezes, os operários se esqueciam de retirar a chave do trator e então passeávamos com ele pela pedreira. Minha prima tem a mesma idade que

eu, e começamos a nos entender bem. Falei-lhe de Detlef como uma adolescente normal fala de seu namorado. Confessei-lhe que dormia com ele, e ela aprovou totalmente.

Ela me contou que um rapaz de Düsseldorf vinha acampar por perto todos os anos, no verão. Esse rapaz lhe agradava, mas ele quis fazer coisas com ela, e ela não cedeu. Teria se comportado como uma idiota?

Disse-lhe que não, que ela agira certo, e que seria melhor se preservar para quem ela amasse verdadeiramente. Minha prima e todos os amigos vinham me expor seus problemas. Eu me transformei na Christiane-Conselheira, que lhes dava normas de conduta e dizia-lhes, principalmente, para não tomar tudo pelo seu lado trágico. Seus problemas me pareciam bastante ridículos, mas sabia ouvir, e tinha sempre um conselho para dar. Era formidável quando se tratava de problemas dos outros. Apenas para os meus problemas não encontrava saída.

Uma noite recebi um telefonema de Detlef. Fiquei louca de alegria. Ele me explicou que estava telefonando da casa de um cliente, um cara muito bom, e então podíamos conversar bastante. Contei-lhe do meu tratamento, de como quase enlouquecera. E ele? Ele ainda não havia conseguido se desligar e tudo aquilo era uma merda. Disse-lhe que estava contente de poder revê-lo em breve. Ele tinha prometido escrever-me... iria fazê-lo? Detlef não tinha vontade, mas voltaria a me telefonar na próxima vez em que estivesse na casa de um cliente.

Depois dessa conversa estava novamente convencida de que Detlef e eu éramos como marido e mulher. Estávamos unidos para o melhor e para o pior. À noite, na minha cama, passava horas a pensar nele. É somente nele. Era como uma oração, e contava os dias até o nosso reencontro.

Minha avó me dava regularmente uns trocadinhos... Fazia incríveis economias. Não sei bem por quê, fazer economia nunca foi o meu forte. Eu me dei conta quando cheguei aos quarenta marcos e, quarenta, para mim, era uma quantia mágica. Era o preço de uma picada e também a quantia que pedia aos meus clientes.

Pensei: "Não é possível! Você não está separando um dinheirinho de lado para a sua primeira picada!" Corri para comprar uma blusa por vinte marcos, só para escapar dos malfadados quarenta. "Acima de tudo, se vim

para cá, foi para me desligar completamente."

Acabou o mês de férias. Minha mãe telefonou: — Você quer ficar mais um pouco? — Impulsivamente respondi: — Não. — Se ela tivesse perguntado: — Você quer ficar aí o resto da vida? —, sem dúvida, eu pararia para pensar. Desde o começo tinha considerado toda essa história uma viagem que começava mal e terminava muito bonita e muito doce. Mas isso não poderia durar mais que um mês, e eu sabia muito bem e estava muito preparada. Além disso, gostaria de voltar para o lado de Detlef, pois nós dois éramos como marido e mulher.

No dia da minha partida, vovó e minha prima tentaram, em vão, me persuadir a levar as famosas calças xadrez que agora estavam exatamente no meu tamanho. Eu me torci toda para entrar na minha calça *jeans*, as costuras arrebentaram, e foi impossível fechar o zíper. "Foda-se, voltarei para Berlim com a braguilha aberta". Enfiei meu casaco negro. Pronto, estava novamente com o meu uniforme de viciada.

Já no dia seguinte ao meu retorno a Berlim fui à Estação Zoo. Detlef e Bernd estavam lá. Axel, não. Ele deveria estar com um cliente.

Os dois me deram uma acolhida grandiosa. Estavam verdadeiramente felizes de me rever. Principalmente Detlef, é claro. Eu lhe perguntei: — O tratamento está indo bem? Você encontrou um bom trabalho? — Nós três explodimos de rir.

Depois perguntei-lhes: — Onde está Axel?

Eles me olharam com um ar estranho. Após certo

tempo, Detlef murmurou: — Você não sabe que Axel morreu?

Que choque! Aquilo me cortou a respiração. — Ora, que brincadeira! — Mas eu sabia que era verdade.

Agora Axel. Axel, que todas as semanas, no seu antro de drogado, me preparava uma cama com lençóis limpinhos. Axel, para quem eu levava sempre atum em lata, um troço completamente idiota, e que me comprava iogurtes. A única pessoa em quem pudera confiar quando brigara com Detlef. Meu único refúgio quando tinha vontade de chorar. Pois ele, ao menos, nunca era agressivo, ao menos com os amigos da turma.

— Como foi?

Detlef me explicou: — Eles o encontraram em um banheiro público com a agulha plantada no braço. — Os dois rapazes evocaram a morte de Axel como se fosse uma história antiga. Podia-se dizer que eles não tinham vontade de falar naquilo.

Não parava de pensar naquelas latas de atum tão bobas. Pensava que nunca mais voltaria a comprá-las. De repente, pensava em Detlef: onde ele estaria dormindo agora?

— A mãe de Axel vendeu o apartamento — disse Detlef.

— Moro na casa de um cliente.

Eu: — Oh, que merda! — Aquilo me perturbara tanto quanto a morte de Axel. Por um momento pensei que havia perdido Detlef definitivamente.

Ele prosseguiu: — É um cara legal. É jovem, com uns vinte e cinco anos, não é barrigudo. Eu lhe falei de você. Você poderá dormir na casa dele.

Acompanhei Detlef, que queria heroína. Encontramos alguns amigos, e repeti para eles: — É nojento o que aconteceu com Axel.

Fomos em seguida a alguns banheiros públicos. Detlef tinha vontade de se picar imediatamente. Eu o acompanhei para lhe dar assistência. Esperei que ele me oferecesse. Ainda estava abatida com a história de Axel. Quando vi Detlef preparar uma picada, senti uma bruta vontade. Uma picadinha não poderia fazer-me mal e me ajudaria a não pensar em Axel e em Detlef, que dormia na casa de um cliente.

— Já? — disse Detlef. — Eu achava que você tinha parado. "É claro que me desliguei. Você bem sabe que é fácil." Você não me disse isso quando estava no interior?

— Meu amigo, depois de tudo o que acabo de saber, tenho uma bruta necessidade de um pouco de heroína.

Detlef: — "Não é tão difícil se desligar. Posso fazê-lo quando quiser." (Mas aquilo não me tocava.) "Mas você, não recomece..."

Conversando, ele tomou sua picada. Deixou-me um restinho na

seringa. Foi o suficiente para me baratinar um pouco (havia tanto tempo que não tomava nada...) e me fez quase esquecer Axel.

Recaí bem mais rápido do que na primeira vez. Minha mãe nem imaginava. Ela estava contente de me ver gordinha. De fato, conservaria por um bom tempo meus quilos a mais.

Ia freqüentemente à casa de Rolf, o famoso cliente de Detlef. Era preciso, pois não tínhamos nenhum outro lugar para nos encontrarmos na cama. Rolf me desagradara desde o primeiro minuto. Ele estava gamado por Detlef, e é claro que tinha ciúmes de mim. Ficava maravilhado quando eu brigava com Detlef, e se colocava sempre do lado dele. Isso me punha furiosa. Detlef se comportava com esse Rolf como um chefe, mandando-me fazer compras e mandando-o cozinhar e lavar a louça. Isso me enfurecia. Gostaria muito de fazer as compras e cozinhar para Detlef.

Expliquei a Detlef que não era possível continuar assim. Mas ele me respondeu que não havia outro lugar para irmos e que Rolf, pensando bem, era uma boa pessoa e até menos enervante que todos os outros clientes.

Detlef fazia com Rolf o que queria. Aprontava cada uma com ele! Gritava: — Você tem sorte de eu querer morar com você! — Ele só ia para a cama com Rolf se tivesse absoluta necessidade de dinheiro. Detlef e eu dormíamos no mesmo quarto que Rolf. Quando fazíamos amor, Rolf assistia à televisão ou simplesmente virava as costas. Ele era uma bicha louquíssima e não suportava ver Detlef dormir comigo. Nós três estávamos na pior, no fundo do poço.

E se Detlef também acabasse virando bicha? Essa idéia me obcecava. Uma noite. . . acho que aconteceu. . . Como não tinha nem mais um tostão, ele foi procurar Rolf. Eu estava na outra cama. Detlef apagou a luz, como sempre o fazia nesses casos. Achei que estava demorando muito, e pensei até mesmo ter ouvido Detlef suspirar. Levantei-me e acendi uma vela. Eles estavam debaixo da coberta se bolinando. Aquilo estava fora dos meus acordos com Detlef, ele não devia se deixar bolinar. Fiquei furiosa. Gostaria de dizer a Detlef que voltasse para minha cama, mas não fui capaz. Eu lhe disse: — Você deve estar gozando.

Detlef não respondeu. Rolf, puto da vida, apagou a vela. Detlef passou a noite toda com Rolf. Chorei até encharcar meu travesseiro, mas

como os dois perceberam a minha tristeza, chorei baixinho. Na manhã do dia seguinte estava tão triste, tão amarga, que pensava seriamente em deixar Detlef. A droga destruía, pouco a pouco, o nosso amor.

Mas eu sabia que enquanto tomássemos heroína não teria Detlef só para mim. Teria que dividi-lo com seus clientes e, principalmente, com Rolf. Para mim, tudo mudou: comecei a me prostituir todos os dias, pois não havia outra saída e, como estava quase sempre apressada, não podia mais me mostrar tão difícil quanto antes na escolha de clientes, nem lhes impor minhas condições.

Não queria estar todo o tempo na casa de Rolf, voltei a procurar os outros da turma, principalmente Babsi e Stella. Mas nós também já não nos entendíamos tão bem. Cada uma queria falar de si mesma durante horas, sem se importar em ouvir a outra, nem mesmo por uns minutos. Babsi, por exemplo, falava sem parar sobre o significado de um hífen em uma placa de rua, enquanto Stella estava louca para contar como levava um golpe dum cara que nos vendera farinha em vez de heroína. De tanto gritar "cale a boca!", Stella e eu conseguimos fazer Babsi calar o bico. Mas, depois, como queríamos falar as duas ao mesmo tempo, cada uma querendo contar a história à sua maneira, fomos nós que brigamos. A maior parte de nossas tentativas de bate-papo terminava assim, rapidamente, com gritos de "cale a boca!"... Cada uma de nós tinha uma terrível necessidade de que alguém nos escutasse. Mas era precisamente isso que não existia mais na turma. Antes, nós nos compreendíamos. Agora, tudo havia terminado. A única maneira de alguém se fazer ouvir era contando histórias de policiais: estávamos todos de acordo contra eles, aqueles "pretos". Eu, nesse campo, tinha mais experiência que os outros, pois no início do verão de 1977 sofri a terceira prisão.

Foi na Estação Kurfürstendamm. Detlef e eu voltávamos da casa de um cliente. Muito contentes. Acabáramos de receber cento e cinquenta marcos por pouca coisa: uma pequena exibição. Nosso saquinho de heroína já estava no bolso e ainda tínhamos um monte de dinheiro. Percebi a chegada dos policiais à paisana, no metrô. Uma batida. Um trem apareceu. Fugi em pânico, com Detlef atrás de mim, e me enfiei num vagão. Empurrei um velho, que gritou: — Puxa vida, drogada suja! — Foi o que ele disse. Os jornais falavam tanto do que se passava na Estação Kurfürstendamm, que todo mundo estava a par.

Dois policiais à paisana entraram atrás de nós. É claro que nosso comportamento chamou a atenção. Mas eles teriam pego a gente mesmo sem isso: as pessoas do metrô caíram em cima de nós, grudaram nas nossas roupas, gritando como histéricos: — Senhores policiais, eles estão aqui — pois logo perceberam que se tratava de uma batida. Tive a impressão de ser um fora-da-lei, em um banguê-banguê, que vai ser enforcado na primeira árvore que apareça.

Eu me apertei contra Detlef. Um dos policiais falou: — Não precisa representar Romeu e Julieta. Vamos, vamos.

Puseram-me num microônibus e me levaram para a delegacia. Os policiais se mostraram muito agressivos comigo, mas não me fizeram perguntas. Limitaram-se a me dizer que era a terceira vez que me pegavam e que eu já tinha um dossiê. Eles nem sequer avisaram minha mãe. Classificaram-me na categoria dos casos desesperadores e iriam engrossar meu dossiê com dois ou três relatórios, esperando o dia de pôr uma cruz ao lado do meu nome.

Depois de uma hora, já estávamos na rua. Como eles haviam pego a nossa heroína, precisávamos comprá-la novamente. Felizmente tínhamos ainda o dinheiro.

A maioria dos policiais à paisana já me conhecia o suficiente e procurava não me incomodar muito. Havia até um jovem que era muito bonito e com um sotaque do sul da Alemanha. Um dia ele veio silenciosamente por trás e pôs, bruscamente, sua identificação na minha cara. Que choque! Mas ele estourou de rir e me perguntou se estava fazendo *trottoir*. Dei-lhe minha resposta habitual: — Não, tenho cara disso?

Ele sabia, pois sequer fingiu dar uma olhada em meu saco plástico. Simplesmente me disse: — Não ande muito por aqui nos próximos dias, senão serei obrigado a embarcá-la. — Talvez não fosse gentileza, mas se tratasse pura e simplesmente de preguiça; talvez ele não tivesse vontade de me levar até a delegacia, e os caras da delegacia não tivessem, necessariamente, vontade de escrever trinta e seis vezes o mesmo relatório sobre uma semimorta de catorze anos.

Depois de nossa prisão na Estação Kurfürstendamm, Detlef e eu fomos nos abastecer com um novo revendedor, pois o nosso habitual havia

desaparecido. Fomos nos picar nos banheiros da Winterfeldplatz. Eles estavam num estado lamentável, nenhuma torneira funcionava.

Limpei minha seringa na caixa-d'água da imunda privada. Isto acontecia com freqüência, quando havia muita gente no lavatório.

A droga do revendedor desconhecido me enganara. Desmaiei, caí no chão imundo. Levantei-me em seguida, mas fiquei por um bom momento sem enxergar nada.

Pela primeira vez, depois de muito tempo, fomos dar uma volta pelo Sound. Detlef se balançava na pista de dança, e eu me instalei ao lado da máquina de suco de laranja. Ela tinha um buraco embaixo. Eu me apoiei no aparelho, enfiei dois canudinhos juntos no buraco e bebi suco de laranja de graça, até ter vontade de vomitar. Fui ao banheiro.

Ao voltar, um dos gerentes caiu em cima de mim, me tratando de drogada suja, e me mandou segui-lo. Tive um bruto medo. Ele me pegou pelo braço e me arrastou até uma sala de depósito de caixas de bebidas. Tinha também um banquinho de bar.

Conhecia a seqüência. Já haviam me contado a história. Eles amarravam os viciados e os outros indesejáveis pelados no banquinho de bar e depois batiam, às vezes, até com chicote. Ouvi falar de uns caras que, depois de uma passagem assim pelo depósito do Sound, ficaram algumas semanas no hospital, alguns até com fratura de crânio. Os infelizes tinham tanto medo que nem sequer ousavam dar queixa à polícia. Aqueles caras da gerência faziam isso por sadismo e também para afastar os viciados de sua casa, pois a polícia ameaçava o tempo todo fechar o Sound. É claro que as drogadas que trepavam com eles, essas eles deixavam em paz. Esse Sound era uma casa infame. Se os pais soubessem o que se passava na "discoteca mais moderna da Europa"! Ali se incitavam os jovens a se drogar e adolescentes caíam nas mãos de proxenetas sem que a direção desse a mínima bola.

Vendo aquele sinistro depósito, o pânico tomou conta de mim. Juntei minhas forças, escapei das mãos do cara e corri para a saída. Atingi a rua antes que ele me pegasse. Ele me empurrou contra um carro. Não senti o baque. Pensei em Detlef. Tive muito medo por ele. Eles sabiam que havíamos chegado juntos, e não vira mais Detlef depois que ele se jogou

completamente drogado na pista de dança.

Corri para uma cabine telefônica e chamei a polícia. Expliquei que meu amigo estava apanhando no Sound. Os policiais ficaram contentes com a notícia. Finalmente poderiam fechar o Sound. Eles chegaram alguns minutos depois com um carro cheio. Fizeram uma operação pente-fino na casa e nada de Detlef. Tive uma idéia: telefonar para Rolf. Detlef já estava deitado.

Os policiais me disseram para não voltar a fazer aquele tipo de brincadeira. Voltei para casa convencida de que a droga estava me deixando louca.

Depois das minhas diversas prisões, fui convocada para comparecer à Brigada Criminal. Essa foi a única consequência das minhas prisões. Gothaerstrasse, sala 314. Não esqueci esse número, pois voltei lá muitas vezes.

Passei em casa ao sair da escola. Queria tomar uma bela picada antes de ir à polícia, pois se estivesse drogada não teria medo. Mas não tinha mais limão, e a heroína não parecia limpa. Naquela época, ela estava cada vez mais impura: passava de mão em mão (atacadista, intermediário, pequeno revendedor) e cada um acrescentava alguma coisa para aumentar o lucro.

Como dissolver a heroína imunda? Peguei vinagre, pura e simplesmente. Não é verdade que ele tem ácido? Coloquei o vinagre diretamente sobre o pó da colher. Pus demais, mas não queria jogar fora uma dose de heroína e me piquei com ela. O efeito foi fulminante. Despertei somente após ter passado uma boa hora com a agulha enfiada no braço. Tinha uma dor de cabeça atroz. Impossível ficar em pé. Pronto... vou morrer. Chorei, deitada no chão. Tinha medo. Não queria morrer assim... sozinha... Eu me arrastei de quatro até o telefone. Levei pelo menos dez minutos para discar o número de mamãe. Não pude lhe dizer nada além de: — Venha, mamãe, por favor, eu vou morrer.

Quando minha mãe chegou, consegui me levantar. Tinha a impressão de que minha cabeça iria estourar, mas eu cerrava os dentes. Disse a mamãe: — É a minha circulação.

Ela notou que eu tinha me picado. Seu rosto expressou um terrível desespero. Não falou nada e me olhou. Não suportei seus olhos tristes,

desesperados. Aquilo me fundiu a cuca.

Pouco depois ela me perguntou se eu não tinha vontade de comer alguma coisa. — Sim, morangos. — Ela saiu e me trouxe um cesto cheio.

Achei que dessa vez era o fim. Mas não era uma *over-dose*, era só o vinagre. Perdi toda a resistência, e meu corpo não me obedecia mais. Fora assim que os outros morreram. Muitas vezes, depois de uma picada, eles perdiam a consciência. E um dia eles não acordavam mais. Não sei mais por que tive tanto medo de morrer. De morrer só. Os drogados morrem sós. Mas freqüentemente em banheiros fedorentos. Tive, então, uma verdadeira vontade de morrer. No fundo não esperava por outra coisa. Não sabia o que estava fazendo no mundo. Antes, eu também não sabia muito bem. Mas um viciado vive para quê? Para se destruir e destruir os outros? Pensei, naquela tarde, que seria melhor que eu tivesse morrido, mesmo que fosse só pelo amor a minha mãe. De qualquer forma, não sabia mais se existia ou não.

Na manhã do dia seguinte estava melhor. Apesar de tudo, talvez eu ainda agüentasse um pouco mais. Precisava ir à polícia senão eles viriam me procurar. Mas não tinha mais forças para ir sozinha. Telefonei para Stella. Tive sorte de encontrá-la em casa de um dos nossos clientes comuns. Ela concordou em me acompanhar. Sua mãe acabara de comunicar seu desaparecimento, uma vez mais, mas Stella não tinha medo de nada, ela não dava bola para nada.

Esperamos sentadas e bem comportadinhas, em um banco de madeira, que nos chamassem à sala 314. Entrei como uma menininha modelo (um pouco mais, faria reverência). Uma tal Sra. Schipke me deu a mão, muito amavelmente, dizendo que tinha uma filha um pouco mais velha que eu (quinze anos), mas que não se drogava. Bem, a policial fez seu número maternal. Ela se inteirou da minha saúde, me ofereceu uma xícara de chocolate, bolo e maçãs.

Aquela Sra. Schipke, sempre com ares maternais, me falou de outros toxicômanos e me pediu notícia deles. Ela me mostrou fotos de viciados e de revendedores, mas eu não lhe disse nada a não ser: — Sim, eu os conheço de vista. — Ela me contou, então, que certas pessoas do mundo da droga haviam falado muito mal de mim. Na hora ela me fez falar. Percebi que fora pega por essa merda, mas falei. E falei muito. Depois assinei uma declaração cheia de coisas que ela mais ou menos me fizera falar.

Depois um outro policial veio para me interrogar sobre o Sound. Aí soltei tudo. Falei das pessoas que conhecia e que foram levadas a se drogar e também das brutalidades da turma da gerência. A meu pedido, chamaram Stella, que confirmou tudo o que contei e se disse pronta para testemunhar sob juramento diante de qualquer tribunal.

A Sra. Schipke, que não parava de mexer em seus papéis, identificou rapidamente Stella e lhe passou um sabão. Stella a destratou com tal insolência que pensei: "Ela vai acabar indo em cana". Mas a Sra. Schipke acabara sua jornada. Convocou Stella para o dia seguinte e estava claro que ela não iria.

Ao nos dispensar, a Sra. Schipke disse: — Estou segura de que nos veremos em breve. — Ela teve a coragem de me dizer isso ainda num tom adocicado. Assim ela me anunciara, indiretamente, que eu era um caso desesperador.

Gerhard Ulber, chefe do Departamento Antitóxicos da Polícia de Berlim

Na guerra contra as drogas, nós, da polícia, tentamos com todas as nossas forças e possibilidades evitar o tráfico das mesmas, especialmente o da heroína, ajudando assim as tentativas de terapia dos órgãos competentes.

Em 1976 confiscamos dois quilos e novecentos gramas, em 1977, quatro quilos e novecentos e nos primeiros oito meses de 1978, oito quilos e quatrocentos de heroína. Isso, evidentemente, não significa que a nossa apreensão tenha aumentado, se comparada ao aumento da oferta e consumo. Pessoalmente, sou bem mais pessimista. As quantidades de heroína no mercado aumentaram! No ano passado a prisão de um traficante com cem gramas de heroína teria sido uma sensação; hoje, é insignificante.

Reconhecemos que, com grandes lucros, há também muitos alemães envolvidos no tráfico da heroína. Os contrabandistas e atacadistas são quase todos estrangeiros, como o são também aqueles que têm contato direto com eles. Mas já no nível abaixo, de traficantes, temos quase só alemães. Estes, por sua vez, passam até cem gramas aos fornecedores, que as vendem ao consumidor final, o viciado.

Nossas investigações, feitas com sucesso, mostraram que os contrabandistas e traficantes ficaram mais cuidadosos, o que por sua vez exige de nossa parte mais atenção. Mas quanto mais agimos em pontos públicos contra os viciados e os seus passadores, mais eles se escondem. Torna-se quase impossível descobrir os seus pontos de comercialização.

Basicamente, a polícia pode fazer de tudo: vigilância nos lugares públicos, presença constante de policiais na "cena", etc. Mas o tráfico aumenta, e o mercado sempre encontra uma saída. Cada vez mais, o tráfico da heroína está sendo feito em apartamentos, onde os viciados a compram e se livram da vigilância policial.

Dos oitenta e quatro mortos vítimas de heroína no ano de 1977, não tínhamos o menor conhecimento de vinte e quatro desses viciados, e eles,

com certeza, não morreram em consequência de uma primeira dose. O consumidor assíduo de barbitúricos também só aparece quando é levado, inconsciente, para um hospital, onde, com a ajuda dos médicos, é salvo no último momento.

É perfeitamente possível pessoas se injetarem heroína durante anos a fio, sem que a polícia as descubra. Em outras palavras: a polícia não pode resolver o problema dos tóxicos sozinha. Os americanos tiveram essa experiência com a Lei Seca (proibição do álcool) e nós, após 1945, com o mercado negro. Se existe uma grande procura, há de haver sempre uma grande oferta.

Eu poderia mobilizar mais vinte policiais para este serviço, e nós prenderíamos, certamente, alguns pequenos traficantes. Mas o problema não ficaria solucionado, estaria apenas transferido para as prisões, onde já é bastante elevado o tráfico de drogas. Prisioneiros viciados fazem de tudo para conseguir o tóxico, e os traficantes internos, por sua vez, também fazem de tudo para abastecê-los. Temos que falar claramente: os lucros são muito grandes e isso facilita a corrupção.

Se não conseguirmos isolar os viciados em drogas dos presos comuns, acontece — como aqui em Berlim — ou o caos nos presídios ou o fim do moderno sistema penitenciário. Se quisermos evitar que o uso dos tóxicos aumente dentro das prisões e que outros se viciem, será necessário proibir saídas, visitas numerosas, etc. Na prática, é absolutamente impossível revistar cada um que volta das saídas e, mais ainda, os que visitam os presos; e isso seria muito importante. Existem mulheres que transportam heroína en- volta num preservativo, dentro da vagina, e homens, no ânus.

Prisões, condenações e penas permanentes de nada adiantam. O viciado em heroína não reage a nada disso enquanto tiver a possibilidade de satisfazer o seu vício. O esclarecimento preventivo seria, na minha opinião, o único meio de evitar o aumento dos viciados.

**Renate Schipke, trinta e cinco anos, investigadora
do Departamento de Tóxicos**

Conheci Christiane quando eu era investigadora de delitos contra a lei antitóxicos. A primeira vez que ela foi convocada, após uma denúncia normal, veio falar comigo acompanhada de sua amiga Stella. Ao todo, estive com ela umas seis ou sete vezes.

O meu trabalho na época era o de interrogar os viciados dependentes e conhecidos da polícia, para obter informações sobre os passadores de drogas. Existe um número elevadíssimo de denúncias, e o trabalho tem de ser feito. Assim, torna-se difícil pensar em cada caso isoladamente. No meu trabalho, sempre procuro criar uma relação mais pessoal, o que facilita muito um interrogatório positivo.

No início, Christiane era muito aberta, dando-me todas as informações, com boa vontade. Chamou-me a atenção por sua humildade e deu-me a impressão de ser uma criança bem-educada. Durante a nossa primeira conversa ela parecia ainda uma menininha. Christiane sempre falou bem da mãe, e eu tenho a dizer que esta, ao contrário dos outros pais, sempre cuidou bem da filha. Muitas vezes tivemos, também, conversas por telefone.

Com o passar do tempo, e após vários interrogatórios, Christiane se tornou desaforada e presunçosa. Tive que falar duramente com ela, advertindo-a de que apesar das tentativas de deixar o vício ela sempre permaneceria uma toxicômana. Foi um diálogo muito pesado. Mas não quero falar negativamente sobre Christiane. Ela também não era rancorosa. É simplesmente impossível ajudar os viciados! Eles se sentem sempre traídos, porque não entendem a causa do castigo. Em minha opinião, esses jovens são superficiais demais. Por curiosidade ou por falta do que fazer, eles começam com as drogas e depois ficam admirados com as conseqüências. Acharia bom que Christiane fosse condenada pelo maior tempo possível, pois o choque de uma prisão, numa pessoa tão jovem, pode fazer com que ela melhore. Assim espero.

* * *

Quando me vi no metrô queria chorar de tanto ódio. Fui realmente uma estúpida em aceitar o chocolate e o bolo daquela nojenta policial e deixar que ela me fizesse cair na armadilha.

Após ter atendido a mais dois clientes na Estação Zoo e ter comprado heroína na Kurfürstendammstrasse, fui para casa. Meu gato, na cozinha, mal conseguia ficar de pé. Aliás, ele já andava adoentado há alguns dias. Naquele momento ele estava com um olhar tão triste, soltando uns miadinhos tão sem força, que pensei que também fosse morrer logo.

Eu me preocupava mais com o meu gato moribundo do que comigo mesma. O veterinário me havia dado extrato de sangue de boi. Mas ele não comia absolutamente nada. O pires estava sempre cheio, mas ele nem sequer levantava a cabeça.

Senti, naquele momento, uma enorme vontade de me aplicar uma picada. Busquei meus utensílios e aí me ocorreu uma idéia. Puxei um pouco do sangue de boi na ampola e o injetei na goela do gato. Inerte, ele me deixou agir. Depois levei algum tempo até limpar os meus utensílios de forma a poder utilizá-los em mim mesma.

Piquei-me, mas o resultado não foi lá essas coisas. O medo que sentia de morrer sozinha me apavorava. No fundo, eu queria morrer, mas antes de me picar sentia medo da morte. Talvez a presença do meu gato fosse a razão da minha angústia. Afinal, que negócio mais chato; morrer sem ter vivido.

Não via saída. Minha mãe e eu nunca mais trocamos palavras sensatas desde o dia em que ela compreendeu que eu havia recaído. Gritava pela casa, mas ela simplesmente me olhava com um ar desesperado. A declaração que assinei foi o suficiente para me levar às bancas do Tribunal de Menores, e corri o risco de ser condenada. Sabia muito bem que minha mãe ficaria muito feliz se tivesse podido me ajudar para que as coisas não chegassem àquele ponto. Ela não parava de telefonar para todo canto (Serviço Social, Centro Antidrogas) e parecia cada vez mais desesperada, pois percebera que ninguém podia ou queria nos ajudar. Tudo o que ela conseguia fazer eram ameaças de me enviar para sua família, longe de Berlim.

Finalmente, num belo dia de maio de 1977, meu pobre cérebro acabou reconhecendo que só me restavam duas soluções: *overdose* a curto prazo ou uma séria desintoxicação. Deveria decidir-me sozinha. Não podia mais contar com Detlef e não queria torná-lo responsável pela minha decisão.

Fui ao conjunto Gropius, ao Centro de Jovens, aquele dirigido por um pastor, onde minha carreira de viciada começou. O Centro estava fechado: não conseguindo mais controlar o problema da heroína, tiveram que fazer do Centro de Jovens um centro antidrogas. Era necessário um centro antidrogas só para o conjunto Gropius, tal era o grau de estragos feitos pela heroína desde que aparecera por ali, há dois anos. Eles me disseram o que eu já sabia há muito tempo: a minha única chance era uma boa terapia. Deram-me o endereço da Drogeninfo e da Synanon, porque estas conseguiam melhores resultados.

Eu tinha um certo receio dessas terapias, pois, segundo diziam na "cena", elas eram bastante rigorosas. Nos primeiros meses era pior do que uma prisão. Na Synanon, era preciso até deixar que nos raspassem o cabelo. Era uma maneira de nos conscientizar de que queríamos começar vida nova. Pensei: "Isto eu não vou conseguir, deixar cortar meu cabelo à la Kojak, nem pensar!" Meus cabelos eram para mim a coisa mais importante, pois com eles escondia o meu rosto. Achava que se eles cortassem os meus cabelos acabaria me suicidando.

A conselheira achava, também, que eu não tinha a menor chance de entrar na Drogeninfo ou na Synanon, pois eles já não tinham mais vagas. Uma nova admissão seria muito difícil, seria pelo menos necessário estar com alguma saúde e provar-lhes, através de uma autodisciplina livremente consentida, que tínhamos força de vontade para nos desligarmos do vício. Ela também reiterou que eu era muito jovem, nem ao menos tinha completado quinze anos, portanto, era ainda uma criança. Seria, para mim, muito difícil preencher as exigências deles. Aliás, para as crianças eles ainda não tinham uma terapia determinada.

Eu me propus ir à Narconon. Narconon era o centro terapêutico da Igreja Cientológica, uma seita. Conheci alguns viciados que ali estiveram e disseram que não era mau. Se pagássemos adiantado, não faziam exigências para a admissão. Tínhamos direito a nos vestir como queríamos, levar discos, e aceitavam até animais.

A conselheira me mandou refletir, pensar na razão pela qual tantos viciados disseram que na Narconon a terapia era completamente descontraída, e continuavam a se picar. Ela não conhecia nenhum exemplo de terapia bem-sucedida na Narconon.

Mas, o que fazer se não tinha nenhuma chance de ser admitida em outro lugar? Ela me deu o endereço da Narconon.

Em casa, dei um pouco de extrato de sangue de boi para o meu gato, na seringa. Quando minha mãe voltou do escritório, anunciei-lhe: — Vou me desintoxicar totalmente na Narconon. Serão alguns meses ou talvez um ano. Depois estarei limpa para sempre.

Minha mãe demonstrou não acreditar em uma só palavra minha. Nem sequer tentou obter informações sobre a Narconon.

Mergulhei de cabeça nessa história de terapia. Tinha a impressão de renascer. Nada de clientes naquela tarde e não tomei nada. Iria me privar da droga antes de entrar para a Narconon. Eu não queria começar pela tortura do quarto de isolamento. Queria chegar limpa, para estar em igualdade de condições com os demais internos. Queria provar-lhes imediatamente que estava decidida a deixar a droga.

Fui dormir bem cedinho. O gato estava cada vez pior. Eu o instalei a meu lado, no travesseiro. Estava muito orgulhosa de mim. Faria meu tratamento sozinha, com minha própria vontade. Que outro viciado poderia dizer o mesmo? Quando lhe anunciei minha decisão, minha mãe reagiu com um sorrisinho incrédulo. Ela não tirou nenhum dia de férias. Para ela, meus tratamentos quase faziam parte do cotidiano, e não acreditava mais neles. Eu estava sozinha.

Na manhã do dia seguinte tive uma crise. Talvez a pior de todas. Mas tinha a certeza de que iria agüentar a barra. Quando me sentia mal de verdade, pensava: "É só veneno que sai do seu corpo. Você vai viver porque nunca mais vai se envenenar". Quando adormecia, não tinha pesadelos e sonhava com o que seria minha vida depois da terapia. Maravilhosa.

Quando, já no terceiro dia, as dores tornaram-se mais suportáveis, só via o paraíso, como num filme, diante dos meus olhos. Cada vez a coisa tornava-se mais concreta. Continuava freqüentando as aulas até a minha formatura. Tinha, também, minha moradia própria. Um VW conversível diante da porta, que eu dirigia, quase sempre, com a capota baixada.

O apartamento era no meio do verde. Em Rudow ou talvez em Grunewald. A construção era antiga, mas nem de longe se parecia com as construções burguesas do Kurfürstendamm, com seus tetos altos e feitos de

estruque. Também não era uma casa, onde a entrada era um salão, coberto por tapetes vermelhos, muito mármore e cheio de espelhos com nomes gravados em letras douradas. Não era, portanto, nada que fedesse a riqueza. A riqueza, assim eu imaginava, significava hipocrisia, agitação e *stress*.

Eu queria o meu apartamento num edifício simples, com duas ou três peças, tetos baixos, janelas pequenas, com uma escadaria de madeira, onde houvesse sempre um cheirinho bom de comida, e que os vizinhos fossem pessoas amáveis ao nos cumprimentar todos os dias: "Como vai, tudo bem?" A escada deveria ser estreita o suficiente para que a gente esbarrasse um no outro ao passar. Todos naquele edifício trabalhavam muito, mas viviam felizes. Não havia brigas nem inveja. Todos se ajudavam mutuamente. Eram, por isso, completamente diferentes daqueles ricos nojentos que moravam nos altos edifícios do conjunto Gropius. Ali, todos viviam tranquilos.

No meu apartamento a peça principal era o quarto de dormir. Minha cama, muito larga, coberta com um tecido escuro, estava encostada na parede do lado direito. Tinha duas mesas-de-cabeceira (a segunda era para Detlef) e um vaso com palmeiras. Além disso, o quarto estava cheio de plantas e flores. A parede atrás da cama era forrada com um papel que não estava à venda no comércio: nele havia desenhos de um deserto, gigantescas dunas de areia e um oásis. Sob as palmeiras, beduínos vestidos de branco e bebendo café, sentados em roda e totalmente à vontade. A paz. O meu lado era o esquerdo da cama, sob a janela do teto. A cama estava instalada como na Arábia ou na Índia, cheia de almofadas, tendo ao lado uma mesa baixa e redonda. Era lá que eu passava minhas noites na mais completa calma. Longe de toda agitação, sem angústia nem problemas.

Minha sala de estar era muito parecida com o quarto. Plantas, tapetes. No meio dela havia uma grande mesa de madeira rodeada de cadeiras de palha. À mesa, estavam sempre os meus melhores amigos. Bebíamos chá, e eu cozinhava para eles. Nas paredes, prateleiras carregadas de livros. Livros legais, escritos por pessoas que encontraram a paz e que conheciam muito bem a natureza e os animais. Essas prateleiras eu mesma as fabricara, como a maior parte dos meus móveis, pois não encontrara nas lojas peças que me agradassem. Não queria coisas para impressionar, mas apenas móveis que não tivessem como única função mostrar que custaram uma fortuna. E não havia portas em meu apartamento. Havia apenas cortinas, pois as portas

batem, fazem ruído e agitação.

Tinha um cachorro, um *rottweiler*, e dois gatos. Desmontei o banco traseiro do meu carro para que o cachorro ficasse mais à vontade.

À noite preparava o jantar. Tranqüilamente e devagar, não como minha mãe, que sempre cozinhava às pressas. Um ruído de chave na fechadura. Era Detlef que voltava do trabalho. O cachorro pulava em cima dele. Os gatos se eriçavam e vinham se esfregar contra as suas pernas. Detlef me beijava e sentava-se à mesa para jantar.

Isso tudo era o que eu sonhava naquela grave crise de abstinência da H. Só não sabia que era um sonho. Aquelas imagens pareciam, para mim, a realidade de depois de amanhã. Depois da terapia. Nunca imaginava que pudesse ser de outra forma, a tal ponto que, na noite do meu terceiro dia de tratamento, disse a minha mãe que terminada a terapia mudaria para meu próprio apartamento.

No quarto dia já me sentia tão bem que até consegui me levantar. Ainda tinha vinte marcos, guardados no bolso de meus *jeans*. Esse dinheiro deixava-me inquieta, porque vinte marcos eram exatamente a metade dos quarenta. Pensei então: "Se você ao menos tivesse mais vinte marcos, poderia ir comprar a sua última dose de heroína, como despedida, antes de ir amanhã pela manhã para a Narconon".

Falava com o meu gato doente. Dizia-lhe que não seria assim tão ruim se eu o deixasse por apenas duas horas sozinho. Com a minha agulha de injeção dei-lhe chá de camomila com um pouco de açúcar de uvas — a única coisa que ele ainda segurava no estômago — e disse¹. — Você não vai morrer.

Eu só queria andar, mais uma vez, pelo Kudamm, pois sabia que na Narconon não nos deixavam sair sem acompanhante. Queria sentir a última picada, pois o Kudamm, sem heroína, era uma merda. Mas me faltavam os tais vinte marcos. O jeito era fazer mais uma viração, ou seja, procurar um cliente. Só não queria era me encontrar com Detlef na Estação Zoo pois, se eu lhe contasse que fora bem-sucedida na minha abstinência e que estava apenas procurando um cliente para me despedir totalmente da droga, ele certamente me daria a maior gozada da paróquia.

A idéia me ocorreu no metrô: vou me deixar paquerar por um

automobilista. Pensei nisso por causa dos vinte marcos, que era mais ou menos o preço. Stella e Babsi faziam isso com frequência, mas eu sempre tive horror de fazer isso: primeiro, não podemos examinar o tipo que se aproxima de nós, e subimos no carro de qualquer um.

O pior era quando caíamos nas mãos de um cafetão. Eles freqüentemente se fantasiavam de cliente. E, uma vez dentro do carro, não havia mais nada a fazer. Eles não queriam que as viciadas trabalhassem para eles, pois isso não lhes interessava (elas gastam muito dinheiro com drogas). O que eles queriam era expulsá-las da Kurfürstenstrasse, porque elas baixavam os preços do mercado das profissionais.

Babsi uma vez subiu no carro de um deles. Ele a seqüestrou por três dias. Torturou-a e depois a obrigou a trepar com um monte de caras, estrangeiros sujos, mendigos bêbados e coisas do gênero. E durante todo esse tempo Babsi estava, é claro, em crise. Ela viveu um verdadeiro inferno durante esses três dias, mas mesmo assim voltou à Kurfürstenstrasse. É que ela era a rainha do lugar, com o seu rosto de anjo e sua silhueta reta, sem seios nem nádegas. As prostitutas profissionais eram quase tão perigosas quanto os cafetões. A Potsdamerstrasse, o quartel-general das putas da pior espécie, ficava apenas a duzentos metros da putaria infantil na Kurfürstenstrasse. Periodicamente, elas faziam uma verdadeira caça às viciadas. Se pegavam uma, caíam em cima com estilete na mão e deixavam-na em carne viva.

Desci na Estação Kurfürstenstrasse. Estava morta de medo. Pensava nos conselhos de Babsi e Stella para evitar tipos jovens em carro esporte ou americano, que podiam ser proxenetas. Os velhos com gravata e gordinhos eram barra-limpa, principalmente se estivessem de chapéu. Os melhores eram os caras que tinham uma cadeira de bebê no banco traseiro: eram pais de família à procura de uma pequena aventura, e tinham mais medo do que a gente.

Subi a rua em direção ao Sound, não à beira da calçada, mas ao lado das casas, com um ar de quem não queria nada. Logo depois um cara me fez sinal. Eu o achei estranho, com um ar agressivo. Talvez por causa de sua barba. Mandei-o passear e continuei meu caminho.

Não havia outra menina à vista. É que ainda não era meio-dia. Sabia disso, pois Babsi e Stella me haviam dito que ficavam furiosos, pois se

viravam como doidos para conseguir meia hora e não encontravam nenhuma menina. Às vezes, na Kurfürstenstrasse havia mais clientes do que meninas. Muitos outros carros pararam. Fingi que não os via.

Olhava as vitrinas de uma loja de móveis. Caí novamente no sonho do meu apartamento. Pensei: "Christiane, minha filha, recomponha-se. Os vinte marcos, é preciso encontrá-los rápido. Concentre-se". Nesses casos eu precisava me concentrar para me livrar o mais rápido possível.

Um Comodoro branco parou. Nada de cadeira de criança no banco traseiro, mas o cara não tinha aspecto de louco. Subi sem pensar muito. Acertamos por trinta e cinco marcos.

Fomos à Asknischenplatz, onde havia uma velha estação desativada. Foi rápido. O cara foi bonzinho e até esqueci que era um cliente. Ele disse que gostaria de rever-me, mas que partiria dentro de três dias para a Noruega, em férias com sua mulher e os dois filhos.

Pedi-lhe para me deixar na Universidade Técnica, pois era lá que encontrávamos heroína pela manhã. Ele aceitou na hora.

O dia estava lindo nesse 18 de maio de 1977. Eu guardei bem a data, pois foi dois dias antes do meu décimo quinto aniversário. Andava à toa, conversava com dois caras, acariciava um cão. Era a felicidade. Achava formidável não estar apressada, poder esperar para me picar na hora em que eu tivesse vontade de verdade. Não estava mais em estado de dependência.

Depois de certo tempo passou um cara que perguntou se eu queria droga. Disse-lhe que sim, e comprei-a por quarenta marcos, Desci para me picar no toaleta de senhoras da Ernst-Reuter-Platz, que era bastante limpa. Pus meia dose na colher, pois depois de um tratamento era preciso ir com moderação. Piquei-me com certa solenidade, dizendo a mim mesma que seria a última dose.

Acordei duas horas mais tarde, a bunda no vaso sanitário, agulha no braço. Minhas coisas no chão. Eu me sentia relativamente bem. No fundo, havia escolhido o melhor momento para me curar.

Meu passeio a Kudamm dançou. Comi no restaurante universitário, por dois marcos e meio, batatas e salsichão, mas vomitei tudo alguns minutos mais tarde. Andei à toa na Estação Zoo para dizer adeus a Detlef,

mas não o encontrei. Precisava voltar para casa, pois meu gato tinha necessidade de mim.

Pobre gato, não tinha se mexido e continuava no meu travesseiro. Limpei a seringa e lhe dei um pouco de chá com açúcar de uva. Não era assim que eu imaginava minha última jornada de viciada. Se eu pegasse um dia a mais?

Aí minha mãe chegou e me perguntou onde passara a tarde. — Em Kudamm. — Ela não estava contente. — Você tinha dito que passaria para se informar na Narconon.

Louca de raiva, comecei a gritar: — Deixe-me em paz! Eu não tive tempo, entendeu? — Ela, por sua vez, também gritou: — Embrulhe suas coisas e se mande para a Narconon! E fique por lá.

Acabara de preparar uma costeleta com purê. Levei meu prato para o banheiro, me tranquei e comi lá dentro. Eis minha última noite na casa de minha mãe. Gritei porque fiquei arrasada por ela ter compreendido que eu, mais uma vez, havia tomado uma picada.

Arrumei algumas coisas no meu grande saco de dormir. Escondi a seringa, a colher e o resto da heroína na calcinha. Fomos à Narconon de táxi. Não me perguntaram nada. Esses caras pegavam qualquer um. Tinham até intermediários que passeavam na "cena".

Mas as perguntas foram feitas à minha mãe! Antes de me admitir na Narconon, eles queriam ver o dinheiro: mil e quinhentos marcos, pagos adiantado, para o primeiro mês. É claro que minha mãe não tinha esse dinheiro. Ela prometeu arrumá-lo até a manhã do dia seguinte. Arranjaria um financiamento. Suplicou-lhes que ficassem comigo. Eles concordaram.

Pedi autorização para ir ao banheiro. E me deram.

Tomei uma picada rapidamente. Quando voltei eles perceberam que eu estava drogada, mas não fizeram nenhuma observação. Eu lhes dei a seringa e o resto. O cara ficou com um ar espantado e me felicitou.

Levaram-me para o quarto de isolamento. Éramos três lá dentro. Um dos outros dois se mandou na manhã seguinte. Um belo lucro para a Narconon.

Eles me deram livros sobre a doutrina da Igreja Cientológica. Que seita gozada! Podíamos ou não acreditar nas suas histórias. Eu tinha necessidade de acreditar em alguma coisa.

Depois de dois dias me deixaram sair do quarto de isolamento. Fui dividir um quarto com Christa. Uma louca. Privaram-na da terapia porque ela não parava de zombar das terapias e dos terapeutas. Ela revirava os cantos do nosso quarto dizendo que alguém podia ter escondido heroína. Levou-me ao sótão: — Basta instalar algumas almofadas, e poderemos fazer aqui uma dessas farras com vinho, maconha e tudo o mais.

Eu, que tinha vindo à Narconon para me livrar, para me desintoxicar, e ela não parava de falar de droga e de colocar a Narconon na merda.

No dia seguinte, telefonema de minha mãe. Ela me disse que o gato havia morrido, e só depois me desejou feliz aniversário.

Passei o resto da manhã chorando na minha cama.

Quando os caras perceberam, disseram que eu tinha necessidade de uma sessão. Trancaram-me em uma sala com um cara (um ex-viciado) que me bombardeou com ordens absurdas. Fui obrigada a executar.

Ele me disse: — Veja esta parede. Aproxime-se desta parede. Toque a parede. — E repetíamos. Durante horas. Eu tateava os quatro muros da sala. Em dado momento estava com o saco cheio disso e falei: — Que besteirada. Você é louco ou o quê? Deixe-me em paz, basta. — Sem parar de sorrir ele me convenceu a continuar. Em seguida, ele me fez tocar diferentes objetos até o momento em que me joguei no chão, soluçando, completamente esgotada.

Ele sorria. Quando me acalmei, a sessão recomeçou. Estava abobada. Tocava a parede antes mesmo de ter recebido ordem. O único pensamento que ainda conseguia ter era: seria bom se isso terminasse.

Depois de cinco horas exatas, ele falou: — Está bem, é o suficiente por hoje. — Eu me sentia muito bem. Ele me levou a uma outra sala, onde havia um aparelho, de fabricação artesanal, uma espécie de pêndulo entre duas caixas de aço. O cara me mandou colocar a mão ali e me perguntou: — Você se sente bem?

— Sim. Agora eu tenho verdadeira consciência de tudo o que me

cerca.

O cara olhou o pêndulo: — Ele não se mexeu, então você não mentiu. A sessão foi boa.

O treco estranho era um detector de mentiras! Um dos objetos do culto dessa seita. De qualquer forma, eu estava contente porque o pêndulo não se mexera. Para me libertar da heroína, estava pronta a acreditar em qualquer coisa.

Ali eles faziam toda sorte de coisas surpreendentes. Por exemplo, nessa mesma noite, Christa teve febre: eles a fizeram tocar em uma garrafa e dizer se ela era quente ou fria; depois de algum tempo, ao que parece, a febre tinha baixado.

Tudo aquilo virou minha cabeça a tal ponto que na manhã seguinte corri ao escritório para pedir uma nova sessão. Durante uma semana meti a cara nos dogmas da seita. Tinha verdadeira fé na terapia. O programa era rígido: sessões, limpeza, cozinha. Isso ia até as dez da noite. Não tínhamos tempo para pensar.

A única coisa que me irritava era a comida. Não conseguia me adaptar a um rango daqueles. Pelo preço que pagávamos, aquilo poderia ser ao menos um pouco melhor. Principalmente porque eles não tinham outros gastos. Os que presidiam as sessões eram quase sempre ex-viciados. Diziam que este trabalho fazia parte de suas terapias e recebiam um pouco de dinheiro para os gastos. Os dirigentes da Narconon comiam à parte. Um dia eu os vi almoçando, estavam comendo um verdadeiro banquete!

Um domingo finalmente tive tempo de pensar seriamente. Primeiro pensei em Detlef, e isso me deixou triste. Depois me fiz algumas perguntas: o que fazer depois da terapia? Essas sessões me ajudariam realmente? Tinha muitas perguntas, mas nenhuma resposta. Gostaria muito de falar com alguém, mas não tinha ninguém, e ali era proibido fazer amizades: era um dos grandes princípios da casa. Se tentássemos conversar problemas desse tipo com os caras da Narconon, eles nos metiam imediatamente numa sessão. Desde que entrara nessa casa não tivera nenhum papo.

Na segunda-feira pintei no escritório e vomitei tudo de uma só vez. Em primeiro lugar, a comida. Depois, tinham me roubado quase todas as calcinhas. Era impossível entrar na lavanderia, pois a menina que tinha as

chaves passava o tempo todo na cidade, se picando. Aliás, ela não era a única. Essa espécie de coisas me perturbava. O ritmo forçado das sessões e o trabalho de limpeza estavam me esgotando e não tinha mais a minha cota de sono. — Está bem — disse-lhes —, suas terapias são muito boas, mas elas não solucionam os meus problemas. Isso tudo, no fundo, é domesticação. Vocês tentam nos endireitar, mas tenho necessidade de alguém com quem falar dos meus problemas e de tempo para lutar com eles.

Eles me ouviram sem dizer nada, com seus eternos sorrisos. Depois disso tive direito a uma sessão suplementar. Ela durou o dia todo, até as dez horas da noite. Saí novamente em total apatia. Afinal de contas, será que eles sabem mesmo o que estão fazendo? Minha mãe me contou, durante uma de suas visitas, que a Previdência Social lhe reembolsara os gastos com minha permanência na Narconon. Já que o Estado gastava dinheiro com isso, era porque acreditava na coisa.

Outros pensionistas da Narconon tinham mais problemas do que eu. Gaby, por exemplo: ela havia se apaixonado por um cara, e queria, a todo custo, dormir com ele. Ela foi, como uma idiota, contar aos manda-chuvas. Resultado: uma sessão suplementar. Mesmo assim ela trepou com o cara. Ficaram sabendo e os ridicularizaram diante de todos. Gaby desapareceu naquela noite e nunca mais voltou. O cara era um ex-viciado que, podia-se dizer, estava limpo há muitos anos, e se mandou alguns dias mais tarde. Voltou drogado até o pescoço.

Na verdade as pessoas da Narconon não se incomodavam muito se trepássemos ou não. Para eles, o importante era nos impedir de estreitar laços com alguém. Mas se este cara trabalhava com eles havia mais de um ano, como poderia suportar tanto tempo de isolamento?

Tarde da noite, o único tempo livre que nos sobrava, tínhamos alguns momentos de diversão. Passava-os sempre com os pensionistas mais jovens. Era a mais jovem de todos, mas ninguém, naquela turma que havíamos começado a constituir, chegava a dezessete anos. Era a primeira leva de drogados muito jovens: éramos todos crianças quando começamos a nos picar. E nos tornamos um farrapo em um ou dois anos, porque durante a puberdade o veneno é ainda mais devastador que mais tarde. Se nos encontrá vamos ali, tínhamos todos a mesma razão: não havia terapia em

outro local.

Como eu, a maioria chegou à conclusão de que as sessões não nos levavam a nada. De qualquer forma, quando colocavam dois jovens juntos, a coisa se transformava em palhaçada: como manter a seriedade por muito tempo quando devíamos xingar uma bola de futebol ou nos olhar nos olhos durante duas horas? Renunciaram a nos fazer passar pelo detector de mentiras. Qual era a sua utilidade se nós dizíamos que as sessões não serviam para nada? Nós nos divertíamos e nada mais. Nossos infelizes coordenadores estavam cada vez mais perdidos.

Logo teríamos um só assunto para conversar: a heroína. Às vezes, em círculo fechado, falávamos também da maneira como nos mandar.

Depois de quinze dias de Narconon, tinha meu plano. Eu e dois rapazes nos disfarçamos de "comando da grande limpeza" e, graças ao nosso arsenal de baldes, escovão e panos de limpeza, atravessamos todas as portas sem problemas. Estávamos, os três, loucos de alegria. Estávamos tão impacientes para nos picarmos que por pouco não fizemos xixi nas calças. Separamo-nos na entrada do metrô. Tomei a direção da Estação Zoo. Fui encontrar Detlef. Ele não estava; Stella, sim. Ela me deu uma calorosa acolhida. Contou-me que eles não tinham visto Detlef ultimamente. Temi que ele estivesse preso. Quanto aos clientes, eram muito poucos. Fomos à Kurfürstenstrasse. Ali também não havia grande coisa. Finalmente um carro parou. Reconhecemos o carro e seu condutor. Um cara que já nos seguira tantas vezes, até no caminho dos banheiros públicos, quando íamos nos picar. Sempre o consideramos um policial à paisana, mas não passava de um tarado por pequenas drogadas.

Ele estava interessado em mim, mas deixou Stella subir no carro.

Eu lhe declarei: — Trinta e cinco marcos por uma bombada. Não faço nada mais além disso.

— Eu te dou cem.

Fiquei perplexa. Nunca tinha acontecido uma coisa assim. Os caras que andavam de Mercedes chiavam por cinco marcos. Aquele cara, no seu Volks enferrujado, me propôs espontaneamente cem. Ele me explicou que era um espião. Bem, era um megalomaníaco. Mas estes eram quase sempre os melhores clientes, não eram avarentos, pois aquela era mais uma forma

de se vangloriar.

Ele me deu realmente os cem marcos. Stella foi comprar imediatamente a heroína e nos picamos no carro. Depois fomos para o hotel. Fui com calma com o cara (Stella me esperava no *hall*) porque ele fora generoso e eu estava drogada (havia duas semanas que não tomava nada). Não tinha nem mesmo vontade de deixar a estreita cama daquele horrível quarto de hotel.

Conversei um pouco com o cara. Ele era interessante de verdade. Acabou me contando que tinha em sua casa meio grama de heroína, que nos daria se nos encontrássemos com ele em três horas na Kurfürstenstrasse. Eu lhe pedi mais trinta marcos, dizendo que tínhamos necessidade de comer bem, que tal soma não era nada para um ricoço como ele e que compreendia muito bem que se ele andava naquele carro velho era para enganar o inimigo, pois ele era um espião, etc., etc. Ele, encurralado, me deu o dinheiro.

Stella e eu voltamos à Estação Zoo. Não abandonei a esperança de encontrar Detlef. De repente, um cachorrinho preto e branco com os pêlos enlameados avançou na minha direção e saltou nos meus braços. Eu devia lhe lembrar alguém. Esse cão era genial, podia-se até dizer que era um cão de caça subdesenvolvido. Apareceu um cara com a roupa rasgada e me perguntou se eu queria comprá-lo. Ele queria setenta marcos, pechinchei e ele deixou por quarenta. Que legal: estava drogada e tinha novamente um cão. Stella propôs chamá-lo de Lady Jane. Eu o batizei de Janie.

Comemos em um restaurante na Kurfürstenstrasse. Janie tinha direito à metade de nossas costeletas. O "espião" chegou na hora exata ao encontro e me trouxe, calmamente, meio grama de heroína. Foi uma loucura. Isso valia cem marcos.

Voltamos à Estação Zoo. Nada de Detlef, mas encontramos Babsi. Estava muito contente, pois, apesar de brigarmos muito, era a minha melhor amiga. Subimos as três ao terraço. Babsi tinha um mau aspecto: pernas como palitos de fósforo, o peito desaparecera e não pesava mais de trinta e um quilos. Mas seu rosto continuava bonito.

Contei-lhes da Narconon, disse-lhes que a casa era legal. Stella não queria nem ouvir falar: ela nascera viciada e morreria viciada, disse. Mas

Babsi estava entusiasmada com a idéia de podermos nos desintoxicar juntas. Seus pais e sua avó tentaram em vão encontrar uma vaga num centro de terapia. Ela estava uma vez mais em fuga, mas gostaria de se desligar. Estava num estado pavoroso.

Batemos um bom papo e nos separamos. Fui com Janie fazer compras numa loja fabulosamente cara que ficava aberta à noite, e comprei dois sacos de comida para cães e um grande estoque de salgadinhos para mim. Depois telefonei para a Narconon. Eles me autorizaram a voltar. Disse-lhes que levava uma amiga, sem precisar que era um cão.

Apesar de não ter pensado muito nisso, eu bem sabia que iria voltar à Narconon. Para onde poderia ir? Para casa? Imaginava a cara de minha mãe ao me ver chegando. Além do mais, minha irmã voltara (ela não queria mais ficar na casa de meu pai) e ocupava minha cama e o meu quarto. Vagabundagem? Muito pouco para mim. Dormir na casa de um cliente significava ficar totalmente à sua mercê e trepar automaticamente. Eu nunca passei a noite na casa de um cliente. E principalmente estava decidida a me desligar da droga. Rumei para a Narconon, pois de toda maneira não tinha escolha.

Na casa (chamávamos sempre a Narconon de "a casa") a acolhida foi bastante fria, mas sem comentários. Eles nada disseram sobre Janie, pois havia vinte gatos no pedaço.

Fui procurar velhos cobertores no subsolo e instalei o leito de Janie ao lado do meu. Na manhã seguinte ela havia feito cocô por todos os lados. Janie nunca foi limpa. Ela era meio pirada. Mas eu também era. Eu a amava. Limpar aquela sujeira, para mim, não era nada.

Imediatamente tive direito a uma sessão suplementar. Não dei bola para aquilo. Executei, automaticamente, as ordens que recebi. A única coisa que me aborrecia era passar o tempo todo longe de Janie. Os outros cuidavam dela, mas ficava doente porque queria que ela fosse só minha. Todo mundo brincava com ela e ela brincava com todos — no fundo, era uma putinha. Todo mundo lhe dava comida, e ela engordava a olhos vistos. Eu era a única a lhe falar. Agora, pelo menos, tinha com quem falar.

Fugi duas vezes. A última fuga durou quatro dias. Dormi na casa de Stella, pois sua mãe estava internada para desintoxicação alcoólica.

Recomeçou a vida de merda: cliente, picada, cliente, picada. Além disso, soube que Detlef e Bernd haviam partido para Paris.

Então perdi a calma. Como é que um cara que era, podemos dizer, o meu marido se mandava sem me avisar! Nós sempre sonhamos em ir a Paris. Queríamos alugar um quartinho em Montmartre e nos desintoxicar. Não tínhamos nunca ouvido falar de droga em Paris, e pensávamos que isso não existia lá. Em Paris havia somente artistas, caras geniais, que bebiam café ou um copo de vinho de vez em quando.

E, no entanto, Detlef estava em Paris com Bernd! Não tinha mais amigo, estava só no mundo. Babsi e Stella eram minhas amigas, mas sempre acontecia o mesmo: brigas por qualquer motivo. Só me restara Janie.

Telefonei para a Narconon. Eles me disseram que minha mãe havia passado para pegar minhas coisas. Ela também não ligava para mim. Fiquei furiosa: vou mostrar a todos. Vou lhes mostrar que saio dessa sozinha!!!

Voltei à Narconon, e eles me readmitiram. Entreguei-me à terapia feito uma obcecada. Fiz tudo o que me mandaram. Tornei-me uma verdadeira aluna modelo, voltei a ter o direito às honras do detector de mentiras, e o pêndulo não se mexia quando eu dizia que a sessão tinha sido extraordinariamente benéfica para mim. Pensava: "Tudo bem, você vai conseguir". Não telefonei para minha mãe. As roupas, pedi-as emprestadas. Vestia cuecas, mas não me importava. Não queria suplicar à minha mãe para trazer minhas coisas.

Um dia, recebi um telefonema de meu pai. — Salve, Christiane. Onde você se meteu? Acabei de saber seu endereço por acaso.

— Estou até perturbada de ouvir que você se interessa por mim, ao menos uma vez.

— Diga-me, você quer ficar nessa tribo estranha?

— É claro.

Meu pai perdeu o fôlego. Precisava de alguns minutos para voltar ao normal. Depois me perguntou se queria ir almoçar com ele e um dos seus amigos. Aceitei.

Meia hora mais tarde me chamavam ao escritório. Quem estava lá? Meu caro pai, a quem via pela primeira vez depois de muitos meses. Ele subiu comigo ao quarto que dividia com outras quatro meninas. Suas primeiras palavras: — O que é esta zona? — Ele sempre foi um maníaco por ordem. E nosso quarto, como o resto da casa, era um verdadeiro depósito de sujeira e roupas por todos os cantos.

Quando estávamos saindo para ir almoçar, um dos responsáveis disse a meu pai: — É preciso assinar um papel, o compromisso de trazer Christiane de volta.

Meu pai, furioso, começou a gritar: ele era o pai, o único juiz do lugar onde devia viver sua filha. Nunca mais sua filha voltaria a pôr os pés ali.

Com dificuldade tentei ir à sala de terapia suplicando: — Quero ficar aqui, papai. Não quero morrer, papai. Deixe-me, por favor.

As pessoas da Narconon, atraídas pelos nossos gritos, tomaram o meu partido. Meu pai saiu gritando: — Chamo a polícia.

Sabia que ele iria fazer isso. Subi ao telhado. Lá havia uma espécie de plataforma para os limpadores de chaminé. Eu me agachei tremendo de frio.

Na verdade, duas flores que não se cheiram se juntaram. Os policiais e meu pai reviraram a casa de cima a baixo. O pessoal da Narconon, inquieto, me chamava. Ninguém subiu ao teto. Os policiais e meu pai foram embora.

Na manhã seguinte telefonei para minha mãe em seu escritório. Soluçando, perguntei o que estava acontecendo.

Sua voz foi glacial: — Não me interessa mais pelo que possa acontecer com você.

— Mas você é minha tutora. Não pode me abandonar dessa forma. Não quero que papai me leve. Quero ficar, não fugirei mais, eu juro. Eu lhe peço, faça qualquer coisa. Eu preciso ficar aqui, mamãe, senão vou morrer. Acredite em mim, mamãe.

Minha mãe, com voz irritada, me disse: — Não, não há nada a fazer.

— Um clique, e ela desligou.

Fiquei completamente arrasada. Depois tive raiva. Pensei: "Bem, daqui para a frente você vai encher o saco deles. Eles nunca se ocuparam de você e agora que lhes deu na telha, caem-lhe em cima. Esses idiotas só fizeram besteiras: a mãe de Kessi, pelo menos, impediu a filha de se afundar na merda. Seus pais fodidos nunca levantaram um dedinho, e de repente imaginam saber o que é melhor para você!"

Pedi uma sessão suplementar, a que me entreguei com uma enorme alegria. Queria ficar na Narconon, e talvez depois me tornasse membro da Igreja Cientológica. Em todo caso, não permitiria que ninguém me tirasse dali. Não queria mais me deixar destruir pelos meus pais.

Três dias mais tarde, uma nova convocação ao escritório. Meu pai estava lá, muito calmo. Explicou que devia levar-me ao escritório da Previdência Social por causa de um reembolso dos gastos da minha permanência na Narconon.

Eu: — Não. Não quero te acompanhar. Eu te conheço, papai, você não me deixará voltar. E eu não quero morrer.

Meu pai mostrou um papel aos responsáveis da Narconon. Estava assinado por minha mãe e o autorizava a me levar. O chefe da Narconon me disse que não poderia fazer nada, pois era impossível me manter contra a vontade de meu pai.

Ele me aconselhou a não esquecer de fazer os exercícios. Pensar sempre no confronto. A confrontação era sua palavra de ordem. Era preciso confrontar sempre. Que idiotas! Para mim não havia nada a confrontar: iria morrer. Não agüentaria a barra. Em quinze dias, no máximo, teria uma nova recaída. Sozinha não conseguiria nunca. Eis o que pensava ao sair da Narconon, em um dos raros momentos em que avalei lucidamente minha situação. Só que na minha miséria eu me convenci de que a Narconon poderia me salvar. Chorei de raiva e de desespero. Não agüentava mais.

A Mãe de Christiane

Depois do fracasso da Narconon, meu ex-marido decidiu acolher Christiane em sua casa para fazê-la "voltar à razão", segundo sua expressão. Creio que não era uma boa solução. Primeiro, ele não poderia vigiá-la vinte e quatro horas por dia. Além do mais, considerando as minhas relações com ele, não poderia aceitar a idéia de confiar-lhe Christiane. Essa minha idéia era reforçada pelo fato de minha outra filha ter voltado a viver comigo, porque seu pai era muito duro com ela.

Como já não tinha mais a quem apelar, perguntava-me se seus métodos não seriam melhores que os meus. Talvez — não excluo essa possibilidade — quisesse me convencer para me aliviar provisoriamente da responsabilidade sobre Christiane. Depois da primeira tentativa de supressão, eu estava sempre como debaixo de uma ducha escocesa, passava da esperança ao mais profundo desespero. Quando pedi a seu pai que interviesse, eu estava física e moralmente esgotada. Três semanas após a primeira privação de droga (aquela que Christiane e Detlef haviam feito em casa), a primeira recaída teve para mim o efeito de um soco na cabeça. A polícia me telefonou para me informar da prisão de Christiane e me pedia para ir buscá-la.

Fiquei sentada em meu escritório, tremendo, olhando para o relógio a cada dois minutos. Não ousava pedir permissão para sair mais cedo. Não podia confiar em ninguém. O que diria minha chefe? De repente compreendi o pai de Detlef. No início temos vergonha, uma terrível vergonha.

Na delegacia de polícia encontrei uma Christiane com os olhos inchados de lágrimas. O policial mostrou-me a picada ainda fresca em seu braço e acrescentou que ela fora presa na Estação Zoo, onde estava em "uma atitude suspeita".

O que é "uma atitude suspeita"? Não conseguia imaginar ou talvez eu não quisesse imaginar. Christiane estava terrivelmente infeliz por ter recaído. Nova tentativa de privação de droga. Sem Detlef. Ela não saía de casa, parecia tomar a coisa a sério. Juntei toda a minha coragem, fui à escola falar com o professor responsável. Ele ficou chocado, mas agradeceu minha franqueza, pois os outros pais não têm o hábito de lhe falar francamente. Acha que há outros drogados entre os alunos. Bem que gostaria de ajudar Christiane, mas não sabia como.

É sempre a mesma coisa a quem quer que eu me dirija: ou se está tão desamparado como eu, ou então há um desinteresse total por pessoas como Christiane. Uma experiência por que passaria com freqüência.

Eu percebi, pouco a pouco, como era fácil para um adolescente encontrar heroína, mesmo no caminho da escola. Vi vendedores oferecendo-a na Hermannplatz, em Neukölln (*Bairro de Berlim. (N. do T.)*). Não acreditei nos meus ouvidos quando um desses tipos abordou Christiane em minha presença, quando fazíamos compras. Alguns são estrangeiros, mas há também alemães entre esses traficantes. Christiane me contou como ela os conhecia, quem vende o quê e assim por diante.

Tudo isso me pareceu uma loucura. Em que mundo vivemos?

Quis que Christiane mudasse de escola para ao menos evitar que ela encontrasse esses tipos no caminho. Como as férias da Páscoa estavam chegando, eu esperava que em um ambiente diferente ela corresse menos perigos. Claro que era uma idéia ingênua. Bem, isso não deu em nada, pois ela não foi aceita em outro colégio.

Ela ficou muito decepcionada, mas se limitou a dizer: "Tudo isso não tem nenhum sentido. A única coisa que pode me ajudar é uma terapia". Onde encontrar uma vaga? Telefonei a todos os serviços possíveis e imagináveis. O máximo que consegui foi que me dessem o endereço de um serviço antidroga. Até ali se exigia que Christiane se apresentasse voluntariamente. Cada serviço falava mal do outro, mas eles estavam todos de acordo sobre um ponto: é preciso que a decisão parta dela mesma, senão é impossível curá-la.

Christiane imediatamente ficava irritadíssima quando eu pedia para ir à consulta antidroga. "Fazer o quê? Eles não têm vaga para mim. Não vou ficar bajulando-os durante semanas."

Que fazer? Não podia levá-la à força até aquele pessoal, pois era contra seus princípios. Hoje compreendo muito bem essa atitude: nessa época Christiane não estava efetivamente madura para submeter-se a uma terapia seriamente. Por outro lado, acho que garotos toxicômanos como Christiane têm direito a toda a ajuda possível, mesmo contra sua vontade.

Mais tarde, quando Christiane se sentiu muito mal, a ponto de querer ir por conta própria fazer terapia, mesmo que fosse uma terapia severa, nos

disseram: "Está lotado. Seis a oito semanas de espera". Aquilo me pôs doente e a única coisa que pude dizer foi: "E se minha filhinha morrer até lá?" — "Bem, é claro que nesse caso ela deve vir fazer umas entrevistas com nossos conselheiros. Veremos se suas intenções são sérias." Agora vejo que não devia ficar furiosa. Eles têm tão poucas vagas que são obrigados a fazer uma seleção.

Não encontrei nada. Quando Christiane voltou das férias, tive a impressão de que ela não tinha mais necessidade de fazer terapia. Estava com um aspecto maravilhoso. Achei que tinha vencido.

Ela me falava com freqüência de sua amiga Babsi, que se vendia a homens maduros para comprar heroína. Ela achava repugnante e jamais faria isso... "Estou tão feliz por estar finalmente longe de toda essa sujeira", dizia-me. Parecia sincera. Teria jurado, sobre qualquer coisa, que ela pensava assim.

Mas isso durou alguns dias. Percebi pelas suas pupilas. Não suportava mais suas histórias. "Que bronca é essa? Fumei só um cigarrinho!" Foi o começo de um terrível período. Começou a contar-me mentiras enormes mesmo sabendo que eu estava por dentro de tudo. Christiane não dava a mínima importância quando eu a proibia de sair. Quase a deixei trancada no apartamento, mas tive medo de que ela saltasse pela janela.

Estava com os nervos à flor da pele. Não suportava mais olhar para as suas minúsculas pupilas. Tinham se passado três meses desde o dia em que a surpreendi no banheiro. Ao menos uma vez por semana os jornais anunciavam uma nova morte por *overdose*. Resumindo, as vítimas da heroína tinham se tornado uma crônica policial tão banal quanto um acidente de trânsito.

Tinha um medo terrível. Principalmente porque Christiane não confiava mais em mim. Isso me enlouquecia. Quando se sentia desmascarada, tornava-se grosseira e agressiva. Pouco a pouco mudava de personalidade.

Temia pela sua vida. Sua mesada — vinte marcos por mês — eu lhe dava pouco a pouco. Caso lhe desse os vinte marcos de uma só vez, ela iria comprar uma dose. E isso poderia ser fatal. O pior não era saber que ela era

toxicômana — tinha quase me acostumado com a idéia —, mas o medo constante de que sua próxima dose fosse a última. Pelo menos, ela voltava às vezes para casa, ao contrário de sua amiga Babsi. A mãe de Babsi me telefonava freqüentemente, chorando, para saber onde poderia estar sua filha.

Vivia apavorada. Cada vez que o telefone tocava eu me apavorava: talvez seja a polícia, o necrotério ou coisa parecida. Ainda hoje pulo da cama ao primeiro som da campainha.

Christiane não queria dialogar. Se tentasse conversar sobre droga, a resposta era sempre a mesma: "Deixe-me em paz". Tinha a impressão de que ela se deixava destruir.

Ela afirmava que não se picava mais e que se limitava à maconha. Mas eu não tinha nenhuma ilusão. Regularmente dava uma olhada no seu quarto e sempre encontrava alguma coisa suspeita. Duas ou três vezes cheguei a encontrar uma seringa. Esfregava no seu nariz, mas ela, com um ar ofendido, gritava dizendo que era de Detlef. Ela tinha confiscado a seringa do seu amigo.

Um dia, voltando do trabalho, encontrei-os sentados lado a lado na cama de Christiane, em seu quarto de criança, esquentando uma colher. Surpresa por tal afronta, a única coisa que eu soube fazer foi gritar: — Saíam daqui, imediatamente.

Partiram e comecei a chorar. De repente me senti abandonada por todos, cheia de raiva contra a polícia e o governo. Nessa manhã o jornal trazia a morte de um jovem drogado. Mais um. Era o trigésimo do ano. E ainda estávamos no mês de maio. Não entendia mais nada: na televisão fala-se de somas fabulosas gastas na luta contra o terrorismo. Enquanto isso os revendedores passeiam livremente em Berlim e vendem heroína em plena rua, como se fosse sorvete. De repente me saiu em voz alta: "esses nojentos".

Um monte de pensamentos enchia minha cabeça e eu me perdia. Sentada na sala de estar, olhei um a um meus móveis. Tinha vontade de quebrar tudo. Eis por que eu me sacrificava tanto! Recomecei a chorar.

Nessa noite dei uma surra em Christiane. Uma surra daquelas. Eu tinha esperado por ela sentada na minha cama. Devorada pela angústia e

pelo remorso. Tinha dado tudo errado. Meu casamento fora um erro e tinha me absorvido demais na minha vida profissional. Além do mais, tinha, por covardia, fechado os olhos durante muito tempo à situação vivida por Christiane. Naquela noite perdi minhas últimas ilusões.

Christiane só voltou à meia-noite e meia. Da minha janela eu a vi descer de um Mercedes, diante da porta de nosso edifício. Meu Deus, pensei, é o fim de tudo. Ela perdeu os últimos traços de respeito por si mesma: é a catástrofe. Eu estava aniquilada. Peguei-a e dei-lhe uma surra que até a minha mão ficou doendo. Depois nos jogamos sobre o tapete e choramos juntas. Christiane estava totalmente arrasada. Disse na cara dela que era uma puta: — É inútil negar. — Ela se limitou a balançar a cabeça e a soluçar: — Não é como você pensa, mamãe.

Não perguntei os detalhes. Mandei-a tomar banho e ir dormir. O que sentia ninguém pode imaginar. Christiane se vendia aos homens! Esse golpe foi pior do que quando soube que ela se picava.

Durante a noite não consegui dormir. No meu desespero, pensei em interná-la em uma instituição. Mas isso só agravaria a situação. O Centro Médico-Psicológico da Ollenhauerstrasse a recolheria, antes de encontrar um lugar melhor. Mas nesse Centro um professor me disse que as jovens se incitam mutuamente à prostituição.

Existia uma só possibilidade: afastar Christiane de Berlim, definitivamente. Quer ela quisesse ou não. Tirá-la daquele pântano e enviá-la a um lugar onde não houvesse heroína.

Minha mãe, que mora em Hesse, aceitou imediatamente tomar conta dela, e minha irmã, que vive em Schleswig-Holstein, também aceitou. Quando falei a Christiane da minha decisão, ela ficou perturbada. Comecei os preparativos. Aí, Christiane, com um ar muito triste, me disse que queria fazer terapia. Chegou a encontrar uma vaga na Narconon.

Que alívio. Temia tanto que Christiane, sem terapia, não fosse capaz de agüentar a barra e fugisse da casa de minha mãe ou de minha irmã.

Eu não tinha informações precisas sobre a Narconon. A única coisa que sabia é que era muito caro! Dois dias antes do seu décimo quinto aniversário, eu a levei de táxi a Narconon. Um jovem nos recebeu para a entrevista de admissão. Felicitou-nos por nossa decisão e me assegurou que

dali em diante eu não teria mais por que me inquietar: a terapia Narconon era geralmente coroada de sucesso. Eu poderia ir embora tranqüila. Finalmente!

Foi então que ele me deu um papel para assinar. Uma promissória de cinquenta e dois marcos por dia, por quatro semanas, que deveriam ser pagas adiantadamente. Mais que meu salário mensal. Que importância tinha aquilo? Além do mais, o jovem disse que seria reembolsada pela Previdência Social.

No dia seguinte juntei quinhentos marcos e levei à Narconon. Consegui um empréstimo de mil marcos no banco. Enviaria o cheque na próxima reunião de pais.

O coordenador dessas reuniões de pais é, digamos assim, um ex-drogado. Seu passado parece não ter deixado nele nenhuma marca. E graças à Narconon, que fizera dele um homem novo, nos explicou ele. Isso nos impressionou. Ele me disse que Christiane fazia grandes progressos.

Na verdade, era uma bela encenação. Esses caras querem principalmente nosso dinheiro. Soube mais tarde por meio da imprensa que a Narconon pertence a uma seita americana bastante duvidosa e que se enriquece explorando a angústia dos pais.

Mas, como sempre, compreendi muito tarde, uma vez que o mal já tinha sido feito. E eu que pensava que Christiane estava em boas mãos. Queria que ela ali permanecesse o maior tempo possível. Tinha necessidade de dinheiro.

Comecei a percorrer os serviços públicos. Parece que nenhum deles era competente. Em nenhuma parte me falaram a verdade sobre a Narconon. Eu estava desanimada. Ao saltar de guichê em guichê, tinha a impressão de estar roubando o tempo dessa gente. Finalmente alguém me disse: "Antes de mais nada é preciso providenciar um atestado do médico, dado pela Saúde Pública, confirmando a toxicomania de Christiane". Com esse documento, poderia pedir que a terapia fosse paga. Acreditei nessa brincadeira. A angústia de Christiane era clara para quem a conhecesse um pouco. Mas é assim mesmo no serviço público. Após duas semanas de esforços, consegui uma entrevista com o médico indicado, mas Christiane tinha fugido da Narconon. Sua terceira fuga.

Eu chorava até não agüentar mais. Pensava: vai recomeçar tudo. Estamos novamente na estaca zero. Meu companheiro e eu começamos a procurá-la. Pela manhã fazíamos operação pente-fino nos bairros da periferia e à noite percorríamos o centro da cidade (mesmo nos banheiros públicos), discotecas, estações de trem e de metrô. Todos os lugares freqüentados pelos drogados. Dia após dia, noite após noite. Noticiamos seu desaparecimento à polícia. Disseram-nos que a inscreveriam na lista de pessoas procuradas. Ela acabaria aparecendo em alguma parte.

Se eu pudesse me enterrar num buraco! Eu era pura angústia. Medo de uma voz me anunciar pelo telefone: sua filha está morta. Não passava de um feixe de nervos. Não tinha mais necessidade de nada. Nada mais me interessava, e me esforçava para continuar trabalhando. Não queria tirar licença por motivo de saúde. Tive problemas de coração e não podia mexer meu braço esquerdo, que ficava entorpecido à noite. Meu estômago estava mal, tinha dores nos rins e minha cabeça ameaçava estourar. Eu não passava de um monte de misérias.

Fui ver um médico. Ele me deu o golpe mortal. Após ter-me examinado, achou que tudo tinha origem nos nervos e me receitou Valium. Quando lhe contei por que estava em tal estado, ele me disse que alguns dias antes uma jovem que o consultara confessou que se drogava. Ela perguntara o que poderia fazer.

— E o que você disse?

— Vá se enforcar. Não há saída. Foi o que ele lhe disse.

Uma semana depois Christiane voltou à Narconon. Não consegui me alegrar com a notícia. Alguma coisa tinha morrido em mim. Pensava ter feito tudo o que era humanamente possível. Mas não servira para nada. Muito pelo contrário.

Na Narconon, Christiane mudou. Não para melhor. Ela não tinha nada mais de uma menina, ela tinha se transformado em uma criança vulgar, quase repugnante.

Eu estava chocada desde as minhas primeiras visitas à Narconon. De repente ela se tornou uma estranha para mim. Algo havia se rompido. Até então, apesar de tudo, ela tinha mantido certa ligação comigo. Estava tudo terminado, acabado, como após uma lavagem cerebral.

Foi então que pedi ao meu ex-marido que levasse Christiane para junto de minha família. Ele preferiu deixá-la em sua casa. Ia educá-la, mesmo que fosse pela força.

Não protestei. Minhas forças tinham terminado. Tinha cometido tantos erros que temia repeti-los enviando Christiane à casa de minha mãe.

* * *

Antes de me levar para sua casa, meu pai deu uma parada no seu boteco favorito perto da Estação Wutzkyallee. Ele queria me oferecer uma bebida alcoólica, mas só bebi suco de maçã. Ele me disse que, se eu não quisesse morrer, devia parar de me drogar. — É exatamente por essa razão que eu queria ficar na Narconon — respondi.

A vitrola automática tocava sem parar uma velha música. Alguns jovens jogavam *flipper* e bilhar. — Aqueles são os adolescentes normais — falou meu pai. Aliás, ali encontraria, dentro em breve, novos amigos, e eu mesma compreenderia o quanto tinha sido estúpida em me drogar.

Mal escutei. Estava quebrada, amarga e só tinha uma vontade: estar só. Tinha ódio do mundo inteiro. A Narconon me parecia novamente a porta do paraíso, e meu pai acabava de fechá-la no meu nariz. Peguei Janie, coloquei-a na minha cama e perguntei-lhe: — Janie, você conhece o ser humano? — Respondi por ela: — Bem. .. não. — Janie abanou o rabo, mas qualquer um acredita que todos os homens são bons. Era isso que eu não gostava nela. Preferiria que ela rugisse, desconfiada de todo mundo.

Quando acordei, percebi que Janie não sujara a sala. Precisava sair com ela imediatamente. Meu pai já tinha ido trabalhar. A porta da entrada estava fechada à chave. Ela não abria. Eu a empurrei e sacudi a fechadura. Ela não abriu. Eu me esforcei para conservar a calma. Apesar de tudo, meu pai não podia ter-me fechado como a uma besta selvagem. Ele sabia muito bem que eu devia sair com o cachorro.

Corri pelo apartamento à procura de uma chave. Pensava comigo mesma: ele deve ter deixado em algum lugar essas malditas chaves. E se o apartamento pegasse fogo? Olhei debaixo da cama, em cima dos armários, até mesmo na geladeira. Nada das chaves. Não tinha mais muito tempo, pois eu precisava sair com Janie. Ela, a qualquer momento, iria sujar todos

aqueles tapetes. Levei-a então à varanda, acho que ela entendeu.

Só então é que fui olhar o apartamento. Haviam sido feitas algumas mudanças desde a minha partida. O quarto estava vazio, pois minha mãe levava a cama. Na sala de estar havia um divã que eu não conhecia, onde meu pai dormia, e uma nova televisão em cores. O pedaço de cano de borracha e o pedaço de bambu com os quais meu pai me batia haviam desaparecido. Havia um baobá em seu lugar.

No quarto das crianças, o velho armário estava lá, do mesmo jeito: só se podia abrir uma das portas, senão tudo desabava. A cama, como antes, estalava a toda hora. Meu pai me prendera para que eu me tornasse uma jovem normal enquanto ele não era nem mesmo capaz de arrumar corretamente seu apartamento.

Janie e eu voltamos à varanda. Ela pôs as patas na sacada, olhou a rua, onze andares abaixo, e as torres sinistras que nos cercavam.

Tive necessidade de falar com alguém. Telefonei para a Narconon. Eles me anunciaram uma surpresa: Babsi chegara. Ela também queria se desligar para valer. Ela me contou que lhe haviam dado a minha cama. Eu estava tremendamente triste de não estar com ela na Narconon. Conversamos durante muito tempo.

Quando meu pai voltou, eu não disse uma palavra.

Ele falou pelos dois. Não perdeu tempo: havia planejado minha vida. Eu teria um horário rígido para todos os dias da semana: limpeza, dar comida a seus pombos-correio, limpar o seu pombal ("não aqui no conjunto Gropius, mas em Rudow"). E tudo sob controle telefônico, para ver se o programa estava sendo seguido. Para o meu lazer, ele arranjou uma dama de companhia, uma das minhas antigas amigas, Katharina, uma panaca que só entendia de *hit-parade* da televisão.

Meu velho me prometeu também uma recompensa: me levaria à Tailândia. A Tailândia era a sua "viagem". Ele ia para lá ao menos uma vez por ano. Por causa das mulheres, mas também por causa das roupas que eram baratas. Todo o seu dinheiro ele reservava para suas viagens à Tailândia. Era a sua droga.

Ouvi os planos de meu pai e achei que o melhor a fazer naquela

situação era deixar as coisas como estavam. Também, muito pouco me restava. Pelo menos assim não seria mais trancada a sete chaves.

No dia seguinte, limpei a casa e fiz as compras. Depois chegou a panaca da Katharina, para irmos passear. Corri junto com ela o mais que pude — era jovem —, e quando lhe disse que ainda queria alimentar os pombos em Rudow, ela não tinha mais forças para me acompanhar.

Fiquei, então, com a tarde só para mim. Como meu moral continuava a zero, tive vontade de me atordoar um pouco, sem saber muito bem o que poderia tomar. Decidi passar uma hora no Parque Hansenheide, em Neukölln. Ali encontrávamos maconha em um ambiente legal. Tive vontade de fumar...

Como estava dura, voltei para casa, pois sabia onde encontrar algum dinheiro. Meu pai tinha mais de cem marcos, em moedas, em uma garrafa, sua poupança para a próxima viagem à Tailândia. Peguei cinquenta para ter a mais, achando que, se economizasse nas compras, rapidamente cobriria o buraco.

No parque, encontrei com Piet, o rapaz do Centro de Jovens com quem fumara meu primeiro cigarrinho. Ele havia passado para a heroína. Perguntei-lhe, então, onde se podia encontrar heroína por ali.

Ele: — Você tem dinheiro?

Eu: — Sim.

Ele: — Venha comigo. — Ele levou-me até um grupo de estrangeiros sujos, e comprei deles um saquinho de um quarto. Sobraram-me dez marcos. Fomos ao banheiro do parque, Piet me emprestou seus instrumentos em troca da metade da minha dose (agora ele era um verdadeiro viciado). Nós dois tomamos uma picadinha.

Senti-me extraordinariamente bem. A "cena" do Hansenheide era a mais legal de Berlim. Não era um lugar podre como Kurfürstendamm. Ali consumia-se sobretudo maconha. Fumantes e viciados coexistiam pacificamente, enquanto em Kudamm a maconha era considerada droga de bebê e desprezavam-se os fumantes.

No Parque Hansenheide ninguém se preocupava em saber com o que você se drogava. Você podia até não se drogar, o importante era ter vontade

de sentir aquela felicidade, drogado ou não. Alguns grupos transavam música, tocavam flauta ou bongô. Era uma grande comunidade em que todo mundo (inclusive os estrangeiros sujos) se entendia bem. Em Woodstock devia ser assim.

Voltei para casa com uma pontualidade britânica. Meu pai chegou às seis horas e não percebeu que eu estava drogada. Tive certo sentimento de culpa por causa dos pombos. Eles haviam jejuado naquele dia, mas no seguinte lhes daria ração dupla. Decidi não me picar mais: no Parque Hansenheide não éramos desconsiderados se fôssemos somente fumadores de maconha, e isso seria perfeitamente compatível com minha situação. Não queria voltar à Kurfürstendamm. Era muito nojento. No Parque Hansenheide conseguiria desligar-me. Estava convencida.

Voltei ali todas as tardes com Janie. Ela gostava muito daquele lugar, onde havia muitos cães legais. Ali, até mesmo os cães eram legais. E todo mundo gostava de Janie e a acariciava.

Dava comida aos pombos um dia sim, outro não. Às vezes dava uma ração a cada três dias. Era o suficiente, pois bastava que a gente deixasse eles se encherem e em seguida espalhasse um pouco de ração no pombal.

Fumava erva quando me davam. E havia sempre alguém para me dar. Era mais uma diferença entre os fumantes e os viciados: os primeiros dividiam o que tinham.

Conheci melhor o estrangeiro sujo que me vendeu a dose de heroína no primeiro dia. Estava ao lado do cobertor sobre o qual ele estava sentado com alguns amigos. Ele me convidou para me sentar também e se apresentou: chamava-se Mustafá, era turco e os outros eram árabes. Todos eles tinham entre dezessete e vinte anos. Estavam comendo bolacha, queijo e melão. Deram um pouco para mim e para Janie.

Achei Mustafá bastante legal. Ele era um revendedor, mas a maneira como trabalhava era muito tranqüila e não tinha nada a ver com a agitação e a encenação dos traficantes alemães. Mustafá arrancava tufo de grama e escondia o seu saco de heroína embaixo. Mesmo que os policiais aparecessem, não encontrariam nada. Se aparecesse um cliente, Mustafá, tranqüilo como Batista, procuraria na grama com seu canivete até encontrar o dito cujo.

Ele não vendia saquinhos prontos como os revendedores do Kudamm, tinha heroína sem embalagem, e seu instrumento de medida era a ponta de sua faca. Suas doses eram sempre corretas. Ele limpava com o dedo o pó que sobrava na lâmina e me dava para cheirar.

Mustafá me declarou imediatamente que era nojento se picar. Se não queríamos cair na dependência, era preciso contentar-se com cheirar. Ele e os árabes se contentavam com isso, e nenhum deles era dependente. Aliás, só cheiravam quando tinham vontade.

Com medo de que eu recaísse na dependência física, Mustafá nem sempre me deixava cheirar. Constatei que esses estrangeiros sujos sabiam servir-se da droga, não como os europeus. Para nós, europeus, a heroína era mais ou menos o que fora, outrora, a aguardente para os índios. Cheguei a pensar que os orientais poderiam exterminar os europeus e os americanos com isso, como os europeus exterminaram os índios pelo alcoolismo.

Descobri os estrangeiros sujos. Eles não eram só o "Você meter?", que sempre representou para mim, Stella e Babsi o cúmulo do horror. Mustafá e os árabes eram homens cheios de brio, muito fáceis de serem ofendidos. Eles me aceitaram porque eu me portava com dignidade. Compreendi muito rapidamente como eram as coisas entre eles. Por exemplo, era preciso nunca solicitar nada. Tinham ainda o senso de hospitalidade, que era muito importante para eles. Se queríamos qualquer coisa, nos servíamos, fosse heroína ou semente de girassol. Mas era preciso não dar a impressão de que abusávamos. Assim, nunca me ocorria pedir um pouco de heroína para levar. O que pegava, cheirava na hora. Eles acabaram aceitando-me completamente, apesar de não terem uma opinião muito boa sobre meninas alemãs. Aprendi que em certos pontos os estrangeiros sujos podiam censurar os alemães.

Achava tudo aquilo maravilhosamente legal e não sentia mais o peso de ser uma drogada. Até o dia em que constatei que havia caído na dependência física.

À noite, com meu pai, representava a filha pródiga. Acompanhava-o freqüentemente ao bar e, de vez em quando, para lhe agradar, pedia uma cerveja. A clientela do lugar me perturbava, pois tinha horror a bêbados, mas queria que ali também me levassem em consideração. Queria poder afirmar-me na vida que seria a minha, num futuro em que a droga estaria

ausente.

Jogava *flipper* e treinava bilhar como uma doida. Gostaria de aprender a jogar *skat* (*Jogo de cartas. (N. do T.)*). Gostaria de praticar todos os jogos masculinos melhor que os homens. Se fosse obrigada a viver com pessoas da espécie dos *habitués* do Schluckspecht, queria ao menos ser respeitada. Ser uma vedete. Teria os meus brios, como os árabes. Nunca pediria nada a ninguém. Nunca me sentiria em estado de inferioridade.

Mas não aprendi a jogar *skat*. Tinha novamente outras preocupações. As primeiras manifestações da crise se faziam sentir. Precisava ir ao parque todos os dias, e isso tomava tempo, pois não podia ir ver Mustafá, tomar a heroína e me mandar. E os pombos do meu pai não comem há três dias! Todas as tardes precisava encontrar uma maneira de deixar Katharina, minha dama de companhia, e estar em casa na hora do telefonema de controle de meu pai, com a limpeza e as compras feitas. Em caso de ausência, só me restava inventar uma desculpa plausível, e nunca duas vezes a mesma. Não me sentia nada bem.

Uma tarde, no Parque Hansenheide, duas mãos pousaram sobre meus olhos. Virei: era Detlef! Nos abraçamos. Janie comemorou. Detlef tinha um bom aspecto. Disse-me que estava limpo. Eu me fixei nos seus olhos: "Bem, meu caro, para quem está limpo. . . tuas pupilas não estão maiores que um ponto". Detlef se desligara realmente da droga durante sua permanência em Paris, mas voltara diretamente à Estação Zoo para comprar uma picadinha.

Fomos para casa. Tivemos tempo antes da volta de meu pai. Como minha cama balançava muito, estendi uma coberta no chão. Fizemos amor felizes como reis. Depois conversamos de desintoxicação. Íamos nos dedicar a ela a partir da próxima semana. Detlef me contou como ele e Bernd conseguiram dinheiro para irem a Paris: prenderam um cliente na cozinha, roubaram tranqüilamente seu talão de cheques e o revenderam por mil marcos a um receptor. Bernd foi pego, mas ele os policiais não pegariam nunca, pois o cara ignorava o seu nome.

Voltamos a nos encontrar todos os dias no Parque Hansenheide. Geralmente, depois eu levava Detlef para casa. Não falávamos mais em desintoxicação, pois estávamos muito felizes assim. Mas era cada vez mais difícil cumprir a minha agenda. Meu pai multiplicara os controles e me dera

um monte de novas tarefas. Tinha necessidade de dispor de tempo para a turma de árabes, ainda mais porque eu queria conseguir um pouco de heroína para Detlef. E queria ter bastante tempo para me dedicar a ele. Era novamente o *stress*.

A única solução que encontrei foi procurar um cliente na Estação Zoo, na hora do almoço. Não disse nada a Detlef, mas a felicidade terminou: era novamente a vida de drogada. E as poucas boas jornadas que sempre se seguiam a um tratamento, quando não tínhamos medo do *cold turkey* e não éramos forçados a ter heroína o tempo todo, tornavam-se cada vez mais curtas.

Depois de mais ou menos uma semana da volta de Detlef, quem fazia sua aparição no Parque Hansenheide? Rolf, a bicha que alojava Detlef. Tinha o ar sombrio e pronunciou apenas três palavras: "Eles o prenderam". Detlef fora pego numa batida e o enquadraram imediatamente no negócio dos cheques. O receptor o tinha entregado.

Fui trancar-me num banheiro público para chorar. Uma vez mais o futuro radiante não era para nós. Voltamos à realidade, isto é, não havia nenhuma esperança. E ainda por cima estava apavorada, com medo da crise. Era impossível ir sentar-me tranqüilamente ao lado dos árabes para mastigar sementes de girassol, esperando que me dessem uma cheirada... Fui à Estação Zoo, encostei numa vitrina e esperei um cliente. Mas a calma era total: havia um jogo de futebol na televisão. Nem um estrangeiro sujo à vista.

Apareceu um cliente que eu conhecia: Heinz, velho cliente de Babsi e Stella. O cara que sempre pagava em espécie. Fornecia até a seringa, mas queria trepar. De qualquer forma, depois que soube que Detlef estava em cana e por muito tempo, dava tudo na mesma. Heinz não me reconheceu, mas quando lhe disse: "Christiane, a amiga de Babsi e Stella", ele teve um "clique". Ele me propôs acompanhá-lo na hora. Ofereceu-me dois quartos. Não era mau, pois isso equivalia a oitenta marcos. Mas discuti o preço e consegui também um pouco de dinheiro para os cigarros, Coca-Cola, etc. Fomos lá: Heinz parou no caminho para comprar heroína, pois seu estoque tinha terminado. Era gozado ver aquele sujeito com cara de contador passear no meio dos viciados. Mas ele conhecia o terreno e tinha o seu fornecedor habitual, que lhe fornecia sempre mercadoria da boa.

Senti que a crise ia chegar. Se pensasse bem, tomaria uma picada imediatamente. Mas Heinz não me deu nenhum grão de heroína.

Ele me levou para visitar sua papelaria. Abriu uma gaveta e pegou um pacote de fotografias, que ele mesmo havia tirado. Fotografias pornográficas. Completamente débil. Pelo menos uma dúzia de meninas. Às vezes de corpo inteiro, completamente nuas, às vezes só da barriga pra baixo. Pobre cretino, pobre velho imundo. Pensava principalmente na heroína que aquele porco tinha em seu bolso e olhava as fotografias muito distraidamente. Até o momento em que vi Stella e Babsi com Heinz, em plena ação.

Disse: "Fotografias geniais! Agora, vamos, pois tenho necessidade de uma picada". Subimos até o seu apartamento. Ele me deu uma dose de um quarto e esquentou uma colher. Desculpou-se: era uma colher de sopa, ele não tinha mais colherinhas, pois todas tinham sido afanadas por drogadas. Piquei-me. Ele me trouxe uma garrafa de cerveja preta e me deixou em paz por uns quinze minutos. Tinha experiência suficiente para saber que, depois de uma picada, tínhamos necessidade de uns quinze minutos de tranqüilidade.

Babsi e Stella sempre me contaram que Heinz era um homem de negócios, mas pelo seu apartamento não parecia. As cortinas da sala de estar estavam amarelas de sujeira e permaneciam constantemente fechadas para evitar olhares curiosos. Em um velho armário misturavam-se porcelanas *kitsch*, garrafas cobertas com palha trançada e que outrora continham vinho italiano e num canto estavam penduradas as gravatas. Dois velhos divãs estavam encostados na parede, cobertos com uma velha coberta de franjas escocesas. Foi ali que nos instalamos.

Aquele Heinz não era um cara tão desagradável. Infelizmente (não para ele, pois era a sua grande força), era um chato. De tanto me encher, ele teve o que queria: trepei com ele, para ficar tranqüila e poder voltar para casa. Além do mais, ele queria, de qualquer maneira, que eu sentisse alguma coisa. Então fingi gozar, pois, apesar de tudo, ele se mostrou generoso.

Depois de Babsi e Stella, era a minha vez de ser a menina de Heinz. Era prático, pois ganhava muito tempo e não tinha mais necessidade de ficar pendurada horas a fio nas saias dos árabes, por uma cheirada de nada;

não tinha mais necessidade de esperar o cliente nem correr para comprar a heroína. Isso me dava a possibilidade de fazer sem muito esforço as minhas diversas tarefas: a limpeza, as comidas, os pombos, etc.

Passava quase todas as minhas tardes na casa de Heinz. Agora estava melhor. Ele me amava à sua maneira. Repetia-me isso sem parar e queria ouvir-me dizer que também o amava. Ele era terrivelmente ciumento. Sempre teve medo de que eu voltasse à Estação Zoo. No fundo, ele era bonzinho.

Não tinha ninguém mais com quem falar. Detlef estava em cana, Bernd também. Babsi estava na Narconon, Stella parecia ter desaparecido da face da terra e minha mãe não se interessava mais por mim (ao menos eu achava). Quanto ao meu pai, mentia para ele o tempo todo. Só me restava Heinz: podia lhe falar de qualquer assunto, não tinha quase nada para lhe esconder. A única coisa que não podia falar de coração aberto era sobre o que sentia por ele.

Às vezes eu me sentia muito bem quando ele me tomava nos braços. Tinha a impressão de representar alguma coisa para ele e que ele me respeitava. Quem mais me respeitava? Fora do seu divã imundo, sentia-me mais sua filha que sua amante. Mas ele estava cada vez mais possessivo e queria que eu estivesse o tempo todo com ele para ajudá-lo na loja, para que ele me apresentasse aos seus supostos amigos. Verdadeiro amigo, ele não tinha nenhum. De repente, era novamente a corrida contra o tempo, ainda mais que meu pai se tornava cada vez mais desconfiado.

Ele revistava o tempo todo as minhas coisas. Precisava prestar atenção para não deixar nada de suspeito no apartamento. Por exemplo: Heinz morava na Waldestrasse e eu desenhei então duas ou três árvores na minha caderneta. O número da rua e do telefone eram camuflados como lições de cálculo. O número 395-4773 tornou-se: 3,95 marcos mais 47 *Pfennige* mais 73 *Pfennige*. E fazia conscienciosamente a soma. Pelo menos, aquilo me obrigava a fazer um pouco de cálculo.

Um dia Heinz descobriu o mistério do desaparecimento de Stella: ela estava em cana. Ficou em choque. Não por Stella, mas porque ela poderia entregá-lo à polícia. Soube, então, que ele estava, há muito tempo, sendo ameaçado por uma acusação de desencaminhar menores. Até então isso o deixara frio, apesar de já ter uma ficha na polícia. Seu advogado era o

melhor de Berlim, segundo ele. Mas se Stella contasse que ele pagava as meninas com mercadoria, isto é, com heroína, isso iria acabar dando problemas para ele.

Também fiquei chocada. E, como Heinz, não me apavorei pela pobre Stella, mas por mim mesma. Se eles a meteram no xadrez, apesar dos seus catorze anos, eu também não escaparia. Não tinha nenhuma vontade de ir em cana.

Telefonei para a Narconon para dar a notícia a Babsi. Eu lhe telefonava quase todos os dias. Até aquele momento ela estava se dando muito bem lá (é bem verdade que já fugira duas vezes para comprar heroína). Mas ela não veio ao telefone: informaram-me que ela estava no hospital, com icterícia.

Babsi e eu éramos iguais: quando tentávamos seriamente um tratamento, pegávamos icterícia. Babsi estava em sua enésima tentativa. Na última vez, ela chegou a ir até Tübingen, acompanhada de um orientador de um centro antidroga, para seguir uma terapia. Mas no último momento ela teve medo porque Tübingen tinha a reputação de ser uma casa muito severa. Babsi estava no mesmo estágio de decomposição física que eu. Nós nos servíamos de um espelho para julgar a extensão dos estragos.

Na manhã seguinte corri para ver Babsi no Hospital Westend. Janie e eu pegamos o metrô até a Theodor-Heuss-Platz e depois fizemos o resto do caminho a pé, quase correndo. Era um bairro bem legal. Mansões imensas e cheias de árvores. Nem sabia que existiam lugares semelhantes em Berlim. No fundo, não conhecia Berlim. Só conhecia o conjunto Gropius e seus arredores, o bairro de Kreuzberg, onde morava minha mãe, e os quatro campos de ação da "cena". Chovia a cântaros. Janie e eu estávamos encharcadas, mas muito contentes porque corríamos no verde, e eu também estava contente porque veria Babsi.

Não quiseram deixar Janie entrar no hospital. Não tinha pensado nisso, mas um dos porteiros foi simpático. Aceitou ficar com ela durante a visita. Subi à enfermaria e procurei Babsi em vão. Finalmente perguntei ao primeiro médico que encontrei onde ela estava: — Gostaria muito de saber — disse-me. Contou-me que ela havia se mandado. E corria o risco de empacotar à menor absorção de qualquer droga, pois ela não havia sarado e seu fígado não iria agüentar.

Peguei Janie e partimos. No metrô refleti: se o fígado de Babsi estava estupefado, o meu também deveria estar. Nós duas éramos sempre iguais. Se eu pudesse encontrar Babsi! Esqueci todas as nossas brigas. Achava que tínhamos necessidade uma da outra. Ela devia estar precisando falar, e eu também gostaria de convencê-la a voltar ao hospital. Mas voltei à realidade: sabia que ela não voltaria antes de dois dias de fuga e de droga. Eu também não o faria. Sabia também onde procurá-la: ela devia estar no Turf, do lado da "cena", ou na casa de um cliente. Não tinha tempo de procurá-la em todos aqueles lugares, pois meu pai não demoraria a telefonar. Conformei-me com a moral do viciado: cada um por si. Voltei para casa. Aliás, não tinha vontade de passar por lá, pois Heinz me fornecia heroína suficiente para minhas necessidades.

Na manhã do dia seguinte desci para comprar um jornal, o *Bild Zeitung*. Fazia isso todas as manhãs, desde quando a minha mãe não o mostrava mais a mim, com as famosas manchetes anunciando: "Mais uma vítima da droga".

Inconscientemente procurava sempre essas informações. Os artigos eram cada vez mais curtos, porque cada vez havia mais mortos encontrados com uma agulha plantada no braço.

Naquela manhã preparei um pão com geléia folheando o jornal. A chamada da primeira página: "Ela tinha só catorze anos". Compreendi imediatamente — Babsi! Pressenti-o, mas não consegui expressar qualquer reação. Tive a impressão de ter lido o anúncio da minha própria morte.

Corri para o banheiro para me picar. Depois disso, finalmente as lágrimas apareceram. Não sabia se chorava por Babsi ou por mim. Deitei novamente. Fumei um cigarro para ter a coragem de ler o artigo inteiro. Estava redigido como um sensacional caso policial: "A seringa descartável, de plástico branco-leitoso, ainda estava plantada na mão esquerda: Babette D. (catorze anos), colegial, morreu. A jovem, hoje a mais jovem vítima da droga, foi descoberta sem sentidos em um apartamento da Brotteroderstrasse. Nadjy R. (trinta anos) declarou à Polícia Judiciária que ele a tinha pego na Discoteca Sound, da Genthinerstrasse. Como ela não tinha onde dormir, ele a recolheu em seu apartamento. Babette é a quadragésima sexta vítima da droga em Berlim, desde o começo do ano", etc. ...

Como todo blablablá habitual sobre a "cena" e os viciados era tão simples, não era? Depois foi a vez de as revistas narrarem um monte de besteiras sobre Babsi: "A mais jovem vítima da droga na Alemanha".

Por volta do meio-dia eu me recompus um pouco. O que sentia agora era uma raiva doida. Estava convencida de que um filho da puta devia ter vendido droga falsificada para Babsi (talvez um troço contendo estricnina). A heroína com estricnina começava a invadir Berlim. Não hesitei mais. Fui à polícia, entrei no escritório da Schnipke e desembuchei. Conte-lhe tudo o que sabia sobre os fornecedores desonestos, os proxenetas no comércio da droga, o Sound. Tudo isso parecia não lhe interessar muito. No final ela me disse o seu eterno: "Bem, até a próxima vez, Christiane".

Pensava que os policiais pouco se importavam com a qualidade da droga. Para eles, o importante era dar baixa em mais um drogado de suas listas. Jurei a mim mesma que encontraria o assassino de Babsi.

O cara na casa de quem encontraram Babsi estava fora de suspeita. Eu o conhecia muito bem. Ele estava cheio da nota e era legal. Gostava da companhia de juvenzinhas. Ele já havia me levado para dar uma volta de carro, me convidara para almoçar e pagara tudo. Ele só queria dormir com meninas que tivessem vontade de dormir com ele. Por mim, ele poderia esperar muito tempo. Era um homem de negócios, mas nunca lhe ocorreu que a prostituição é apenas um comércio e mais nada.

Fui então me prostituir na Kurfürstenstrasse. Meu objetivo era ganhar o dinheiro suficiente para poder testar a heroína de todos os fornecedores suspeitos. Comprei, efetivamente, heroína de muitos caras e voltei, logo, a me drogar totalmente. De qualquer forma, ninguém sabia ou queria saber de quem Babsi tinha comprado a sua última picada. Sob pretexto de encontrar o assassino de Babsi, me encharcava de droga, sem que aquilo me pesasse na consciência. Fazia discursos como: "Você precisa encontrar esse crápula mesmo que você se mate". Naquele momento não mais temia me picar.

Berndt Georg Thamm, diretor do Centro de Informação e de Ajuda Psicológica e Social da Associação Caritas, Berlim.

Horst Brömer, psicólogo, conselheiro do serviço "Droga", da mesma associação.

Segundo nossas estimativas, a proporção dos viciados em heroína na faixa de doze a dezesseis anos, da República Federal e de Berlim Ocidental passou, nestes três últimos anos, de zero a vinte por cento. Christiane é uma representante típica desse novo alvo dos traficantes de droga, como sua amiga Babsi, que veio fazer uma consulta em 1977 e morreu dois meses mais tarde de uma *overdose*. Fomos impotentes para ajudar essa adolescente de catorze anos. Depois Stella e outros viciados do bando de Christiane nos procuraram. Eles apresentam todas as características dessa nova geração de jovens (muito jovens) drogados: manifestamente agressivos, eles têm, aliás, uma necessidade infantil de proteção, de consideração, de amor e de calor.

Babsi foi trazida em maio de 1977, por pessoas que tinham em relação a ela responsabilidade educativa. Seu comportamento era o de uma menininha triste, ainda grudada nas saias da mãe. Na realidade ela tinha conhecido todos os altos e baixos da vida de toxicômana — uma vida que ela levava havia dois anos.

De um momento para outro, sempre drogados, tentam libertar-se da escravidão da heroína e de suas conseqüências: prostituição, delinqüência, decadência física. Os de mais idade — aqueles que se tornaram dependentes somente entre os dezessete, dezoito ou dezenove anos —, após muitas tentativas infrutíferas para se libertarem sozinhos da droga, procuram os serviços especializados.

Os serviços especializados e todos os meios de que dispõem (aconselhamento, cura, terapia) até agora têm sido organizados em função dessa população, isto é, toxicômanos mais ou menos adultos. O princípio fundamental é que o interessado deve vir por conta própria. Nosso trabalho consiste em ajudá-lo a se assumir.

Dispomos, para uma população de perto de cinquenta mil drogados, de mais ou menos cento e oitenta vagas para terapia no setor público e mil e cem no serviço privado (clínicas, comunidades, etc.). Os ex-drogados

vivem em comunidades e são submetidos a um programa rigoroso. Não temos dados confiáveis sobre a taxa de terapias bem-sucedidas. Calcula-se que a proporção de recaídas seja superior a oitenta por cento. Depois da desintoxicação essas pessoas voltam à mesma situação inicial: àquela que as levou a se drogarem.

Quanto aos grupos, cada vez mais numerosos, de viciados de doze a dezesseis anos, não dispõem de tais ajudas. É claro que fazemos consultas com crianças como Babsi, que vieram sob pressão de um educador ou de algum serviço social. Mas eles não aceitam o regulamento severo dos atuais centros de terapia, e por essa razão não preenchem a condição obrigatória para serem admitidos: apresentar-se por sua própria vontade.

Eles ouviram da boca dos viciados que recaíram as "atrocidades" cometidas nos centros de terapia. Mesmo Babsi mostrou-se desconfiadíssima conosco e assim continuou durante toda a nossa entrevista. Não pudemos desfazer seu medo de ser enviada a alguma parte contra sua vontade. Efetivamente, é uma decisão difícil, para qualquer drogado, entrar em um centro de terapia. É claro que ele sofre pela sua toxicomania e por tudo o que ela traz consigo, mas é um sofrimento ao qual se habituou. Em uma comunidade terapêutica, é preciso renunciar ao ambiente familiar, às suas relações habituais e, ainda mais, aceitar ordens sobre o que deve ou não deve fazer, ferindo suas liberdades individuais. Por exemplo, para simbolizar sua ruptura com o mundo da droga, ele deverá cortar os cabelos, mudar a maneira de se vestir e renunciar à música "da moda", que o estimula.

Para uma criança de catorze anos, o penteado, a roupa e a música são muito mais importantes do que para um viciado de vinte anos. Talvez ela tenha brigado durante dois anos com seus pais para poder usar os cabelos compridos, calças justas e ouvir seus discos. E eis que em troca de um bilhete de entrada em um centro de terapia exige-se dela o sacrifício desses atributos conseguidos depois de uma longa luta. Esses atributos garantiam-lhe a consideração dos seus amigos, das suas relações e da sua turma. Isso ocorre no momento em que, com angústia, ela se pergunta o que a espera nesse centro de terapia. Do nosso ponto de vista é exigir muito dessas crianças.

A afetividade desses meninos toxicômanos é ainda pouco

estruturada. Eles oscilam entre sonhos e aspirações infantis de um mundo que transmita segurança e comportamento de adulto em situação de competição. Os conflitos que conhece o ser humano no período da puberdade são, por assim dizer, "compensados" pela fixação física e psíquica à droga. Esses meninos não vivem a experiência do desligamento progressivo da casa paterna e a gradativa aquisição da autonomia. Eles aprenderam somente a fugir da realidade. É o que eles fazem em cada fase crítica da vida.

Apesar das duras condições de vida que conhecem esses jovens de doze a dezesseis anos na selva da droga, apesar de tudo o que aí aprendem, eles permanecem, no plano afetivo, crianças. E reagem como crianças teimosas, quando se devem submeter às terapias atuais, totalmente inadaptadas às crianças.

Babsi, como muitos outros, não pôde se dobrar às exigências de uma terapia de longa duração. Tínhamos, portanto, tentado durante longas e repetidas entrevistas prepará-la para isso. Após a privação da droga, efetuada em um estabelecimento neuropsiquiátrico, nós a levamos à Associação de Socorro aos Drogados de Tübingen, um dos raros centros que aceitam, excepcionalmente, jovens de sua idade. Babsi nos pareceu durante a maior parte da viagem ao mesmo tempo tensa e em um estado de feliz excitação. Falamos longamente de Deus e do mundo. A desintoxicação física tinha lhe dado alegria e confiança em si. Entretanto, um pouco antes de chegarmos a Tübingen, ela manifestou inquietação e nervosismo.

Quando chegamos, Babsi foi recebida por um ex-drogado e conduzida à sala de espera reservada aos recém-chegados. Mas antes mesmo da entrevista de admissão, ela disse que queria voltar a Berlim. Ela sentiu o que era preciso aceitar: ela acabava de sofrer a revista de praxe (bagagem, roupas, e revista também no corpo) para evitar a introdução de droga no estabelecimento. Agora iam cortar seus longos cabelos. Quando percebeu o barbeiro se aproximando dela, armado de tesoura, ela não agüentou. Uma pessoa do centro fez uma nova entrevista, mas não pôde mudar em nada a sua decisão. Não seria razoável conservar Babsi em Tübingen nessas condições: ela recusava a terapia e, por suas resistências, seria um verdadeiro perigo para os outros. Além disso, ela tentaria fugir na primeira ocasião.

Babsi morreu quarenta e quatro dias mais tarde, de uma *overdose* de heroína. A mais jovem das oitenta e quatro vítimas — é a cifra oficial — que a heroína matou nesse ano de 1977.

A morte de Babsi reforçou nossa convicção: é urgente que a rede de ajuda aos toxicômanos se estenda também aos que têm de doze a dezesseis anos, adapte-se a essa população, ou então que se crie uma nova rede.

Sem querer dramatizar, pode-se dizer que o futuro da luta contra a droga na Alemanha joga-se aqui. Se as coisas ficam como estão, essa faixa de idade continuará a escapar do controle. É preciso desenvolver novas concepções terapêuticas, pensadas especialmente para as crianças de menor controle quanto ao problema da autodecisão. Se não chegarmos a isso, nós nos encontraremos numa situação igual à dos Estados Unidos: a morte de uma criança por *overdose* de heroína não será considerada mais um caso excepcional.

Entretanto, a solução do problema está tanto nas mãos de orientadores e terapeutas especializados quanto nas mãos da polícia. Tanto assim que ele não se resume em um processo patológico individual, comparável a uma doença infecciosa ou a uma fratura moral que baste reduzir ou consolidar.

A melhor das terapias não pode produzir milagres e não é uma ajuda eficaz, a não ser para uma quantidade muito pequena de jovens.

A droga, que já se infiltrou nas escolas, nas discotecas e nos centros de lazer, vai prosseguir, segundo nos parece, com seus estragos em uma população cada vez mais jovem. Não é somente uma minoria de doze a dezoito anos que está ameaçada. Por exemplo: somente o acaso decide como uma jovem de treze anos vai ultrapassar a puberdade. Ela pode atravessá-la sem maiores problemas ou mergulhando no álcool, na heroína, entrando para uma seita ou para um grupo anarquista que prega a violência. Os jovens de hoje são tão acessíveis à droga quanto os adultos o são face às seduções da indústria farmacêutica. Quase todo jovem conhece alguém, amigo ou conhecido, que já tomou droga, toma ou tem a intenção de tomar. As motivações dos drogados de hoje são bem diferentes das dos aficionados da maconha e dos barbitúricos dos anos 60. Não se trata mais, como os *hippies* daquela época, de procurar a ampliação da consciência, mas de sua supressão. O mesmo ocorre com os consumidores de álcool ou de drogas

leves. É por isso que não se pode hoje classificar os jovens em perigo de "alcoólatras", "fumadores de maconha" e "drogados". Passa-se facilmente de um a outro, e o fim perseguido é o mesmo.

É preciso constatar que a opinião pública está insuficientemente informada da verdadeira extensão do problema, tanto no plano qualitativo quanto no plano quantitativo. A maior parte dos homens públicos vê sempre o problema como uma onda que teria atingido seu ponto culminante e que não deve tardar a diminuir. Os parlamentares também nos falam de "controlar" o fenômeno da droga como se se tratasse de fechar uma torneira.

Na verdade, nossa sociedade produz cada vez mais marginais voluntários. Muitos jovens se refugiam na droga porque não encontram na escola, no mundo do trabalho ou nos prazeres a resposta às suas necessidades.

Paralelamente a esse processo que se desenvolve em cadência acelerada, as drogas legais, como o álcool e certos produtos farmacêuticos, tornam-se uma fonte de lucros de primeira grandeza, com seu comércio sendo, aparentemente, muito bem administrado. Se considerarmos que — e somos modestos — somente em Berlim Ocidental um grupo de mais ou menos cinco mil pessoas, o núcleo central dos consumidores de heroína, recolhe por dia meio milhão de marcos (pela prostituição, pelo roubo simples ou à mão armada), imaginem a importância que isso representa em escala nacional. Os criminosos que têm tal lucro com a toxicomania não estão evidentemente prontos para renunciar a isso, e as polícias locais e regionais não têm fôlego suficiente para combatê-los. As quantidades de heroína e de drogas leves que acabam caindo nas mãos da polícia representam uma fração mínima do consumo.

O tráfico de droga se estende em nossos dias à República Federal e a Berlim Ocidental, através de um circuito cerrado de distribuição. De tal maneira que, como acontece com as drogas leves, podemos encontrar heroína por todas as partes. Não existem regiões que não estejam contaminadas; simplesmente, segundo as regiões, o perigo de contágio é mais ou menos agudo.

Cada cidade já tem a sua "cena". Nas regiões rurais, os fornecedores instalaram seus quartéis-generais nas discotecas e centros de lazer

destinados aos jovens.

A onipresença da droga é certamente um fator decisivo para seu consumo crescente: o jovem que busca um comportamento compensatório acaba encontrando-o sem maiores dificuldades. Na cidade ou no campo, muitos jovens sentem um imenso tédio, sentimento confuso de que sua existência não tem sentido. Sua única distração é ir uma vez por semana à discoteca.

Aí, essa minoria sempre crescente de jovens não encontra nenhuma possibilidade de comunicação verbal. Depois de se deixar ficar aturdido pela música, o jovem sai decepcionado: mais uma vez ele não viveu uma experiência válida.

Essas crianças e jovens insatisfeitos de hoje não encontram perspectivas encorajadoras no seu futuro e não podem ir buscar forças no passado. Sua infância, esse período de espontaneidade e de desenvolvimento relativamente livre, a salvo das manipulações e portanto equilibrada, acaba geralmente com a entrada na escola: a partir desse momento seu universo passa a ser o da competição e do consumo passivo.

Entre os jovens, frustrados dessa maneira em sua infância, a imaginação empobrece, a confiança em si mesmo e as capacidades de autonomia ficam reduzidas. Eles passam de estímulos em estímulos, incapazes de criar mecanismos de defesa e de resistir às múltiplas tentações da sociedade de consumo, tentações às quais eles foram expostos desde muito cedo.

Com a seleção escolar tornando-se cada vez mais rigorosa, os jovens constataam, desde a puberdade, que, apesar de todos os seus esforços, seus futuros meios financeiros não lhes permitirão atingir os encantos prometidos pelas vitrinas e pela publicidade, nem o mundo que os fascina desde sua tenra infância.

É claro que às vezes eles fingirão desprezo e declararão em viva voz sua vontade de "viver de forma diferente". Mas entre muitos prima a insatisfação de ver-se privado dos benefícios do consumo.

O dinheiro tem um papel cada vez mais determinante, mesmo nas relações humanas. Para conhecer uma jovem, o rapaz deverá gastar dez, vinte ou trinta marcos em uma discoteca. Sem falar o quanto lhe custa para

se vestir na última moda, ter discos, assistir aos concertos de música *pop*, etc. É pesado para um aprendiz ou um ginásiano. Assim nascem os grandes problemas (pequenas causas, grandes efeitos) e os jovens vão buscar satisfação de seus desejos de uma outra maneira.

Os pais são incapazes de indicar-lhes o caminho, eles mesmos estão enredados, muitas vezes, em contradições sem saída. O fruto de seu trabalho, passado e futuro, não lhes permite ter o que desejam ou o que lhes ensinaram a desejar. Mas, contrariamente a seus filhos, eles não abandonam a corrida, retesam suas forças e redobram seus esforços em seu trabalho de Sísifo, deixando de lado valores como a amizade, a solidariedade, a lealdade, a compreensão da miséria de outrem. O processo de destruição da vida familiar assume proporções alarmantes. Em Berlim, já se tomou a decisão de enviar a inúmeras casas "auxiliares familiares" (psicólogos, assistentes sociais, estudantes). Eles constataam uma incrível miséria moral oriunda da ausência de comunicação e do clima de hostilidade. Divórcio (os índices aumentam sem cessar), televisão ligada permanentemente, suicídios, alcoolismo, abusos de medicamento (verdadeiras "muletas psíquicas"): eis o ambiente de muitos jovens, cercados por seus problemas da puberdade. Esse menino ou menina se encontram então em um labirinto com muitas saídas e em um labirinto de galerias que se chama família, lazer, perspectivas de trabalho, competição escolar, sexualidade e sonhos. A questão é: como vai se sair? A saída encontrada pode ser uma seita, uma turma de alcoólatras ou entre viciados. A heroína, a mais perigosa das drogas, é também a mais eficaz para "resolver" com uma velocidade recorde todos esses problemas.

O obstáculo decisivo continua sendo, para muitos desses jovens em perigo, o preço elevado da droga. É por isso que as jovens se tornaram o alvo preferido dos traficantes. Nestes últimos anos, entre os jovens de doze a dezesseis anos consumidores de heroína, o número de meninas aumentou muito mais rapidamente que o dos meninos. Como é para elas mais fácil arrumar o dinheiro necessário se prostituindo, elas são as preferidas pelos *dealers* (*Vendedores de droga. (N. do T.)*), que as conduzem deliberadamente à dependência.

Isso começa muitas vezes na discoteca, segundo um mecanismo muito simples. Um jovem aparece: físico privilegiado, roupas de acordo com a última moda. Ele começa a conversar com as meninas. Elas o acham

sensacional, admiravelmente "numa boa". Logo ele oferecerá à vítima escolhida as primeiras doses de heroína gratuitamente. Repete a operação várias vezes. E então. . . mais uma menina pinçada (*Estar habituada a uma substância, não podendo mais dispensá-la (N. do T.)*), que, por seu lado, vai eventualmente introduzir a droga em seu círculo de amigos.

Essa forma de prospecção é característica do pequeno fornecedor, algumas vezes pago por comissão. Contrariamente aos intermediários e aos vendedores por atacado, ele é também um toxicômano, e seu lucro cobre somente o próprio sustento. Às vezes chega apenas a cobrir suas próprias necessidades de heroína. Ele não tem necessidade de grande talento para vender. Os jovens gostam de correr riscos, e no seu desejo de viver experiências pessoais, em um mundo em que eles são cada vez mais raros, eles se submetem à mão "segura" do vendedor. E eles conhecerão efetivamente, nos seus primeiros contatos com a heroína, um sentimento de felicidade e a impressão de ficar livres de todas as preocupações.

Eles não renunciarão a essa "maravilha", pois a realidade é outra. Depois da terceira vez, a dependência psíquica está consolidada. Em seguida, mais ou menos rápido, segundo a frequência de utilização, será a vez da dependência física. O toxicômano não poderá mais ficar sem heroína, sob pena de sofrer dolorosos sintomas da crise de privação, e tornar-se-á um cliente regular de seu fornecedor. Para a maior parte dos toxicômanos essa é a engrenagem. Se um pequeno traficante é preso, ele é substituído no dia seguinte. Cada toxicômano aspira a tornar-se ele mesmo um fornecedor, pensando assim satisfazer às necessidades de maneira mais agradável do que se dedicando ao roubo — com ou sem arrombamento — e à prostituição. Em outras palavras, o comércio da heroína ganha em todo comprador não somente um cliente, mas também um fornecedor em potencial. Em Berlim, já estamos no estágio de fornecedores de catorze e dezesseis anos.

O problema da droga na zona rural é ainda largamente subestimado, principalmente porque as manifestações são menos visíveis que na cidade. Em curto prazo um grande número de jovens do campo, contaminados, ganham os grandes centros urbanos na impossibilidade de encontrar nos vilarejos o dinheiro necessário, que não é pouco.

A toxicomania leva quase sempre as mulheres e as jovens à

prostituição. Os viciados masculinos se especializam, em sua maioria, nos delitos contra os bens: uns no arrombamento de armazéns, de centros de aprendizagem, e outros a bater carteiras ou roubando butiques. E cada um tem o seu receptor titular ou mais ou menos um lugar para levar as máquinas de calcular, máquinas fotográficas, aparelhos de som, pequenos eletrodomésticos, bebidas, etc. E, no final das contas, salvo se tiver agido sob comando, tudo isso dará ao viciado (e independentemente do valor do que roubou) somente o dinheiro necessário para sua ração diária de heroína.

Como essa soma varia de quarenta a duzentos marcos, a "cena" tem a marca de uma corrida perpétua pelo dinheiro. Obrigados a batalhar cada dia pelo dinheiro necessário, os drogados tornam-se brutais, agressivos, isolando-se uns dos outros. Apesar do aumento contínuo da dose, o efeito euforizante da heroína decresce pouco a pouco. Ele chega mesmo a desaparecer totalmente: pica-se mais para escapar aos cruéis sofrimentos da crise de privação.

* * *

Não era muito difícil abusar do meu pai. De qualquer forma, havia muito tempo que ele desconfiava de alguma coisa. Acho que ele não esperava nada mais que a prova decisiva. E ela não demoraria. Uma noite, percebi que não tinha mais droga para o dia seguinte. Era impossível sair para procurar, pois meu pai estava em casa. Chamei Heinz às escondidas e marcamos um encontro no conjunto Gropius. Meu pai nos surpreendeu diante do Schluckspecht. Heinz só teve tempo de se mandar, mas meu pai encontrou a heroína.

Confessei tudo. A começar pelas minhas relações com Heinz. Não tinha mais forças para mentir. Meu pai me mandou marcar um encontro com Heinz no dia seguinte, no Parque Hansenheide, pedindo-lhe que me trouxesse mais heroína. Depois ele chamou a polícia e contou-lhes tudo, exigiu que eles viessem prender Heinz no parque. Eles lhe responderam que... não se pode fazer assim. Era preciso organizar uma boa batida, e essa espécie de operação não se organizava do dia para a noite. — Então eles não tinham nenhuma vontade de prender Heinz, um "corruptor de menores"? — foi a expressão de meu pai. Era muito trabalho. Eu, naturalmente, estava feliz por me pouparem o papel sujo de dedo-duro.

Sempre pensei que, no dia em que ele descobrisse a verdade, me deixaria meio morta no chão, de tanto bater. Mas sua reação foi muito diferente. Ele parecia tomado pelo desespero. Quase tanto quanto minha mãe. Falava muito delicadamente. Acabou compreendendo que mesmo que quiséssemos de fato, não era assim tão simples acabar com a heroína. Mas ele não abandonou a esperança de chegar lá.

No dia seguinte ele me fechou novamente no apartamento. Levou Janie. Eu não voltaria a vê-la. Tive uma crise horrível. Ao meio-dia não suportava mais e telefonei a Heinz. Supliquei-lhe que trouxesse heroína. Como era preciso uma chave para entrar no edifício, informei-lhe que penduraria uma corda em minha janela, no décimo primeiro andar.

Acabei convencendo-o, mas em troca ele me pediu que lhe mandasse, pelo mesmo meio, uma carta de amor e uma das minhas calcinhas. Ele nunca dava droga sem nada em troca. Era um homem de negócios, não é?

Revirei o apartamento em busca de tudo o que pudesse servir de corda, desde o varal de roupas até o cinto do pijama. Amarrei tudo. Era preciso fazer um monte de nós e várias tentativas antes de chegar a um comprimento suficiente. Deu muito trabalho. Depois, rabisquei a famosa carta. Em pleno *cold turkey*.

Heinz chegou na hora. Tirei do armário uma calcinha bordada (por minhas próprias mãos) e coloquei-a junto com a carta, na touca do meu secador de cabelos, e despachei meu pacote aéreo pela janela do quarto das crianças. Tudo bem. Heinz pegou sua encomenda e pôs o saquinho de droga na touca. Muitas pessoas paravam para ver, interessadas na nossa operação. Mas parece que Heinz não dava bola para isso. Eu "cagava montes". Só pensava numa coisa: na heroína.

Finalmente ela chegou. Apressei-me em esquentá-la. O telefone tocou. Heinz. Houve um mal-entendido, ele queria uma calcinha usada. Tinha a heroína e nada mais me importava. Para que o cara parasse de me encher o saco, peguei uma calcinha bem velha, no cesto de roupas sujas, e joguei-a pela janela. O objeto aterrissou numa planta. Heinz, depois de fingir que ia embora, partiu à sua procura.

Aquele cara era completamente louco. Soube depois que no dia da história da corda ele já estava há três semanas com mandado de prisão

decretado. Os policiais simplesmente não tinham tido ainda tempo de ir buscá-lo. E seu advogado lhe havia dito que ele se metera numa grande encrenca. Mas desde que se tratasse de meninas, Heinz perdia completamente a cabeça.

Precisei depor como testemunha em seu processo. Disse a verdade. Por um lado eu pouco me interessava por ele e pelos outros clientes, mas por outro, ele me dava pena e não me foi fácil depor contra ele. Em todo caso, ele não era pior que os outros clientes, e eles sabiam perfeitamente que os viciados usavam seu dinheiro para comprar droga.

Eram todos nojentos. Mas Heinz era um infeliz drogado. Sua droga eram as juvenzinhas. Acho que seu lugar seria num hospital psiquiátrico e não numa prisão.

Fiquei presa no apartamento durante muitos dias. Mas como Heinz havia trazido uma boa provisão de heroína, não fiquei em jejum. Uma manhã meu pai partiu sem fechar a porta à chave. Eu me mandei. Sumi por uma semana toda até que ele me encontrou e me trouxe de volta para casa. Contra todas as expectativas, ele não me bateu. Tinha somente um ar mais desesperado.

Eu lhe disse que não conseguiria sozinha. Era muito duro quando ficávamos a sós todo o dia. Babsi morta, Stella na prisão. Eu lhe falei de Stella, Stella morrendo atrás das grades, com catorze anos. Soube, através de uma menina que acabava de ser solta e que fora sua companheira de cela, que Stella só tinha um pensamento na cabeça: se matar. Seu único apoio eram as terroristas — meninas da Facção do Exército Vermelho detidas na mesma prisão. Ela encontrou várias vezes Monica Berberich e estava fascinada por aquela mulher. Muitos viciados achavam as terroristas formidáveis. Havia mesmo quem tentasse entrar em um grupo terrorista antes de se entregar à droga. Durante o seqüestro de Schleyer eu também fui detida, mas tinha horror à violência. Nunca poderia fazer mal a ninguém: só o fato de ver um ato de violência me punha doente. No entanto, pensava que as pessoas do grupo Baader talvez tivessem uma visão clara da situação: não podíamos mudar essa sociedade podre a não ser pela violência.

A história de Stella tocou profundamente meu pai. Ele queria tirá-la da prisão e adotá-la. Eu o tinha convencido de que, se tentássemos juntas,

Stella e eu, conseguiria me livrar da droga. Para ele também era a última oportunidade de luta. Um raciocínio idiota, mas como ele poderia saber? Certamente meu pai não foi feliz em sua tentativa de me reabilitar durante o tempo em que passei em sua casa, mas fez o que pôde. Como minha mãe.

Meu pai começou a percorrer os serviços sociais e conseguiu soltar Stella. Ela estava realmente acabada, física e psicologicamente. Pior que antes de sua prisão. Eu tinha prometido a mim mesma que estaria limpa quando ela chegasse em casa, mas não consegui... E fiz Stella "mergulhar" desde o primeiro dia. Mas de qualquer forma ela o teria feito. Durante alguns dias mais, falamos seriamente em nos desligarmos. Em seguida» pusemos em prática uma técnica quase perfeita para enganar meu pai. Para nós duas era fácil, pois dividíamos todas as tarefas. íamos até mesmo à "corrida pela grana", uma vez cada uma. Sempre Kurfürstenstrasse. Pegar alguns automobilistas.

Já estava indiferente a tudo. O que teria de mais o *trottoir*? Éramos uma turma de quatro meninas. Stella, as duas Tinas e eu. O acaso quis que as duas se chamassem Tina. Uma delas tinha um ano menos que eu e acabava de fazer catorze anos.

Nós sempre trabalhávamos pelo menos em dupla. Quando uma saía com um cliente, a outra anotava, ostensivamente, o número da placa. Isso desencorajava os caras que estivessem pensando em nos fazer uma sacanagem. Era igualmente uma proteção contra os proxenetas. Nós não tínhamos medo dos policiais. Alguns, quando passavam no carro de patrulha, nos davam adeusinhos. Até tinha um deles entre os meus *habitués*. Um cara muito divertido. Ele pedia, queria amor o tempo todo, era preciso explicar-lhe constantemente que a prostituição era um trabalho e não amor. Ele não era o único cliente a quem tinha que explicar isso. A grande maioria queria bater papo. Começavam sempre com as mesmas histórias: "Como uma menina tão bonita como você chegou a isso? Certamente há uma outra solução", etc., etc. Era o tipo de conversa fiada que mais me exasperava. Alguns punham na cabeça que iriam me salvar. Recebia pedidos de casamento certinhos. Todos aqueles bons sentimentos não lhes impediam de explorar a desgraça dos viciados para sua satisfação pessoal, com conhecimento de causa. Esses caras mentem escandalosamente. Imaginam poder ajudar-nos enquanto estão atolados até o pescoço em seus problemas.

A maior parte deles eram caras que não ousavam procurar profissionais. De maneira geral, tinham dificuldades com mulheres e por isso vinham procurar meninas que se viravam. Eles nos diziam que se sentiam completamente frustrados por causa de suas mulheres, de suas famílias, da vida que levavam, onde nada mudava. Às vezes, pareciam até ter inveja de nós, pelo menos porque éramos jovens. Eles nos faziam perguntas sobre a juventude atual, seus gostos, sua música, sua linguagem, a moda, etc.

Uma vez, um desses tipos, um cara de uns cinqüenta anos, queria fumar maconha de qualquer maneira, pois ele achava que todos os jovens o faziam. Foi aí então que pedi mais dinheiro. E ei-nos em busca de um fornecedor. Percorremos metade de Berlim, e nada. Eu nunca tinha percebido que nesta cidade encontramos heroína em todos os cantos da rua e maconha não encontramos em parte alguma. Levamos quase três horas para encontrar um pouco. O tipo fumou sua maconha no carro. Ficou todo feliz de fazer tal coisa.

Encontrávamos cada louco nesse trabalho! Havia um cara que queria que a gente batesse o tempo todo sobre uma placa de aço que ele tinha no joelho, desde um acidente de moto. Um outro levava consigo um pedaço de papel com um carimbo que tinha o aspecto de documento oficial: era um documento de esterilidade, pois não queria usar preservativo. Um outro, o mais filho da puta de todos, me contou que trabalhava no cinema e que gostaria que eu fizesse um ensaio, depois tirou um revólver e me obrigou a fazer coisas com ele gratuitamente.

Meus clientes preferidos eram os estudantes. Eles chegavam a pé. De modo geral eram caras bastante bloqueados, mas eu gostava muito de conversar com eles. Falávamos dessa sociedade podre. Eram os únicos a cujos quartos eu concordava em ir. No hotel era realmente ruim: custava dez marcos a mais ao cliente, e por aquele preço não tínhamos nem mesmo direito a utilizar a cama. Eles nos instalavam num colchão inflável.

Stella e eu nos comunicávamos por código, que rabiscávamos em uma parede ou numa coluna Morris. Dessa forma, nós sempre sabíamos, na hora da troca, o que a outra fazia, o que nos era muito útil no caso de meu pai inventar uma nova forma de nos vigiar melhor. Às vezes, quando estava de saco cheio da Kurfürstenstrasse, passava alguns minutos em uma loja

chamada Teen Challenge. Ali nos davam revistas e livros contando histórias de pequenos viciados e putinhas americanas, que graças a eles encontraram o caminho de Deus. Esses caras vieram instalar-se a dois passos de onde as adolescentes se prostituíam e do Sound, para fazer uma pregação. Na Teen Challenge, bebia chá e comia um bolinho frito e batia um papo. Mas, quando eles começavam a falar do bom Deus, eu me mandava. No fundo, eles também exploravam os viciados, pois quando viam que estávamos no fim da picada, tentavam nos recrutar para a sua seita.

Ao lado da Sekten-Keller, na Kurfürstenstrasse, havia uma sede do grupo comunista. Às vezes lia seus panfletos na vitrina. Eles queriam mudar a sociedade completamente.

Isso me agradava. Mas na situação em que estava, seu discurso não me ajudava mais que o resto.

Olhava também as vitrinas das grandes lojas de móveis da Kurfürsten e da Genthinerstrasse. Isso me fazia pensar no nosso velho sonho de um apartamento para nós dois, para mim e para Detlef. Depois sentia-me ainda mais infeliz.

Desci, mais ou menos, até o último estágio da carreira de um viciado. Quando os clientes rareavam, não recuava diante da delinqüência. Bem, isso não iria muito longe, não havia nascido para tal e não tinha nervos bastante fortes. No dia em que uma turma de viciados quis me levar para fazer um roubo, escapuli. Minha maior façanha foi o roubo do transistor de um carro, depois de ter quebrado o vidro com um soco inglês. Tive que tomar três quartos de uma garrafa de vermute para criar coragem. Geralmente ajudava os viciados a vender a mercadoria roubada. Fazia também transporte de mercadorias perigosas, roubadas por ladrões vagabundos: depositava os objetos em guarda-volumes automáticos e ia retirá-los. Com isso ganhava, no máximo, vinte marcos e, no entanto, era mais perigoso que roubar. Eu estava totalmente na merda.

Em casa, contava mentiras a meu pai e brigava com Stella. Tínhamos combinado dividir o trabalho e a heroína, mas uma se achava prejudicada pela outra. Era um inferno.

Meu pai já sabia de tudo há algum tempo, mas estava desamparado. Eu também. A única coisa de que estava segura era de que meus pais não

podiam mais me ajudar.

Não suportava mais a escola, nem mesmo para marcar presença. Não suportava mais nada nem ninguém. Os clientes me irritavam, não conseguia mais passear tranquilamente como antes, na "cena". Não suportava mais meu pai.

Eis mais uma viciada no fim do caminho. A depressão negra. As idéias suicidas. Mas era muito covarde para tomar um *hot shot (Dose mortal)*. Sempre buscava uma saída.

Decidi ir ao hospital psiquiátrico. Ao Hospital Bonhoeffer, chamado "Bonnies Ranch". Para um viciado, era mais ou menos o que poderia haver de mais pavoroso. Sempre ouvi dizer que "é melhor viver quatro anos em cana do que quatro semanas no Bonnie's Ranch". Alguns viciados foram internados ali *ex-officio*, depois de terem baqueado em plena rua, e na saída contaram histórias abomináveis.

Mas eu, ingenuamente, pensava que, se fosse voluntariamente, ao menos alguém se decidiria a ocupar-se de mim. No Serviço de Auxílio à Infância ou em qualquer outra parte, seriam obrigados a perceber que havia uma menina com necessidade de ajuda. Minha decisão de ir ao Bonnie's Ranch parecia com essas tentativas de suicídio em que esperamos secretamente sermos salvos por pessoas que diriam: "Pobre coitada, não nos ocupamos dela o suficiente. Nunca mais seremos tão desumanos com ela".

Fui falar com minha mãe para lhe comunicar minha decisão. Primeiramente ela se mostrou muito fria. Comecei a chorar imediatamente e depois tentei lhe contar a minha história, sem deformar muito a verdade. Ela também começou a chorar, me segurou nos braços e não me largou mais. Choramos as duas como Madalenas arrependidas, e foi muito bom. Minha irmã também estava toda contente de me rever. Nós duas dormimos na mesma cama.

Logo sentia os primeiros sintomas da crise. Comecei um novo tratamento. Não sabia mais quantos havia feito. Provavelmente era a campeã mundial de tratamento. De qualquer forma, não conhecia ninguém que os tivesse feito, por sua própria vontade, tanto quanto eu. E sem nenhuma chance de ser bem-sucedida.

A história se repetiu como da primeira vez. Minha mãe tirou umas

férias e me trouxe tudo o que pedi: Valium, vinho, geléia e frutas. Depois do quarto dia, ela me levou para o Bonnies Ranch. Fiquei, pois sabia muito bem que, em caso contrário, recomeçaria a me picar imediatamente. Fizeram-me ficar nua e me mandaram para o banheiro. Como uma leprosa. Lá estavam duas velhas completamente gagás, tomando banho. Meteram-me no terceiro chuveiro e me vigiaram enquanto eu me esfregava. Não me devolveram minhas coisas, mas, em compensação, tive direito a uma velha camisola dos tempos de antanho, uma calcinha que ia até os joelhos, que era obrigada a usar se não quisesse perdê-la. Levaram-me para o Serviço de Admissões, para as anotações. Era a única paciente com menos de sessenta anos. E as outras eram completamente loucas, com uma única exceção, uma mulher a quem todos chamavam "Boneca".

Boneca ficava ocupada de manhã à noite. Ela se tornara muito útil no serviço e dava boa ajuda às enfermeiras. Boneca era uma pessoa com quem se podia falar. Ela não parecia louca, só tinha os reflexos um pouco retardados. Estava lá há quinze anos, desde que seus irmãos e irmãs a hospitalizaram no Bonnies Ranch. Aparentemente não precisava de tratamento. Pura e simplesmente a deixaram lá, no Serviço de Admissões. Talvez porque ela fosse realmente útil. Mas, para mim, devia haver alguma outra coisa errada para alguém ficar durante quinze anos no Serviço de Admissões, só porque pensa um pouco lentamente.

Durante aquele primeiro dia, passei pela inspeção de um pelotão de médicos. Na verdade, a maioria dos "aventais brancos" eram estudantes, que me comiam com os olhos, na minha nostálgica camisola. O chefe deles me fez algumas perguntas, e respondi ingenuamente que gostaria de seguir um tratamento durante alguns dias e ir, em seguida, a um pensionato onde pudesse preparar-me para o vestibular. Ele falava: "Sim, sim", sem parar, como se estivesse tratando com uma louca.

Lembrei-me de histórias de loucos. Eu me perguntei o que fizera para que me tratassem como a alguém que se crê Napoleão. Tive medo na hora; e se me guardassem aqui toda a vida, fantasiada com uma camisola nostálgica e uma calcinha gigante?

Mas dois dias depois, como não apresentava mais os sintomas da privação da droga, eles me mandaram para o serviço B, onde me devolveram as roupas e tinha até o direito de comer com faca e garfo (no

Serviço de Admissões eles só nos davam uma colher de sobremesa). Ali encontrei três outras viciadas, meninas que conhecia. Sentamo-nos na mesma mesa, logo batizada pelas velhinhas de "a mesa das terroristas".

Uma das meninas, Liane, já passara muito tempo em cana. Ela também confirmava que Bonnies Ranch era pior que uma prisão, principalmente porque no xadrez havia sempre um meio de encontrar heroína, enquanto ali era muito difícil.

Apesar disso, agora que estávamos em quatro, nos divertíamos bastante, mas pouco a pouco comecei a ficar apavorada. Era impossível conseguir uma frase sensata dos médicos quando eu lhes perguntava quando iriam enviar-me para a terapia. A resposta era sempre: "Vamos ver" ou besteiras semelhantes, que eles falavam aos loucos durante todo o dia.

Havia sido combinado entre minha mãe e o setor de Ajuda à Infância que eu passaria quatro dias em Bonnies Ranch — o tempo para constatar que eu estava limpa — e depois começaria a terapia. Mas não existia mais a vaga prometida no Centro de Terapia, apesar de eu ter feito o tratamento de privação sozinha e ter chegado quase limpa. E num belo dia queriam que eu assinasse um papel no qual aceitava, por minha própria vontade, uma permanência de três meses no Hospital Bonhoeffer. É claro que recusei e disse que queria partir imediatamente: se eu vim por minha própria conta, poderia partir quando me conviesse. Aí o médico-chefe me disse que, se eu não assinasse, ele pediria um internamento *ex-officio* de seis meses.

Senti que caíra numa cilada. Louca de angústia, percebi que me entregara indefesa nas mãos desses médicos idiotas. Eles podiam me dar qualquer diagnóstico: neurose grave, esquizofrenia ou sei lá o que mais. Não tínhamos mais nenhum direito quando éramos internados em um hospital de loucos. Aconteceria comigo o mesmo que acontecera com Boneca.

O pior era que nem eu mesma sabia qual era o meu grau de loucura. Devia admitir que era neurótica. Minhas entrevistas com os conselheiros do centro antidroga ao menos me ensinaram que a toxicomania é uma neurose, um impulso obsessivo. Foi o que pude concluir quando pensei na coisa. Ter feito tantos tratamentos para recomeçar em seguida, sabendo perfeitamente que aquilo acabaria me matando. Tudo o que fazia minha mãe sofrer, a maneira como me comportava com os outros, é claro que não era normal.

Devia estar muito destruída. E lá estava eu imaginando como fazer para impedir que os médicos e enfermeiras percebessem que estava louca para sempre.

Essas enfermeiras me tratavam como a uma idiota, como às outras doidas. Eu me esforçava para nunca me mostrar agressiva com elas. Quando os médicos me faziam perguntas, dava-lhes respostas diferentes das que me ocorriam espontaneamente. Tentava com todas as minhas forças não ser eu mesma, mas uma outra pessoa, totalmente normal. E quando eles me davam as coisas, eu me arrependia por não ter dito só besteiras. Então, certamente, eles deviam pensar que estava completamente louca.

Tudo o que me propuseram em matéria de terapia foi fazer tricô. Mas absolutamente não me interessava, e achava que aquilo não me ajudaria.

Naturalmente havia grade nas janelas, mas como Bonnies Ranch não era uma prisão, eram volutas — mais decorativas. Virando a cabeça de certa forma, podia enfiá-la entre duas curvas, e isso me permitia ver melhor lá fora.

Passava horas assim com o pescoço enroscado naquela "coleira de ferro". Veio o outono e as folhas se tornaram avermelhadas e amareladas. Entre duas árvores o raio de sol que estava se pondo caía diretamente sobre a minha janela todos os dias, e isso durava uma hora.

Às vezes amarrava minha caneca num pedaço de lã, fazia-a atravessar a janela e me divertia batendo-a contra o muro, ou então durante uma tarde inteira tentava, sem sucesso, pegar um ramo com um cordão, na esperança de colher a folha. À noite pensava: se você não estava doida ao chegar, acabou ficando.

Nem mesmo me autorizavam a ir ao jardim, para andar em círculo como as velhinhas. As terroristas tinham direito a uma saída ao ar livre todos os dias. Eu não. Tentaria fugir. Aliás, eles tinham razão.

Encontrei uma velha bola de futebol num armário. Jogava-a infatigavelmente contra os painéis de vidro de uma porta enferrujada. Talvez eles acabassem se quebrando. Não demoraram muito a tirá-la de mim. Meti a cabeça no vidro. É claro que o vidro era resistente. Tive a impressão de ser um animal feroz em uma jaula, uma jaula minúscula. Andava ao longo das paredes horas e horas. Uma vez tive uma terrível

necessidade de correr. Corria como uma louca, de ponta a ponta do corredor. Ida e volta, ida e volta, até que caí de cansaço.

Um dia roubei uma faca. À noite Liane e eu raspamos a massa de uma janela com ferrolho, mas sem grades. A vidraça não se mexeu nem um milímetro. Na noite seguinte, depois de ter aterrorizado as velhinhas, que não ousavam se mexer (algumas achavam que éramos terroristas de verdade), desmontamos uma cama para tentar tirar as grades de uma janela que ficara aberta. É claro que a ação estava destinada ao fracasso: fizemos tanto barulho que a guarda da noite caiu em cima da gente.

Comportando-me assim, percebi que não teria nenhuma chance de sair um dia da casa de loucos. Por mais que me esforçasse para não me drogar, a minha saúde estava cada vez pior. Tinha uma barrigona, meu rosto estava flácido e inchado, sem cor. Quando olhei no espelho, percebi que parecia uma pessoa que já havia passado quinze anos no Bonnies Ranch. Quase não dormia mais. Aliás, ficávamos acordadas quase todas as noites por incidente no serviço. E continuava sempre à espera de uma chance para fugir. Sabendo que era inútil, me embonecava todas as manhãs, como se fosse à "cena": penteava calmamente meus cabelos, maquilava-me e até preparava o meu casaco.

No entanto, um dia recebi a visita de um cara da Ajuda à Infância. Ele também não achava nada para me dizer, a não ser: "Vamos ver". Mas ao menos ele me contou onde estava Detlef. Em seguida lhe escrevi uma longa carta. Assim que a pus na caixa do correio, comecei outra. Era bom poder esvaziar meu coração, mas não totalmente, pois sabia muito bem que aquelas cartas seriam abertas. Haveria censura, possivelmente na saída da carta, em Bonnies Ranch, e, sem dúvida nenhuma, quando chegasse à prisão. Era, por isso, obrigada a mentir: contava, por exemplo, que não tinha nenhuma vontade de me drogar.

Pouco depois recebia notícias de Detlef. Um monte de cartas de uma só vez. Ele me escreveu que fizera uma enorme besteira roubando aqueles cheques, mas ele só tinha uma idéia em mente: voltar a Paris para se desintoxicar. Ele queria me fazer uma surpresa, pois nunca conseguiríamos juntos. Detlef me escreveu que estaria livre dentro em breve e em seguida iniciaria uma terapia. Disse-lhe que iria começar a minha logo. Nós nos prometemos, então, que após a terapia viveríamos juntos em nosso

apartamento. Recomeçávamos — e dessa vez por correspondência — a construir castelos no ar, só que quando não estava escrevendo a Detlef, tinha a impressão de estar condenada pelo resto da vida ao Bonnies Ranch.

Tive sorte. Minha micose voltou. Todos os dias enchia a doutora dizendo "me sinto muito mal", "precisa me mandar para o hospital". Uma manhã me levaram com uma boa escolta ao Hospital Rudolf Virchow, onde me internaram imediatamente, pois, apesar de tudo, meu estado era bastante grave. Soube, através da "Rádio-Tóxicos", como se fazia para fugir de um hospital. Tentei conseguir uma "permissão de parque", isto é, autorização para ir ao parque do estabelecimento. É claro que não era dada facilmente aos viciados, mas eu conhecia um truque: fui falar com uma das enfermeiras — que era uma menina linda, com olhos rasgadinhos —, expliquei-lhe que gostaria de ajudar aquelas pobres velhas grudadas em cadeiras de rodas. Será que ela me permitiria levá-las para passear às vezes no parque? A enfermeira, que não desconfiava de nada, me felicitou pelo meu bom coração.

Peguei uma velha e lhe ofereci meus préstimos. Ela me achou "uma menininha boazinha". Empurrei um pouco sua cadeira de rodas por uma alameda e lhe disse "espere-me um minuto, vovó, volto em seguida". Trinta segundos depois estava na rua.

Enfiei-me imediatamente no metrô, em direção à Estação Zoo. Nunca tinha tido tal sensação de liberdade. Fui até o bar da Universidade Técnica. Depois de ter dado uma voltinha fui sentar-me em um banco ocupado por três jovens viciados. Contei-lhes que acabara de fugir do Bonnies Ranch. Eles ficaram de boca aberta de admiração.

Tinha uma bruta vontade de me picar. Um dos rapazes era fornecedor. Ele concordou em me dar crédito se eu lhe mandasse uns clientes. — Está certo. — Eu me apressei em picar-me no banheiro do restaurante universitário.

Piquei-me só com a metade da dose. Aliás, a heroína não era lá essas coisas. Eu me sentia bem, mas me conservava lúcida, pois devia dar uma mãozinha para o cara. Era um rapaz jovem, com seus dezesseis anos, que eu conhecia um pouco por tê-lo visto com fumadores de maconha no Parque Hansenheide. Ele ainda ia à escola. Era um fornecedor novato, senão não teria me dado a heroína logo de cara: eu teria que ganhá-la antes de mais

nada.

De repente percebi que o pedaço estava cheio de policiais à paisana. O cara não percebeu nada. Ele não compreendia os meus sinais de alarme. Precisei ir ao encontro dele e lhe assoprar ao ouvido: — Os tiras — para que ele reagisse. Fui calmamente em direção à Estação Zoo, e ele me seguiu. Um viciado se aproximou de mim. Eu lhe disse: — Não se mova, meu velho, há uma batida no restaurante universitário, mas eu posso te conseguir uma heroína das boas. — O jovenzinho já estava do meu lado e tirava o pacote de droga do bolso, falando ao cara que era só para ele ter uma idéia. Não era possível! Havia uma batida a trezentos metros e o cretino tirava o pacote de heroína do bolso!

Dois policiais à paisana que andavam por ali avançaram em nossa direção. Era inútil começar a correr, pois eles nos pegariam na hora. O fornecedor jogou os seus saquinhos fora — um verdadeiro turbilhão de papel alumínio rosa-shocking. Ele acreditava, sem dúvida, poder jogar tudo isso sobre nossas costas, ou seja, nas do outro viciado e nas minhas.

Colocaram-nos de braços erguidos para ver se estávamos armados, quando o mais velho de nós não tinha nem dezesseis anos. Aquele policial sujo aproveitou para passar a mão nos meus peitos. Mas eu estava muito tranqüila. Havia tomado a minha picada e depois do Bonnies Ranch nada mais me dava medo. Executei o meu número de menina bem-educada. De repente, os policiais que verificavam as nossas identidades se mostraram bastante bonzinhos. Um deles me disse: — Deus! Você não tem quinze anos... o que está fazendo aqui? — Respondi: — Estou passeando — e pus um cigarro na boca. Isso o irritou: — Jogue isso fora... é um veneno na sua idade! — Joguei o cigarro.

Levaram-nos ao comissariado da Praça Ernst-Reuter e nos trancaram numa cela. O aprendiz de fornecedor perdeu a calma. Gritava sem parar: — Deixe-me sair! Deixe-me sair! — Tirei o meu casaco, enrolei-o para fazer um travesseiro, deitei sobre a armação da cama e tirei uma soneca. A cana não me apavorava mais. E certamente eles não sabiam ainda que eu era uma fugitiva do Bonnies Ranch.

Efetivamente, eles me soltaram depois de duas horas. Voltei à Universidade Técnica. No caminho minha consciência começou a me atormentar. Assim, mais uma vez,*recaíra na primeira oportunidade. Chorei

bastante. E agora, que fazer? Não podia aparecer em casa de minha mãe com a pupila feito cabeça de agulha de tricô, tentando agradar: — Olá, mamãe, estou aqui. Eu me mandei, prepare-me um bom rango.

Fui ao centro antidroga da Universidade Técnica, que estava instalado no antigo restaurante universitário. Os caras que trabalhavam lá eram legais. Eles me levantaram o moral o suficiente para que eu me decidisse a telefonar para minha mãe. Ela ficou um pouco tranqüila sabendo onde eu estava. Chegando a casa dormi, pois estava com quarenta graus de febre. Comecei a delirar. Minha mãe chamou o médico de plantão, urgente, e ele queria me dar uma injeção. Fiquei em pânico: não me importava de me picar nos braços duas ou três vezes por dia, mas uma picada na bunda me dava um medo terrível.

A febre caiu logo em seguida. Mas eu já não era mais que um farrapo — Bonnies Ranch havia acabado comigo, física e psicologicamente. Quando consegui ficar de pé, depois de três dias de cama, corri ao centro antidrogas. Para chegar lá, fui obrigada a atravessar a "cena", o café. Atravessei tudo correndo, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Durante uma semana fui todos os dias ao centro. Finalmente, encontrara alguém que me ouvia. Pela primeira vez me deixaram falar. Até então sempre me haviam feito grandes discursos. Minha mãe, meu pai, os caras da Narconon. Todo mundo. Ali me pediam para contar o que estava acontecendo. Ainda corri à faculdade quando já estava com o rosto amarelo como limão. Naquela manhã encontrei uns amigos no café. Eles, literalmente, se mandaram gritando: — Desapareça, você não vê que está com icterícia?

Não, eu não queria ver. Era uma loucura: cada vez que ficava limpa, depois de certo tempo, com esperança de enfim me desligar, pegava a doença profissional dos viciados. Quando minha dor de barriga se tornou insuportável, pedi à minha mãe que me acompanhasse à Clínica Steglitz. Eu a havia escolhido porque ali a comida era razoável. Passei duas horas na sala de espera, torcendo-me de dores na cadeira. Qualquer enfermeira era capaz de fazer o diagnóstico: podia-se ler em minha cara toda amarela. Mas ninguém fazia nada. A sala estava cheia de gente, incluindo-se também crianças. Se minha icterícia fosse contagiosa, o que já havia acontecido

comigo, poderia contaminar todo mundo.

Depois de duas horas decidi que já bastava! Arrastei-me pelo corredor apoiando-me na parede, pois estava muito fraca e sofria como uma condenada. Procurei o serviço de doenças contagiosas. Passou um médico, falei com ele: — Dê-me um leito. Não quero contaminar todas as pessoas. Tenho icterícia, será que vocês não perceberam? — Ele sentia muito, mas não podia fazer nada... deveria voltar ao serviço de recepção.

Finalmente, quando fui recebida por uma médica, preferi contar-lhe imediatamente que era uma viciada. A resposta veio glacial: — Lamento, neste caso não é da nossa competência. — Quando se tratava de drogados não era da competência de ninguém. Outro táxi. Minha mãe estava furiosa depois que aqueles médicos não quiseram me atender. Na manhã do dia seguinte ela me levou ao Hospital Rudolf Virchow. Como havia fugido de lá, fiquei em maus lençóis.

Um jovem estudante colheu meu sangue para os exames. Expliquei-lhe tudo de uma só vez: — Nesta veia não, ela é dura como um pau. É preciso procurar uma por baixo. Não pique na vertical, pique em linha oblíqua, senão a agulha não entrará.

O cara estava todo confuso, mas isso não o impedia de picar uma veia endurecida. Por mais que movesse o êmbolo, não conseguia tirar uma gota sequer de sangue. Para finalizar, a agulha escapou literalmente do meu braço por causa do vácuo que se formou na seringa. Depois disso, ele me perguntou onde deveria enfiá-la.

Dormi durante dois dias seguidos. A minha icterícia não era contagiosa. No quarto dia, minhas dosagens hepáticas eram mais ou menos regulares. Minha urina estava muito menos vermelha e meu rosto voltava, pouco a pouco, à sua brancura.

Como combinado, telefonava todos os dias ao centro antidroga. Esperava que eles encontrassem logo uma vaga na terapia. E num domingo, na hora de visitas, a surpresa: minha mãe ali estava, acompanhada de Detlef, que acabava de ser solto.

Juras de amor, beijos e carícias. A felicidade. Tínhamos vontade de estar a sós, fomos dar uma voltinha no parque do hospital. Foi como se nunca tivéssemos nos separado. E, de repente, estávamos no metrô, em

direção à Estação Zoo. Tivemos sorte, o primeiro cara que encontramos era um amigo, Wilhelm. Ele era um sortudo: vivia com um pederasta, médico e escritor muito conhecido. Wilhelm não só era cheio da grana como também estudava em um colégio particular.

Wilhelm nos deu uma picada, e eu estava de volta ao hospital para o jantar. Detlef voltou no dia seguinte. Dessa vez foi difícil encontrar heroína, e voltei ao hospital só às dez e meia. Não encontrei meu pai, que viera se despedir antes de partir para a Tailândia.

Na visita seguinte minha mãe estava de novo com seu ar desesperado. Só faltava essa! Além disso, o cara da Droga-Informações veio ver-me e xingou-me de irresponsável. Eu lhe jurei que tinha, sinceramente, de desligar-me. Jurei aos outros e a mim mesma. Detlef disse que a culpa era toda sua. Ele chorou. Depois foi, por sua vez, ver as pessoas do centro e, no domingo, me disse que lhe haviam conseguido uma vaga na terapia. Ele iria começar no dia seguinte.

Felicitei-o: — Agora tudo vai caminhar bem. Eu também terei um lugar, e nunca mais faremos besteiras.

Fomos passear no parque. Propus: — E se fôssemos correndo à Estação Zoo? Eu gostaria de comprar o terceiro volume de *Retorno do planeta Caveira* (um romance de terror que estava lendo). Minha mãe não o encontrou.

Detlef: — Parabéns, minha cara, você tem necessidade de ir até a Estação Zoo para comprar um romance de terror? Seria melhor dizer logo de cara que você tem vontade de se picar.

Exasperava-me ver Detlef tomar ares superiores, representar o virtuoso. Além disso, não tinha nenhuma segunda intenção. . . só tinha vontade de ler o fim de *Retorno do planeta Caveira*. Respondi: — Você está louco, vendo coisas. Aliás, você não é obrigado a me acompanhar.

É claro que ele me acompanhou. No metrô, fiz minha brincadeira habitual: provocar as velhas balofas. Isso sempre irritava Detlef, que se refugiava na outra extremidade do vagão. E, como sempre, eu gritava: — Ei, meu velho, não finja que não me conhece! Você não é melhor que eu, e todo mundo percebe! — Então, recomecei a perder sangue pelo nariz. Isso já estava acontecendo há algumas semanas, sempre que entrava no metrô.

Era horrível, e eu passava o tempo todo limpando o sangue do rosto.

Felizmente encontrei imediatamente o tal romance. Bem-humorada, sugeri a Detlef fazermos um passeio a pé: — Afinal de contas, é o seu último dia de liberdade. — Nossos passos nos conduziram automaticamente à "cena". Stella estava lá, e também as duas Tinas. Stella ficou louca de alegria de me rever, mas as duas Tinas estavam na pior, em pleno bode. Elas voltaram da Kurfürstenstrasse de mãos abanando. Tinham esquecido que era domingo. E, no domingo, os clientes estavam com suas mulheres e filhos.

Eu me senti muito feliz por ter saído daquela merda toda. Não tinha mais medo da crise. Não me prostituía há muitas semanas. Um sentimento de superioridade e uma alegria exuberante me invadiram. O legal era que, pela primeira vez, passara pela "cena" sem ter vontade de me picar.

Estávamos num ponto de ônibus perto do metrô Kurfürstenstrasse. Ao nosso lado, dois estrangeiros sujos. Eles me faziam sinal o tempo todo. Apesar da minha icterícia, era a mais saudável de nós quatro, estando relativamente limpa há um bom tempo. Além do mais, não estava com uniforme de viciada: tomara emprestadas algumas roupas da minha irmã, estilo "menina-moça", justamente para me distinguir das drogadas. No hospital, cheguei até a cortar os cabelos bem curto.

Os estrangeiros sujos não paravam de piscar para mim. Perguntei às duas Tinas: — Vocês querem que os pegue para vocês? Mesmo que eles só dêem quarenta marcos, vocês poderão dividir a dose. — De qualquer maneira, no estado em que estavam elas, não ligavam para nada. Fui muito descontraída em direção aos dois estrangeiros sujos: — Vocês querem as duas meninas? Eu pedir para vocês cinquenta marcos. *Capito?* — E apontei as duas Tinas.

Eles, com sorrisos idiotas: — Não, você. Você meter, você hotel?

Muito tranqüila, sem nenhuma agressividade, respondi:

— Não, nada disso. Mas aquelas meninas legal. Catorze anos, cinquenta marcos apenas. — Realmente, a mais jovem das Tinas tinha só catorze anos.

Os estrangeiros sujos permaneciam impassíveis. No fundo eu os

compreendia. As Tinas, em crise, não eram nada apetitosas. Voltei para o lado delas para lhes dizer que nada feito. Depois o Diabo me assoprou qualquer coisa ao ouvido. Chamei Stella de lado: — No estado em que estão, as Tinas não encontrarão cliente. Vamos nós duas. Vamos excitá-los, e as Tinas farão o resto. De qualquer forma, elas trepam com os clientes. Vamos pedir cem marcos e comprar meio grama.

Stella não se fez de rogada, mas tanto para ela como para mim os estrangeiros sujos eram o que havia de pior. Ao menos nenhuma de nós duas confessaria à outra ter tido algo com um estrangeiro sujo.

Voltei para falar com os dois turcos. Minha proposta foi aceita na hora. Detlef, com nojo, disse: — Tudo bem, você recomeça a se prostituir. — Eu: — Não fale bobagem, eu não farei nada. Você bem vê que somos quatro meninas.

— Na verdade, disse-lhe que o faria unicamente por pena das Tinas. Talvez houvesse um pouco disso, mas inconscientemente procurava, sem dúvida, um meio tortuoso de voltar à droga.

Expliquei às outras que precisaríamos ir ao Hotel Norma, onde eles tinham grandes quartos. Em outro lugar nunca nos deixariam subir em seis, para um quarto. Bem, a caminho. De repente, um outro estrangeiro sujo se juntou a nós. Os outros dois disseram: — Ele amigo. Também hotel.

Na hora não falamos nada: contentamo-nos em receber nossos cem marcos. Stella partiu com um deles para comprar heroína. Ela conhecia um fornecedor que oferecia meio grama bem pesado. O que havia de melhor no pedaço. Esperamos a volta de Stella para continuarmos nosso caminho. Os oito: as quatro meninas e Detlef na frente, de braços dados, ocupando a calçada toda, e atrás os três estrangeiros sujos.

Mas o clima estava tenso. As duas Tinas queriam a heroína imediatamente. Stella recusou com medo de que as meninas nos deixassem na mão. Por outro lado, era preciso encontrar um meio de se desfazer do terceiro estrangeiro sujo, pois ele não estava incluído em nosso acordo.

Stella virou para trás, apontou com o dedo e disse num tom categórico: — Se este estrangeiro sujo vier, nós nada fazer. — Ela teve a audácia de tratar o turco de estrangeiro sujo!

Mas os três caras de mãos dadas não se deixaram impressionar. Stella propôs simplesmente se desfazer deles. Minha primeira reação foi: — Boa idéia! — Tinha saltos baixos e pela primeira vez, depois de uns três anos, poderia correr. Mas, pensando bem, o negócio com eles não me parecia tão mal: — Eles acabarão nos encontrando, e nesse dia nem quero saber o que vai acontecer... — Esqueci completamente que, em princípio, não freqüentava mais a "cena" e não me virava mais.

Stella não estava contente. Ela ficou para trás e recomeçou a discussão com os estrangeiros sujos. Chegamos à passagem subterrânea do Europa Center. Não ouvindo mais nada atrás de nós, virei-me. Nada de Stella. . . Ela havia desaparecido da face da Terra com toda a heroína. Os estrangeiros sujos, que também perceberam a sua ausência, pareciam bem agitados.

Isso era bem ao estilo de Stella. Fiquei furiosa. Achava que ela só podia estar no Europa Center. Corri, com Detlef atrás de mim. As duas Tinas dormiram no ponto e os estrangeiros sujos caíram em cima delas. Dei a volta ao centro comercial correndo como uma louca. Detlef foi pela esquerda e eu, pela direita. Nenhum sinal de Stella e, além disso, tinha a consciência pesada por causa das duas Tinas. Vi os turcos arrastarem as duas para um hotel. Esperamos vê-las sair depois do seu trabalho sujo. Isso levou horas. Agora elas bem mereciam sua picada! Sabia onde encontrar Stella. As duas meninas e eu fomos à Estação Kurfürstenstrasse. Estava quase deserto porque àquela hora a "cena" se transferia para a Treibhaus, acima da Kurfürstenstrasse, mas, como procurávamos Stella, descemos diretamente aos banheiros da estação do metrô. Mal entrei, ouvi sua voz. Em plena ação, gritando com alguém. Havia um monte de compartimentos, mas localizei imediatamente o de Stella. Bati com os dois punhos na porta e gritei: — Stella, abra imediatamente, senão vou te deixar em pedaços. . .

A porta se abriu. Stella apareceu. A pequena Tina lhe deu uma bofetada magistral. Stella, completamente drogada, falou: — Peguem... eu lhes deixo toda a heroína... eu não quero. — E se mandou.

Evidentemente, era uma grossa mentira. Ela havia se picado com mais da metade do meio grama, só para não dividir. As duas Tinas e eu misturamos o resto do saquinho e mais a dose que acabávamos de comprar e a dividimos em três partes iguais.

Para mim, que não tinha tomado nada há tanto tempo, foi mais que suficiente. Minhas pernas mal agüentaram. Fomos à Treibhaus. Stella estava lá, servindo de intermediária a um fornecedor. Caímos em cima dela: — Puxa vida, você ainda nos deve um quarto. — Ela não criou caso. Ainda lhe restava um pouco de consciência.

Eu lhe disse: — Você é uma safada. Não falo mais com você. — Depois fui me picar com a minha parte. Peguei uma Coca. Sentei a um canto, sozinha. Eram os meus primeiros minutos de calma desde o início da tarde. Por um momento aguardei ansiosamente a chegada de Detlef. E então me pus a pensar.

No começo ainda dava. Fiz um balanço: "Primeiro, seu melhor amigo a deixa; em seguida, sua melhor amiga lhe faz uma sacanagem. Escute o que eu digo: amizade entre viciados não existe. Você está absolutamente só. Para sempre. Todo o resto é besteira. E este pesadelo esta tarde, tudo isso por uma picada!" Mas, no final das contas, não era nada de extraordinário, pois o pesadelo era coisa de todos os dias.

Tive um momento de lucidez. Isso às vezes acontecia, mas sempre quando estava drogada. Em jejum, fazia tudo, era totalmente irresponsável. Nesse dia ficou provado.

Mergulhei nas minhas reflexões. Muito calma, pois tinha heroína suficiente no meu sangue. Não voltaria ao hospital. Aliás, já passava das onze horas.

De qualquer maneira, eles teriam me posto fora, e nenhum hospital me aceitaria. O médico advertira minha mãe: meu fígado estava à beira de uma cirrose. Se eu continuasse assim, agüentaria, no máximo, dois anos. A Droga-Informações estava perdida para mim, e nem valia a pena procurá-los, pois eles tinham ligação com o hospital. Aliás, se eles não me queriam mais, nada mais justo: havia muitos drogados em Berlim que gostariam de fazer terapia, havia poucos lugares.

O normal era reservarem-nos, aos que ainda tinham um pouco de coragem, uma chance de se desligar. Eu, evidentemente, não fazia parte desse tipo de gente. Provavelmente, havia começado cedo demais para ter chance de me safar.

Tinha as idéias bem claras. Fazia meu balanço bebendo minha Coca.

Sem esquecer as questões práticas. Onde passar a noite? Na casa de minha mãe? Ela certamente me bateria a porta na cara ou, então, a primeira coisa que faria, na manhã seguinte, seria procurar a polícia e me mandar para um centro de reeducação. Eu faria isso em seu lugar. Meu pai estava na Tailândia. Stella? Nem falar! Detlef? Não sabia onde ele poderia estar naquela noite. Se ele realmente havia decidido se desligar da droga, provavelmente estaria na casa do pai. De qualquer forma, no dia seguinte de manhã ele iria embora. Não tinha sequer uma cama. Nem por essa noite nem pelas seguintes.

Na última vez que refleti lucidamente sobre minha situação, cheguei à conclusão de que, para mim, só existiam duas saídas: desligar-me totalmente ou tomar o *hot shot*, a dose mortal. Infelizmente, a primeira solução estava excluída. Cinco ou seis tratamentos malsucedidos eram o suficiente. No final das contas, eu não era melhor nem pior que os outros drogados. Então, por que eu deveria estar entre os poucos que se salvavam?

Fui à Kurfürstenstrasse. Nunca mais tinha trabalhado à noite. À noite os viciados deixam o lugar para as profissionais. Mas não tinha medo. Fiz, rapidamente, dois clientes e voltei à Treibhaus. Tinha cem marcos no bolso e comprei meio grama.

Não queria ir ao banheiro da Treibhaus nem da Kurfürstendamm, onde havia muita gente. Então. . . onde? Fui buscar uma Coca e refleti. Decidi-me então pelos banheiros da Bundesplatz. À noite eles estavam desertos.

Fui à Bundesplatz a pé. Sentia-me muito calma. Os banheiros públicos, desertos à noite, tinham algo de estranho, angustiante, mas eu tinha um curioso sentimento de segurança. O lugar era limpo, bem iluminado. Eram os melhores banheiros de Berlim e agora, só para mim. Os compartimentos eram imensos (uma vez entramos seis), com portas até o chão. Não havia buracos nas divisões. Muitos drogados já haviam escolhido aqueles banheiros da Bundesplatz para se suicidar: eles eram tão bons!

Nada de velhotas, nada de tarados olhando pelos buracos, nada de policiais. Nada me apressava. Fui com calma. Lavei a cara e passei uma escova no cabelo. Depois limpei cuidadosamente meu estojo com a seringa que Tina me emprestara. Meio grama seria o suficiente, estava segura. Depois dos meus últimos tratamentos, um quarto de grama me punha a

nocaute. Mas no momento já tinha isso ou talvez mais no sangue, além do que, estava debilitada pela icterícia. Preferiria um grama. Atze fez isso com um grama, mas me sentia incapaz de transar mais dois clientes.

Escolhi tranqüilamente o banheiro mais limpo. Estava perfeitamente calma. Verdade. Não tinha medo. Nunca teria imaginado que um suicídio fosse tão pouco patético. Não pensava na minha vida passada, nem em Detlef. Só pensava na picada.

Como de hábito, espalhei minhas coisas em torno da privada. Pus a heroína na colher, que também fora emprestada por Tina. Por um momento pensei que estava fazendo uma sujeira com Tina, Tina, que esperava sua seringa e sua colher. Então, percebi que havia esquecido o limão. Mas a heroína era de boa qualidade, ela se dissolvia mesmo sem ele.

Procurei uma veia no meu braço esquerdo. No fundo, era uma picada como as outras. A única diferença: seria a última. Para sempre. Atingi a veia na segunda tentativa. O sangue subiu pela seringa. Piquei o meio grama. Não tive tempo de acioná-la pela segunda vez... senti meu coração estourar, minha caixa craniana se destacava da minha cabeça.

Quando acordei já era dia. Lá fora, os carros faziam um barulho infernal. Estava deitada ao lado da privada. Retirei a seringa do braço. Tentei me levantar. Senti, então, que minha perna direita estava paralisada. Podia mexê-la um pouco, mas sentia dores atrozes nas articulações, principalmente na da coxa. Andei alguns metros de quatro e depois consegui me levantar e caminhei apoiando-me na parede, saltando numa perna.

Na porta do banheiro, dois rapazes, com uns quinze anos, *jeans* muito justos, blusão de cetim, duas bichinhas, olhavam aquele fantasma saltando sobre um pé. Eles mal tiveram tempo de me agarrar no ar antes que eu me arrebetasse no chão. Sacaram na hora o que se passava comigo e um deles disse: — Bem, eis uma confusão. — Não os conhecia, mas eles já me haviam visto na Estação Zoo. Colocaram-me num banco. Fazia um frio terrível naquela manhã de outubro. Um dos rapazes me deu um Marlboro. Pensei: "É gozado... por que essas bichas fumam sempre Camel ou Marlboro?" No fundo, estava muito contente de não estar morta.

Contei o que se passara. Stella fizera uma sujeira comigo, e eu me

picara com meio grama. Aqueles dois jovens foram muito bonzinhos: se eu quisesse ir a algum lugar, eles me levariam. A coisa me irritou, não tinha vontade de refletir. Pedi-lhes que me deixassem no banco, mas eu tremia de frio e era incapaz de andar. Eles propuseram levar-me a um médico.

Não queria saber de médico. Eles disseram que conheciam um, um cara muito legal, um pederasta. Um médico bicha me deu segurança; na situação em que me encontrava, eu me sentiria mais segura. Eles foram chamar um táxi e me levaram à casa do amigo deles. O cara era legal mesmo. Ele me instalou em sua própria cama e então me examinou. Tentou fazer-me falar de droga e tudo o mais, mas eu não tinha vontade de falar com ninguém. Pedi-lhe um sonífero. Ele me deu um, juntamente com outros remédios.

Comecei a ter febre e a sangrar pelo nariz. Dormi durante dois dias quase sem parar. No terceiro dia, quando minha cabeça começou a funcionar mais ou menos bem, não agüentei mais. Não queria pensar. Esforcei-me para não refletir. Ruminava duas idéias sem parar: "O bom Deus não quis que você batesse as botas desta vez; da próxima, você toma um grama completo".

Tive vontade de sair, de ir à "cena", de me picar, de voar e, principalmente, não pensar. Até a hora da dose mortal bem-sucedida. Ainda andava com dificuldade. O médico pederasta, atencioso, me deu uma bengala. Fugi com ela, mas joguei-a fora no meio do caminho, pois não queria fazer minha reparação apoiada em bengala. Cerrando os dentes, podia dispensá-la.

Cambaleando, cheguei à corrida pelo dinheiro na Estação Zoo. Fiz muitos clientes. Havia entre eles até mesmo um estrangeiro sujo. O contrato que Babsi, Stella e eu fizéramos era gozado. Combináramos nunca fazer nada com um estrangeiro sujo. De qualquer forma, agora nada mais me importava. Dava tudo no mesmo.

Talvez ainda tivesse a esperança de que minha mãe viesse me buscar. Se ela resolvesse me procurar, iria à Estação Zoo. Era por isso que eu não ia à Kurfürstenstrasse. Mas eu sentia que ninguém mais estava à minha procura. Bons eram os tempos em que minha mãe esperava pacientemente pela minha volta.

Comprei uma dose, piquei-me e voltei ao trabalho. Tinha necessidade de dinheiro para o caso de não encontrar cliente em cuja casa eu pudesse dormir. Deveria ir então ao hotel.

De repente, encontrei Rolf, antigo cliente de Detlef. Detlef tinha voltado nos últimos tempos a dormir em casa dele. Mas Rolf não era mais um cliente, pois ele se entregara à heroína e agora estava do outro lado da barreira. Ele tinha dificuldade para encontrar clientes, pois já tinha vinte e seis anos! Eu lhe perguntei se tinha notícias de Detlef. Ele se derreteu em lágrimas. Sim, Detlef estava em terapia. Sem ele a vida era uma merda, aliás, a vida não tinha sentido, ele gostaria de se desligar, ele amava Detlef e queria suicidar-se. Em resumo, ele me saiu com toda a ladainha dos viciados. Todas essas besteiras sobre Detlef irritaram-me. Eu não compreendia por que Rolf, esta bicha miserável, pensava ter direitos sobre ele. Detlef deveria deixar sua terapia e voltar. Nada mais que isso. Ele chegou até a lhe dar uma chave do seu apartamento. Ouvindo isso, estourei: — Você é um filho da puta, um nojento! Você deixa a chave com Detlef e assim ele saberá que conta com um ponto de retorno quando a terapia estiver lhe enchendo o saco. Se você o amasse verdadeiramente, faria tudo para que ele se desligasse da droga. Mas você não passa de um pederasta sujo.

Rolf estava de bode, e não tive nenhuma dificuldade em deixá-lo furioso. Mas, de repente, me ocorreu uma idéia: e se eu fosse dormir em sua casa? Eu me acalmei e lhe propus, em troca de sua hospitalidade, fazer um cliente e comprar uma dose para ele. Rolf ficou todo feliz com a idéia de eu dormir em sua casa. Exceto eu e Detlef, ele não conhecia ninguém.

Dormimos juntos na cama grande. Na ausência de Detlef, eu me entendia melhor com ele. Não gostava dele, mas aquele infeliz era digno de pena.

Eis os dois grandes amores de Detlef na mesma cama de casal. E todas as noites era o mesmo teatro: Rolf me repetia que amava Detlef e dava uma boa chorada antes de dormir. Meus nervos ficavam em polvorosa, mas calava a boca, pois tinha necessidade daquele lugar na cama de Rolf. Eu me revoltei quando ele me disse que, depois da sua desintoxicação, Detlef iria viver com ele num belo apartamento. Aliás, dava tudo na mesma. Além do mais, pensava que, de certa forma, Rolf nos pesava na

consciência, minha e de Detlef: se ele não nos tivesse encontrado, teria continuado um simples operário pederasta e solitário, que tomava de vez em quando um fogo para esquecer suas misérias, e nada mais.

E assim, durante uma semana, a corrida pela grana e uma picada, a corrida pela grana e uma picada... e à noite, as lamentações de Rolf. Uma manhã, acordei com alguém abrindo a porta do apartamento e se agitando no corredor. Sem dúvida era Rolf. Gritei: — Não faça tanto barulho, tenho sono. — Era Detlef.

Nos beijamos, nos abraçamos. Alegria dos reencontros. De repente, percebi: — Você fugiu!

Ele me explicou. Como a todos os novatos, o encarregaram, por três semanas, de tocar o despertador. Exigir a pontualidade de um viciado é, mais ou menos, pedir-lhe o impossível. Pedir que se levante todas as manhãs na mesma hora e passe imediatamente à ação, ou seja, acordar os outros, é impor-lhe uma terrível prova. Essa era praticamente uma forma de seleção: reservavam as raras vagas de que dispunham para os que ainda tinham força de vontade. Detlef não agüentou a barra, não acordou três vezes, e eles o mandaram embora.

Detlef me contou que a terapia era legal. Bem, foi duro, mas da próxima vez ele conseguiria. Enquanto esperava, ele tentaria permanecer limpo — aliás, começaria a procurar, logo, uma outra vaga para terapia. Contou também que havia encontrado lá muitos dos nossos velhos conhecidos. Frank, por exemplo, que tentava desligar-se depois da morte de seu amigo Ingo. Aos catorze anos, como Babsi.

Perguntei a Detlef o que ele iria fazer. "Antes de mais nada, uma picada." Eu lhe pedi que me trouxesse um excitante. Ele estava de volta duas horas mais tarde em companhia de um certo Piko, um antigo cliente. Piko tirou um saco plástico de seu bolso e o colocou na mesa. Não acreditei no que vi: ele estava cheio de heroína — dez gramas. Nunca tinha visto aquela quantidade. Depois de ter passado o susto, disse a Detlef: — Você ficou louco de trazer dez gramas para casa?

— A partir de hoje sou fornecedor.

— Você pensou nos tiras? Se eles te pegam, você volta para a prisão, e por muitos anos.

Detlef se irritou: — Não tenho tempo de pensar nos tiras. E pare de me podar.

Ele começou a dividir imediatamente quadrados de papel de alumínio. Eles me pareciam muito pequenos e lhe disse: — Atenção, meu velho. O que conta é a aparência.

É preciso fazer pacotes maiores, com a mesma quantidade de mercadoria; pense no sabão em pó — enormes pacotes com apenas três quartos de conteúdo.

— Você começa a me deixar para trás. Faço grandes doses. As pessoas perceberão imediatamente. Logo saberão que comigo são bem servidas.

Então me ocorreu a idéia de perguntar a quem pertencia toda aquela heroína. A Piko, naturalmente. Que safado! Antigamente ele roubava os escritórios. Nem bem saíra da cana — ele estava em liberdade condicional — já queria ficar numa boa às custas do pobre e inexperiente Detlef. Ele comprara a mercadoria, ao preço de fornecedor, de cafetões da Potsdamerstrasse, que ele havia conhecido na prisão. Mas ele mesmo não queria vender. Aliás, não passava de um bêbado, que fazia Detlef trabalhar para ele.

Quando Detlef terminou seus pacotinhos, nós os contamos. Havia os de um grama, de meio e de um quarto. Eu nunca fui forte em matemática, mas vi imediatamente que o total dava só oito gramas, pois ele havia feito doses muito grandes. Se não tivéssemos verificado, teríamos que pagar os dois gramas de nosso próprio bolso. Bem, recomeçamos tudo. Como sempre, sobrava um pouco de pó colado no papel e eu o aproveitava para meu uso pessoal.

Detlef decidiu fazer pacotinhos maiores e esticou sua mercadoria com uma garrafa de cerveja; isso dava a impressão de que havia mais. Dessa vez, ele só fez pacotinhos de um quarto; chegamos, finalmente, a um total de vinte e cinco doses.

Consumimos duas imediatamente. Era preciso testar a mercadoria. Era heroína de boa qualidade. À noite levamos nosso estoque para a Treibhaus. Enterramos a maior parte atrás do estabelecimento, ao lado do lixo. Nunca ficávamos com mais de três saquinhos conosco. Assim, em

caso de batida, não seríamos imediatamente fichados como fornecedores. Tudo começou bem. Desde a primeira noite liquidamos cinco gramas. Souberam imediatamente que tínhamos heroína da boa e bem-servida. Apenas uma pessoa falava mal de nossa mercadoria: Stella, evidentemente — o que não a impediu de nos propor seus serviços de intermediária. Eu, pobre imbecil, aceitei. Ela teria um quarto, por cinco vendidos. Conclusão: não nos sobrou nada. Tinha sido combinado com Piko que, por dez gramas vendidos, teríamos um e meio. Uma vez pagos os intermediários, nossa atividade de fornecedores só nos permitia satisfazer nossas necessidades cotidianas de heroína.

Piko vinha fazer as contas todas as manhãs. À noite, nós tínhamos geralmente dois mil marcos em caixa, e isso representava mil marcos de lucro para Piko. E para nós, um grama e meio de heroína. Piko não corria praticamente nenhum risco, a não ser que nós o denunciássemos.

Ele tomou mais precauções. Imediatamente nos explicou que, se fôssemos presos e o entregássemos à polícia, seria bom encomendarmos o caixão, pois seus amigos da Potsdamerstrasse se encarregariam do "serviço". Não tínhamos como escapar, pois, mesmo em cana, tinha seus capangas por todo canto. Ele nos ameaçou, também, de fazê-los intervir no caso de saber que tentamos falsificar as contas. Nós acreditamos no que disse. Ainda mais que eu tinha um medo louco dos proxenetas, principalmente depois que eles torturaram Babsi.

Detlef não queria reconhecer que Piko nos explorava. — O que você quer? — ele me disse. — Primeiro, e é o essencial, você não faz *trottoir*. Não quero mais que você se prostitua. Eu também não quero mais fazê-lo. Então, temos que passar por isso.

A maior parte dos pequenos fornecedores estava na mesma situação que nós. Nunca teríamos o dinheiro suficiente para comprar os dez gramas diretamente do intermediário. Aliás, não conhecíamos a hierarquia. Como poderíamos entrar em contato com os proxenetas da Potsdamerstrasse? Os pequenos fornecedores de rua, eles próprios viciados, tinham geralmente necessidade de um vendedor que lhes pagasse em mercadoria. Mas eram aqueles pobres drogados que iam em cana. Os tipos como Piko estavam praticamente fora do alcance dos tiras, e não tinham dificuldade para substituir um fornecedor que fosse em cana. Por duas picadas ao dia, quase

todos os viciados estavam dispostos a fazer esse trabalho.

Depois de alguns dias nós não sentíamos mais segurança nas proximidades da Treibhaus. Estava cheio de policiais à paisana. Aliás, era muita tensão para mim. Organizamo-nos de outra maneira: eu servia de intermediária na Treibhaus e mandava os clientes para Detlef, que ficava escondido um pouco mais adiante.

Mais ou menos uma semana mais tarde, num dia em que Detlef imprudentemente passeava ao lado da Treibhaus com os bolsos cheios de heroína, um carro parou ao seu lado. O motorista perguntou-lhe a direção da Estação Zoo. Detlef entrou em pânico e saiu correndo, jogando seu estoque no primeiro arbusto que encontrou.

Detlef me explicou que aquele cara era, seguramente, um tira. Pois ninguém ignorava onde era a Estação Zoo.

A coisa ia mal. Víamos um tira em cada automobilista, em cada transeunte que andava no Kudamm. Nem sequer ousávamos tentar recuperar nossa heroína: e se os tiras nos esperassem?

Estávamos na merda. No dia seguinte não poderíamos acertar as contas com Piko. Dizer-lhe a verdade? Ele não acreditaria em nós. Tive uma idéia: contaríamos que fôramos roubados por estrangeiros sujos... eles pegaram tudo, droga e dinheiro. — De qualquer forma, a coisa vai esquentar, então é melhor gastar o que temos. Além disso, é nojento, pois este filho da puta ganha mil marcos por dia nas nossas costas, e nós nunca temos nada. Eu preciso comprar roupas, não tenho uma roupa de inverno. Não posso passar todo o inverno com o que vestia quando fugi do hospital.

Detlef acabou compreendendo que não faria grande diferença se déssemos a Piko duzentos marcos ou nada.

Na manhã do dia seguinte, bem cedinho, fomos à feira de coisas usadas. Quando via qualquer coisa que me agradava, Detlef experimentava primeiro e eu, em seguida. Só queríamos roupas que servissem em nós dois. Eu me decidi por um velho casaco de pele de coelho, preto. Ele caía bem em Detlef. Ele ficava muito bonito com o casaco. Depois compramos perfume, uma caixa de música e outras miudezas. Mas não gastamos todo o nosso dinheiro, não éramos capazes de comprar uma coisa só pelo prazer de comprar. Escondemos o que sobrou.

Mal chegamos à casa de Rolf, Piko chegou. Detlef disse que ainda não havia tomado a sua picada, e que precisava fazê-lo antes de fechar as contas. Claro que não era verdade, pois já tínhamos nos picado, como sempre, logo depois de acordar. Mas Detlef tinha medo do que iria acontecer com Piko...

Piko disse: — Está bem — e mergulhou em um de seus romances de terror. Detlef se picou com mais um quarto e dormiu antes de ter retirado a agulha do braço.

Pensei: "Bem, não é nada anormal que ele tenha vontade de dormir depois de duas picadas como essas, mas é preciso retirar a seringa do braço, senão o sangue vai se coagular na agulha e será difícil retirá-la. Além disso, não temos outra". Limpei a picada do braço de Detlef com álcool e um pedaço de algodão. Eu o achei estranho. Ergui o seu braço e ele caiu todo mole. Sacudi Detlef para acordá-lo e ele escorregou da poltrona. Sua cara estava toda cinzenta. Seus lábios estavam azuis. Abri sua camisa para ouvir as batidas do seu coração. Nada.

Corri para a casa da vizinha, uma aposentada, e lhe pedi licença para usar o telefone. Era um caso de urgência. Liguei para o pronto-socorro da polícia. — Meu amigo não respira mais. É uma *overdose*. — Dei-lhes o endereço. Aí apareceu Piko gritando: — Pare, ele voltou a si! — Falei ao tira: — Não, obrigada, não precisa se incomodar. Alarme falso. — E desliguei.

Detlef estava deitado, reabriu os olhos. Piko me perguntou se eu havia falado de droga aos tiras e se eu lhes havia dado o endereço. — Não, diretamente não. Acho que eles não pegaram na hora.

Piko me chamou de imbecil histérica. Deu uma bofetada em Detlef, mandando que se levantasse imediatamente. Eu lhe disse para deixar Detlef em paz. Ele gritou: — Cale a boca, imbecil! Vá buscar água. — Voltando da cozinha, encontrei Detlef em pé e Piko lhe passando um sermão. Toda feliz de ver Detlef em pé, fui beijá-lo, mas ele me empurrou. Piko jogou água na cara dele e disse: — Venha, meu caro, vamos nos mandar.

Detlef ainda tinha a cara toda cinzenta e mal se mantinha de pé. Supliquei-lhe que voltasse a se deitar. Piko começou a gritar: — Cale a boca! — e Detlef disse: — Não tenho tempo. — Eles partiram, com Piko

sustentando Detlef.

Fiquei completamente perdida. Tremia todinha. Achei, por um momento, que Detlef estava morto. Joguei-me na cama e tentei me concentrar num romance de terror. Tocou a campainha. Olhei pelo olho mágico. Os tiras.

Perdi completamente o controle. Em vez de me mandar pela janela, abri a porta. Com muita dificuldade inventei uma explicação: o apartamento pertencia a um pederasta que estava viajando e o emprestara a mim. Hoje de manhã dois jovens apareceram no meu quarto, tomaram uma picada no braço e um deles se apagou, então chamei a polícia.

Os tiras perguntaram-me o nome dos caras; se eu poderia descrevê-los, etc. Inventei um monte de coisas. Eles verificaram minha identidade. O resultado não demorou: — Bem, você vem conosco. Comunicaram-nos seu desaparecimento.

Eles foram bonzinhos comigo. Deixaram-me colocar dois livros no meu saco plástico e escrever uma carta para Detlef: "Caro Detlef, como você deve ter percebido, me embarcaram. Outras notícias seguem na primeira oportunidade. Eu te beijo ternamente. Tua, Christiane". Colei a carta com um pedaço de durex na porta do apartamento.

Fui levada primeiro à delegacia da Friedrichstrasse e depois à prisão onde estavam recolhidos os presos de passagem, onde me meteram numa cela que me lembrava uma cena de banguê-banguê: uma parede toda de grades e, quando a porta se abria ou fechava, fazia o mesmo barulho que na prisão do xerife de Dodge City. Eu me grudei na grade, subindo nas barras. Era muito deprimente. Então deitei no jirau e, como estava ainda drogada, dormi. Trouxeram um recipiente para que eu mijasse dentro, fariam uma análise da urina. Veio, também, um balde, para aparar o resto da urina. Qualquer pessoa que passasse por ali poderia me ver mijando. Não me deram nada para comer nem para beber durante todo o dia.

No fim da tarde, minha mãe apareceu. Ela passou diante da grade, dando-me uma olhadinha. Tinha que acertar alguma coisa com os tiras. Depois abriram a porta e minha mãe me disse boa-noite e me segurou pelo braço com muita força. Um carro nos esperava lá fora. Klaus, o companheiro de minha mãe, estava ao volante. Minha mãe me enfiou com

força no banco traseiro e sentou-se a meu lado. Ninguém falou nada. Klaus parecia estar perdido. . . rodamos por Berlim. Pensei: eles estão é completamente gagás. Estão tão perdidos que nem acham a estrada para Kreuzberg.

Paramos para pôr gasolina. Disse à minha mãe que estava com fome e que queria chocolate. Ela me comprou três. No fim do segundo eu me sentia mal. Klaus foi obrigado a estacionar, pois eu precisava sair para vomitar. Estávamos na auto-estrada. Aonde eles me levavam? Talvez a uma casa de correção. Eu fugirei. Então vi a placa: "Aeroporto Tegel". Esta era a maior! Eles queriam me expulsar de Berlim.

Descemos do carro. Minha mãe, sem perder nenhum segundo sequer, me segurou tão firmemente quanto antes. Então pronunciei a segunda frase da noite: — Você poderia me soltar, por favor? — Falei lentamente, ressaltando cada palavra. Ela me deixou, mas ficou vigilante. Klaus parou.

Ele também estava atento. Eu estava indiferente. Que fizessem o que quisessem, pois de qualquer maneira eles não tirariam nada de mim. Quando minha mãe me empurrou para a porta marcada "Hamburgo", dei uma olhadinha ao redor, para ver se havia uma maneira de me mandar. Mas estava muito arrasada para tentar.

Hamburgo! Que azar! Tinha uma avó, uma tia, um tio e um primo que moravam num vilarejo a cinqüenta quilômetros de Hamburgo. Nada mais burguês. A casa deles era mantida tão impecavelmente que dava vontade de vomitar. Nem um só grão de pó. Certa vez andara descalça durante horas, pela casa, e à noite não tive nem necessidade de lavar os pés...

No avião fingi estar absorvida em um romance de terror. Aliás, li algumas páginas. Minha mãe seguia muda como um peixe. Ela nem mesmo disse aonde iríamos.

Quando a aeromoça falou seu blablablá habitual, tipo viagem agradável.. . prazer em revê-los em breve, etc., percebi que minha mãe chorava. E então ela começou a falar como uma metralhadora. Ela sempre só quisera o meu bem. Ela sonhara, nestes últimos dias, que tinham me encontrado morta no banheiro, com as pernas tortas, com sangue por todo canto. Assassina por um fornecedor. E a polícia lhe pedia para ir

identificar-me.

Eu sempre pensei que minha mãe tinha uma forte intuição. Se uma noite ela me dizia: — Não saia, meu bem, tenho uma estranha impressão —, sempre me acontecia algo: prisão numa batida, roubo, em resumo, uma história suja. Ouvindo-a contar este sonho, pensei em Piko, em suas ameaças e em seus amigos proxenetas. Talvez minha mãe tivesse acabado de salvar minha vida. Não pensei em nada além disso. Eu me proibi. Desde que fora mal sucedida na minha "saída", não queria mais refletir.

Minha tia nos esperava no aeroporto. Almoçamos com minha mãe, que partia no avião seguinte. Pedi um *Florida-Boy*: eles não o tinham naquele restaurante superluxuoso. Hamburgo era verdadeiramente um buraco perdido, onde não havia nem mesmo *Florida-Boy*. Não bebi nada e, no entanto, morria de sede.

Minha mãe e minha tia fizeram um discurso. As duas, em meia hora, traçaram o programa dos meus próximos anos: iria à escola, faria novos amigos, aprenderia uma profissão interessante e retornaria a Berlim com uma qualificação profissional. Como era simples. Minha mãe chorou ao se despedir. Eu me recusei a sentir qualquer coisa. Estávamos em 13 de novembro de 1977.

A Mãe de Christiane

A jornada foi dura. Sozinha, sem ter com quem dividir minha angústia, estava muito tensa. Finalmente pude chorar durante o vôo de volta. Estava triste e aliviada ao mesmo tempo: triste pela separação de Christiane, aliviada por tê-la finalmente arrancado da heroína.

Dessa vez estava certa de ter tomado a decisão correta. O fracasso da experiência com a Narconon deu-me a certeza de que a única solução era levar Christiane a um lugar onde ela não encontrasse heroína. Era a sua única chance de sobrevivência. Quando seu pai a tomou sob sua responsabilidade, abriu-me a possibilidade de julgar, tomando certa distância. Cheguei à conclusão de que, se ela ficasse em Berlim, estaria condenada. Meu ex-marido estava enganado ao me assegurar que ela tinha

se desintoxicado, e eu não acreditava. Há muito tempo temia pela vida de Christiane e nunca teria pensado que isto ainda poderia ser pior. Depois da morte de Babsi não tive nenhum minuto de tranqüilidade.

Queria enviar Christiane para junto de minha família, mas seu pai não quis. Como Christiane vivia sob seu teto, ele tinha obtido sua guarda temporária. Não consegui convencê-lo. Ele não chegava a compreender. Talvez porque ele não tivesse minha experiência ou fosse incapaz de reconhecer seu fracasso.

Além disso, recebi notificação da condenação de Christiane por infração à lei sobre estupefacientes. A Sra. Schipke, da brigada de estupefacientes, me advertiu por telefone. Segundo ela, não devia me sentir culpada: — O que você quer? Quando alguém quer se picar, se pica. — Ela conhece muitos drogados de boa família que também foram chamados como Christiane a comparecer diante do tribunal. — É preciso não se apavorar — assegurou-me.

Fiquei chocada, ao ver entre as provas contra minha filha um saquinho de heroína encontrado em seu quarto. Fui eu que o achei, e, na afobação, telefonei à Sra. Schipke. Quando ela me pediu, a hipócrita, para fazer uma análise do material, eu não pensava que minha descoberta seria um dia utilizada contra minha filha. Ela tinha me dito: — Não indique o expedidor, e dessa forma nada poderá ser provado.

Não é justo condenar jovens como Christiane por toxicomania. Christiane não fez mal a ninguém. Ela se autodestruiu. Quem pode julgá-la? Além do mais, que eu saiba, nenhuma prisão curou um toxicômano.

A leitura dessa peça de acusação reforçou ainda mais a minha decisão. Juntei toda a minha coragem e fui procurar o Serviço de Tutelas. Expliquei-lhes toda a situação. Pela primeira vez, desde que freqüento os escritórios dos serviços públicos, me ouviram atentamente. O assistente social que me atendeu, Sr. Tillmann, julgava igualmente preferível afastar Christiane de Berlim. Esperando que me dessem a guarda de Christiane — poderia demorar certo tempo — ele iria tentar encontrar lugar em um centro de terapia. Meu ex-marido concordaria mais facilmente com isso. Ê seguro. Eu sentia que por uma única vez não se tratava de promessas no ar. O Sr. Tillmann assumia verdadeiramente o caso de Christiane.

Uma tarde, um pouco depois dessa entrevista, tocou a campainha. Era Christiane, que estava de volta da consulta antidroga. Ela estava esgotada, cheia de heroína, falava de suicídio e de *overdose*. Eu a acalmei e a fiz dormir. Em seguida, chamei o Sr. Tillmann. Ele chegou logo em seguida. E nós três, com Christiane, traçamos um plano de ação. Primeiro ela iria passar alguns dias no hospital psiquiátrico, para se desintoxicar fisicamente. Em seguida, ela iria diretamente para uma comunidade terapêutica (até lá, encontraríamos um lugar para Christiane, fosse através da consulta antidroga, fosse através do Sr. Tillmann).

Christiane se mostrou cheia de boa vontade. O Sr. Tillmann se ocupou das formalidades, e tudo caminhou rapidamente. Conseguimos uma entrevista com o psiquiatra e com o médico da Previdência Social. Munido de atestado médico, o Sr. Tillmann foi ver meu ex-marido e o convenceu a assinar o pedido de internação voluntária. Eu podia, enfim, levar Christiane à clínica.

Quinze dias mais tarde ela era transferida para o Hospital Rudolf-Virchow, para tratamento de sua micose. Eu estava convencida de que as pessoas do Bonnies Ranch não deixariam uma menina toxicômana livre, que a vigiarão durante a viagem e continuarão a se ocupar dela em Rudolf-Virchow. Mas eles se limitaram a levá-la. Depois não era mais seu problema. Ela não teve nenhuma dificuldade em fugir. Que negligência! Com isso, perdi o último resto de confiança nas instituições. Eu pensei: "Não posso contar com ninguém a não ser comigo mesma". O Sr. Tillmann tentou me levantar o moral.

Felizmente, a fuga de Christiane foi de curta duração. No outro dia à noite ela veio chorar nos meus braços. Ela pedia perdão. Ela havia se picado mais uma vez. Eu não gritei com ela. Antes eu descarregava minha raiva sobre ela, desesperada pela minha incapacidade de ajudá-la. Agora minha agressividade se extinguiu. Eu a tomei nos meus braços e conversamos. Calmamente.

Christiane queria seguir o plano de ação traçado. Eu lhe disse: — De acordo. — Mas deixando bem claro que, na primeira besteira, ela partiria para a casa da avó. Sem discussão. Ela me deu sua palavra de honra.

Durante muitos dias ela foi regularmente às consultas antidroga. Ela se tornara persistente, chegou a esperar pela sua vez horas e horas. Em casa,

sentava-se à mesa, e redigia seu *curriculum vitae* para preencher as formalidades de admissão.

Eu enxergava o fim do túnel. Tinha-se encontrado uma vaga em uma comunidade terapêutica — era praticamente certo. Conversávamos sobre as festas de Natal: ela não poderia passá-las em casa, pois estávamos no início de novembro.

Nesse meio tempo, meu ex-marido tinha compreendido a inutilidade dos seus esforços e renunciado a se opor aos nossos projetos. Voltávamos a pisar em terra firme.

Foi então que Christiane teve icterícia pela segunda vez. Uma noite, bruscamente, ela teve quarenta e um graus de febre. No dia seguinte eu a levei à Clínica Steglitz. Ela estava amarela como um marmelo e não conseguia manter-se de pé. A doutora que a examinou disse-me: — Ela tem o fígado congestionado por causa da droga. — Infelizmente não poderiam interná-la, pois a clínica não tinha serviço de isolamento, disseram. Era uma mentira. Depois eu me informei: a Clínica Steglitz tem um serviço de isolamento de vinte e cinco leitos. Na realidade, eles não querem drogados: a clínica é muito "boa" para isso. Resumindo, a doutora fez um pedido de admissão ao Hospital Rudolf-Virchow.

O estado de Christiane melhorou em alguns dias, ela reencontrou seu dinamismo e se preparou para fazer uma terapia. O conselheiro do Centro Antidroga da Universidade Técnica veio vê-la. Todos cuidavam dela. Há muito tempo que não tinha estado tão otimista.

Até o dia em que sua amiga Stella veio vê-la. Eu tinha pedido à enfermeira que não deixasse ninguém entrar durante minha ausência — com exceção, é claro, do conselheiro do Centro Antidroga.

Mas cometi uma falta imperdoável: levei Detlef comigo para vê-la. Ela tinha muita vontade de vê-lo. Detlef tinha acabado de ser solto e tinha sido posto em liberdade vigiada. Tinha sido admitido em um centro de terapia. Eu não tinha coragem de impedi-los de se rever: os dois se amam. Pensava que talvez eles se encorajassem mutuamente. Um ficaria contente com o fato de saber que o outro também estaria fazendo terapia. Como pude me mostrar tão ingênuo?

Christiane começou por desaparecer durante algumas horas. Uma

noite, após meu trabalho, fui vê-la como habitualmente, e percebi que ela tinha se picado. Ela tinha voltado alguns minutos antes da minha chegada. A coisa em si não me parecia grave. Quando ela se pôs a me contar mentirinhas, dizendo que ia à cidade comer macarrão, quando recomeçou a mentir, senti minhas pernas bambas.

Pedi autorização para passar a noite com Christiane. Pagando, naturalmente. A enfermeira me explicou que infelizmente isso não era possível. — Mas de agora em diante vigiaremos Christiane. — Três dias mais tarde, a enfermeira veio ao meu encontro na porta do meu serviço e me disse: — Sua filha não está mais no hospital.

— Ah, é? Você pode me dizer onde ela está?

— Nós não sabemos. Ela conseguiu autorização para passear no parque e não voltou mais.

O que senti ouvindo tais palavras não posso descrever. Voltei para casa e sentei-me ao lado do telefone. À noite, às onze e vinte, telefonaram do hospital dizendo: ela voltou. A indiferença da enfermeira me abalou. — Se fugiu, fugiu. O problema é seu. Os drogados estão acostumados a fugir. Todos fogem. — Eis o que me responderam quando fiz reclamações à enfermeira.

A doutora parece também não ter-se comovido. Disse-me pura e simplesmente que ela não podia fazer nada. Se Christiane cometesse uma nova infração ao regulamento, eles seriam obrigados a mandá-la embora por indisciplina. Além do mais, "temos agora o resultado das análises biológicas: se ela continuar assim, não passará dos vinte anos. Vamos tentar conversar racionalmente com ela. Infelizmente é tudo o que podemos fazer".

Na noite seguinte, novo telefonema do hospital. Christiane fugira novamente. Passei a noite no sofá, ao lado do telefone. Christiane não voltou. Ela desaparecera durante duas semanas inteiras sem dar notícias.

Nos dois ou três primeiros dias eu e meu companheiro partimos à procura de Christiane. Percorremos as discotecas e as estações de metrô. O hospital me pediu que eu fosse buscar as coisas de Christiane. Quando cheguei a casa com sua mala, seus livros, decidi, pela primeira vez, lavar as mãos. Que ela se danasse.

Pensei: "Bem, se é isso que ela quer, que siga o caminho para ver aonde vai dar". Cansei de procurá-la. Estava ferida, e esta não era mera figura lingüística. Queria mostrar-lhe que minha paciência tinha-se esgotado. Agora penso que não sabia quanto tempo teria sido capaz de perseverar nesta atitude.

Comuniquei seu desaparecimento à polícia e deixei-lhe sua foto. Eles acabariam pegando-a, possivelmente por ocasião de uma batida. "Depois disso, meto-a no primeiro avião e levo-a para longe de Berlim", pensei.

Ao fim de quinze dias, numa manhã de segunda-feira, recebo o esperado telefonema: Christiane estava na delegacia da Friedrichstrasse. Meu interlocutor mostrou-se extraordinariamente compreensivo. Apesar de Christiane estar aprontando a maior confusão, pedi-lhe que a mantivesse sob sua guarda até o começo da tarde, e nós deixaríamos, em seguida, a cidade de avião.

Fui comprar as passagens. Uma de ida e volta para mim e outra apenas de ida para Christiane. Quando pedi as passagens me senti mal, ao pronunciar: "Uma só de volta". Em seguida, telefonei para minha família.

Pedi a Klaus que me acompanhasse ao recolhimento de menores. Eu sabia que nós dois poderíamos impedir sua fuga.

Christiane não disse nada. Eu também não. Não me sentia capaz. Enquanto cumpríamos as formalidades para o embarque, sentia minhas pernas tremerem e meu coração disparar. Christiane mantinha-se calada. Nem sequer me olhava. Até a partida do avião ficou em silêncio, imóvel, no sofá, roendo as unhas ou lendo um romance que ela tinha trazido. Não tentou fugir.

Quando o aparelho ganhou altura, ela começou a olhar pela janela. Caía a noite. Disse à minha filha: — Bem, terminou. O capítulo droga terminou. Você vai para a casa da sua tia Evelyne. Começar uma vida nova.

* * *

Passei meus quatro primeiros dias na casa de minha avó em crise. Quando consegui ficar em pé, me vesti de drogada: casaco de pele de coelho e botas de salto altíssimo. Em seguida, fui passear no bosque com o cachorro de minha tia.

Todas as manhãs era a mesma coisa: eu me vestia e me maquilava como se fosse à Estação Zoo e partia para o passeio na floresta. Meus saltos altos afundavam na terra, eu caía a cada dez metros e tinha os joelhos roxos devido aos tombos, mas quando minha avó queria me dar "sapatos para caminhadas", recusava horrorizada, pois só o termo "sapato para caminhadas" me repugnava.

Pouco a pouco me dei conta de que minha tia, com trinta anos exatos, era uma pessoa com quem se podia conversar, mesmo que eu não ousasse abordar com ela meus verdadeiros problemas. Aliás, eu não queria nem falar nem pensar neles. Meu verdadeiro problema chamava-se heroína e tudo o que se relacionava a ela: Detlef, a "cena", o Kudamm, o embalo, não ser obrigada a pensar, ser livre. Tentei não pensar muito, mesmo sem droga. Na verdade, eu só pensava numa coisa: você vai se mandar logo, logo. Mas, ao contrário das outras vezes, não fiz planos de fuga. Era só uma idéia: um dia você vai se mandar. Acho que não tinha muita vontade. Tinha muito medo do que, nesses dois últimos anos, chamei liberdade.

Minha tia me cercava com um monte de proibições. Eu tinha quinze anos e se, por acaso, me dessem autorização para sair, deveria voltar às nove e meia em ponto. Não sabia o que era isso desde os onze anos. Isso me desesperava, mas, estranhamente, quase sempre obedecia.

Fomos fazer as compras de Natal em Hamburgo. Partimos de manhã cedinho. E fomos para as grandes lojas. Horrroso! Horas tentando encontrar caminho numa multidão de burgueses miseráveis pescando mercadorias ou mexendo nas suas carteiras recheadas. Minha avó, minha tia, meu tio e meu primo experimentavam roupas. Não encontramos presentes para tia Edwige, para tia Ida, Joaquim e nem para o Sr. e Sra. Fulano de Tal. Meu tio precisava encontrar um par de palmilhas para ele e mais um troço para o carro que era melhor comprar numa grande loja, pois era mais barato.

Minha avó, tão pequena, fuçava com tanto gosto que toda hora se perdia no meio da multidão. Depois, era preciso procurá-la. Às vezes ficava sozinha e, então, é claro que eu pensava em me mandar. Já havia descoberto uma "cena" em Hamburgo. Bastava sair para a rua, conversar com dois ou três tipos com cara de viciado e tudo continuaria como antes. Mas eu não me decidia, pois não sabia o que queria exatamente. É claro que pensava:

veja só essas pessoas, a única coisa que as faz voar é percorrer as grandes lojas e comprar. Melhor morrer num banheiro imundo que ficar como eles. E, sinceramente, se um viciado tivesse me abordado, eu teria partido.

Mas no fundo não queria partir. E por várias vezes pedi-lhes que me levassem para casa: — Não agüento mais. Voltemos. Vocês voltarão para fazer as compras sem mim. — Mas eles me olhavam como se eu estivesse ficando louca de repente, pois, para eles, fazer as compras de Natal era, sem dúvida, o momento mais excitante do ano.

À noite, não encontramos o carro. Andamos de estacionamento em estacionamento e nada de carro. Eu gostava da situação, pois, de repente, nos tornamos uma comunidade. Todo mundo falava ao mesmo tempo, cada um tinha uma idéia, mas tínhamos, no final das contas, um fim comum: encontrar o maldito carro. Eu achava a história toda muito engraçada e não parava de rir, enquanto os outros estavam cada vez mais afobados. O frio aumentava, todo mundo estava morrendo de frio, menos eu, pois meu organismo já havia enfrentado coisas piores.

E, para finalizar, minha tia se plantou sob a corrente de ar quente na entrada de Karstadt e se recusava a sair do lugar. Meu tio foi obrigado a puxar à força aquela gorda balofa. Acabamos encontrando o carro, e a história terminou com um estouro de riso geral. Na viagem de volta o ambiente era legal. Eu me sentia bem. Tinha a impressão de fazer parte de uma família.

Eu me adaptei um pouco. Ao menos tentava. Era difícil. Precisava tomar cuidado com a minha linguagem, com cada frase, com cada palavra. Quando deixava escapar um "merda", minha avó me repreendia na hora: — Uma palavra tão feia numa boca tão linda. — Como isso me irritava, tinha vontade de discutir, mas era melhor não... sempre acabava tendo um acesso de raiva.

Chegou o Natal. Meu primeiro *réveillon* em família, sob o pinheiro, depois de dois anos: no ano passado e no anterior passara a noite de Natal na "cena". Não sabia se ficava contente ou não. Decidi, em todo caso, fazer um esforço para parecer contente, ao menos no momento dos presentes. Na hora, não precisei me esforçar, pois realmente senti prazer. Era a primeira vez que ganhava tantos presentes de Natal. Num certo momento me surpreendi calculando quanto custara tudo aquilo e quantas doses de

heroína representava.

Meu pai veio passar o Natal conosco. Como sempre, ele não ficava lá. Nos dois feriados de Natal ele me levou a uma discoteca. Nas duas vezes tomei seis ou sete cuba-libres e depois dormi no banquinho do bar. Meu pai estava de uma certa forma feliz de me ver beber álcool. Eu pensava que iria acabar me habituando com aquele lugar, com aqueles goiabas e com a música da discoteca.

No dia seguinte meu pai voltou a Berlim: iria a um jogo de hóquei no gelo que não queria perder. Era a sua nova paixão.

Depois das férias de fim de ano, recomecei meus estudos. Sétima série. Isso me dava medo, pois não havia feito praticamente nada nos últimos três anos, e, além disso, no ano anterior faltara muito — doença, desintoxicação ou simplesmente cabulava a aula. Mas, desde o primeiro dia, minha nova escola me agradou. Naquela manhã nos mandaram fazer um grande desenho cobrindo uma parede inteira da sala de aula, e eles logo permitiram que eu participasse daquele trabalho coletivo. Desenhamos casas, belas casas antigas. Exatamente iguais àquelas em que eu gostaria de morar. Pusemos nas ruas gente sorrindo, e pusemos um camelo amarrado numa palmeira. Um desenho genial. E escrevemos embaixo: "Sob a calçada, a praia".

Depois eu me dei conta: havia um desenho quase idêntico no Centro de Jovens. Mas lá a legenda dizia: "Não seja um chorão, não seja um beberrão, pegue a foice e o martelo". No Centro, os politizados eram os dominadores.

Logo constatei que os jovens do campo, mesmo os das cidadezinhas próximas ao nosso vilarejo, também não eram felizes. Era certo que exteriormente existiam grandes diferenças com relação a Berlim: muito menos confusão na escola, a maior parte dos professores ainda tinha autoridade. Tínhamos até um outro aspecto: a maioria dos jovens se vestia ainda como se deve.

Meus conhecimentos deixavam muito a desejar, mas queria vencer: ao menos, conseguir meu diploma. Desde a escola primária, era a primeira vez que fazia os deveres escolares. Depois de três semanas estava mais ou menos integrada na classe e achava que estava no bom caminho. Um dia,

quando estávamos tendo aula de cozinha, recebi uma convocação do diretor. Ele estava sentado no seu escritório e folheava nervosamente um dossiê. Compreendi: era o meu dossiê que ele acabava de receber de Berlim. Eu sabia que meu dossiê não escondia nada das minhas atividades extra-escolares. A Ajuda à Infância informou a direção da minha escola.

O diretor tossiu baixo por alguns instantes e depois me disse que sentia muito, mas não poderia me deixar no seu estabelecimento. Eu não preenchia as condições para ser admitida em um colégio de ensino secundário. Acho que meu dossiê o traumatizara verdadeiramente, pois ele nem mesmo esperou o fim das aulas e mandou chamar-me em plena aula para me expulsar.

Não disse nada. Fui incapaz de falar qualquer coisa. Não me queriam nem por uma hora mais. Devia me apresentar no próximo intervalo ao diretor do curso complementar. Obedeci como um autômato. Uma vez no escritório do diretor do curso complementar, tive uma crise de choro. Ele me disse que tudo aquilo não era tão grave. Quem quer mesmo estudar pode fazê-lo em qualquer escola: o importante era ser aplicada e ter o diploma.

Quando saí, tentei refletir — havia muito que não o fazia. Eu não fiquei com pena de mim mesma. Era preciso pagar meus pecados. Eu me dei conta muito bem. Percebi, de repente, que todos os meus sonhos de vida nova, quando estivesse afastada da droga, eram besteiras. Os outros não me viam tal como eu me achava então, eles me julgavam pelo meu passado. Todos os outros: minha mãe, minha tia, o diretor.

Descobri também que era impossível mudar um pouco e me tornar uma outra Christiane, de um dia para outro. Meu corpo e meu espírito não paravam de me lembrar o meu passado. Meu fígado estuporado me cobrava pelo que eu o fizera sofrer. E a vida com minha tia não era tão tranqüila todos os dias. Ficava nervosa por um sim ou por um não, e brigávamos o tempo todo. O menor *stress* me deixava doente e eu não agüentava nenhuma contrariedade. Nos momentos de grande depressão, pensava que uma boa picada resolveria tudo!

Depois da minha expulsão da escola secundária, perdi toda a confiança no meu sucesso escolar. Nem ousava tentar mais. Uma vez mais eu me sentia sem vontade. Fui expulsa sem poder defender-me e, no entanto, aquele diretor não poderia saber, em três semanas, se iria

acompanhar o curso ou não. Não fazia projetos para o futuro. Bem, podia voltar a uma escola polivalente (havia uma por perto, bastava pegar um ônibus) e então provar a minha inteligência. Mas tinha muito medo de fraquejar, medo de um novo fracasso.

Compreendi aos poucos — precisava de certo tempo — o que significava a "descida aos cursos complementares". Naquele lugar havia duas discotecas, espécie de clube de jovens. Um era freqüentado quase unicamente por ginasianos e alunos da escola secundária e o outro, pelos aprendizes e alunos dos cursos complementares. No princípio eu ia ao clube dos ginasianos. Depois da minha expulsão, logo tive a impressão de que me olhavam atravessado. E então fui ao outro.

Para mim, era uma nova experiência. Em Berlim esse tipo de segregação não existia. Nem na escola polivalente nem, com maior razão, entre os viciados. Ali a coisa começava no pátio de recreio, dividido em dois por uma grande faixa branca que era proibido ultrapassar. De um lado os alunos da escola secundária e do outro os do curso complementar. Se queria conversar com os meus ex-colegas, devíamos ficar cada um de um lado da faixa. Separavam-se cuidadosamente os jovens com futuro promissor dos que já estavam para trás, nós, do curso complementar.

Essa era então a sociedade à qual me pediam para me adaptar? "Adaptar-se" era o termo favorito de minha avó. Isso não a impediu de me aconselhar, depois da minha expulsão da escola secundária, a evitar a companhia dos jovens do curso complementar fora das horas de aula e fazer amigos entre os ginasianos e alunos do colégio. Eu lhe respondi: — Você precisa encontrar uma razão, sua netinha está no curso complementar. Eu me adapto e farei amigos no curso complementar. — Isso deu uma briga daquelas!

Minha primeira reação tinha sido a de me desinteressar completamente pelo trabalho escolar, mas percebi que o professor orientador era um tipo muito legal. Ele tinha uma idade avançada e idéias totalmente atrasadas — um verdadeiro fascista. Às vezes tinha a impressão de que ele não fora "desnazificado" cem por cento. Mas ele tinha autoridade e sabia fazer-se respeitar sem gritar. Quando ele entrava na sala, todo mundo se levantava. Espontaneamente. Ele era o único por quem fazíamos isso. Ele nunca tinha aspecto cansado e se ocupava individualmente de cada

um de nós. De mim também. Muitos de nossos jovens professores eram certamente superidealistas, só que eles tinham trabalho demais.

Por uma série de motivos eles não eram mais avançados do que nós, alunos. Às vezes eles não ligavam e depois, vendo que era uma bagunça total, davam uma bronca. Principalmente quando eles não tinham respostas claras aos problemas que nos preocupavam. Eles apelavam sempre para os "se" e os "mas" — estavam tão desnorteados quanto nós.

Nosso orientador não nos deixava nenhuma ilusão sobre o futuro reservado aos alunos de um curso complementar. Ele não escondia que seria muito duro. Segundo ele, poderíamos, sendo um pouco aplicados, ser mais fortes que os ginásianos em certo número de matérias. Por exemplo, em ortografia — hoje os diplomados não conheciam mais a ortografia. O fato de saber redigir corretamente e sem erros um pedido de emprego nos daria um trunfo suplementar. Ele tentava nos ensinar a maneira de nos comportarmos com pessoas que se achavam superiores. E ele tinha sempre uma citação a fazer. Geralmente do século passado. Podíamos rir — aliás, a maior parte dos alunos o fazia —, mas eu achava que elas tinham um pequeno fundo de verdade. Não concordava sempre com as opiniões dos professores, longe disso. Mas o que agradava nele era que parecia saber ainda distinguir o branco do preto.

A grande maioria dos alunos não gostava muito dele. Achavam-no muito exigente e ficavam irritados de ouvi-lo o tempo todo fazendo discursos. De qualquer forma, a maior parte dos meus colegas não se interessava por nada. Alguns se esforçavam para ter um bom boletim, na esperança de que isso lhes permitisse arrumar um trabalho, mesmo saindo de um curso complementar. Eles faziam os seus deveres aplicadamente — exatamente o que era pedido. Não lhes ocorria ler um verdadeiro livro, se interessar por alguma coisa além do programa, isso não lhes passava pela cabeça.

Quando, por acaso, o orientador ou um dos jovens professores lançava uma discussão, só conseguiam gozações estúpidas. O pessoal da minha sala não tinha mais projetos que eu; aliás, como um aluno do curso complementar poderia fazer projetos? Se ele tivesse a chance de encontrar uma vaga de aprendiz, seria obrigado a pegá-la, quer o trabalho lhe agradasse ou não.

Muitos, na realidade, estavam pouco ligando para o que fariam mais tarde. Seu raciocínio era o seguinte: de qualquer forma, ninguém morre de fome neste país. Não tínhamos nenhuma chance de vencer na vida quando saíamos de um curso complementar; então, por que nos preocuparmos? Alguns daqueles caras seriam futuros gângsteres — percebia-se —, e outros já começavam a beber. Quanto às meninas, elas não quebrariam a cabeça: um dia ou outro, encontrariam um cara para satisfazer suas necessidades e enquanto isso podiam sempre ser vendedoras, operárias nas fábricas, se necessário, trabalhando até na linha de produção, ou ainda ficar em casa à toa.

Nem todos eram assim, mas aquele era o ambiente geral da escola. Nada de ilusões e, principalmente, nenhum ideal. Estava desmoralizada: não era assim que eu imaginava minha vida pós-droga.

Tenho me perguntado por que os jovens estão tão indispostos consigo mesmos. Nada mais lhes dá prazer, uma Mobilete aos dezesseis anos, um carro aos dezoito, vai por si só. E quando não temos, sentimo-nos miseráveis. Eu também, em todos os meus sonhos, imagino-me com um apartamento e um carro, é evidente. Matar-se, como minha mãe, por um apartamento ou um sofá novo, é coisa de débil. Era bom para nossos pais, com suas teorias ultrapassadas. Para mim, e acho que para muitos dos da minha geração, essas coisas materiais, esse pequeno conforto é o mínimo vital. Precisamos de algo mais. O que dá um sentido para a vida. E isto não vemos em parte alguma; mas certo número de jovens, e eu me incluo entre eles, está sempre em busca do que poderá dar sentido à vida.

Quando discutíamos em aula o nacional-socialismo, tinha sentimentos muito ambíguos. Por um lado estava profundamente chocada por todas aquelas atrocidades. Pensar que seres humanos eram capazes daquilo! Mas, por outro lado, pensava que outrora existiam coisas nas quais as pessoas acreditavam. Um dia eu mesma falei em plena aula:

— De certo ponto de vista, eu gostaria de ter vivido no período nazista. Pelo menos, os jovens sabiam onde estavam, tinham um ideal. Acho melhor para um jovem se enganar de ideal do que não ter nenhum. — Não estava falando sério, mas havia um pouco de verdade nisso.

Mesmo no interior, os jovens se lançavam em qualquer tipo de viagem por estarem de tal forma insatisfeitos com a imagem de vida

oferecida pelos adultos. O meu pequeno vilarejo não foi poupado pela violência: batíamos em vez de amortecer os golpes. O movimento *punk* (que chegou a Berlim com dois anos de atraso) fez alguns adeptos nos dois sexos. Sempre me escandalizou considerarem o *punk* uma viagem sensacional. Não passava de pura brutalidade. Mesmo a sua música não tinha nenhuma criatividade: não passava de um bum-bum-bum...

Tenho um amigo que se tornou *punk*. Era realmente um cara com quem se podia conversar até o dia em que começou a andar por aí com um alfinete espetado no rosto e um cassetete no bolso. Um belo dia, uma senhora brigou com ele no boteco do vilarejo: ele quebrou duas cadeiras em sua cabeça e enfiou-lhe uma garrafa quebrada na barriga. No hospital, foi salva por um triz.

O pior, para mim, era a dureza das relações entre os rapazes e moças. Falavam um monte de besteiras sobre a emancipação e a libertação da mulher. Acho que nunca os rapazes trataram as meninas com tanta brutalidade. Podia-se dizer que mostravam toda a sua grosseria. Sedentos de poder e de sucesso, eles os iam procurar junto às mulheres, pois não podiam encontrá-los em outra parte.

A maior parte dos caras que freqüentavam as discotecas do meu vilarejo me causavam um verdadeiro terror. Talvez pelo fato de eu ser um pouco diferente das outras garotas, eles estavam o tempo todo atrás de mim. Aqueles assobios, aqueles "E então, minha cara, vamos dar uma volta?" me irritavam mais do que as manias dos clientes da Kurfürstenstrasse. Eles, pelo menos, quando faziam sinais do volante de seus carros, ainda nos davam um sorriso. Mas esses chefões de vilarejo nem isso faziam. Acho que a maior parte dos clientes eram melhores e mesmo mais carinhosos do que essas carinhas com suas garotas. Eles queriam meter sem falar uma palavra ou fazer um gesto amável, sem a menor manifestação de ternura e, é claro, nunca lhes ocorrera a idéia de pagar por isso.

Isso me enojava de tal forma que não suportava mais que um rapaz me tocasse. Todas essas histórias de paquera me pareciam uma nojeira; por que um rapaz se arrogava, automaticamente, o direito de, no máximo, na segunda vez que saía com uma menina, começar a boliná-la? E a menina deixava, mesmo que não tivesse vontade. Simplesmente, era a regra do jogo. E ela tinha muito medo que o tipo a deixasse e contasse aos outros,

em caso de recusa: era uma idiota frígida.

Eu não aceitava. Mesmo quando gostava muito de um rapaz e tinha vontade de sair com ele, começava pondo os pingos nos is: — Não tente me tocar. Se deve haver algo entre nós, sou eu quem toma as iniciativas. — Mas havia seis meses, desde que havia deixado Berlim, que não transava. Quando o rapaz queria trepar comigo, eu sempre rompia.

Isso também, é claro, fazia parte da fatura a pagar pelo meu passado. Era difícil considerar a prostituição um efeito secundário, inevitável, da droga, não afetando o meu verdadeiro eu, pois isso afetou a minha relação com os rapazes. Tinha a impressão, muitas vezes, ao ver o comportamento dos caras, de que eles queriam explorar-me mais uma vez.

Tentei fazer com que as meninas de minha classe aproveitassem minha experiência com os homens, sem poder dizer exatamente como a adquirira. Mas minha mensagem nunca foi entendida de fato. É certo que me tornei, na minha sala, uma espécie de "Sra. Correio Sentimental", a quem elas vinham contar todos os seus problemas com os rapazes e pedir conselhos — elas sentiram que eu tinha maior experiência —, mas não pude fazê-las compreender o que gostaria verdadeiramente de dizer.

A maior parte daquelas meninas vivia somente para os rapazes e aceitava passivamente a insensibilidade, a crueldade das suas relações com eles. Se um tipo deixava sua garota e saía com outra, elas não criticavam o cara, mas sua nova namorada. Ela era a puta, a imunda e outras coisas mais. Frequentemente, os caras mais brutos eram os mais admirados.

Tudo isso eu só compreendi durante a viagem de nossa classe ao Palatinat. Estávamos alojados perto de uma discoteca, e a maior parte das meninas queria ir lá desde a primeira noite. Quando voltavam, elas não paravam de falar de uns caras barulhentos com máquinas terríveis — motoqueiros. Os motoqueiros, para elas, eram deuses.

Fui dar uma olhadinha na famosa discoteca. A coisa era simples: os tipos das redondezas chegavam com suas mobiletes, motos e carros, para paquerar as meninas em excursão escolar.

Tentei explicar às meninas da minha classe que aqueles caras só queriam explorá-las. Não valeu a pena. Ao menos uma hora antes da abertura da discoteca, eis as meninas em posição diante do espelho, se

maquilando e enrolando os cabelos. Depois elas não ousavam mais se mexer, de medo de estragar seu belo penteado.

Diante do espelho elas perdiam toda a personalidade. Elas não eram nada mais que sua própria máscara, encarregadas de agradar aos cavalheiros de muita potência. Ficava louca ao ver aquilo. Eu também, há bem pouco tempo, me maquilava e me fantasiava para agradar aos caras: primeiro aos fumantes de maconha e em seguida, aos viciados. Eu também estava desprovida de minha personalidade por não ser mais "a drogada".

Durante a viagem só se falava daqueles miseráveis paqueradores. No entanto, a maior parte das meninas tinha namoradinho em casa. Elke, que dividia o quarto comigo, até passou a primeira noite escrevendo para o seu. No dia seguinte, ela foi à discoteca e voltou toda deprimida. Ela me contou que um cara tinha passado a mão nela. Acho que foi só para mostrar às outras que um daqueles caras terríveis tinham se interessado por ela. Atormentada pelo remorso, ela chorava como uma Madalena arrependida, mas na verdade acreditava estar apaixonada pelo motoqueiro — seu namoradinho ainda não tinha moto. Na noite seguinte, ela estava na fossa, totalmente arrasada, e chorou a noite toda. Aquele cara havia perguntado a uma outra menina da classe: — Fala pra mim, aquela menina trepa? — Para uma outra menina, Rosie, foi catastrófico. Um professor a surpreendeu quando estava trepando, num carro. A infeliz estava completamente bêbada, pois o cara a tinha feito beber cuba-libre aos montes.

Rosie era virgem. E agora, é claro, estava em plena depressão. As outras meninas convocaram uma assembléia geral para decidir que castigo aplicar: a sua volta para casa foi pedida por unanimidade. Não pensaram um só instante em censurar o cara que a tinha feito beber e depois a tinha, mais ou menos, violentado. Fui a única a votar contra. Tudo o que elas conseguiram entender foi que, por causa dessa história, nossos professores nos proibiram de ir à discoteca.

Aquela falta total de solidariedade entre as meninas me enojava. Desde que se tratasse de problemas com rapazes, os laços de amizade eram esquecidos. Exatamente como entre mim, Babsi e Stella, quando se tratava de heroína.

Apesar de tudo, estava decidida a me acomodar com o mundo tal qual ele é. Não pensava mais em me mandar. Sabia muito bem que isso

significaria ir buscar novamente refúgio na droga. O que, percebia cada vez mais claramente, não era uma solução. Pensava que devia haver um meio-termo entre fugir dessa sociedade podre e me adaptar totalmente.

Encontrei um apoio: um amigo. Ele me trouxe uma grande serenidade. Com ele podia-se falar. Ele sempre sabia colocar as coisas no devido lugar. Era capaz de sonhar, mas também era prático. Ele também pensava que alguma coisa estava podre. Achava que batalhando poderíamos um dia recuperar, por assim dizer, a sociedade. Pretendia trabalhar no comércio, se encher de dinheiro. Depois, compraria uma casa de madeira no Canadá, em plena floresta, e seria lá que viveria. Detlef também sonhava com o Canadá.

Meu amigo era ginasião e me passou o seu gosto pelos estudos. Percebi que mesmo os cursos complementares poderiam dar-me algumas coisas se eu trabalhasse por mim mesma e não pelas notas. Comecei a ler muito. Sem critério. O *Werther*, de Goethe; as obras do escritor da Alemanha Oriental, Plenzdorf; livros de Hermann Hesse e, principalmente, de Eric Fromm. Seu livro *A arte de amar* tornou-se a minha Bíblia. De tanto reler páginas inteiras, acabei decorando-as. Copiei também passagens para pendurar sobre a minha cama. Esse Fromm é um cara legal, um espírito extraordinariamente penetrante. Se aplicássemos suas idéias, a vida deveria ter um sentido. Agüentaríamos a barra. Mas era muito difícil observar estas regras de vida, pois os outros não as conheciam. Gostaria de perguntar a Erich Fromm como ele faz para viver segundo os seus princípios em nosso mundo. Eu, em todo caso, constatei que, quando queremos nos servir deles para enfrentar a realidade, nunca funcionam.

Seja lá o que for, esse livro deveria ser leitura obrigatória em todas as escolas. Eu acho. Mas nem sequer ousava falar em aula, pois os outros pediriam a minha cabeça com gozações. Uma vez eu o abri durante a aula. Pensava encontrar aí uma resposta ao problema que acabava de ser levantado. O professor olhou o título do livro e imediatamente o confiscou. Quando fui reclamá-lo, após as aulas, ele recusou, dizendo-me: — Ah... a senhorita lê obras pornográficas durante as aulas! — ... No duro! O nome Fromm não lhe sugeria nada, e como esse título, *A arte de amar*, não poderia ser outra coisa que pornografia, forçosamente, a pequena puta drogada trouxera literatura pornográfica para corromper os alunos.

No dia seguinte, ele me devolveu o livro, elogiando-o. No entanto, era melhor não levá-lo à escola, pois o título se prestava a confusões.

Tive aborrecimentos muito mais graves, com o diretor. Era uma cara que não tinha confiança em si. Mais um frustrado. Apesar das suas funções, ele não tinha nenhuma autoridade. Então, tentava compensar conduzindo-nos com rigor. Quando tínhamos aula na primeira hora com ele, o dito cujo nos fazia cantar e fazer ginástica. Para nos enquadrar. A única maneira de ter boa nota com ele era repetir exatamente o que ele dizia.

Ele era também professor de música. Um dia quis nos agradar e nos falou da música que nos interessava. Não parava de falar do "jazz de hoje". Eu realmente não compreendia o que ele queria dizer com isso. Talvez a música *pop*? Perguntei: — O que quer dizer com "jazz de hoje"? O *pop* e o *rock* são muito diferentes do *jazz*. — Acho que não percebi o que tinha feito. Nem imaginava as conseqüências das minhas palavras. O diretor ficou furo de raiva e me expulsou da classe, gritando como um condenado.

Antes mesmo de fechar a porta, tentei me desculpar: — Temo que tenhamos nos compreendido mal. — Então ele me chamou. Mas eu não queria perder a parada e passei o resto da aula no corredor. Mas não perdi totalmente o controle sobre mim mesma: não me mandei.

No final daquela manhã, convocação ao escritório do diretor. Ele tinha um dossiê na mão. O meu, é claro. Ele o folheava e fingia ler. Depois ele disse que ali não era Berlim. Ele me havia concedido hospitalidade na sua escola e me pedia para que agisse bem, em consideração à sua boa vontade. Levando em conta as circunstâncias, ele tinha direito de me mandar embora de um dia para o outro.

Com essa, perdi completamente o rumo. Não queria mais voltar à escola. Estava sem forças para enfrentar a situação. Era muito para mim que coisas tão pouco graves fossem suficientes para me desorientar.

Eu me fechei como uma ostra. Antes, em parte sob influência de meu amigo, tinha prometido a mim mesma trabalhar bem para tentar, apesar das dificuldades que tínhamos que enfrentar quando saíamos de um curso complementar, voltar ao colegial e preparar meu vestibular. Não o faria mais. Sabia que não conseguiria nunca. Precisaria passar por exames psicológicos, obter uma autorização especial do inspetor da academia, etc.

Sabia muito bem que meu dossiê iria me preceder.

Restava-me meu amigo, aquele rapaz tão razoável. E depois, pouco a pouco, relacionei-me com os jovens do vilarejo. Pessoas muito diferentes de mim, mas muito simpáticas. No geral, eles estavam melhor consigo mesmos que os jovens do vilarejo vizinho. Formavam uma verdadeira comunidade. Tinham até seu próprio clube. Um clube sem paqueradores. Ali ainda reinava certa ordem à moda antiga. Bem, às vezes os rapazes bebiam muito. A maior parte dos rapazes e meninas me aceitaram apesar de eu ser muito diferente deles.

Acreditei, durante certo tempo, que poderia tornar-me um deles ou como o meu amigo. Mas isso não durou muito. Rompi com o cara quando, depois de muito tempo, ele quis dormir comigo. Não podia. Não podia dormir com ninguém, a não ser Detlef. Nem pensava. Ainda o amava. Pensava muito nele, mesmo que me esforçasse para não fazê-lo. Às vezes eu lhe escrevia para o endereço de Rolf. Mas era bastante sensata para nunca enviar a carta.

Soube que ele estava de novo em cana. Stella também.

Encontrei alguns jovens das redondezas pelos quais me sentia particularmente atraída. Podia falar-lhes livremente dos meus problemas. Junto a eles eu me sentia respeitada e não tinha medo de que eles descobrissem o meu passado. Eles tinham mais ou menos as mesmas idéias que eu sobre o mundo. Era inútil representar o papel de "se adaptar": estávamos na mesma onda. Entretanto, no início tentei guardar minhas distâncias porque todos, mais ou menos, mexiam com droga.

Minha mãe, minha tia e eu pensávamos que ali a droga fosse desconhecida. Pelo menos as drogas pesadas. Quando a imprensa falava de heroína, isso era sempre em Berlim e, no máximo, em Frankfurt. Aliás, eu estava convencida de ser a única ex-viciada num raio de cem léguas.

Na primeira vez que saí para fazer compras com a minha tia, me desenganei. Era o início de 1978. Fomos fazer compras em Norderstedt, uma cidade planejada, uma espécie de cidade-dormitório no subúrbio de Hamburgo. Como sempre, primeiro percebi os caras com um ar desligado. Perguntei a mim mesma: "Eles fumam, se picam ou são simplesmente estudantes?" Entramos em um bar. Um grupo de estrangeiros sujos estava

sentado a uma mesa. Dois deles se levantaram bruscamente e foram sentar-se a outra mesa. Não entendi por quê, mas senti imediatamente no ar tráfico de heroína. Disse à minha tia que queria sair daquele bar sem lhe dar explicações.

Cem metros mais longe, diante de uma butique de *jeans*, aterrissamos em plena "cena". Localizei imediatamente os viciados. Imaginei que eles me haviam reconhecido. . . eles reconheceram a drogada. Fiquei apavorada. Peguei minha tia pelo braço e disse-lhe que precisávamos sair dali imediatamente. Ela desconfiou de alguma coisa e tentou me acalmar: — Você não tem nada mais a ver com isso. — Eu lhe disse: — Eu ainda não sou capaz de enfrentar isso.

Mal cheguei a casa, troquei de roupa e tirei a maquilagem. Nunca mais pus minhas botas de salto alto. Desde então, tentei assemelhar-me, ao menos fisicamente, às meninas de minha classe.

Mas, no clube, ficava cada vez mais em companhia de pessoas que fumavam maconha e voavam. Uma vez fumei maconha e outra encontrei pretexto para recusar.

Depois, entrei numa turma formidável. Jovens dos vilarejos vizinhos, quase todos aprendizes, que tinham muitas coisas na cabeça. Pessoas que pensavam e que se questionavam. Quando discutia com eles, isso me trazia alguma coisa e, principalmente, eles não eram nem brutos nem agressivos. Havia um ambiente muito tranquilo naquela turma.

Um dia fiz uma pergunta idiota: — Por que sempre esta necessidade de voar um pouco? — Eles me responderam: — É evidente. . . é preciso se desligar de toda a merda da jornada...

Todos eles eram muito frustrados em seu trabalho. Com exceção de um: ele era sindicalista e encarregado em sua empresa dos problemas dos jovens trabalhadores. Encontrava um sentido no que fazia em toda a jornada. A maior parte do tempo não tinha necessidade de maconha para se sentir bem. Ele se contentava em beber alguns goles de vinho tinto.

Os outros saíam sempre tão frustrados e agressivos de seu trabalho, que ele lhes parecia totalmente destituído de sentido. Eles falavam o tempo todo em deixá-lo. Quando nos encontrávamos, sempre havia um para contar suas confusões com o mestre de aprendizado ou um outro problema

qualquer. Os outros então lhes diziam: — Não pensemos mais no trabalho. — A noite só começava de verdade quando o baseado começava a circular.

Por outro lado, tinha mais chance que eles: às vezes, meu trabalho escolar me agradava. Mas estávamos no mesmo barco: eu também não sabia para que aquilo tudo ia servir. Para que serviria todo aquele *stress*? Agora eu havia compreendido que não poderia fazer meu vestibular, nem mesmo conseguiria meu diploma. Além disso, eu me dei conta de que, mesmo com um excelente título de conclusão da escolaridade, uma ex-viciada não tinha nenhuma chance de encontrar um trabalho interessante.

A propósito, meu certificado de conclusão de escolaridade era excelente. Mas nada de aprendizado. Deram-me um emprego temporário em virtude de uma lei destinada a impedir os jovens desempregados de andar à toa pelas ruas. Havia quase um ano que não me picava mais. Sabia, é claro, que era preciso muitos anos para ficar totalmente desintoxicada. Por enquanto, aquilo não me causava grandes problemas.

À noite, quando nos encontrávamos, todos os rapazes e meninas da turma, em volta de um cachimbo de maconha e de uma garrafa de vinho tinto, os problemas diários eram esquecidos. Falávamos dos livros que acabáramos de ler. Nós nos interessávamos pela magia negra, pela parapsicologia e pelo budismo. Andávamos em busca de pessoas ligadas a uma boa viagem na esperança de que elas nos ensinassem algo, porque nós estivemos em viagens sem graça. Uma das meninas da turma, uma aluna de enfermagem, trouxe pílulas. Durante certo tempo, retornei ao Valium. Não toquei em LSD, pois tinha muito medo de fazer uma má viagem. Os outros, no geral, foram bem.

Em nosso vilarejo não víamos pessoas baratinadas com drogas pesadas. Se alguém quisesse, que fosse voar em Hamburgo. Também não havia fornecedor de heroína, o que tornava as coisas mais difíceis que em Berlim, Hamburgo ou mesmo Norderstedt.

Mas, se quiséssemos, de fato, não era difícil achar. Os caras tinham contato. Às vezes fornecedores passavam pelo pedaço com um bom sortimento. Bastava pedir qualquer coisa para voar e eles respondiam: "O que você quer? Valium, Valeron, maconha, LSD, cocaína, heroína?"

Em nossa turma, todo mundo pensava ser capaz de se controlar, de

não se arriscar a ficar dependente da droga. Em todo caso, a situação era diferente em muitos pontos do que era há três ou quatro anos, no conjunto Gropius.

Se a droga nos dava certa liberdade, ela não era absolutamente a mesma coisa. Não tínhamos necessidade do Sound, de música atordoante. As cintilações dos luminosos da Kurfürstendamm não tinham nenhum charme para os nossos olhos. Todos os fins de semana, partíamos para a aventura no Schleswig-Holstein. Deixávamos o carro em qualquer lugar e continuávamos a pé até que encontrávamos um lugar superlegal. Passeávamos constantemente no pântano, onde estávamos certos de não encontrar ninguém.

Mas o mais fantástico era a nossa pedreira de gesso. Um buraco gigantesco no meio da mata. Quase um quilômetro de comprimento sobre duzentos de largura e cerca de cem metros de profundidade. Paredes verticais. Embaixo, no fundo, era agradável, não havia vento. E nasciam plantas que não víamos em nenhuma outra parte. Este vale das maravilhas era cortado por riachos cristalinos, cascatas brotavam da muralha. A água escura enferrujava as rochas brancas. O chão estava coberto de pedaços de pedra branca que pareciam ossos de animais pré-históricos. . . e olhe lá se não eram verdadeiros ossos de mamute. Essas escavadoras gigantes, e os tapetes rolantes que faziam durante toda a semana uma confusão geral, pareciam, no domingo, imóveis e silenciosos há séculos. O gesso os vestira de branco.

Estávamos absolutamente sós. Separados do mundo exterior por abruptas muralhas brancas. Nenhum barulho chegava até nós. Não ouvíamos nenhum barulho a não ser o das cascatas.

Decidimos comprar a pedreira no dia em que ela não estivesse mais sendo explorada. Nós nos instalaríamos no fundo. Construiríamos cabanas, plantaríamos um imenso jardim, criaríamos animais. E dinamitaríamos o único caminho que leva à superfície.

De qualquer forma, não tínhamos nenhuma vontade de voltar lá para cima.

O AUTOR E SUA OBRA

Kai Hermann e Horst Rieck, jornalistas alemães, colaboradores da famosa revista "Stern", realizaram uma pesquisa séria e corajosa ao entrevistarem Christiane F. e as pessoas ligadas intimamente à sua vida, como, por exemplo, sua mãe e o Pastor Jurgen Quandt, responsável pelo Centro de Jovens, onde Christiane iniciou sua dramática experiência com drogas.

Eles resumem seu trabalho de forma incisiva e simples: "Quando, no início de 1978, encontramos Christiane F. — então com quinze anos —, ela depunha como testemunha num tribunal de Berlim. Pedimos-lhe uma entrevista que faria parte de uma pesquisa que realizaríamos sobre os problemas da juventude.

Tínhamos previsto duas horas para a entrevista, e elas se transformaram em dois meses. De entrevistadores passamos a ouvintes apaixonados e profundamente emocionados.

Este livro nasceu da gravação desse depoimento de Christiane F. É nossa opinião que esta história ensina mais do que o mais bem documentado relatório sobre a situação de grande parte da juventude.

Christiane F. quis que este livro surgisse. Como quase todos os viciados em drogas, desejava romper o silêncio opressivo que cerca os problemas dos tóxicos entre os adolescentes.

Todos os sobreviventes de sua turma, bem como os pais, apoiaram o nosso projeto e concordaram, para reforçar a autenticidade deste documento, com a publicação de seus nomes.

Ao depoimento de Christiane F. juntamos declarações de sua mãe e de outras pessoas que se ocuparam dela, assim completando a análise com uma perspectiva diferente".

Adaptado para o cinema, o relato de Christiane F. repetiu o mesmo sucesso que o livro havia feito. Quanto ao mais importante, o destino da própria Christiane, aconteceu uma grande transformação. Ela abandonou as

drogas e assumiu sua identidade completa, em meados de 1982, ao revelar o seu sobrenome: Felscherinow. Trabalhou em livrarias de Berlim, incursionou pelo jornalismo. Mais recentemente, decidiu profissionalizar-se como cantora e gravou um disco com canções punk.

Adendo

Após 30 anos, Christiane F. ainda luta contra vício

14 de Janeiro de 2006

Christiane Vera Felscherinow ainda não se livrou da guerra particular iniciada em 1975 contra as drogas. Aos 43 anos, a alemã chegou a um estado que alguns médicos consideram "irreversível": sofre de hepatite tipo C e de graves problemas circulatórios. A senhora Felscherinow é, para o mundo, Christiane F., drogada e prostituída aos 13 anos. Seu drama de vício da heroína virou best seller e filme cultuado na década de 80. Hoje, 27 anos depois do livro, Christiane é um retrato, ainda vivo, do poder destruidor das drogas. Apenas em dezembro de 2005, o serviço público de saúde alemão registrou duas internações da paciente, que há anos passa por inúmeros tratamentos de desintoxicação. Todos, invariavelmente, não a livraram do uso de heroína. A iminência de um "colapso circulatório com potencial risco às funções vitais" é descrita em pelo menos um relatório médico. Christiane tem de passar regularmente por sessões de hemodiálise. Mas além das agulhas e injeções hospitalares, ela sempre recorreu ao "pico" da heroína. Sem emprego fixo, Christiane sobrevive dos royalties das obras às quais empresta sua história. A vendagem de livros e a exibição do filme, porém, têm sido cada vez mais escassos. Sua situação financeira é limítrofe: vive com dois tios e o filho de 9 anos, Jan-Nicklas, num apartamento modesto em Berlim. É seu sétimo endereço em 15 anos. Desde que se tornou famosa ao ser "descoberta" por dois jornalistas alemães, que publicaram suas memórias em série na prestigiosa revista Stern, em 1979, Christiane tentou reconstruir a vida, sem sucesso. Chegou a anunciar que estava "limpa", livre das drogas. Anos depois, admitiu que isso nunca ocorreu, a não ser por um período máximo de cinco meses. Fez curso de contabilidade, mas quando começou a trabalhar num escritório acabou presa por posse de droga, em 1983. Depois, tentou ser vendedora de livros: durou três semanas na profissão. Christiane brincou de atriz (interpretou

uma dançarina de boate num filme B) e foi cantora de banda punk. Nada sério. Convicta, ela sempre diz que não se considera uma vítima das drogas. Pelo contrário, garante que faz tudo de forma absolutamente consciente. Em entrevista ao semanário holandês De Limburger, em 2005, Christiane deu um recado às milhares de pessoas que se chocam (mas que também admiram) com a sua história. "Eu nunca quis ser exemplo de nada a ninguém, acho que cada um deve saber o que está fazendo. Eu, pelo menos, sei o que faço".

O inferno de Christiane Vera Felscherinow começou em 1973, quando seus pais se divorciaram. Freqüentadora da discoteca Sound, conheceu Detlef, que se tornaria seu namorado. Viciado em heroína e garoto de programa, Detlef introduz Christiane na "gangue do Zôo", grupo de jovens berlinenses que usavam drogas numa famosa estação de metrô da cidade alemã. No local, ela se prostituiu dos 13 aos 15 anos, necessitando de três "picos" (doses da droga) por dia na reta final. No início, fazia programas para completar o valor do "pico". Ela dizia que só admitia sexo oral ou masturbação nos clientes. Dizia ser "seletiva", repelia os "nojentos", levava uma tarde inteira pra aceitar um cliente. Depois, mudou, aceitava o primeiro que aparecia, tinha relações dentro de carros. Os jornalistas Kai Herman e Horst Rieck, da revista Stern, notaram a presença da garota durante uma reportagem e escreveram uma série de reportagens na publicação. Foi a origem do livro. O ex-namorado Detlef ainda está vivo e mora em Berlim. Com filho e mulher, ele se diz limpo.

Formatação/Conversão ePub: Reliquia

Tradução: Maria Celeste Marcondes

Digitalização/Revisão: SusanaCap